

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO

GRAZIELA RINALDI DA ROSA

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FILOSOFIA: VIVÊNCIAS E NARRATIVAS DE
PROFESSORAS DE FILOSOFIA**

São Leopoldo, dezembro de 2006.

GRAZIELA RINALDI DA ROSA

**AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA FILOSOFIA: VIVÊNCIAS E NARRATIVAS DE
PROFESSORAS DE FILOSOFIA**

Dissertação apresentada como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação no programa de pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Orientadora:
Dra. Edla Eggert

São Leopoldo
Dezembro, 2006

GRAZIELA RINALDI DA ROSA

Dissertação apresentada como requisito para
obtenção do grau de Mestre em Educação no
programa de pós-graduação em Educação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Edla Eggert
(Orientadora - UNISINOS)

Dr. Danilo Streck
(PPG-EducaçãoUNISINOS)

Dr^a Maria da Penha F. S. Carvalho
(Universidade Gama Filho)

Dedico este trabalho à minha família: pelo carinho e pela compreensão, ao meu pai Sadi da Rosa; em memória à minha mãe, que tanto incentivou meus estudos; em especial, à minha amada filha Ariadne.

AGRADECIMENTOS

Às forças celestiais e ocultas que conspiraram a meu favor.

À Universidade do Vale do Rio dos Sinos-UNISINOS, pela concessão da bolsa de estudos (filantropia) para a realização deste trabalho.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UNISINOS, pela oportunidade de enriquecer meus conhecimentos. Ao corpo docente do mesmo, que despertou em mim um desejo ainda maior de pesquisar.

À professora Dr^a. Edla Eggert, minha orientadora, pela leitura atenta e minuciosa, pela paciência e orientação segura.

Às professoras pesquisadas, pela importante contribuição e atenção amiga para a construção dessa dissertação.

Ao meu pai, pelos cuidados com a minha filha durante minha ausência e meu silêncio dedicado aos estudos.

Às minhas irmãs, Letícia e Giane, amigas, que de uma maneira ou de outra me auxiliaram em minha rotina, para que essa dissertação fosse construída.

À minha filha Ariadne, por partilhar o mesmo sonho, por dividir as lutas e por conseguirmos vencer mais um desafio.

À professora Maria da Penha F.S.Carvalho e ao professor Danilo Streck pela leitura atenta da dissertação e sugestões dadas durante a defesa.

À Marília de Moraes pela correção final, carinhosa, da Língua Portuguesa.

Fada Formiga
Formiga tornou-se fada,
com magia trabalhou;
carregou seus alimentos,
selecionou as sementes,
com ar severo, eloqüente,
fez um teto e se abrigou.

Mulher é um pouco formiga,
trabalha, trabalha sempre
com ternura e rebeldia.
No seu cotidiano tece
as tramas da fantasia.

Em sua vida, a caminhar,
às vezes cala, enlouquece,
é o seu momento celeste...
Um lugar não invadido
sem amor e sem amigo
continua sua faina
segurando em suas mãos
o desejo de voar

Cecília Pires, 1992

RESUMO

A presente dissertação “*As relações de gênero na filosofia: vivências e narrativas de professoras de filosofia*” é fruto de estudo da linha de pesquisa “Educação e Processo de Exclusão Social”, enquadra-se na área dos estudos de gênero, fazendo uma interface entre filosofia e educação. Tendo sob dois olhares: um olhar empírico, com narrativas e histórias de vida de professoras de Filosofia entrevistadas, com uma metodologia de pesquisa e análise inspiradas no método de pesquisa-formação de Marie Christine Josso; e um olhar histórico-filosófico, a fim de pensar as relações de gênero na Filosofia. Identificou-se que os estudos de gênero no campo da Filosofia, no Brasil, ainda são poucos, sendo necessário conhecer os estudos e pesquisas desenvolvidas em outros países. Foi de Portugal (Universidade de Lisboa) que se obteve o maior apoio teórico quanto às questões relativas à pesquisa de gênero e filosofia. Buscou-se a origem do preconceito contra as mulheres, traçando uma breve análise da história da Filosofia, com destaque para as idéias de Rousseau, Kant, Schopenhauer e Locke. Como o foco central deste trabalho foi conhecer narrativas e histórias de vida de cinco professoras de Filosofia de instituições de ensino superior, mostrou-se um breve histórico dos cursos e programas de pós-graduação em que as entrevistadas estão inseridas como professoras ou estiveram como alunas. Desenvolveu-se a análise e a interpretação, não só dessas narrativas, como também do que vem sendo produzido sobre o tema “As mulheres e a Filosofia”, abordado por profissionais da área da Filosofia. A análise dialogada ao longo desse trabalho não se limita apenas aos estudos de gênero, e/ou histórico/sociológico, mas destaca o olhar para o tema “Gênero e Filosofia” e “As mulheres e a Filosofia” como um tema filosófico. Identificaram-se inúmeros preconceitos de gênero nas narrativas das professoras entrevistadas, confirmando a suspeita dos preconceitos vividos por quem, na pele, no corpo e na vida de uma mulher resolve estudar filosofia na academia e, não contente com isso, resolve ensinar e pesquisar filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Exclusão. Filosofia. Gênero. Educação

ABSTRACT

The present essay "The relations of gender in philosophy: experiences and narratives of philosophy teachers" it comes from studies of the research line " Education and Social Exclusion Process ", it fits in the area of the gender studies, making an interface between philosophy and education. Having two sights: one empirical vision with narratives and histories of Philosophy teachers lives interviewed with a methodology of research and analysis inspired in the method of research-formation of Marie Christine Josso and a historical-philosophical vision in order to think the gender relations in the Philosophy. It was identified that the studies of gender in the Philosophy field in Brazil are still few, being necessary to know the studies and researches developed in other countries. From Portugal (University of Lisbon) it was obtained the highest theoretical support concerning relative questions related to gender and philosophy research. It was searched the origin of the prejudice against women, tracing a brief analysis of the history of Philosophy, focusing in the ideas Rousseau, Kant, Schopenhauer and Locke. The central focus of this work was to know life narratives and histories of life of five Philosophy teachers of superior education institutions, showing a brief historic of courses and post-graduation programs that the interviewed ones are inserted as teachers or had been as students. Analysis and interpretation were developed, not only of these narratives, but also from what has being produced about the theme "The women and the Philosophy", written by professionals from Philosophy area. The analysis dialogued through this work it is not limited only to the studies of gender, and/or historical/sociological, but give emphasis to the look of the theme "Gender and Philosophy" and "The women and the Philosophy" as a philosophical theme. Innumerable prejudices of gender were identified in the narratives of interviewed teachers, confirming the suspicion of the prejudices experienced by whom, in the skin, in the body and in life of a woman decides to study philosophy in the academy and not totally content with this decides to teach and search philosophy.

KEY-WORDS: Exclusion. Philosophy. Gender. Education

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. GÊNERO E FILOSOFIA	18
1.1 A escassez do tema gênero e Filosofia nas pesquisas no Brasil	18
1.2 A metodologia construída ao longo do processo	20
1.2.1 A desconstrução do problema de pesquisa	20
1.2.2 Os instrumentos de pesquisa e os diálogos tecidos	21
1.2.3 A importância da escuta e do diálogo.....	28
1.2.4 As questões da pesquisa	30
1.2.5 Caminhando para si e as etapas da pesquisa.....	32
1.3 As mulheres na Filosofia	38
1.4 Filosofia e feminismos: aprendendo outras leituras com algumas filósofas	46
1.5 O que dizem algumas filósofas feministas quanto às mulheres e a filosofia?	53
2. APRESENTANDO AS PROFESSORAS PESQUISADAS	60
2.1 A “Rebelde”	60
2.2 A “Militante”	63
2.3 A “Pragmática”	69
2.4 A “Artista”	73
2.5 A “Transgressora”.....	76
3 CAMINHOS E DESCAMINHOS DE MULHERES NA FILOSOFIA: SUBJETIVIDADE E (RE)SIGNIFICAÇÕES DE QUEM APRENDE E ENSINA FILOSOFIA	81
3.1 O contexto social e suas implicações para a questão das mulheres na Filosofia.....	81
3.2 Mulher, natureza e vocação	83
3.3 Estudar Filosofia: Relações de poder em salas de aula, vivenciadas pelas professoras	86
3.3.1 Mulheres, escrituras e escritoras: Onde ficamos nessa tessitura?	90
3.3.2 Olhares androcêntricos e histórias para serem contadas	92
3.4 As Instituições de Ensino Superior e sua relação com as professoras de filosofia entrevistadas	102
3.4.1 Um breve olhar para as Universidades das pesquisadas.....	102
3.4.2 As Universidades brasileiras e o ensino de Filosofia	106
3.4.3 Relação de homens e mulheres nos cursos de graduação em Filosofia.....	108

3.4.4 A pós-graduação na área da Filosofia: Onde estão as estatísticas por sexo?	114
4 GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE A QUESTÃO DE GÊNERO	117
4.1 Exclusão das filósofas nos currículos e disciplinas, nas escolas e Universidades.....	117
4.2 O problema nos livros didáticos.....	122
4.2.1 As mulheres e a filosofia: Fomos treinadas para pensar de forma androcêntrica?....	122
5. A FILOSOFIA LATINO-AMERICANA E ALGUMAS REFLEXÕES	138
5.1 Filosofia Latino-Americana: Um olhar para o Brasil	140
5.2 Filosofia no Brasil	142
5.3 O contexto brasileiro, a filosofia e as mulheres	144
5.4 O Mito do Labirinto e as mulheres	148
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....	151
REFERÊNCIAS.....	156
ANEXOS	173
Anexo A- E-mail da Professora “Artista”	173
Anexo B-Entrevista da professora “Artista” para estudantes do Ensino Médio	174
Anexo C-Texto “Filosofar no Feminino”, de Umberto Eco.....	176
Anexo D – Modelo Termo de Consentimento	177
Anexo E-Entrevistas	178
Entrevista I- a “Artista”	178
Entrevista II -“Artista”.....	185
Entrevista I- “Rebelde”.....	192
Entrevista II – “Rebelde”.....	207
Entrevista I –“Militante”	213
Memorial acadêmico- “Militante”.....	219
Entrevista I-“Pragmática”	232
Entrevista II- “Pragmática”	241
Entrevista I- “A Transgressora”	250
Entrevista II –“Transgressora”	258
Entrevista com as professoras- Encontro Grupo Focal	263

INTRODUÇÃO

“Por que as mulheres e a Filosofia? Porque estamos dispostas, como sempre estivemos, a expor nossas caras, nossas falas, nossos medos, mas principalmente, nosso desejo de filosofar” (MENEZES, 2004, p. 127)

A questão que procuro aprofundar nessa pesquisa, faz parte de minha história de vida e não “apareceu” como inquietação apenas no Mestrado. Durante minha graduação em Licenciatura Plena de Filosofia, o ocultamento, ou melhor, a exclusão das mulheres nas aulas e nos textos lidos me marcaram, essas estão como “pano de fundo” nessa investigação. Líamos sobre muitos homens e as obras de filósofas pareciam não existir. Birulés (1997) diz que essas obras sempre são consideradas menores, insignificantes, sendo as que me permitem devolver a voz para as filósofas (p.23). Mesmo quando se tem interesse em estudar e ensinar as filósofas, ainda não se faz como poderia ser feito. Há um silêncio. Vejo isso no fato de pesquisadores (as) das instituições de ensino superior não fortalecerem esses estudos, não legitimarem e assumirem como um estudo filosófico que deve permear nossas reflexões diárias e não esporádicas. Esse silêncio é também demonstrado pelo fato de os livros das filósofas estarem no submundo do conhecimento, guardados, como diários secretos.

Assim, tenho buscado um caminho para trabalhar as lacunas visualizadas durante esta trajetória, bem como não deixar lacunas na minha prática docente. Percebi, na especialização em Metodologia do Ensino de História e Geografia¹, o quanto podemos recriar o currículo e trazer todas as questões necessárias para uma educação mais humana, buscando assim, trabalhar os processos de exclusões sociais. Gênero, feminismo e mulheres têm a ver com as teorias econômicas e políticas, por isso é necessário se apoderar dessas teorias para alterar as estruturas, assumir-se e lutar², para trabalhar com relações sociais, com suas formas de exclusões e explorações, organizando-nos enquanto mulheres, cidadãs, políticas, professoras, filósofas e intelectuais.

¹ Que cursei na Faculdade de Taquara, Rio Grande do Sul.

² Algumas filósofas apontam para que sejamos militantes na filosofia. Teresa Joaquim sugere que tracemos “linhas de fuga” (p. 40) nessa história sexista da Filosofia, ou que marquemos uma “resistência” (p. 33 e 37) para que possamos mudar alguma coisa. Percebi esse enfoque tanto em escritos de filósofas mexicanas, como Graciela Hierro (1990), quanto portuguesas.

No início da pesquisa, busquei investigar se as professoras de filosofia se identificavam como filósofas; pretendia, nesse sentido, trabalhar com essas professoras se “construíam” como filósofas. Foi aí que me deparei com uma quase inexistência de produções brasileiras sobre as mulheres com esse enfoque. Na filosofia, nada parecido com esse estudo havia sido feito. Não é comum se trabalhar, na filosofia, com narrativas. Na Filosofia brasileira e ainda em muitos outros países, se valoriza mais o trabalho e a pesquisa com obras, especialmente clássicas e/ou autores, do que com fontes vivas. A pesquisa empírica, ao que me parece, é ainda pouco desenvolvida na filosofia aqui no Brasil. Foi teimosia fazer esse recorte, fui avisada de que não era nada fácil trabalhar com um autor ou autora vivo(a). Escolhi, então, trabalhar com cinco mulheres, todas professoras com formação em Filosofia e que atuam nessa área em cursos de graduação e pós-graduação e/ou produzem textos filosóficos. Encontrei com quem dialogar. Algumas das professoras pesquisadas escreviam e/ou já haviam escrito sobre as mulheres e a filosofia, e isso ajudou muito a própria pesquisa.

O objetivo geral dessa dissertação foi saber como (e se) as professoras de Filosofia de instituições de Ensino Superior, que trabalham com formação de professores/as se constroem enquanto filósofas. Além disso, compreender que fatores influenciam esse “ser filósofa”, num olhar voltado para a realidade latino-americana. Os objetivos específicos foram: relatar histórias de vida de professoras-filósofas para descobrir o processo formativo de ser filósofa da pesquisadora e das pesquisadas, compreendendo o que é ser filósofa em países como o Brasil; investigar o pensamento filosófico das professoras de filosofia sobre os estudos de gênero, mulheres e feminismos a fim de diagnosticar como esses estudos contribuem para a professora ser também uma filósofa; diagnosticar se as aberrações ditas por filósofos influenciam hoje as professoras pesquisadas na sua prática docente. Verificar se a maneira com que os filósofos viam e vêem as mulheres influencia as professoras, na sua construção enquanto filósofas.

Percebi essas mulheres como exemplos de luta na filosofia. Esse fato trouxe força para continuar escrevendo, pois mesmo numa sociedade como a nossa, onde as mulheres estão inseridas e, ao mesmo tempo, são desvalorizadas em vários momentos, as narrativas mostram a importância de trabalhar com história de vida de mulheres na Filosofia, pois frases como a que segue, ainda estão no submundo de nossas lembranças:

eu fiz filhos e livros [rss] o tempo todo . Então acho que isso aí nunca foi um obstáculo, não aceito isso, acho que a gente tem algumas limitações, a gente tem os tentáculos, as dores, porque a gente

amamenta, porque a gente dá a luz, todo o processo do parto, aquela coisa toda, mas isso não pode nos tirar da vida. (“Rebelde”, 2006)

São mulheres que sofrem e/ou sofreram num espaço em que os homens exercem os seus poderes, como se só a eles coubessem os melhores lugares e os maiores reconhecimentos, e a nós, mulheres, o silêncio. Também constatei nas falas de algumas professoras a não percepção do problema dessa exclusão; mas então, será que somos treinadas a pensar como os homens? Outras vezes, num tom de denúncia, falaram que esse preconceito aparecia de maneira muito sutil, e é justamente nesse aspecto que me detenho a investigar mais profundamente as suas narrativas.

Por ser uma pesquisa empírica de um determinado contexto, acredito contribuir e muito para a valorização das mulheres na Filosofia pois, como apareceu em todas as falas dessas mulheres, pode-se afirmar que elas também amam a filosofia e, portanto, produziram e continuam produzindo saberes filosóficos, que foram e ainda parecem ser pouco valorizados. Porém, acredito que essas narrativas podem ser identificadas com outras narrativas de mulheres que estão nos meios acadêmicos e que fazem, entre tantas outras coisas, a produção de um conhecimento, a partir de seus saberes e vivências. Saberes e vivências de seres humanos que foram, durante uma longa história, proibidos de falar e escrever, que usaram pseudônimos, dando seus méritos a homens. É uma dissertação escrita por uma mulher, mãe e professora, que tem em sua trajetória pessoal e profissional, marcas de uma realidade latino-americana: filha de um operário e de uma mulher que não teve oportunidade de estudar, mas que soube como ninguém educar suas filhas e que, no entanto, morreu devido à falta de equipamento na ala do “SUS” (Sistema Único de Saúde). Busco nesse meu trabalho o elo que una, enquanto mulheres, professoras de Filosofia brasileiras e também latino-americanas³.

Pensar e perceber as mulheres filósofas são ações que vêm sendo feitas por pessoas, especialmente por mulheres, que trabalham na filosofia com questões de gênero e feminismos. Percebo que há muito ainda o que buscar e acreditando nas experiências de vida de professoras é que irei problematizar esse campo do saber (a Filosofia), que se percebe estar masculinizado e sexista.

³ Marcela Lagarde (1993) no artigo “*Claves identitarias de las latinoamericanas em el umbral Del milenio*” afirma que as mulheres latino-americanas possuem suas identidades marcadas por um sincretismo, diversidade e transição, entre outras coisas nossos mundos são sínteses de povos sobreviventes de interesses econômicos expansionistas e devastadores, bem como variadas formas de dominação.

Na academia, ainda lemos e estudamos muito pouco as mulheres da Filosofia, desconhecemos de uma forma geral seus saberes devido a todo um contexto histórico-social. Essa pesquisa deseja denunciar uma realidade, em que algumas mulheres sofreram preconceitos de gênero e/ou tiveram que desviar seus caminhos porque o acesso à porta da frente da Filosofia lhes foi negado.

Sendo assim, essa pesquisa surgiu da necessidade de quem estuda, escreve e ensina, em compreender-se em seu “cativeiro”⁴ que tem como desafio descobrir os próprios cativeiros para então poder abandoná-los (HIERRO, 1993, p.10).

Como proposta metodológica, busquei em Marie Christine Josso (2004), que mostra as histórias de vida como metodologia de pesquisa-formação, ou seja, uma metodologia onde a pessoa é, simultaneamente, objeto e sujeito de formação (p.15). É como se entrevistas não bastassem e precisássemos de algo a mais para que as mulheres filósofas aparecessem. Assim, as professoras de Filosofia precisariam se dar conta de seu processo reflexivo. Esta pesquisa buscou conhecer o preconceito de gênero na Filosofia, acredito que tive uma compreensão mais profunda da formação pessoal e intelectual das pesquisadas. Além dessa autora, encontrei a metodologia proposta pela professora de filosofia Rosa Maria Rodrigues Magda (1997) que possibilitou um diálogo entre essas duas propostas. Irei posteriormente esboçar melhor o método das duas, mas cito Josso (2004):

A nossa escolha por um processo de pesquisa-formação está intimamente ligado ao fato de a construção do material que dá forma ao objeto de reflexão, a formação do ponto de vista do aprendente, passar pelo desenvolvimento de uma capacidade de apropriação deste objeto. Para que a pesquisa progrida, não bastam que os sujeitos discutam as suas opiniões momentâneas, como lhes é pedido que façam numa entrevista. É ainda necessário que elas possam classificar as experiências que subentendem os seus pontos de vista e que sejam capazes de dar conta do seu processo reflexivo, aqui e agora, sobre estas experiências (p. 63).

Durante a pesquisa, quis constatar se as professoras haviam sofrido preconceito por serem mulheres que atuavam na Filosofia, se elas buscavam recuperar a memória das filósofas em salas de aula e suas produções intelectuais. Busquei problematizar o que é ser filósofa na América Latina. Desse modo, escrevi sobre as filósofas e as professoras de filosofia e feminismos, buscando valorizar as diferentes teorias feministas, as relações de

⁴ Marcela Lagarde (1993) criou suas próprias categorias de análises, em que seu conceito de cativeiro é central na antropologia da mulher, que é abordada em seu livro: “Los cautiverios de las mujeres: madreposas, monjas, putas, presas y locas”. Esse conceito trata da busca de uma mulher (ela) em compreender a sua condição cultural.

poder no mundo do saber filosófico, entrando no campo da educação e referindo-me à exclusão de filósofas para ministrar essa disciplina no Ensino Médio.

Busco também abordar a temática: “Gênero e Educação” e “Gênero e Filosofia”, a fim de problematizar a emergência de conhecer as filósofas e trabalhar sobre elas em sala de aula, em diferentes níveis de ensino, bem como apontar o ocultamento dessas nos currículos dos diferentes níveis de educação, livros didáticos, bibliotecas e livrarias, compreendendo-as numa relação com outros. Procuro trazer um pouco do que vem sendo produzido sobre as mulheres e a filosofia⁵, especialmente na América Latina.

No primeiro capítulo, denominado “Gênero e Filosofia”, apresento o tema e problematizo sua escassez nas pesquisas no campo da Filosofia em nosso país. Uso referenciais teóricos de Mary Del Priore, Magali Mendes Menezes, Graciela Hierro, Guacira Louro, Fina Birulés, entre outras/os. Também, nesse capítulo, apresento a metodologia de pesquisa, bem como os referenciais metodológicos trabalhados, o problema de pesquisa, as etapas e as mudanças que fiz desde o início do trabalho, quando ainda era um projeto, até a etapa da escrita final. Apresento o método proposto por Josso e a maneira com que o modelei para a construção efetiva dessa pesquisa. No subcapítulo “As mulheres na Filosofia” mostrei algumas falas das professoras pesquisadas. Dialogo com Heleieth Saffioti, Simone de Beauvoir, María-Milagros Rivera Garretas, Nísia Floresta, Mary Wollstonecraft, Norma Telles, Maria da Penha Carvalho, Maria Luisa Ferreira. Problematizo a filosofia eurocêntrica, a opção dessas professoras pela Filosofia, o “ser filósofa”, as restrições dessas em se considerar filósofas, escrevo sobre o fazer pedagógico e sobre o fazer filosófico das mulheres.

No subcapítulo “Filosofia e feminismos: aprendendo outras leituras com algumas filósofas”, continuo problematizando, junto com referências de teóricas feministas, o problema da exclusão das mulheres na Filosofia, salientando a importância desse resgate. Em seguida, busco responder a pergunta: “O que dizem algumas filósofas feministas, no que se refere às mulheres e à filosofia?” trazendo histórias de vida das pesquisadas e idéias de filósofas que trabalham na perspectiva de gênero e/ou feminismos na Filosofia. Trouxe também, nessa parte da dissertação, vários relatos de preconceitos de gênero sofridos por

⁵ O título “*Filosofia no Feminino: Experiências de Vida e Formação a partir de narrativas e histórias de vida no campo da Filosofia*”, se construiu a partir do conhecimento de duas obras, que são fundamentais para tal trabalho: “Também há mulheres Filósofas”, uma produção de Portugal, que é quase desconhecida no Brasil e que traz algumas reflexões do projeto existente na Universidade de Lisboa, “Filosofia no Feminino” e também a obra de Josso (2004), que nos inspira para uma metodologia que pode ser adaptada para trabalhar na educação e na Filosofia.

algumas professoras pesquisadas, suas posições sobre o feminismo e sobre problemas de gênero.

No segundo capítulo, apresento as professoras com pseudônimos: “A rebelde”; “A militante de movimentos populares”, “A pragmática”, “A Transgressora” e “A artista”.

O terceiro capítulo vai mostrar os caminhos e descaminhos das professoras de Filosofia. Inicialmente, analisamos a tríade “Mulher, natureza e vocação”, apresentando o meu percurso até encontrar materiais para que a presente pesquisa pudesse ser fundamentada. Depois, trabalho as relações de poder, primeiro de maneira geral e depois especificamente das professoras pesquisadas, mostrando e argumentando com as suas falas. Pensando as mulheres e a filosofia, aprofundo a pergunta: “Fomos treinadas a pensar como homens androcêntricos?”, mostro certas denúncias e inquietações trazidas por algumas das pesquisadas nas suas trajetórias acadêmicas, identificando que há ontologicamente uma forma de pensar feminina e que essas precisam ser mais respeitadas e valorizadas. Destaquei os olhares androcêntricos, da maneira que as mulheres foram pensadas, escritas e faladas na história da Filosofia Ocidental, de resistências e de lutas delas e o contexto social brasileiro relacionado às mulheres.

No quarto capítulo, enfatizo a Filosofia e a Educação, buscando pensar o ensino frente às questões de gênero. Falo da necessidade do resgate de saberes femininos, das mulheres na história do pensamento filosófico Ocidental, mostrando a exclusão da figura das filósofas nos livros didáticos brasileiros e contextualizo esse problema nos currículos e disciplinas nas escolas e Instituições de Ensino Superior.

Como o foco da dissertação não era a análise dos livros e sim de narrativas de professoras, não trouxe todas as informações e constatações que tenho feito ao analisar como educadora e pesquisadora os livros didáticos de Filosofia que temos em nosso país, mas mostro exemplos dessa exclusão.

No quinto capítulo, busco refletir sobre o lugar em que está a Filosofia numa perspectiva de gênero. Para situarmos geograficamente, busco especialmente referenciais latino-americanos. Em toda a pesquisa e especialmente nesse capítulo, escrevi o que se pensa por Filosofia Latino-Americana num contexto mais geral e, posteriormente, com um enfoque para o Brasil. Nesse trabalho, e ainda no último capítulo, situo as mulheres nesse “labirinto”, buscando dados do trânsito das mulheres nos cursos de Filosofia nas instituições brasileiras, especialmente no local em que atuam as pesquisadas, acreditando que esses dados ajudam a

perceber o fluxo das mulheres na Filosofia nas Instituições de Ensino Superior brasileiras, bem como em nossas argumentações.

Espero que esse trabalho não fique excluído de nossas leituras filosóficas e que sirva de instrumento de pesquisa para outras pesquisas que se proponham a pensar Gênero e Filosofia. Muitos outros dados e apontamentos foram tirados, pois não daria para tratarmos e falarmos nesse momento sobre tudo o que eu encontrava, nesse processo intenso de pesquisa. Antes mesmo da qualificação já havia mais de 150 páginas, um absurdo, realmente. Mas, outros textos foram produzidos, alguns publicados e apresentados em eventos científicos. Gostaria de deixar registrado que essa dissertação me trouxe mais alegria e prazer de escrevê-la do que eu imaginava que iria sentir. Foram muitos momentos de isolamento, outros de socialização, mas encontrei poucas pessoas para dialogar, que estivessem produzindo uma Filosofia pensada na perspectiva de Gênero. Mesmo assim, ouvi pessoas se interessando pelo tema e afirmando que pesquisariam sobre as mulheres e a Filosofia em seus trabalhos de conclusão de curso, o que me fez acreditar que agora é só o começo.

1. GÊNERO E FILOSOFIA

A filosofia, a Ciência Política, a Sociologia, a Antropologia, a História e as Ciências da Educação constituem âmbitos particularmente férteis para a reflexão sobre as relações sociais de gênero, porque o entrecruzamento permite analisar os diversos tipos de agrupamentos sociais que têm acesso aos diferentes modos de produção, circulação e apropriação de saberes, e de que maneira os saberes se articulam com as diferentes formas de exercício de poder na sociedade (YANNOULAS, VALLEJOS E LENARDUZZI, 2000, p. 434)

1.1 A escassez do tema gênero e Filosofia nas pesquisas no Brasil

Antes de pensar na escassez de trabalhos sobre gênero e Filosofia em nosso país, gostaria de esclarecer o que entendo como gênero. Atualmente, levando em conta a crítica feminista, são diversas as acepções de “gênero”⁶. Em Joan Scott, resumidamente, podemos entender gênero como (1) uma categoria de análise, desenvolvida de forma a incluir; (2) o leque existente nos papéis sexuais e no simbolismo sexual; (3) as distinções baseadas no sexo⁷ (Dicionário da Crítica feminista, 2005, p. 87). Com as críticas feministas, informadas pelo pós-estruturalismo, questiona-se o estatuto estanque da categoria mulher, defendendo-se que esse se entrecruze com outros componentes⁸: classe, cor, idade, raça/etnicidade, entre outros fatores. O que tem alertado pesquisadores e pesquisadoras dos estudos de gênero é que levada aos extremos, “uma pulverização tal corre o perigo de desconstruir não só a noção de gênero, mas também as de raça, classe ou coerência histórica que são feitas” (SCOTT, 2005, p. 88), provocando uma atitude que preconiza um retorno à idéia de que o que interessa é o ser humano⁹.

No contexto brasileiro, analisando o período colonial, por exemplo, Mary Del Priore (1995) diz que, do reflexo do poder masculino onipresente na sociedade ocidental cristã, a

⁶ Existem inúmeros trabalhos que falam sobre a definição de gênero: em Scott, ver: “Gênero: Uma categoria útil de análise histórica”. Esse resumo é do verbete *Gênero*, no Dicionário da Crítica feminista, 2005, p. 87. Não irei trabalhar esse conceito. Trabalho no texto “Pensando Gênero e Educação”, publicado nos Anais do III Seminário de Educação e Gênero, realizado em 2005.

⁷ Essa definição resumida do verbete *Gênero* trouxe para uma breve denominação, visto que já tenho aprofundado em outros textos tal definição.

⁸ Podemos encontrar essas idéias em textos de Butler (2003).

fala de autores e autoras, representantes de diferentes segmentos da sociedade colonial metropolitana, tinha os seguintes objetivos: delimitar o papel das mulheres, normatizar seus corpos e almas, esvaziá-las de qualquer saber ou poder ameaçador, domesticá-las dentro da família (p. 17). Esses eram os objetivos que se adequavam aos fundamentos da colonização, do império colonial português. E hoje? Qual é o papel das mulheres na Filosofia? Será que estamos cientes do confinamento, do suposto esquecimento e silenciamento que foi dado às pensadoras da história da Filosofia? O que as mulheres na Filosofia fazem hoje para que “outros” não a representem? Não quero dizer com isso que temos que pensar, escutar, citar as mulheres numa determinada área, pelo fato de serem mulheres apenas, mas acredito profundamente que há saberes e vidas que merecem a nossa atenção, por suas histórias e riquezas de idéias.

Falar de gênero e Filosofia é pensar sobre pessoas (homens e mulheres) que produziram e produzem filosofia de lugares, muitas vezes, estranhos à academia, como por exemplo, os movimentos políticos, organizações não-governamentais, pois a Filosofia ainda não abre espaço, em muitas Instituições de Ensino Superior. Hoje, essa área do conhecimento mostra que foi durante muito tempo um espaço de poucos. Quem podia e tinha direito de filosofar esteve sempre muito protegido, como se estivesse em torres de marfim.

Tentar entender o porquê de as mulheres não aparecerem em muitas reflexões filosóficas foi um de meus objetivos. Percebo que quase não há citações e estudos das idéias de mulheres em pesquisas. Raramente, elas aparecem nos livros de filosofia. Os clássicos são estudados, como se numa história a priori as mulheres não fizessem parte da humanidade. De maneira fragmentada e bipolarizada, aprendo filosofia, como se ela fosse anexa a mim como mulher e não parte de nossas mentes e vivências (ROSA, 2005-a, p. 1-2). Dessa maneira, percebi que “as mulheres não pertencem, inicialmente a essa história de acesso ao saber, que lhes fora negado, impedindo, conseqüentemente, a própria possibilidade de sua humanização” (MENEZES, 2002, p.13). Ao querer contribuir para que a educação filosófica seja menos sexista, penso que há um universo feminino a ser investigado, repleto de lutas e realizações ainda muito pouco invadido.

Parto de algumas inquietações, e tento trazer essas questões para o mundo real, tanto no nível escolar de Ensino Fundamental e Médio, quanto no acadêmico. Sem dúvida fui

⁹ Susan Bordo (2000) tem alertado contra esse ceticismo. Ela acredita que numa cultura que é construída pela dualidade sexual, não é possível ser simplesmente humano.

treinada a pensar que o homem está no centro. Sobraram algumas resistências e algumas insurgências, de maneira que não adiantou. Sou uma das tantas mulheres que ficam indignadas com essa realidade.

En el caso de la reconstrucción de la historia de las mujeres filósofas, el atender a los detalles, a los gestos estilísticos nimios, a los indicios, no tanto como a la voluntad de identificarles con algún ismo filosófico dominante en el período en que escriben, puede ser una buena vía para dotarles de identidad, para atribuirles un “quién”. Y, en el mismo gesto, cabe pensar también como posiblemente productiva la hipótesis de tomar tales textos, tales fragmentos como indicios de lo no pensado, de lo secundario, de lo desechado, por la tradición filosófica occidental (BIRULÉS, 1997, p.27).

Nesse sentido, trabalhar com narrativas de professoras de Filosofia, é trabalhar o “não pensado”, o que é considerado secundário nessa área do conhecimento e deixado de lado na tradição filosófica ocidental.

1.2 A metodologia construída ao longo do processo

1.2.1 A desconstrução do problema de pesquisa

A busca inicial foi em compreender “os porquês do sim e os porquês do não” das inquietações das professoras de filosofia em se tornarem filósofas, buscando saber como tais professoras se tornaram filósofas. Será que elas se permitem pensar que podem ser filósofas e se consideram como tais? Esse era o problema inicial do projeto de pesquisa, porém ele foi se tornando secundário, e o enfoque começou a se modificar na medida em que lia as filósofas, pesquisadoras que trabalham com a questão de gênero na Filosofia, e na medida em que escutei as professoras entrevistadas, que em nenhum momento se assumiram como filósofas. Percebendo o percurso que eu mesma fui traçando, como professora de filosofia e pesquisadora em formação, esse problema perdeu o sentido. Constatei que era essencial perceber os caminhos e os descaminhos que as mulheres traçam para estar e atuar nesse campo do saber.

Lembro-me da fala de uma das entrevistadas, a “Artista”, quando conversamos sobre ser filósofa. Essa professora me provocou a pensar sobre a relevância que eu dava ao fato de elas serem ou não filósofas:

...por que eu não faço disso uma questão fundamental ou única na minha escrita, na minha reflexão? Porque ela é uma questão, ela não é a única. Eu não sou composta simplesmente pelo fato de ser mulher.

Eu acho que eu sou mulher, mas eu sou tantas outras coisas... Esse traço de ser mulher, que eu não sei nem te dizer o que exatamente isso significa. Eu acho que isso também faz parte das minhas buscas. O que significa isso?

Nesse processo, darei visibilidade à voz de cinco professoras de Filosofia, mulheres que em períodos diferentes se inseriram e lutaram para tal busca de conhecimento, numa área que traz consigo o legado de uma cultura preconceituosa, androcêntrica e machista. Professoras que, com muito acolhimento, dispuseram-se a relatar suas histórias, trazendo suas vivências, enquanto mulheres, na Filosofia.

1.2.2 Os instrumentos de pesquisa e os diálogos tecidos

Ainda é cedo para se advogar uma filosofia no feminino, porque considero incipiente minhas leituras que tratam sobre uma filosofia no Feminino, mas também não é tarde para escutarmos as histórias de preconceito de gênero na Filosofia, a mãe da sapiense, que desgarrou suas filhas desde o início da sua história. A melhor forma encontrada para trabalhar as histórias de vida foi com entrevistas que produziram narrativas.

Entrevistei professoras de Filosofia que lecionam e pesquisam em alguns dos programas de graduações e pós-graduações de Universidades do estado do Rio Grande do Sul. Inicialmente, tinha a pretensão de modelar a metodologia de histórias de vida do método proposto por Marie-Christine Josso, denominado “pesquisa-formação¹⁰”. Josso (2004) acredita que para “que uma experiência seja considerada formadora, é necessário falar sob o ângulo da aprendizagem; em outras palavras, essa experiência simboliza atitudes, comportamentos, pensamentos, saber-fazer, sentimentos que caracterizam uma subjetividade e identidades” (p.48). Dentro do paradigma científico tradicional, pensa-se que o cientista pode e deve produzir conhecimento isento de valoração subjetiva, e que a atividade de pesquisa não deve ser influenciada por preconceitos pessoais, princípios éticos e outras preocupações, como lembram Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000, p. 443). Já o feminismo acadêmico, ao contrário, afirma que o conhecimento e sua criação não são isentos de valoração e subjetividade, e sustenta que o conhecimento livre de interesses é impossível (YANNOULAS, VALLEJOS E LENARDUZZI, 200, p.443). Busco em Josso a elaboração

¹⁰ Josso, em seu livro “*Experiências de Vida e Formação*”, publicado recentemente pela editora Cortez, enfoca diretamente o paradigma emergente. A autora fala desse “novo paradigma”, que são as histórias de vida, como a abordagem biográfica da formação do sujeito.

da teoria metodológica, pois essa possibilitou mostrar as atividades das mulheres e as relações de gênero como importantes para a Filosofia. São relatos de histórias de vidas de mulheres professoras de Filosofia, que permitiram mostrar se houve vantagens dos homens em detrimento das mulheres, nas suas caminhadas por seus “labirintos” e “cativeiros”¹¹.

Essa metodologia não poderia ser aplicada tal como é descrita em seu livro “Experiências de vida e formação”, numa pesquisa de mestrado, especialmente por se tratar de professoras que estariam em constantes atividades e com pouca disponibilidade para se reunirem e vivenciarem todo o processo. Então, realizei duas entrevistas com cada uma delas e um encontro com todas¹², aplicando a metodologia de grupo focal. Nesse encontro, procurei esclarecer algumas mudanças nos objetivos, como já mencionamos anteriormente e também busquei refletir e debater com elas, sobre as mulheres na Filosofia. Além disso, algumas não se conheciam e aproveitamos o momento para uma socialização.

Tentei buscar um “caminhar para si”¹³ e, ao mesmo tempo, um caminho com as outras, pois só assim, pude perceber os “eus”: mulher, filósofa e educadora. Cito Nísia Floresta (1989-b-), pensadora feminista, que contribuiu para educação e filosofia¹⁴:

Se quiséssemos ser Filósofas e Teólogas, nos proporíamos a formar idéias da divindade e das revelações, tão justas, quanto a fraqueza da natureza humana pode permitir, e seguiríamos a Natureza em todos os seus efeitos, remontando-nos à sua origem: mas como sabemos que o conhecimento de nós mesmas e dos objetos que nos cercam é absolutamente necessário para tornar úteis os conhecimentos de que vimos de falar, em lugar de perder o tempo em bagatelas que ocupam o estudo da maior parte dos maus Filósofos, ***nos aplicaríamos a refletir sobre nós mesmas e sobre os diversos objetos que nos cercam, a fim de descobrir que relações ou diferenças eles têm conosco, e por que aplicações podem ser vantajosas, e corresponder ao fim para que nos foram dados.*** Não deveríamos pois por este meio ser Filósofas tão sábias e teólogas tão capazes como os homens e em estado de aprender e mesmo de ensinar, pelo menos tanto quanto eles são? (Grifei, p. 71-72)

¹¹ Usarei essas expressões como sinônimos dos lugares que as mulheres circulam. *Cativeiro* é um conceito de Marcela Lagarde (1999, 1997). O conceito de *labirinto*, é utilizado por Danilo Streck (2006) a partir de referência ao Otávio Paz.

¹² Uma das professoras não compareceu, pois não recebeu o e-mail de confirmação que a pesquisadora enviou.

¹³ Essa expressão utilizo baseada nas idéias de Josso (2004).

¹⁴ Escrevi um artigo falando dessa pensadora, que se encontra nos anais do Seminário Internacional Fazendo Gênero 7, realizado em Santa Catarina em 2006. Nísia (1810-1855) foi muito elogiada por Auguste Comte, trocando, inclusive, por um período, correspondências com esse sociólogo. Para saber mais sobre ela, ler. “Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens”, “Fragmentos de uma obra inédita. Notas Biográficas”, “Cartas - Nísia Floresta e Auguste Comte”, “CINTILAÇÕES de uma alma Brasileira” e “Opúsculo Humanitário”.

Esse texto tem relações com o caminhar para si, proposto por Josso (2004), segundo minha interpretação, já que as idéias grifadas nesse excerto fizeram com que me lembrasse de passagens do livro trabalhado nessa dissertação. O “refletir sobre nós mesmas”, que Nísia Floresta falou, pode ser entendido como “o caminhar para si” proposto por Josso (2004). Pesquisar histórias de vida, através de uma pesquisa- formação me situou também como professora de filosofia e auxiliou a construir-ME como mulher na Filosofia.

Nesses estudos, encontrei a metodologia proposta pela professora de filosofia Rosa Maria Rodrigues Magda (1997), que é ex-catedrática de Filosofia, secretária da Associação Valenciana de Críticos Literários e escritora¹⁵. Na proposta dessa professora, vi semelhanças com a proposta de Josso. Aponto então algumas estratégias de crítica filosófica feminista, conforme Magda (1997)¹⁶. Essas foram aplicadas na presente pesquisa:

A. A partir da “*Análises retrospectivo-recreativo*”, nos textos que não aparecem citações de mulheres, é importante a reconstrução da situação, do status, a opinião de determinado autor e as oportunidades femininas da época. Assim, para Magda, esta reconstrução indireta é necessária para investigar a situação histórica da mulher.

Nesse sentido, busquei perceber se as professoras pesquisadas faziam citações de mulheres em alguns artigos e livros que li. Encontrei nos artigos da “Artista”, em falas sobre palestra da “Rebelde” e em produções científicas da “Militante” alguma preocupação com a investigação histórica da mulher.

B. Uma “*Análisis temático*”, onde se faz necessário extrair o que determinado autor afirma explicitamente da mulher, situando com o corpo de sua obra. Com base nessa análise, buscamos perceber em obras, artigos e falas dessas professoras, o que essas escreveram relacionado à mulher. E aqui, destaco o livro “Alteridade e Feminino” da “Militante” e os escritos da “Rebelde” sobre gênero e Filosofia.

C. “*Análisis de sesgos sexistas y androcéntricos*”: Nessa categoria de análise, a autora divide em: explícitos, implícitos e heurísticos:

¹⁵ Há publicações sobre a construção da identidade de gênero a partir do pensamento de Michel Foucault.

¹⁶ A autora diz que tais enfoques são expostos de maneira muito sucinta e que se poderiam citar diversos enfoques. Mas é muito interessante analisarmos a importância de uma crítica filosófica feminista.

Explícitos:

- ✓ Diferenciação sexista dos papéis, atributos, etc.
- ✓ Valorização androcêntrica de diferenciações feitas.
- ✓ Ambigüidade na aplicação de caracteres sexo/gênero e ser humano.

Quanto aos explícitos, o que mais me chamou atenção foi que algumas demonstraram se incomodar e estar atenta a diferenciação sexista dos papéis que aparecem em salas de aula. Apareceu especialmente na fala da professora “Militante”.

Implícitos:

- ✓ Ocultação semântica do feminino em suas afirmações sobre o ser humano em geral.

A ocultação semântica é algo que desde o início das entrevistas me chamava atenção. Foi comum aparecer nas frases dessas professoras a semântica masculino, mesmo quando se referiam a elas mesmas

Heurísticos:

- ✓ Leituras sexistas que dão por válidas ou ortodoxas diferenças segundo o gênero, supostamente assumidas pelo autor.
- ✓ Ocultação da transmissão e valorização da obra de um autor ou de trechos que se referem à temática feminina.
- ✓ Dimensão errada, por parte dos comentaristas e das interpretações tradicionais, de características em que o autor se refere a um só sexo, aplicando ao gênero humano (e vice versa).

D. “Análisis extensivo: asimilación de enfoques del pensamiento crítico”: Magda (idem, p.39) traz, como exemplo, nesse caso, as obras de Célia Amorós intituladas: “*Hacia una critica de la razón patriarcal*” e “*Soren Kierkegaard o la subjetividad Del Caballero*”¹⁷.. A efetividade se dará, segundo ela, se conseguirmos suportar os seguintes momentos: crítico (não admitir os elementos androcêntricos), desconstrutivo (analisar sua gênese) e reconstrutivo (fazer parte

¹⁷ Ambas de Barcelona, Anthrophos, 1985 e 1987.

de um novo modelo não desviado e prospectivo e utilizá-lo para clarificar ou responder diversas questões pendentes).

Quanto a esses momentos, percebo que a maioria das entrevistadas se posicionou criticamente frente aos elementos androcêntricos na filosofia, com exceção de uma, a “Pragmática”, que como ela mesma diz não possui o “filtro” para essas questões, e nunca parou para pensar nisso. Todas reconhecem que a mulher na Filosofia sempre esteve à margem. Essa questão ficou mais visível no encontro com todas, pois se promoveu um debate com esse enfoque.

E. “*Construcción de una historia de las mujeres filósofas*”: Devido a exclusão usual das mulheres na história da filosofia, busca-se recuperar uma memória e uma presença.

Em relação a isso, nos encontros que tive com as professoras, nenhuma falou na construção de uma história das mulheres filósofas. Elas, quando trabalham e pesquisam filósofas, falam de mulheres como Hannah Arendt e Simone de Beauvoir, referindo-se a última como uma literária e não filósofa. Algumas (A “Militante” e a “Artista”), fazem mais leituras de filósofas, especialmente latino-americanas.

F. “*Construcción de una historia de la Teoria Feminista*”: em que o importante não é o sexo do autor, mas sim a pertinência de uma temática interdisciplinar que deve adquirir seu reconhecimento epistemológico. Desse modo, tal reconhecimento faz parte de um campo da crítica filosófica das reflexões feministas sobre epistemologia (MAGDA, 1997, p.36). Com relação aos feminismos, estudos de gênero e mulheres elas se referiram de várias maneiras. Falo disso, mais adiante.

Uma delas, por exemplo, disse que as questões de gênero, as filósofas e a Filosofia em si são realmente apaixonantes e que quer escrever sobre esse assunto, trabalhar e fazer pesquisa, mas atualmente não tem um espaço dentro da sua área de profissão, para poder atuar. Outra professora chegou a dizer que, num primeiro momento, não se interessava por essa discussão, mas que chegou um dia em que “aquilo ali”, se referindo a algumas vivências em que sofreu preconceito de gênero, ficou na carne, ficou na pele. Disse ainda, que a forma como as mulheres viviam o curso de Filosofia e a maneira como eram tratadas, a fizeram pensar nessas questões. Essa professora refletiu sobre isso:

Não que essas questões eu já trazia de alguma forma. Talvez eu até já trouxesse, mas não tava muito claro para mim. Mas se intensificou, ficou mais claro, a partir dessa experiência concreta que eu tive de embate, de buscar lugares, né, dentro daquele espaço ali, que eu estava frequentando, habitando. Meu trabalho de conclusão no curso de graduação, foi sobre as mulheres. Que já foi uma coisa assim bem...nenhum professor de Filosofia quis me orientar nesse trabalho. (“Artista”, entrevista I, 2006)

Para a “Transgressora”, “parece que ainda não superamos os profundos enraizamentos históricos dos preconceitos e discriminação contra a mulher. Essas questões de gênero têm subjacentes uma estrutura de domínio que os homens não se dão conta, não têm consciência” (entrevista I, 2006). A transgressora relatou na entrevista I, que eles tratam a mulher com uma certa inferioridade, com um sentimento de posse e de um certo desprezo, e ainda que se, na Filosofia, uma mulher conseguisse algo, eles pensavam (lembrando de seu tempo de estudante de pós-graduação) que aconteceu porque era uma mulher. Se uma mulher alcança êxito no trabalho em filosofia, precisa de muito esforço para poder estar naquele espaço, que em última instância, é referendado por eles.

Pesquisar é sempre desafiar-se num mundo desconhecido. A mim, de modo especial, interessam as histórias de vida. Deifelt (1996) lembra que as histórias de vida dão às mulheres a possibilidade de falarem sobre sua realidade, de compartilharem suas experiências, fazendo com que essas mulheres possam assumir-se enquanto sujeitos ativos e pensantes. A história se presta para uma auto-reflexão, possibilita que a contadora da história se distancie momentaneamente da sua realidade, de modo a abstrair e universalizar a sua experiência (DEIFELT, 1996, p.14).

A perspectiva de usar como instrumento de pesquisa as narrativas em pesquisa-formação, da-se porque as entendo como uma maneira de não apenas levantar dados, mas também de trabalhar com pessoas. As narrativas levam-nos a refletir sobre várias questões: como fazer a pessoa tornar-se visível para ela mesma e nesse sentido “caminhar para si”? Como encontrar outros e outras que se assemelham a nós para seguirmos essa caminhada? A narrativa de um percurso individual e de práticas de conhecimento põe em evidência os registros da expressão dos desafios de conhecimento ao longo da vida (JOSSO, 2004, p. 43)¹⁸. Ela permite distinguir experiências coletivamente partilhadas em nossas convivências socioculturais e experiências individuais, experiências únicas e experiências em série, ou seja,

¹⁸ Edla Eggert (2002) trata de narrativas e mulheres em “*Narrativa: Uma filosofia a partir da experiência das mulheres?*”.

a experiência comporta sempre as dimensões sensíveis, afetivas e conscienciais (idem, p. 49). E a narrativa de formação obriga também a um balanço contábil do que é que se fez nos dias, meses e anos relatados, ele nos permite tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância de nossos desejos (idem, p. 45).

Contudo, uma vivência em experiência formadora implica a mediação de uma linguagem e o envolvimento de competências culturalmente herdadas (JOSSO, 2004, p. 49), por isso, as narrativas serão fios condutores, para conhecermos tais competências. Além disso, essas professoras fizeram o exercício de lerem suas falas, escreveram e refletiram sobre suas trajetórias. Quando trato de narrativas e escritas¹⁹ como metodologia, é interessante pensar que tanto a narrativa oral quanto a escrita são importantes para uma pesquisa. Maria Isabel da Cunha (1998) afirma que, quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade (p.39). As professoras receberam a transcrição de suas entrevistas e fizeram um exercício de releitura. Essa autora chama atenção para o fato de que, ao mesmo tempo em que o sujeito organiza suas idéias para o relato, seja ele escrito ou oral, ele reconstrói sua experiência de forma reflexiva e, acaba fazendo uma auto-análise, criando bases de compreensão de sua própria prática (idem, p.39). Assim, é interessante pensarmos que:

A narrativa provoca mudanças na forma como as pessoas compreendem a si próprias e aos outros. Tomando-se distância do momento de sua produção, é possível, ao “ouvir” a si mesmo ou ao “ler” seu escrito, que o produtor da narrativa seja capaz, inclusive, de ir teorizando a própria experiência. Este pode ser um processo profundamente emancipatório em que o sujeito aprende a produzir sua própria formação, autodeterminando a sua trajetória (CUNHA, 1998, p.39-40).

Utilizamos esse método pelo fato de que ele possibilita que vejamos as narrativas como procedimentos de experiências formadoras.

Cecília Warschauer²⁰, na apresentação da edição da obra de Josso (2004), baseia-se na descoberta e na valorização da singularidade do sujeito (p.7), e o caminho proposto pela metodologia das histórias de Vida em Formação é a narrativa, pois ela permite explicitar a

¹⁹ E aqui indico escrita por dois motivos, primeiro porque usamos as escritas de memoriais descritivos de algumas dessas professoras e também porque elas mesmas escreviam ao reler suas falas.

singularidade e, com ela, vislumbrar o universal, perceber o caráter processual da formação da vida, articulando espaços, tempos e as diferentes dimensões de nós mesmos, em busca de uma sabedoria de vida (idem, p.9). Nesse sentido, percebo que o resgate da trajetória dessas mulheres na filosofia foi importante para as conhecermos como mulheres, professoras, donas de casa e mães, em suas múltiplas tarefas diárias que, muitas vezes, cerceiam o estudo num tempo diferente do dos professores homens.

1.2.3 A importância da escuta e do diálogo

Ouvir as mulheres, alinhar-se com as mulheres, não significa inverter uma relação de dependência tradicional, mas abrir a possibilidade para um diálogo no qual a própria diferença é posta em jogo (YANNOULAS, VALLEJOS E LENARDUZZI, 2000, p. 432)

O momento de dialogicizarmos projetos de conhecimento²¹ foi importante durante toda a pesquisa e culminou no encontro em forma de grupo focal. O diálogo pode ser pensado numa pesquisa qualitativa como a finalidade do aprendizado da comunicação entre pessoas, se o mesmo é premissa para tal prática²². Cunha (1998) aponta que as narrativas nos exigem uma ação dialógica, para ela, trabalhar com narrativas na **pesquisa** e/ou no **ensino** é partir para a desconstrução/construção das próprias experiências, tanto no professor/pesquisador como dos sujeitos da pesquisa e/ou do ensino. Exige que a relação dialógica se instale criando uma cumplicidade de dupla descoberta. Ao mesmo tempo em que se descobre no outro, os fenômenos revelam-se em nós (p.39). Esse efeito, um tanto poético, pode ser sentido em vários momentos da pesquisa. Eu me via nas falas dessas professoras, mesmo fazendo parte de uma outra geração, mas pelo fato de também ser mulher e gostar de trabalhar com filosofia. No silêncio da escuta, eu me identificava.

Acredito que o diálogo é um constante aprendizado. A produção da narrativa serve, ao mesmo tempo, como procedimento de pesquisa e como alternativa de formação, permitindo o

²⁰ Em sua tese de doutorado publicada sobre o título “*Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela* (2001) utilizou uma abordagem autobiográfica (pessoal e profissional).

²¹ Josso (2004) diz que a originalidade da metodologia de pesquisa formação em Histórias de Vida está no fato de que autores (e autoras) de narrativas, consigam atingir uma produção de conhecimentos que tenham sentido para eles/as, e que esses/as se inscrevam num projeto de conhecimento que os institua como sujeitos (p. 9).

²² Brandão (2003), diz que o diálogo para ele não é instrumento de trabalho, mas a finalidade de aprendizado da comunicação entre pessoas (p.56). O princípio do diálogo é o fundamento de qualquer interação humana. Qualquer uma, seja ela vivida como relação amorosa, docente, científica ou mesmo política (p.55).

desvendar de elementos quase misteriosos por parte do próprio sujeito da narração (CUNHA, 1998, p.41).

Assim, sem o diálogo, antes, durante e após a dissertação, de nada servirá o trabalho. Percebo, nas pesquisas em educação, que é preciso não apenas acumular dados, mas além de se prestar serviço à comunidade, criar conhecimentos novos²³ e pensar metodologias próprias e adequadas à área da educação.

As pessoas vão contando suas experiências, crenças e expectativas e, ao mesmo tempo, vão enunciando novas possibilidades, intenções e projetos. Às vezes, torna-se até difícil separar o vivido do que está por viver. Experiência e narrativa se imbricam e se tornam parte da expressão de vida de um sujeito. É por isso que se pode afirmar que a escrita sobre uma realidade pode afetar esta mesma realidade, pois assim como são os pensamentos que orientam a ação racional, a narração conduzirá ao desempenho de fatos vitais (CUNHA, 1998, p.40).

Levando em conta que há um processo dialógico na relação narrativa-experiência, que provoca mútuas influências (CUNHA, 1998, p. 40), acredito que a ciência não é masculina e nem feminina²⁴, mesmo que se tenha na história tentado construí-la a partir de concepções e investigações do sexo masculino e, desse modo, negando, ocultando, aniquilando, jogando fora, queimando ou renomeando investigações feitas por mulheres. Caminho em direção a uma experiência de pesquisa-formação, concordando com Josso (2004) que as histórias de vida postas ao serviço de um projeto são necessariamente adaptadas à perspectiva definida pelo projeto no qual elas se inserem, enquanto que as histórias de vida abarcam a globalidade da vida em todos os seus aspectos, em todas as suas dimensões passadas, presentes e futuras na sua dinâmica própria (p. 31).

Numa perspectiva de adaptação, a proposta, a idéia de construir uma pesquisa-formação, é um desafio por ser uma metodologia muito recente no Brasil, sendo considerada pela própria Josso (2004), na introdução de seu livro, como complexa. Além disso, também devido ao pouco tempo que temos para elaborar uma dissertação, optamos em trabalhar com

²³ Luna (2003) nos alerta para uma questão que gostaria de destacar. Para ele “parece faltar compromisso com o conhecimento”, existe excesso em algumas pesquisas de compromisso com a intervenção sem um compromisso correspondente com a geração de conhecimento *novo* (p.76).

²⁴ No livro “*A Ciência é Masculina? É sim, senhora!*”, Attico Chassot aponta alguns fatos interessantes, porém minha preocupação é construir conhecimentos a partir do paradigma emergente de Boaventura de Souza Santos (2004) um conhecimento prudente para uma vida decente (p.60). Conhecimento que percebe a não neutralidade (p.43) e percebe que a Ciência é sexista e não masculina, afinal, não podemos negar toda a sabedoria e ciência advindas dos esforços femininos em diferentes épocas.

entrevistas individuais, tendo realizado duas com cada professora; trabalhar com narrativas transcritas e no decorrer das entrevistas, surgiu mais um elemento que não havia sido pensado na construção do projeto de pesquisa, que foi a análise dos memoriais descritivos das professoras. Essa idéia surgiu porque uma das entrevistadas ofereceu o seu memorial descritivo. Essa análise ajudou muito na construção das apresentações dessas professoras e na compreensão das histórias de vida das mesmas. Wivian Weller (2005) analisa que o nível documentário pressupõe uma pergunta na postura do observador que, ao invés de lançar a pergunta “o quê”, irá perguntar *como*, ou seja: como a prática que está sendo observada é produzida e/ou realizada (p. 268). Weller (2005) afirma que nessa transcendência da pergunta *o quê* para a pergunta *como*-denominada por Mannheim como postura sociogenética ou funcional- o *modus operandi* da ação prática passa a ser um dos principais elementos da análise (idem). Sendo assim, essa mistura de instrumentais para análise de dados foi fundamental para perceber os percursos dessas professoras na filosofia, bem como as práticas de discriminações sofridas.

1.2.4 As questões da pesquisa

Algumas questões de pesquisa problematizadas foram:

1. Saber se as professoras se consideram filósofas

Diagnostiquei que as professoras não se consideravam filósofas e quando, em algum momento, elas se consideraram, acabaram voltando atrás e retirando o seu título de filósofa, como se isso não lhes pertencesse. Isso aconteceu com uma das pesquisadas. Ela disse que escrevia sistematicamente para um jornal local e colocava no final do seu artigo: *filósofa e escritora*, mas que depois do que ela mesma denominou “crise de identidade” passou a se assinar somente com o seu nome. Essa professora conta que, recentemente, foi realizar uma palestra sobre Hannah Arendt e lhe chamava atenção a possibilidade de conversar com pessoas e de ser interrogada por elas²⁵.

2. As professoras não se consideram filósofas, devido a sua condição humana? Se de acordo com Lagarde, são “de alguém e para os outros²⁶” (LAGARDE Y DE LOS

²⁵ Essa fala se encontra na entrevista II da “Rebelde”.

²⁶ Quem escreve essa idéia é a Franca Basaglia citada por Lagarde y de Los Rios (2005), p. 19.

RIOS, 2005, p. 33), de que maneira essas mulheres na filosofia buscam (e se buscam) sua identidade de filósofas?²⁷

Há um abismo entre o “ser filósofa e ser professora de Filosofia”. Esse abismo foi demonstrado em muitas passagens dessa pesquisa, especialmente, quando as professoras diziam por que não se consideram filósofas, mesmo que elas criem, escrevam e façam as mesmas atividades ou mais do que os “ditos” filósofos hoje fazem.

Para “a Rebelde”, por exemplo, “para ser filósofa e escritora tem que haver um reconhecimento da comunidade, dos pares e enfim, dos que lidam com isso. Não é eu que me digo escritora, não é eu que me digo filósofa” (“Rebelde”, entrevista 2, 2006), mas iremos trabalhar melhor essa questão mais adiante²⁸.

3. As professoras de Filosofia estariam se considerando tão filósofas quanto professoras, ou, estariam pensando, a partir da lógica sexista contra si mesmas?

Algumas professoras-filósofas consideram os filósofos clássicos, os principais responsáveis por essa exclusão das mulheres na Filosofia. As professoras de filosofia constroem seus argumentos pedagógicos e filosóficos a partir dos filósofos androcêntricos. Nesse contexto, essa questão esteve sempre presente na pesquisa, não por considerarmos os filósofos como os principais responsáveis da exclusão das mulheres na Filosofia²⁹, mas porque a construção da professora que estuda os filósofos e suas idéias apenas pareceu estar condicionada a se auto-excluir nessa área de conhecimento.

Perguntas em torno da formação das professoras: Como se formaram? Ser filósofa em países desenvolvidos é diferente do que ser em países em desenvolvimento como o Brasil? Você busca recuperar a memória das filósofas em suas aulas e em seus textos? Você se considera uma filósofa? Falar como é ser professora de um departamento de Filosofia em uma Instituição de Ensino Superior, lembrar de suas trajetórias, suas pesquisas, suas experiências e vivências, enquanto mulher e professora de filosofia são algumas questões que apareceram nessa pesquisa.

²⁷ Trato melhor essa questão no item 1.3.

²⁸ Outra questão que inicialmente apareceu foi: O bacharelado e a licenciatura condicionam a pensadora? Ou ela enquanto bacharel pensa, escreve e cria, enquanto a licenciada se dedica “ao outro”, reproduzindo mais, do que criando (salvo raras exceções)? Essa questão foi totalmente excluída, pois a pesquisadora a considerou irrelevante para o trabalho quando as entrevistas começaram.

²⁹ Essa idéia é defendida em alguns trechos do livro “*Também há mulheres filósofas*”, publicado em Portugal.

Segui algumas orientações dadas pela professora Wivian Weller, tanto as descritas no seu texto “A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos”, quanto algumas ditas pessoalmente na avaliação da banca de qualificação do projeto de dissertação, realizada no primeiro semestre de 2006. Procurei estimular a narração de experiências vividas e não a mera descrição de fatos, “procedimento este que deve ser mantido ao longo de toda a entrevista” (p. 276); busquei ter “cuidado metodológico na condução da entrevista”. Fiz a interpretação que, segundo Weller (2005), analisa a estrutura básica de um texto, tanto o conteúdo das entrevistas, como o quadro de referência, que orienta a fala, as ações do indivíduo, e as motivações que estão detrás dessas ações (p. 276). No encontro em forma de grupo focal, analisei as questões temáticas e também, como sugere Wivian, “os padrões homólogos ou aspectos típicos do meio social” (p. 277). Busquei “a reconstrução da organização do discurso”, observei a interação entre as participantes, as formas como se referem umas as outras, por exemplo.

1.2.5 Caminhando para si e as etapas da pesquisa

...a intenção de caminhar conscientemente para si é um processo-projeto que só termina no fim da vida” (JOSSE, 2004, p. 83)

Josso (2004) define que a abordagem de Histórias de Vida pode não apenas provocar um conhecimento da sua existencialidade e do seu saber-viver como recursos de um projeto de si auto-orientado, mas convoca ainda o sujeito da formação a reconhecer-se como tal, a assumir a sua quota de responsabilidade no processo e, finalmente, a colocar-se numa relação renovada consigo, com os outros, com o meio humano e com o universo, na sua vida em geral e nos nossos grupos em particular (p. 84). Procurei realizar algumas sugestões da autora, que propõe três níveis para uma pesquisa formação:

Nível I: Um a dois meses: Essa etapa se divide em quatro fases:

FASE I: *Narrativa oral:* A proposta de Josso (2004) é utilizar a construção da narrativa de vida como uma mediação para uma reflexão formativa sobre os processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem. Assim, a construção da narrativa e a sua escrita, tendo a narrativa como produto, não é o que está em jogo na metodologia aqui proposta, ainda que a autora considere indissociável de um processo contínuo de produção de uma narrativa (p. 85). Na fase I, por exemplo, identifica-se o período da vida das pesquisadas que represente uma passagem entre as duas etapas da vida, períodos a que a autora oferece os sinônimos de “um divisor de águas”, “dobradiça”; “charneira” (p. 64). Foi interessante

perceber que mesmo não solicitando às professoras uma narrativa escrita, pois levamos em conta a falta de disponibilidade, elas foram escrevendo na medida em que faziam a releitura das entrevistas. Além disso, esse “divisor de águas” apareceu em quase todas as entrevistadas como sendo pessoas importantes, que, de alguma forma, motivaram, apoiaram e incentivaram essas mulheres na inserção na Filosofia e/ou com o trabalho por que elas demonstraram interesse. Todas falaram que encontraram pessoas interessantes, que abriram perspectivas para seus trabalhos na Filosofia:

...ele foi uma pessoa que foi super atenta na minha caminhada, desde a época de minha graduação até a pós-graduação e ele tinha uma atenção muito grande com aquilo que eu buscava e ele ficava muito preocupado com isso, tentando buscar formas para que eu pudesse mergulhar mais nessas inquietações que eu vinha trazendo e aí dentro de todas as limitações dele. Porque era uma pessoa assim que ele tinha abertura para algumas coisas e outras ele não tinha tanta abertura, não é. Ele: “Olha eu quero te escutar, vamos ver isso que tu ta falando”. Ele te dava oportunidades e levava muito a sério isso. Embora ele não estudasse, não tivesse afim naquele momento de estudar aquilo ali, ele levava muito a sério.... já sabia um pouco dessas minhas inquietações, que eu trazia... e daí ele dizia: “...eu acho que esse pensador, esse Filósofo talvez te interesse”, porque na minha insuficiência dessa discussão, esse é o único pensador que eu conheço que coloca essa discussão dentro da sua obra, a questão do feminino (“ARTISTA”, 2006)

Essa professora nos contou que uma das pessoas que também participou dessa pesquisa havia sido fundamental na sua vida. Referiu-se a ela como “Aquela figura que assim, de alguma forma, te impulsiona e te faz pensar, abrir um universo para aquela coisa que é nova para ti. Estar dentro de uma universidade, naquele espaço, com aquelas pessoas. Te dão toques importantes. Daí foi muito legal, assim, porque ela foi uma pessoa que embora não trabalhasse profundamente as questões das mulheres, ela foi sempre fundamental nas minhas discussões, nas minhas inserções nos espaços por onde eu tava (“ARTISTA”, Entrevista I, 2006)

Nessa primeira fase Josso (2004) propõe fazer:

- ✓ **Preparação individual para primeiro desbravar os períodos significativos da vida de cada professora de filosofia e das passagens das etapas da vida dessas:** Essas etapas foram descritas minuciosamente pelas entrevistadas.
- ✓ **Listagem das experiências significativas de cada período:** Cada professora foi espontaneamente apontando as significativas experiências em sua vida profissional.

Aqui, os memoriais descritivos foram de suma importância para rastreamos essas experiências significativas. Falaram de seus cursos no Brasil e no exterior, as oportunidades de trabalharem especialmente no exterior.

A fase de socialização oral foi feita em um único encontro com todas as professoras, em forma de grupo focal³⁰. Nesse encontro, em que apenas uma não pôde comparecer, observei, entre outras questões apontadas ao longo desse trabalho, que uma delas se manifestou muito pouco³¹ e ainda, foi nesse momento que ficaram mais explícitos seus posicionamentos quanto às questões temáticas dessa pesquisa.

FASE II: Nessa etapa do nível I, serão evidenciadas as práticas formativas inerentes a um itinerário escolar, profissional e a outras aprendizagens organizadas. Também procurei dar ênfase às experiências de vida que as professoras de filosofia consideraram que tenham deixado uma marca formadora. Josso (2004) diz que essa lembrança deve ser feita sob o ângulo do percurso de formação ao longo da vida e da sua dinâmica, salientando as práticas formativas inerentes a um itinerário escolar, profissional, e a outras aprendizagens organizadas, podendo ser aplicadas sessões ou oficinas de formação (p. 64). Essa etapa foi feita no primeiro momento da pesquisa, na medida em que as professoras falavam de suas trajetórias na Filosofia.

É importante salientar que, segundo Josso (2004), essas duas primeiras fases não constituem evidentemente senão um princípio, mas o seu traçado, por mais “balbuciente” que seja, exige do autor uma primeira resposta a um conjunto de questões que exprime, logo de saída, tudo o que está em jogo no processo (p. 65). Ela aponta ainda, o que está em jogo: Terei mesmo uma história? Vale a pena contá-la? O que é que os outros vão pensar de mim a partir do que vou contar? Perguntas que mostram um pensar sobre si, como por exemplo: O que foi significativo para minha vida? O que contar de mim, entre tudo o que é possível contar? O que desejo partilhar ou guardar para mim? O que eu vou fazer com as questões e com o olhar dos outros? Como vou dar conta do caminho interior que acompanha os “fatos” da minha vida? Como podemos falar de nós de forma que isso possa ser interessante para todo o grupo? A minha vida é como a de todos os outros? O que há de especial para ser contado?

³⁰ Sobre grupo focal: “*Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas*”, de Claudia Dias. Ver referências.

³¹ Refiro-me à “Militante”.

Em muitas falas durante as entrevistas, algumas professoras falavam que não sabiam se o que diziam era importante. No início dos encontros, uma delas disse: *“Não sei se posso te ajudar, mas vamos lá”*.

Em seguida, segundo Josso (2004), após a fase de socialização oral, a expressão do que foi vivido dá testemunho das primeiras tomadas de consciência (p. 65): Estou espantada comigo mesma, não sabia que tinha tantas coisas para contar. Josso (2004) diz que podem aparecer relatos como:

- ✓ Conteí muitas coisas nas quais não tinha pensado durante a minha preparação.
- ✓ Comecei seguindo as notas que havia feito (ou a ler o texto que escrevi), depois “soltei-me”.
- ✓ Eu não imaginava que tudo aquilo pudesse ainda provocar tantas emoções.
- ✓ Nunca, eu nunca tinha falado de mim desta maneira.
- ✓ A princípio tinha medo, mas escutavam-me com tanta abertura que acabei por perdê-lo.

No encontro em forma de grupo focal com as professoras, observei que elas socializavam algumas impressões antes do gravador de voz ser ligado. Entre essas, estava sendo mencionada a maneira que elas próprias falavam. O “se escutar” havia sido algo interessante, pois não haviam se percebido anteriormente dessa maneira. Além disso, a Pragmática mencionou que não havia pensado sobre si dessa maneira, como mulher, por exemplo. Essa professora chegou a afirmar no grupo focal: *“Eu me senti um ET completo”*, referindo-se ao fato da pesquisa tê-la feito se sentir assim. E nos contou: *“Depois fiquei perguntando para algumas amigas, eu até me senti um pouco mal, assim [risos]”*. Ela disse que isso não aconteceu porque essas questões eram inexistentes, mas porque estão muito mais distantes da realidade dela e, por isso, ficou surpresa. Outra questão interessante de salientar é o que essa professora disse no encontro:

Então é legal que cada um tem assim histórias que depois é legal cruzar, porque as histórias que eu vejo, que eu conheço não são daqui. São do Rio, uma parte também, porque muitas coisas são de ouvir dizer, não são coisas que eu vivi também.

Percebi que houve uma boa aceitação dessa pesquisa por parte das professoras. Em diferentes momentos, elas manifestaram isso, além do fato de serem mulheres que anteriormente não haviam se predisposto a serem pesquisadas. A “Transgressora” disse, que nunca havia permitido que a entrevistassem.

FASE III: Nessa fase elaboram-se as escritas da narrativa. Segundo Josso (2004), essa fase remete cada participante para um trabalho solitário, mas largamente habitado pelo diálogo com a outra, ou as outras narrativas ouvidas, e a partilha do que foi experimentado durante as duas etapas precedentes (p. 66). As apresentações feitas para cada professora, foram entregues para cada professora pesquisada e partilhadas com o grupo.

Wivian Weller (2005) lembra Mannheim³² e diz que a interpretação não é neutra e estará sempre associada à formação teórica, assim como o pertencimento geográfico e social daquele que interpreta (p. 280). Reconhecemos que a interpretação estará voltada, sempre vinculada às experiências cotidianas de quem pesquisa e que, por sua vez, estão relacionadas aos seus vínculos sociais, geracionais e de gênero, à sua formação intelectual, entre outros, como nos lembra Weller (2005). Nesse sentido, em vários momentos, a pesquisadora refletiu sobre o que estava mudando durante o processo de pesquisa, frente aos dados que surgiram.

FASE IV: Terminada a escrita da narrativa, cada participante inicia o delicado trabalho de leitura, de compreensão do processo de formação da parceira (JOSSO, 1995, p. 67). Nessa fase, é feito o trabalho de leitura interpretativa de cada narrativa escrita pelas próprias professoras e a pesquisadora. Josso (2004) salienta que a parte de socialização oral deve ser gravada, para que cada narradora possa ficar com uma memória fiel dessa primeira narração e possa voltar a ela, quando estiver escrevendo (p. 66). Nessa fase Josso orienta (2004, p.68-69):

- ✓ Apresentar o conhecimento da formação de si por meio de recordações relativas a atividades, contextos e situações, encontros, pessoas significativas, acontecimentos pessoais, sociais, culturais ou políticos; recordar-se de si mesmo, numa partilha com outros, bem como na diferenciação e na identificação com as recordações das outras;
- ✓ Revisitar o conhecimento deste “si”, por meio do que diz dele a narrativa considerada no seu movimento geral e nas suas dinâmicas, nas suas periodizações, nos seus momentos-charneira (processo de formação), a fim de extrair, a partir daí, as

características identitárias e as projeções de si, as valorizações que orientaram as opções, os elementos de auto-retrato que dão os contornos de uma personalidade;

- ✓ Reinterrogar o conhecimento de si mesma no jogo das semelhanças/diferenças provocadas pela comparação com as outras narrativas.

Nível II: Processo de conhecimento de si mesma

Nesse momento, Josso (2004) propôs observar como o indivíduo fala dos diversos campos de experiências, diferenciados no percurso de formação, por exemplo, da família, da escolaridade, das atividades profissionais, da vida amorosa (JOSSO, 1995, p. 70). Segundo Josso (idem), o processo de conhecimento de si mesmo, posto em prática nesse nível II, diz respeito a quatro aspectos:

1. **Tomada de consciência dos referenciais (saberes, ideologias, crenças) aos quais aderimos:** Percebemos que as professoras têm clareza de seus saberes, crenças e ideologias.
2. **Tomada de consciência da cosmogonia na qual nos inscrevemos, do seu caráter cultural e das concepções da causalidade que caracterizam a nossa relação com a mudança.**
3. **Tomada de consciência da nossa maior ou menor disponibilidade para com referenciais novos que se ajustam mais ou menos bem aos nossos antigos referenciais, e/ ou que põem em questão a coerência da nossa hierarquia conceptual:**

Com relação aos referenciais teóricos de gênero e Filosofia, estudos feministas e as filósofas, nota-se que a maioria delas trabalham e/ou já trabalharam com esses referenciais. Mas duas das cinco professoras estudam e inserem esses conhecimentos em salas de aula em que lecionam. A “Militante” e a “Artista” se diferenciam, pois não só estudam e falam de filósofas e de suas idéias, como também se interessam por leituras feministas e de gênero.

4. **Tomada de consciência das situações, dos acontecimentos, dos encontros que colocaram em questão ou fizeram evoluir os nossos referenciais, da crise epistemológica que eles provocaram, assim como os reajustamentos que tiveram de ser feitos:**

³² Wivian Weller fala sobre esse método em “Karl Mannheim e o método documentário de interpretação”.

Não se evidenciou uma crise epistemológica no período da pesquisa, mas uma das professoras pesquisadas disse ter procurado colegas para conversar sobre questões que apareceram nas entrevistas, já que a professora se incomodava porque não havia se “dado conta” de ter sofrido algum preconceito de gênero na Filosofia³³.

Considerando o tempo de estudo no Curso de Mestrado em Educação, irei elaborar uma síntese que possibilite aproveitar essa metodologia adaptada para o tempo de uma pesquisa de mestrado. A idéia inicial era gravar as conversas das professoras, a partir de questões pré-estruturadas. Após, cada professora pesquisada iria receber uma fita e teria que se escutar, para então escrever sobre o que ouviu; porém, optei por fazer um encontro com todas elas, para assim colher mais narrativas.

Nível III: O processo de conhecimento de si, nesse nível, está baseado no trabalho biográfico constituído por quatro aspectos:

1. Tomada de consciência das suas estratégias nos três gêneros de aprendizagem;
2. Tomada de consciência das suas posturas de “aprendente”;
3. Tomada de consciência dos recursos afetivos, motivacionais e cognitivos que devemos mobilizar para efetuar uma aprendizagem, e das competências genéricas transversais a mobilizar; e, por último, a tomada de consciência das escolhas de níveis de mestria visados e das etapas do processo de aprendizagem que lhes correspondem. Prefiro não usar o termo “tomada de consciência”, mas sim provocar uma sensibilização.
4. Conhecemo-nos enquanto professoras de Filosofia? Assumimo-nos enquanto filósofas, para que não sejamos apenas representadas? Estamos tendo autonomia intelectual?

1.3 As mulheres na Filosofia

Os professores de filosofia do sexo masculino eram mais valorizados do que as mulheres. De modo geral os homens tinham um acolhimento maior pelos professores (“Transgressora”, entrevista I, 2006).

Mesmo sem “acolhimento”, as mulheres fazem parte da história da filosofia. Há inúmeras histórias de professoras que desafiaram seu tempo e não são até hoje lembradas.

³³ Refiro-me à “Pragmática”.

Muitos filósofos se corresponderam com filósofas, visitaram suas casas, estudaram e aprenderam com elas³⁴. Ainda isso é muito comum, mas está na parte das histórias não contadas. No livro “*Histórias das Mulheres do Brasil*”, encontramos vários exemplos de mulheres que marcaram seu tempo, que fizeram história. Sabemos que muitos homens na história da filosofia também são anônimos. A questão é fazer com que as mulheres sejam mais valorizadas na filosofia, que as filósofas sejam lidas e ainda que seus saberes sejam estudados nas instituições de Ensino Superior do Brasil, pois “nem ao menos sabemos quem são as mulheres que fizeram filosofia. Ocupamos os bancos das universidades e nos deparamos com um espaço masculino. Nossos cursos de Filosofia não se preocupam em resgatar essa história esquecida” (MENEZES, 2004, p. 125), restando-nos questionar também o que propõe Magali (idem), “isso se dará talvez, pelo fato da grande maioria de nossos mestres ainda serem homens?” (idem)

O cotidiano de algumas professoras de Filosofia é marcado por resistência e luta, principalmente, se essas são comprometidas com uma melhor qualidade de Educação e um mundo melhor. Acreditamos que ser educadora na filosofia tem a ver com olhar a educação como uma maneira de transformar as realidades cruéis que perpassam o nosso meio. Não que a filosofia seja uma espécie de “salvadora da pátria”, mas ela pode ser um caminho na superação humana, que parece ir além do próprio senso crítico.

É marcante nas leituras que venho fazendo como aparece, desde os primeiros movimentos feministas, a questão do Outro e da ênfase na importância de citarmos mais nós, mulheres. A filósofa Simone de Beauvoir (2000) diz no livro “*O Segundo Sexo*” que a história nos mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos. Desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro (p. 179). Assim, a produção intelectual a respeito da temática mulher, tem se intensificado desde a chamada década da Mulher (1975-1985), mas não está superada, temos muito que pesquisar, ler, escrever, ouvir e falar.

Muitos filósofos na história da filosofia possuem verdadeiras “pérolas” escritas sobre as mulheres. Simone de Beauvoir (2000) já disse, que “não parece que as volumosas tolices

³⁴ Descartes é um exemplo disso, mas há hoje vários livros que mostram correspondências de intelectuais com mulheres (sejam elas filósofas ou não), demonstrando a importância delas para as idéias desses. Cito duas obras “*Cartas a Voltaire*”, de Madame Du Deffand e “*Cartas a Milena*”, de Kafka.

que se disseram neste último século tenham realmente esclarecido a questão” (p. 7). O debate sobre a relação entre as “mulheres e a Filosofia” não está esgotado, podemos dizer inclusive que é novo no Brasil, já que até nossos dias as filósofas ainda não são valorizadas³⁵, fato que se deriva de uma história que colocou as mulheres como seres incapazes de pensar e atuar na sociedade, em diferentes épocas e locais.

Talvez Saffioti (2004, p. 43) tenha razão em dizer que “ninguém escolhe seu tema de pesquisa; mas que é escolhido por ele”. Escrever a partir de experiências de mulheres, professoras e de filósofas, também é falar de quem apresenta tal pesquisa, faz parte da história de vida de quem se pesquisa (EGGERT, 2003) ao ler e ouvir outras mulheres que atuaram e atuam na área da Filosofia, com formações baseadas em filósofos clássicos e do sexo masculino. Tem a aver com a indignação que sinto ao perceber como somos na filosofia treinadas para pensar androcentricamente. Talvez tenha a ver com a vida de outras pessoas, pois nascemos filósofas e filósofos, somos amantes da sabedoria por natureza³⁶. As mulheres também amam a filosofia, hoje podemos escutar suas idéias um pouco mais do que em outras épocas, mas todas as mulheres que se inserem no mundo da Filosofia, são assim como os homens, amantes da sabedoria. A “Pragmática” disse em uma de nossas conversas:

...a Filosofia sempre me atraiu muito, não só pelas explicações, mas por provocar em mim uma curiosidade intelectual, esse contato com o mundo intelectual que sempre me atraiu, é diferente de outros percursos que buscam na Filosofia uma certa compreensão da realidade (Entrevista I, 2006)”.

A “Rebelde” também falou nessa perspectiva quando tratava de sua opção por filosofia:

...optei por filosofia. E eu considero hoje que foi uma grande opção, porque tudo o que eu fiz na minha vida foi em torno disso Eu penso que a perspectiva crítica da filosofia vinha ao encontro do meu espírito um tanto quanto inquieta e rebelde, desde criança. Nunca me senti uma pessoa conformada com as situações de desigualdade social ou comportamentos autoritários e violentos.

Essa nos diz ainda que “a gente sempre estudou os outros, os estrangeiros, entrou no sistema dos outros, e isso é um problema, daí eu quis trabalhar a Filosofia social do ponto de vista do meu lugar, do meu espaço, do meu território”. Além disso, ela nos contou que a

³⁵ Mais sobre esse assunto escrevo nos artigos: “As mulheres e o ensino de Filosofia: Desafios na fronteira do humano”; “Incluindo as Mulheres Filósofas nas Salas de aula”; “Onde estão as filósofas da América Latina?”; “Desafios de Incluir questões de gênero, feminismos e mulheres nas salas de aulas”; “Onde estão as obras raras de filósofas, suas reflexões, biografias e referências nos livros didáticos?” e “Interdisciplinaridade no Ensino Religioso- Gênero, Sexualidade e mulheres latino-americanas no Ensino Religioso: Desafios na fronteira do humano”.

escrita talvez seja o maior grito do seu silêncio, já que, escrever, para ela, é quase que uma terapia. Mesmo não se classificando como uma literata, escritora, ela considera o que faz como algo maravilhoso. A professora ressalta que escreve para partilhar, para se tornar compreendida, e que tenta pegar os livros filosóficos, com todo o rigor que eles possuem e transformar “*numa forma possível de ser decodificada, uma fala só para iniciados, uma fala em códigos*”, pois a escrita, para ela, tem muitos sabores.

Mesmo sendo amantes do saber filosófico, essas mulheres não se assumiram enquanto filósofas. As mulheres sempre estiveram presentes nessa área, atuaram, escreveram, criaram novas teorias e conceitos, deixando uma questão, talvez para outros trabalhos, por que as mulheres como elas não se assumem como Filósofas? Em um de nossos encontros essas professoras falaram sobre isso³⁷. Disseram que não se viam assim e também suspeitavam daqueles e daquelas que hoje se assumiam dessa forma.

“Mas se um cara, um homem entregar um cartãozinho, filósofo, não dá... eu me apresento sempre como professora de Filosofia.”
(“Pragmática”-Encontro grupo focal)

Como afirma Garretas (1997), na Europa, desde o século XV, havia escritoras que recuperaram o saber clássico, mulheres que escreveram para estar em paz com suas vidas, para dizer sua experiência pessoal, construindo a si. Essas mulheres mostraram que o modelo de gênero feminino vigente era injusto e inadequado, introduziram suas vozes, construindo um modelo mais progressista e mais justo (p. 98). Além de tudo, mesmo com produções originais, criando categorias próprias de análises, não se assumem como filósofas, não que isso seja o mais importante, mas por que é mais fácil ver os homens se assumindo como filósofos e as mulheres não?

A “Transgressora” disse:

eu tenho muitas restrições para me considerar filósofa, eu acho que eu sou uma professora que me empenho em problematizar. Faço um esforço muito grande nesse sentido, mas eu não sei. Para mim um filósofo tem que ter uma contribuição muito original. Eu não me sinto assim (Entrevista II, 2006)

Outra professora diz que parece que ser escritora é quem vende muitos livros, ou que estão na mídia, ou que estão nos programas televisivos, a partir dos livros que escrevem e

³⁶ Gramsci (1982) afirma em sua obra “*Os intelectuais e a Organização Cultural*” que todos somos filósofos, mas que nem todos exercem sua capacidade intelectual.

³⁷ Refiro-me ao encontro em forma de grupo focal, onde apenas uma não esteve presente.

tudo mais. Disse que se ser escritora é ter o ofício de escrever, até poderia se aproximar de ser uma, já que escreve, gosta e está sempre publicando aquilo que escreve. Mas ser escritora do ponto de vista de viver dessa profissão e de viver de venda de livros, de poder ter seus escritos feitos pelas editoras comerciais, publicados e distribuídos no comércio, isso ela não tem. Ela diz ainda:

Eu não sou conhecida como escritora, talvez as pessoas me conheçam como alguém que lida com a Filosofia, que escreve poesias e escreve textos filosóficos. Mas do ponto de vista de escritora é a Lia Luft, esse povo aí que lida também. E parece que associa escritora com a literatura. É muito difícil que você veja assim, filósofa e escritora, por muito tempo quando eu morava em Santa Maria, eu escrevia sistematicamente para o jornal local e eu colocava no final do meu artigo, (que até tenho reunido para tentar publicar um conjunto de artigos que são conjunturais), filósofa e escritora, né. Mas daí houve um momento que me deu um impacto, mas o que é isso, eu estou me chamando disso, mas será que eu sou isso? Tipo uma crise de identidade a partir de um viés de como também o outro te olha? Se tu me perguntares, eu me sinto, eu me sinto, eu sou e exerço essa função de pensar e de escrever sobre o que eu penso e de debater o que os outros pensam, e a partir do que os outros pensam, do que eu penso. Então, digamos, eu exerço um papel, mas não há um reconhecimento público disso aí... a rigor eu vejo que para ser filósofa e escritora tem que haver um reconhecimento da comunidade, dos pares e enfim, dos que lidam com isso. Não sou eu que me digo escritora, não sou eu que me digo filósofa. Eu já tive debate sobre a questão do meu livro da ética da necessidade, de pessoas que disseram assim: “você construiu uma categoria teórica, ética da necessidade. Isso é super interessante, você tem que valorizar mais isso, divulgar mais esse livro”, e tal. Daí tem toda uma história, o livro é editado pela editora da Unisinos que não é uma editora comercial, ela tá no circuito das editoras Universitárias. Inclusive quando eu estive em Brasília na Universidade Católica, até por conta também das questões levantadas nesse livro, as pessoas me diziam que tiveram a maior dificuldade de comprar o livro, porque elas procuravam em Brasília e não achavam, porque não sei como é que é a distribuição das editoras universitárias e também nesse debate sempre aparece essa questão. É um conceito, assim como tem ética da alteridade, de Lévinas? Ética do discurso, de Habermas, você construiu uma categoria teórica chamada ética da necessidade e isso tem sentido, talvez você não esteja conseguindo estar vendo o tamanho do que você fez (“Rebelde”-Entrevista II, 2006)

Nesse sentido, elas não se percebem como Filósofas, mas como pessoas que gostam da Filosofia:

Bom, filósofa? Talvez não, mas alguém que gosta de filosofia e que procura ler filosofia, mas filósofa propriamente, sei lá. Na medida que a gente discute as questões nossas, do nosso tempo, também do que nos incomoda, daí sim, eu acho que a gente faz filosofia, que a gente reflete criticamente os problemas da atualidade, que é do meu tempo.

Que eu tenho que dar resposta como mulher, como ser humano, então nesse sentido eu posso dizer que eu sou filósofa, que eu me considero filósofa. E foi o que o meu orientador disse na minha defesa. Ele disse na minha defesa, porque ele disse que eu não fiz uma filosofia para mostrar, mas eu fiz filosofia do que eu acreditava e que eu fiz uma reflexão minha realmente, que não estava nos livros, então, se for nesse sentido (“Militante”-entrevista II, 2006)

Elas sentem receios. A artista disse ter um pouco de receio com a idéia de identidade, que talvez fosse o que desencadeasse o receio em se identificar. Ela não gosta do “enclausuramento” de tudo o que possa ser identitário, que coloca sobre determinados traços. Essa professora acredita que “temos muito a ganhar, quando a gente rompe com as identidades” (“Militante”, Entrevista II, 2006).

Outra professora nos contou que lia muito desde os anos 80 e teve que fazer um esforço enorme para trabalhar com filosofia da educação, ela relata que, além de toda trajetória normal para trabalhar com filosofia, ela começou a estudar Habermas e filosofia alemã em livros traduzidos. Iniciou os estudos de alemão, já tendo estudado inglês e conta que:

... Sem ninguém para indicar meu nome para nada. Foi fazendo concurso, procurando em jornal. Isso foi muito difícil. As dificuldades de abrir espaço ficam mais agravadas pelas marcas dos primeiros tempos, com as primeiras humilhações dos professores arrogantes. Todo tempo passou isso no curso sabe, porque eu não tinha preparo nenhum, nenhum. Como consequência, não me sentia à vontade num ambiente arrogante. Eu não lia numa língua estrangeira; não conhecia a vida acadêmica. Eu cheguei na faculdade sem saber o que era cultura contemporânea. Não conhecia Miró, Picasso. Eu só tinha uma boa formação escolar, no sentido de conhecer aquele mínimo que a escola trabalha, redigia bem, boa ortografia e coisas assim; e um desejo imenso de me aproximar do saber. Lia, porque naquela época se lia. Mas eu não tive uma família que discutia. Então tive que fazer exatamente um esforço dobrado para recuperar minhas deficiências na formação cultural. Aí eu encontrei no pensionato (feminino, só para mulheres) uma professora de história no Colégio Centenário (em Santa Maria) muito liberada - chamava-se Maria do Carmo Fabrício. Com ela me familiarizei com diversos autores da literatura. Eu lembro que li Werther de Goethe de sua biblioteca pessoal. e tinha dificuldade de compreender o contexto em que se situava o romance. E achava que eu era muito burra. Tais foram as dificuldades que eu tive que superar. Nesse período comecei a me interessar pela leitura clássica. Posteriormente, também senti necessidade de estudar grego. Então foi necessário bastante esforço para consolidar uma carreira de professora de filosofia. (“Transgressora”- Entrevista I, 2006)

No encontro do grupo focal, tentei problematizar essa questão: se elas não se consideravam filósofas, o que elas e as outras mulheres na Filosofia estão produzindo seria pedagógico ou filosófico? A “Artista” auxiliou muito nessa problematização, disse que essa dificuldade de se considerar assim, não acontece com outras profissões; a “Transgressora” fala inclusive da “carga” e “peso” que a filosofia incorporou depois de termos tido pensadores como Platão, Heidegger, Kant, que inventaram o que ninguém tinha inventado, por isso, não dá para se considerar filósofo ou filósofa nos nossos dias. A “Pragmática” diz:

Você pode ser um biólogo que ninguém fala de você, quando fala que é um biólogo, é só uma profissão. Por isso que não é tão difícil, porque não é difícil você ser discriminada num curso de Filosofia. Porque você não consegue dizer que não é contigo. Porque você não minimiza sua relação com o saber. Porque é um saber, eu acho que essa é a principal fundamentação, porque você tá discutindo problemas essenciais, que não dá para supor nada. Você tem sempre que pensar e justificar e tomar para si a responsabilidade de um ponto de vista racional, ou não racional. Mas daquilo, que você tá falando. Você não pode submeter, que isso afeta, tá garantido. Não tá. Então isso dá um peso..(Encontro Grupo Focal, 2006)

Tivemos longas reflexões. A “Artista” polemizou questionando: “*Se eu defino que o fazer filosófico se dá necessariamente a partir de uma invenção, o ser professora de Filosofia, significa então, reproduzir as invenções?*” A “Transgressora” trouxe um exemplo dizendo que seu texto é completamente diferente de um texto de professora de didática, que é um texto que ela respeita, mas é pedagógico. Ela disse ainda:

O meu só seria pedagógico se alguém entende num sentido muito amplo que eu estou discutindo questões de ética na Educação. Mas a minha maneira de problematizar essa ética, é do ponto de vista de como a Filosofia se enfrentou, se é possível, por exemplo, educar uma demanda ética, isso é uma questão filosófica, porque educação faz parte de um contexto que está regado e vai tratar digamos, de educar para tais valores, como se ensina, repetindo a pergunta de Platão. E isso eu acho que é Filosófico. (Encontro grupo focal, 2006)

A “Transgressora” lembrou que o trabalho de quem ensina não se dá só com a relação com o conhecimento. Ele pode inclusive ser criativo na forma como reorganiza isso, de como trabalha essas definições; não invalida que o outro, o biólogo, o matemático, também trabalhe. E ele pode fazer isso, de uma forma criativa, no procedimento pedagógico. Essa mesma professora diz que não faz uma teoria original, que articulou de maneira profunda, sistemática

e original um conjunto de idéias³⁸. A “Pragmática” concordou com essa professora e disse ainda: “de forma profunda e sistemática, que ajudou a ampliar...”.

A “Artista” analisou que essas questões não estavam ainda bem resolvidas para ela, mas que pensa “que um professor de Filosofia, ele não poderá ser um bom professor de Filosofia, se ele não for filósofo. Porque a criatividade de um professor de Filosofia está justamente na sua capacidade de Filosofar”. A “Transgressora” afirmou que não sabe se tudo o que nós inventamos é uma teoria nova, e trouxe um exemplo bem feminino:

...tu podes inventar um modo de relação com um filho, totalmente singular, em torno do teu contexto, das exigências da criança. . Eu vou dar humildemente um exemplo, em que eu acho que eu fui criativa: se refere à alimentação de meu filho. Eu não queria parar de amamentar e, como precisava sair para trabalhar, dava mama no peito ao meio dia e a pessoa que cuidava de meu filho enquanto eu trabalhava, dava sopa, às dez da manhã. Eu achei uma ótima solução, não foi?... eu criei uma resposta, porque todo mundo tinha aquele padrão... Às vezes, é muito simples mudar o padrão. Claro que o meu exemplo é muito primário, mas foi o que eu consegui fazer. Podes inventar tudo. Mas isso não significa que isso seja uma nova teoria sobre a infância, por exemplo, ou sobre a maternidade, mas são as lições fundamentais, que passadas depois por uma série de outros crivos, podem se tornar orientações de vida. O filósofo é aquele que, num determinado momento, cria conceitos e teorias que ficam no tempo (aqui estou usando o conceito clássico daquilo que permanece na história). Então, a gente nem pode saber quem vai ser filósofo ou não, isso precisa de uma prova do tempo. Isso que tu estás dizendo [se referindo a “Artista”], eu acho muito importante, porque eu posso ter na minha atitude, eu posso ter momentos de reflexão filosófica, de especulação no sentido original,. Isso tudo, eu acho, é o que dará riqueza a todas as minhas intervenções, como professora. Nós estamos aqui, não como professoras, nós estamos como depoentes de uma experiência, biografando. E aqui nós também podemos estar sendo criativas (Encontro grupo focal, 2006).

A “Pragmática” questionou também:

ninguém tem pudor de dizer que é intérprete e não compositor, e porque a gente tem em dizer que é historiador da Filosofia e não filósofo? Eu acho que quem quer ser filósofo, to dando a maior força, mas meu amigo, você não vai se enfrentar comigo, você vai se enfrentar com os grandes (Encontro grupo focal, 2006).

Sem dúvida, os tempos são outros e talvez hoje as mulheres não vivenciem o que algumas dessas professoras vivenciaram. No papel de professora e pesquisadora em formação, tenho inquietações sobre essa questão, pois essas mulheres fizeram trajetórias parecidas com

³⁸ Falas do encontro–grupo focal-(2006)

as de homens na Filosofia, homens que são convidados como Filósofos brasileiros para participar de bancas, ministrar palestras e cursos. Em algumas falas delas, aparece essa “distinção sutil”. Elas são minoria nos cursos de Filosofia e talvez sejam as que mais sofram com o “peso”, como elas mesmas diagnosticaram sobre a herança da Filosofia. A “Transgressora”, denunciou que, por ser mulher, sofreu muito. Lembrando da seleção de mestrado que prestou para Filosofia, ela disse: “*Não é nem porque eu rodei na prova, mas porque não me aceitaram*” (Encontro-grupo focal, 2006).

Talvez ainda seja difícil a aceitação das mulheres na Filosofia, tanto que há menos mulheres professoras e alunas de Filosofia, especialmente nos cargos e em programas de pós-graduação, como mostraremos mais adiante. Percebemos que o tempo amenizou alguns problemas, mas tenho tido algumas experiências onde falo da pensadora Nísia Floresta como uma filósofa, pois Nísia Floresta, “usa da escrita para reivindicar igualdade e educação para as mulheres” (TELLES, 1997, p. 405) traduziu o livro da inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) intitulado *Vindications for the rights of woman*, de 1792. Esse foi publicado em 1832, teve edições na capital gaúcha em 1833. Constância Lima Duarte (1989), nas primeiras páginas do livro “*Direitos das mulheres e injustiça dos homens*” nos diz que como a feminista inglesa, a qual, em seu texto, ataca os preconceitos sociais de sua época e demonstra que as mulheres são seres humanos, com direito à mesma educação que os homens recebiam, Nísia Floresta também assim o faz, apenas à sua maneira, segundo sua experiência e mais de acordo com as especificidades da mulher brasileira (p.20). Nesse sentido, mesmo sem um diploma de filosofia, ela esteve ao lado de grandes pensadores, como Auguste Comte, e pensou filosoficamente, questões de seu tempo.

1.4 Filosofia e feminismos: aprendendo outras leituras com algumas filósofas

...é inegável que as temáticas filosóficas têm estado presentes nos estudos sobre as mulheres, pois muitos dos temas que preocupam os diferentes feminismos são de cariz filosófico (DICIONÁRIO DA CRÍTICA FEMINISTA, 2005, p. 80)

As portuguesas Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral organizam o “*Dicionário da Crítica Feminista*”, onde consta o verbete *filosofia e feminino*. A título de exemplo, elas apresentam duas perspectivas, que revelam uma total discordância quanto à relação feminismo/filosofia e sobretudo quanto ao tema da especificidade de uma filosofia no feminino. Elas contam que são apoiadas por Mary Warnock, que tem-se preocupado em

divulgar mulheres filósofas e é contrária a uma “*gendered philosophy*”. Essa pensadora inglesa contemporânea diz que o sexo e o gênero não têm relevância para ela e, de outro lado, Genevière Lloyd sustenta outra tese, na qual defende um caráter próprio da filosofia feminina, bem como a necessidade de a tornar visível (p. 80). No dicionário, é relatado que Lloyd no livro “*The Man of Reason*”, traça o desenho de uma razão ocidental que considera masculinizada, fazendo o levantamento de certos estereótipos filosóficos em que triunfa uma maneira masculina de ver o mundo e de problematizá-lo (idem). Como podemos perceber, essas discussões estão sendo feitas em outros países, porém há a necessidade de nos apoderarmos dessas leituras aqui no Brasil.

Na verdade, a discussão de uma filosofia feminina divide as investigadoras, que levantam o problema da diversidade de metodologias filosóficas e do modo sexuado de fazer filosofia. Se há muitas vozes que, em sintonia com Warnock, consideram ser irrelevante tal questão, outras há como Janice Moulton (1996) ou Sarah Rudick (1989), a defender uma filosofia feminina autônoma (DICIONÁRIO DA CRÍTICA FEMINISTA, 2005, p. 81)

Os movimentos feministas contribuíram muito nas últimas décadas³⁹, mas na filosofia ainda temos poucas produções sobre esse tema em nosso país. Há necessidade de fazer redes, ultrapassar barreiras, fronteiras, questionar e levantar perspectivas frente a esse processo de exclusão, para que a escola seja um espaço de possibilidades e não como ainda vemos, um lugar de exclusão ou aprisionamento de idéias. Nesse sentido podemos considerar que “para além dessa questão genérica sobre a especificidade de uma filosofia feminina, o pensamento feminista cruza-se com outras temáticas filosóficas” (DICIONÁRIO DA CRÍTICA FEMINISTA, 2005, p. 81). Sorj (2004) reafirma, ao analisar os estudos de gênero no nosso país, que a consequência não intencional da experiência histórica de participação numa ampla aliança foi a construção, no Brasil, de um feminismo mais sensível às questões das desigualdades sociais do que em outros países da América do Norte e da Europa

Algumas filósofas têm se dedicado com afinco às questões filosóficas, posicionando-se inclusive com seus olhares feministas, como exemplificamos anteriormente. Para Guimarães (2005) enquanto o androcentrismo sustenta-se em modos de controle, o feminismo pode levar, para benefício de todas nós, a práticas subversivas de tais modos-práticas que

³⁹ Há um pequeno livro “*O que é feminismo*” que pode auxiliar na compreensão introdutória desse movimento. Ver também: “*O feminismo mudou a ciência?*” de Londa Schiebinger; “*Tiempo de Feminismo sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad*” de Célia Amorós; “*Feminismo, Educação e Cidadania*”, de Maria da Penha Carvalho.

promovem crítica e mudança conceitual, e vão desde as rotinas e expectativas, passando por como conduzimos a reflexão, até os conteúdos e produtos filosóficos finais (p. 188).

A bibliografia relacionada à filosofia, estudos de gênero e feminismos, ainda é difícil de ser encontrada, quando conseguimos são escritas em inglês e ainda não há tradução para o português⁴⁰. Nísia Floresta disse: “mas se a paz e a justiça são nosso único estudo; toda nossa ambição se reduz a reparar os danos que esse sexo corrompido procura fazer-nos com tanto furor” (p.69). No capítulo V, intitulado: “*Se as mulheres são naturalmente capazes de ensinar as Ciências ou não*”, do livro “*Direitos das Mulheres e Injustiça dos Homens*”, fala que quanto à retórica, é preciso convir que nós somos os seus modelos e mestres avaliados. A eloquência é um talento tão natural e particular às mulheres, que ninguém lhes pode disputar, se temos uma eloquência mais comunicável que a sua, nós devemos ser, ao menos como eles, tão capazes de ensinar as ciências; e se não nos vêm nas cadeiras das Universidades⁴¹, não se pode dizer que seja por incapacidade, mas sim por efeito da violência com que os homens se sustentam nesses lugares, em nosso prejuízo (p.67-68-69). Assim como Nísia falou no início do século XIX, outras mulheres e alguns homens têm pensado o feminismo.

Sandra Harding (1993) é um exemplo. Para essa pensadora “ a pesquisa feminista não representa a substituição da lealdade a um gênero pela lealdade a outro-a troca de um subjetivismo pelo outro-mas a transcendência de todo gênero” (p. 14). Sandra Harding (1993) acredita que “não passa de delírio imaginar que o feminismo chegue a uma teoria perfeita, a um paradigma de “ciência normal” com pressupostos conceituais e metodológicos aceitos por todas as correntes” (p. 11). Levando em conta que o feminismo não é uma corrente de pensamento neutra, essa última pensadora fala numa perspectiva empirista feminista, que alega que o sexismo e o androcentrismo são preconceitos sociais. O que Harding propõe é que “devemos, simultaneamente, cultivar a investigação “separatista” artesanalmente estruturada e impregnar de valores e objetivos feministas as ciências industrialmente organizadas” (p. 28). Essa investigação, ao que me parece a partir de leituras preliminares, trata-se de uma investigação marginal.

O pensamento feminista na Filosofia, em nível de América Latina, ainda é muito pouco divulgado em nossas universidades, menos ainda nas escolas e em livros didáticos.

⁴⁰ Nísia Floresta (1989) é um exemplo de pensadora feminista, que pode ser considerada uma filósofa. Apresentei trabalho com publicação no Seminário Internacional Fazendo Gênero 7 sobre essa pensadora e defendi essa idéia.

Podemos destacar as produções da Editora Antropos (Barcelona), algumas produções do departamento de Filosofia da Universidade Autônoma do México, o grupo de mulheres que organizaram no Brasil (Rio Grande do Sul) dois simpósios intitulados “As mulheres e a Filosofia”, realizados na UNSINOS- RS; os estudos em “Epistemologia Feminista de professora Livia Guimarães da UFMG⁴² (Universidade Federal de Minas Gerais); os artigos e orientações da professora Maria da Penha Carvalho (Universidade Gama Filho); as produções teóricas de Sandra Harding, as contribuições da Filósofa Graciela Hierro, Francesca Gargallo, as leituras de Dorilda Grolli (ULBRA RS) sobre quatro filósofas em especial, Simone de Beauvoir, Hannah Arendt, Maria Zambrano e Simone Weil. Existem outras professoras latino-americanas que buscam resgatar os saberes das filósofas.

Pienso que la igualdad de los sexos que permea todas las razas y culturas, tal vez contribuya a una situación más igualitaria, aun entre los desiguales. Viene a mi imaginación el símil de la construcción de un túnel que se inicia desde los dos extremos de la montaña y se encuentra en el centro. Ninguna de las dos partes empeñadas en la tarea de horadar la montaña es capaz de abarcar la tarea total; sus esfuerzos, sin embargo, son igualmente importantes para lograr el objetivo: disminuir el sufrimiento humano innecesario (HIERRO, 1990, p.121)

Para Hierro (1990) será sobre o todo da vida cotidiana que nós, mulheres, poderemos dar origem a uma nova cultura. Hierro encerra “*Ética y Feminismo*” dizendo que é consciente de que o feminismo não supera a exploração humana, mas para essa filósofa, dentro de cada movimento feminista deve haver “una sección política que englobe las metas sociales restantes; asimismo, em cada grupo político debe haver um grupo feminista que luche contra la opresión femenina” (1990, p.122). Essa é uma questão política, mas também é filosófica, sociológica e histórica-cultural, porém, nem todas as mulheres e os homens que trabalham na filosofia possuem uma atitude política voltada para essa questão.

As lutas das feministas variam conforme o seu lugar, variando com suas necessidades; assim, na Filosofia, constatamos que, em determinados países, as mulheres são mais valorizadas e suas obras são mais publicadas e divulgadas do que em outros; no entanto,

⁴¹ Para saber mais sobre o trabalho feminino no Brasil, ler: “*Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras de prestígio*”. SEPARATA. Revista Estudos Feministas.

⁴² As portuguesas dizem no Dicionário da Crítica Feminista que “a epistemologia tem sido um terreno profícuo nos debates feministas, nomeadamente no que se refere ao papel do gênero na captação do real, à legitimidade de um método científico universal e ao peso da masculinidade na construção científica (2005, p. 81). Harding (1993) diz que diversas autoras têm feito importantes reflexões epistemológicas na direção de uma “ciência feminista alternativa”, por exemplo: Jane Flax (1983), Nancy Harstock (1983), Hilary Rose (1983) D. Smith (1974 e 1979). Para conhecer mais o trabalho da brasileira Livia Guimarães sugiro a leitura dos textos: “*Mulheres fáceis, Mulheres difíceis*” e “*A Quixote Mulher-Ficção e Filosofia*”, de dois textos de sua autoria.

algumas mulheres e pouquíssimos homens se interessam por essa questão. Conhecemos mais Simone de Beauvoir e Hannah Arendt do que as pensadoras latino-americanas.

Em todos os países existem mulheres que sofrem discriminação, preconceito e/ou violência. Nós ainda somos discriminadas nas ciências. Em um artigo na Revista Estudos Feministas, Michèle Ferrand (1994) destaca a manifestação sutil da dominação masculina, que faz com que as mulheres sejam excluídas da prática das Ciências. Nesse texto, é apresentada a exclusão na matemática e física. Diante de suas constatações, a autora diz que para interrogar sobre os processos sociais que chegam a tal fenômeno eram possíveis dois caminhos: o primeiro, interrogando as meninas que fracassaram, e o segundo (o qual foi escolhido), interessar-se pelas moças que conseguem invadir esses espaços masculinos, compreender como elas conseguem ter acesso a essas formações de prestígio e em que a análise de suas trajetórias singulares, de suas disposições peculiares, esclarece sobre a ausência e a exclusão das outras (p. 360).

Na Filosofia, a situação não é muito diferente. Muitas de nós, que pesquisamos sobre as idéias e vidas de Filósofas, com objetivos semelhantes aos de Michèle Ferrand, buscamos nos feminismos em movimento, subsídios teóricos e metodológicos para nossas pesquisas. Hierro (1990) diz, que:

Su preparación intelectual les permitirá descubrir la especificidad de su lucha, es decir, el hecho de que sólo el esfuerzo feminista se encamina a superar la opresión femenina; asimismo que si su movimiento se inscribe dentro de otras luchas por superar la explotación, pierde fuerza su objetivo básico: *lograr la imposición de los valores femeninos* (p. 122)

Não há como pesquisar sobre mulheres filósofas e/ou mulheres e a filosofia sem falar das relações de gênero, feminismos e marginalização. Se não falássemos de gênero, não poderíamos falar de marginalização. Isso porque não há marginalização sem o outro e, portanto, sem relações humanas. Como afirma a professora Guacira Louro (1997), não parece ser possível compreender a história de como as mulheres ocuparam as salas de aula, sem notar que essa foi uma história que se deu também no terreno das relações de gênero: as representações do masculino e do feminino, os lugares sociais previstos para cada um deles são integrantes do processo histórico. Gênero, entendido como uma *construção social*, e articulado à classe, etnia, religião, idade, determinou (e determina) algumas posições de

sujeito que as mulheres professoras ocuparam (e ocupam). Discursos carregados de sentido sobre os gêneros explicaram (e explicam) como mulheres e homens constituíram (e constituem) suas subjetividades, e é também no interior e em referência a tais discursos que elas e eles constroem suas práticas sociais, assumindo, transformando ou rejeitando as representações que lhe são próprias (p.478).

Na perspectiva de gênero, buscamos pesquisar as professoras de filosofia, para perceber se ainda estão numa relação com os homens, na filosofia, marcada por disparidades e preconceitos. Falar de mulheres é falar de exclusão, marginalidade e opressão, pois nossas histórias nos países em desenvolvimento são marcadas por olhares repressivos. As mulheres foram consideradas na história ótimas servas, cortesãs e belas escravas, mas raramente reconhecidas e valorizadas como seres humanos. Mulheres mundanas que, com suas belas carnes, poderiam servir aos homens, mas nossos cérebros não podiam servir para a Filosofia, a geometria e às ciências no geral. Para a filósofa Hierro (1990) são os atributos *inferiorização, controle e uso*, (que Beauvoir também trabalhou), que causam a condição de opressão das mulheres e que impossibilitam que elas realizem um projeto de transcendência (p.13). As mulheres aprenderam a acreditar que a palavra é do homem e o silêncio é delas. Treinada para pensar como homem, a mulher está fora dos sistemas simbólicos pela sua natureza. E que, “do ponto de vista do homem, é incompleta porque não possui pênis e que por isso é incapaz de articular o seu pensamento” (MURARO, 2002, p. 192).

Essa visão e esse trato estão situados no âmbito das relações de gênero, e segundo um consenso, por parte de algumas teóricas feministas, gênero é uma categoria de análise que busca pensar as relações entre homens e mulheres inseridos num meio social. Joan Scott (2005), afirmou que gênero é socialmente e culturalmente construído. Mas, não podemos desconsiderar que tal análise, hoje presente em diversas áreas, nasceu de uma constante luta e estudo a partir das feministas de diferentes países. Porém, os debates feministas contemporâneos⁴³ sobre os significados do conceito de gênero levam repetidamente a uma certa sensação de problema, como se sua indeterminação pudesse culminar num fracasso do feminismo (Butler, 2003, p. 7). Então cabe salientar, nesse estudo, que se há hoje um estudo sobre as relações é porque foram as feministas e alguns poucos homens pró-feministas que lutaram na academia e fora. Butler (2003), lembra Irigaray e Foucault:

⁴³ Mais sobre isso sugiro leituras de textos de Francesca Gargallo (s/d), Graciela Hierro (1989, 1990, 1993), Luce Irigaray, Judith Butler (2000).

Na opinião de Irigaray, a gramática substantiva do gênero, que supõe homens e mulheres assim como seus atributos de masculino e feminino, é um exemplo de sistema binário a mascarar de fato o discurso unívoco e hegemônico do masculino, o falocentrismo, silenciando o feminino como lugar de uma multiplicidade subversiva. Para Foucault, a gramática substantiva do sexo impõe uma relação binária artificial entre os sexos, bem como uma coerência interna artificial em cada termo desse sistema binário. A regulação binária da sexualidade suprime a multiplicidade subversiva de uma sexualidade que rompe as hegemonias heterossexuais, reprodutiva e médico-jurídica (p. 40-41).

Acreditando que a margem tem um valor em si, percebo os saberes e vivências dessa parcela da população, que é colocada à margem, através de um conceito social econômico, com saberes tão importantes quanto os de outros. Em países em desenvolvimento, por que são estudadas idéias de pensadores que não fazem parte dessa realidade? Na função de professora ou de aluna, fico nesse limite e, muitas vezes, continuo estudando e ensinando os saberes de pessoas de outra cultura, sem conexão com a nossa realidade.

É importante perceber que isso se dá com algumas mulheres, que se permitem defrontar, confrontar, provocando um tencionamento filosófico. A “Transgressora”, a “Militante” e a “Artista” foram as professoras que mais demonstraram essa característica, que mais tencionaram as questões de gênero (cada uma de sua maneira). Sem medo, elas falam, e se posicionam na sua condição de mulheres que pensam e fazem filosofia, sem seguir necessariamente uma linha ou o que querem que sigam, vão ao encontro do inusitado.

..quando eu fui trabalhar na universidade federal eu comecei trabalhando a questão de gênero. Eu trabalhei sempre nessa linha de pesquisa, e quando eu cheguei na ULBRA, não tinha essa linha de pesquisa e nem hoje tem, que eu conheça pelo menos, nem na sociologia e muito menos na minha área, na filosofia que só tem homens, na teologia menos ainda e na pedagogia também não tem, então eu trabalhei durante dois anos, sozinha. Então trabalhei dois anos só com essa pesquisa na ULBRA, depois eu fui convidada a trabalhar com ensino superior, a docência no Ensino Superior, que era uma linha de pesquisa do mestrado e ainda é da ULBRA. Então eu sempre gostei de trabalhar as questões de gênero, filósocas e a Filosofia... (“Militante”- Entrevista I)

Esse resgate da identidade de pessoas que foram deixadas de lado, excluídas⁴⁴ em processos históricos e nas salas de aula, faz parte de preocupações de pessoas que visam uma educação, em

⁴⁴ A obra de Avelino Rosa “A exclusão em Marx” traz boas reflexões sobre o termo exclusão. Freire (1984) usa os termos “apartados”, “esquecidos” e ainda “demitido da vida”, “esfarrapados do mundo”, “condenados da terra (p.32)”.

que as histórias não são contadas pela metade, pois hoje, não podemos mais deixar de falar o que nos foi proibido em outras épocas.

1.5 O que dizem algumas filósofas feministas quanto às mulheres e a filosofia?

Talvez, nessas teorias que os homens vislumbram para regular suas idéias-raciocinam as mulheres-possa haver alguma coisa adaptável aos propósitos feministas. As mulheres poderiam tomar os argumentos do próprio adversário, voltá-los contra ele, e gerar uma sociedade humana que incluísse as mulheres (NYE, 1988, p. 15)

Conhecer as mulheres filósofas não é uma atividade muito simples, frente a todo o contexto social, histórico e filosófico que buscamos mostrar nessa pesquisa.

A primeira constatação é que muitas das filósofas, desde as clássicas, como Safo de Lesbos, até as mais modernas, como Graciela Hierro eram feministas, ou seja, houve e ainda há filósofas feministas. Elas falavam e falam muito de suas condições como mulher, abordam realidades de seus cotidianos, muitas vezes, e falam a partir de si mesmas, muitas inclusive fazem críticas fundamentais para a filosofia, analisando o cotidiano com o rigor filosófico. Simone de Beauvoir (2000) escreveu, por exemplo, que a história mostrou que os homens sempre detiveram todos os poderes concretos; desde os primeiros tempos do patriarcado, julgaram útil manter a mulher em estado de dependência; seus códigos estabeleceram-se contra ela; e assim foi que ela se constituiu concretamente como Outro (p. 179). Esse perceber-se como “outro” foi repetido e continua sendo por muitas mulheres em diferentes áreas do conhecimento, sendo inclusive as feministas que mais se apoderaram dessas idéias. Uma das pesquisadas respondeu, quando eu perguntei, se como mulher ela possuía alguma revolta com relação à filosofia:

Tenho, quando percebo atitudes machistas, discriminatórias e atrasadas por parte dos homens filósofos. Felizmente, meus colegas atuais são primorosos neste aspecto. Já vivi tais atitudes em diferentes contextos (“Rebelde”, entrevista 2, 2006)

Permitir-se pensar como mulher na filosofia não é nada fácil, como já vimos anteriormente; posicionar-se como feminista e falar de feminismo é ainda pior. Observamos a fala dessa mesma professora, com relação ao feminismo:

eu não tenho a figura da mulher frágil, coitadinha [sabe?], que tem que rastejar, que tem que se vender, que tem que ficar esperando que um homem a segure e a leve para o mercado de trabalho ou para qualquer outra coisa, então eu vejo isso, muito bom, eu sou muito bem resolvida nisso[rss]...eu sempre tive algumas implicações quando se começava a discutir essa coisa do feminismo, a queimação de sutiã,

porque eu não via assim, eu sempre me senti e me sinto muito feminina [né], mas nunca entrei nessa coisa de ser feminista, pode ser até porque eu não tenha entendido o contexto da coisa, também não li muito sobre essa questão, respeito, brinco, converso e discuto com minhas amigas, inclusive com a Magali, com a Penha e tal. Mas, eu acho que a mulher tem uma fala também dela, assim [né.. Acho complicado inclusive até assim, num Congresso de Filosofia de Mulheres, num congresso de assuntos de feministas, a questão da mulher, eu acho muito difícil entrar um discurso filosófico do ponto de vista da estrutura do conceito filosófico, se você não tem leitura das questões do feminino, se você não tem uma inserção mínima. Eu acho assim difícil, mas há possibilidade de fazer] (“Rebelde”, Entrevista I, 2006).

A professora “Militante” disse, também:

*Não é por ser feminista, é porque penso que seja um seguimento discriminado e isso é o que eu quero mostrar sempre para os alunos. Eu não sei se eles entendem, mas pelo menos eu procuro mostrar, que no momento em que eu trabalho um setor, uma parte da humanidade discriminada, eu estou tratando de todas as discriminadas, não só da mulher. Mas se eu começo a trabalhar a questão da mulher vai vir a questão do negro, a questão do pobre, a questão do homossexual, enfim, todas essas questões que as pessoas não querem trabalhar, ou não trabalham abertamente. Não se toca nesse assunto. E com os alunos (eu estou falando agora das minhas aulas), quando surge o problema, ou a oportunidade de falar da questão da mulher eu vejo que os alunos começam a se mexer. Parece que é uma coisa forçada. Isso incomoda de certa forma...**Falar no feminismo é ainda algo que causa estranheza, assim, falar das questões da mulher, educação da mulher... Eles acham que eu estou forçando a barra para falar sobre isso** (“Militante”, Entrevista II, 2006).*

O que muitas professoras vêm fazendo para terem um espaço na filosofia e atuarem com essas questões é encontrar pensadores, teorias e/ou correntes da filosofia para se “agarrar”, já que ainda no Brasil (e suspeitamos que na maioria dos países europeus e latino-americanos também) não há, e se há desconhecemos, aceitação de pesquisas e trabalhos que não se apoiem em filósofos tradicionalmente trabalhados desde o ensino fundamental até a docência livre. A “Militante” nos disse ainda:

...questões de gênero, filósofas e a Filosofia é realmente algo de que gosto e quero escrever sobre isso, trabalhar e fazer pesquisa, mas atualmente não tenho, digamos, um campo dentro da minha área de profissão para trabalhar. Então, é por isso que ela é uma paixão, mas não é o que eu posso fazer no momento (“Militante”, entrevista I, 2006).

... é um tema assim, que não se trabalha normalmente, não sei por que...mas acho que não é prioridade... (“Militante”, entrevista II, 2006).

Esse contexto exclui literalmente a vontade de ousar, de criar e pensar algo novo filosoficamente, pois temos sempre que nos prender ao “velho”. Além disso, essa postura incluiria fazer uma crítica ao pensamento neutro, à neutralidade da Filosofia. A “Artista” falou sobre essa questão em uma de nossas conversas:

..tem um peso muito complicado tu falares que é feminista no meio filosófico. Parece que é muito mais tranqüilo tu falares que é feminista na educação, nas ciências sociais. São lugares em que essas questões transitam de uma forma “mais tranqüila”, não que esteja tudo resolvido ali. Mas eu vejo um dos problemas que eu identifico que torna complicado falar de feminismo dentro da filosofia. É essa insistência que a filosofia tem de destituir o sujeito da fala. Esse é o sentimento que a gente tem e vai passar por vários textos clássicos da filosofia e “quem é que ta falando ali?”, “quem é que ta dizendo aquilo ali?”. Sempre se fala a partir de um campo neutro. Aquele sujeito não tem classe social. Ele não tem religião, ele não tem sexo. Eu acho que isso começou a se apresentar muito mais na metade de uma modernidade (a gente pode dizer assim) pra cá, porque até então esse sujeito desaparecia na filosofia. E aí, quando tu colocas, “eu sou feminista!” está apontando um sujeito. Tem um sujeito ali que está falando, que está se pronunciando. E isso é muito complicado, porque para muitos da filosofia, tu partires de questões subjetivas (e não é apenas a filosofia, eu vejo a própria ciência que durante muito tempo reforçou isso), tu partires de um discurso que não seja subjetivo, é tornar um discurso muito mais confiável. Então essa pseudo-neutralidade de quem está falando, do lugar que está colocado, é fundamental para que a tua fala tenha uma significação. Então eu vejo que isto é muito complicado na filosofia. A filosofia é uma área do conhecimento que insiste muito nos universais. Coisa que eu penso que em outras áreas isso já esteja muito mais fragilizado. Nós ainda trabalhamos com conceitos de uma forma muito densa e muito fechada e isso dificulta colocares outras questões ali dentro, que parece fragilizar, duvidar, estar colocando em risco, em choque, todo esse edifício que foi construído durante séculos da história do pensamento (“Artista” -Entrevista II, 2006).

Se as mulheres não puderam falar, escrever, assistir às aulas e assinar suas pesquisas, por exemplo, seria, no mínimo, hoje, necessário que os departamentos de Filosofia em Instituições de Ensino Superior saíssem das “mesmíssimas preocupações” e se permitissem novos olhares e perspectivas de se pensar na filosofia, o que não excluiria o rigor filosófico em hipótese alguma. O que acontece é que, até hoje, as mulheres não são reconhecidas, porque muitos homens não consideram o que elas pensavam e escreviam como filosofia, eles preferiam (e muitos preferem) falar do que poucos entendem e conhecem, do que não tem relevância social, do que a maior parte da população continua não entendendo.

Demonstrando, assim, que a filosofia nunca deixou de ser (mesmo com algumas tentativas) sexista, branca⁴⁵, heterossexual, acessível a quem tem dinheiro e fale no mínimo alemão, porque nem o português precisa estar correto. Trago uma fala de uma das pesquisadas, contando que não haviam entrado mulheres depois dela, num grande espaço de tempo, para atuar no departamento de filosofia:

Eu vejo que é um pouco essa questão. Vejo não, eu tenho certeza disso: que é uma questão ideológica? Por causa de meu pensamento de esquerda, e não é de uma esquerda panfletária, é de uma esquerda revolucionária mesmo, combativa, crítica, e que incomodava aquele povo que era muito leitor de Kant e de Hegel, no máximo. Quem trabalhou Marx primeiro foi eu, e também depois de mim, eu penso que ninguém mais trabalhou Marx. Não é porque Marx seja assim, o maior filósofo do mundo, mas ele criou e teve uma importância tal que nem ele sabia que ia ter, e que incomodou. Assim como Sócrates na época dele. Então eu acho que é tipo isso, sabe? Por que trazer uma pessoa que não pensa como nós, que não vai contribuir e que não vai fortalecer nossa rede? ...Então assim, fica toda uma história bem complexa. Eu não poderia também inventar muitos demônios e dizer que é uma perseguição .não acho que seja isso. Mas é expressiva de fato (“Rebelde”- Entrevista II, 2006).

Lembro-me de Saffioti afirmando em algumas obras (pois ela sempre reforça isso) que, na ordem patriacal de gênero, o branco encontra sua segunda vantagem. Caso seja rico, encontra sua terceira vantagem, o que mostra que o poder é macho, branco e, de preferência, heterossexual. Nas falas dessas professoras, vemos claramente que o homem encontra vantagem na história da Filosofia e nos departamentos de nossas instituições de Ensino Superior.

...eu me aposentei e nunca mais entrou uma mulher no departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Aí você veja bem, eu me aposentei em Abril de 94, nós estamos em Junho de 2006, nesse tempo que passou é evidente que houve concurso para docente, e há um quadro renovado de professores jovens. E é impossível que nenhuma mulher tenha se candidatado para ser professora. Daí eu estou lidando com a questão da suspeita, de uma informação secundária, de que não há interesse de que sejam contratadas mulheres. Então, por questões de décimos, se uma mulher tira 8,25, o homem tira 8,35, por exemplo e o que eu conheço de meninas que foram minhas orientandas e que hoje trabalham na área da educação, que tentaram fazer concurso lá e foi exatamente assim que aconteceu (“Rebelde”, Entrevista II, 2006)

⁴⁵ Tentamos encontrar uma professora negra nos departamentos de filosofia na região metropolitana para que essa participasse dessa pesquisa, mas não encontramos.

Mesmo tendo observado pessoas falarem que a Ciência é masculina, posso comprovar que houve e há um discurso que trabalha para que a ciência seja machista, bem como branca, rica... Porém, sempre houve mulheres que construíram saberes e agiram no seu tempo, construindo uma história. Dessa maneira, posso dizer que a ciência muitas vezes é machista, mas não que ela é masculina e/ou feminina. Se afirmo que ela é masculina, estou negando todas as mulheres que fizeram parte das diversas áreas científicas, seja nas artes, filosofia, literatura, química, física, matemática, entre outras. E se digo que ela é feminina, estou fazendo o mesmo, e não é a essa a intenção.

Em nota de rodapé, Maria João Pires Mendes (2001), diz que importa atender à distinção que se poderá estabelecer entre *filosofia no feminino* e *filosofia feminista*, designando a primeira acepção *todas as linhas de pensamento que permitam relevar a presença da mulher na Filosofia*, e a segunda como a *que se debruça essencialmente sobre a temática dos direitos da mulher, tendo como fim último denunciar abusos, identificar preconceitos e anular injustiças*⁴⁶. Há por parte de vários autores e autoras, principalmente a partir da década de 60, o entendimento que as teóricas e teóricos feministas vêm contribuindo muito na construção de vários saberes. Segundo Verucci (1994), nos países da América Latina, ocorrem processos de renovação política e reelaboração legislativa, dentro do quadro de implantação das “novas democracias” e os movimentos de mulheres, de configuração política e social, mesmo não necessariamente feministas, continuam sendo de importância vital para a construção dessas democracias. Mulheres de pensamento e formadoras de opinião produzem idéias, estudos, projetos, teses e programas em todas as áreas de conhecimento, mais numerosas e ousadas nos países desenvolvidos, mas também bastante significativas em países pobres. Nas ciências políticas e nas humanidades, nas artes e nas ciências, no entanto, essas correntes de pensamento feministas ainda não se integraram nas respectivas áreas de influência, detidas por forças de resistência de várias origens que, muitas vezes, emanam das próprias mulheres, que seriam as beneficiárias imediatas dessa integração e que continuam dominadas pelos atavismos culturais sexistas (VERUCCI. 1994. p.24).

Magda (1997) pondera que, para atendermos a problemática situação das mulheres como sujeitos do discurso, devemos necessariamente incluir um discurso que determine quem tem acesso ao saber, quem pode produzi-lo, que valorizações regem sua transmissão, desde

⁴⁶ Essa distinção é feita por Maria Luisa Ribeiro Ferreira em seu artigo “Espinosa, Hobbes e a Condição Feminina, Ponto 1. A legitimidade de uma leitura feminina dos filósofos”, in.: “*O que os filósofos pensam sobre as mulheres*”. Editado pelo Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

que instituições se produzem os discursos, qual é o critério de legitimidade, quais são as condições socio-históricas, como atua o sistema de castas do patriarcalismo universitário, etc (p. 35-36). Esse patriarcado universitário aparece nas falas de algumas professoras pesquisadas. Das cinco professoras, três falaram dos seminaristas, do preconceito que muitos tinham pelo fato de elas serem mulheres. Diferente da “Artista”, que se integrou mais com a turma, a “Transgressora” contou uma experiência que ocorreu na primeira semana de aula, no primeiro ano de curso e que fez com que ela se sentisse barrada...

Passei o resto do curso com pouquíssima participação, no sentido de perguntar. Estudava muito, mas me fechei em um grupo de colegas mulheres e me integrei pouco com a turma. Havia na turma uma certa preferência pelos alunos homens. Então eu fui me calando, fiz um curso muito quieta, sem maiores discussões. Em termos de desempenho nós íamos muito bem, porque nosso grupo de mulheres era estudioso e responsável, mas sempre muito restrito. (Entrevista I, 2006)

Para a “Militante”, aparece uma questão diferenciada:

...os homens todos me defendiam, pois sabiam do meu trabalho e tinha um que era assim, ele era da Filosofia do Paraná. Ele era bem reacionário. Era uma pessoa ligada à ditadura, porque ainda estávamos na ditadura, mas ele gostava tanto do meu trabalho [rs], que no momento em que eu fui expor, ele que me defendeu. Ele me defendeu e daí ninguém mais entendeu (entrevista I, 2006).

Mas os problemas que elas enfrentaram com os seminaristas, apareceram nas falas da “Transgressora”, “Artista” e da “Rebelde” com intensidade. A questão aqui deve ser pensada relacionada ao ser humano, e não, obviamente, apenas por parte dos seminaristas. A “Transgressora” relatou a sua entrada no curso de Filosofia:

E quando ele começou dizendo que temas trabalharia, eu, timidamente, levantei o dedo e perguntei: “Professor, esses são os conteúdos programáticos?” Linguagem reveladora de minha inserção como professora primária, que adotava aquele clichê da educação: plano de ensino, conteúdo programático, objetivos, etc. Era assim que se nomeava. Ele olhou para mim ironicamente e disse: “Você deve ser normalista?”. Eu tenho um branco, não lembro o que respondi; acho que respondi sim. E como era muito tímida, e como a minha primeira tentativa de comunicação ou de legitimação de meu precário saber foi desconsiderada, ironizada, fiquei muito “envergonhada!” Não tenho dúvida até hoje que foi um certo deboche, porque eles (os professores) detestavam esses assuntos, já havia um certo clima contra a faculdade de educação, contra as “professorinhas”, no caso era pior ainda porque eu era normalista. Fiquei inibida e aquilo marcou para mim um não acolhimento e bateu muito forte nessa timidez que eu tinha, nesse mundo que eu desconhecía e que eu me sentia barrada... A maior parte dos homens na aula, era de seminaristas provenientes do Seminário Palotino (em Santa Maria).

Por alguma razão, eles foram fazer o curso de filosofia na Universidade Federal.

O clima com o professor do qual relatei o exemplo permaneceu sempre desagradável. Permaneceu a intuição de que ele achava a gente muito babaca, muito boba..., então essa foi a minha entrada no curso. (Entrevista I, 2006)

A artista contou que tinha uma turma de sessenta homens. Isso a assustou muito. Eram cinco mulheres e mesmo que ela não se interessasse por essa discussão, “chegou um momento em que aquilo ali ficou na carne, ficou na pele”. A forma com que as mulheres se colocavam naquele espaço passou a inquietar. Isso foi tão forte, que seu trabalho de conclusão no curso de graduação, foi sobre as mulheres, mesmo que nenhum professor de Filosofia quisesse orientar esse trabalho, ela conseguiu fazer (Entrevista I, 2006). Outra questão que é importante destacar é o posicionamento de algumas delas quanto ao se assumir feminista. A “Pragmática” foi a que mais se diferenciou em suas opiniões sobre essas questões e, em um momento, ela deixa claro que não é feminista e nem pensa e/ou pensou sobre essas questões: “para mim ta como dado que há uma igualdade, então qualquer coisa que se manifeste diante disso, imediatamente para mim perde o interesse.. E eu tomo como dado que esse é um ponto pacífico, a questão da igualdade...eu considero assim, adquirida, não tem que discutir se há ou não igualdade” (Entrevista II, 2006). A “Militante”, por exemplo, disse que se “ser feminista é defender a causa da mulher, ou discriminação, então nesse sentido eu sou, porque sempre que tenho oportunidade, eu faço e seja onde for, na minha casa, nos meus parentes. Eu sempre defendo a mulher” (entrevista II, 2006).

Segundo Margareth Rago (2001), as mulheres que lutavam por direitos ou que pretendessem ingressar em uma profissão "masculina", como a medicina, por exemplo, eram vistas como ameaça à ordem burguesa, sendo retratadas pelo discurso médico como "espécies híbridas", "degeneradas", "vampiras" ou mesmo "assassinas". Esses 'desvios' deveriam ser submetidos a uma nova forma de normatização, apoiada na perspectiva biológica de uma clara distinção entre os sexos. Tratarei do preconceito sofrido por algumas mulheres que lecionam e trabalham com filosofia. Mesmo que as professoras pesquisadas estejam lecionando nas Universidades e inclusive algumas atuando em cursos de pós-graduação, sabemos que somos minoria nessas instituições que envolvem pesquisa.

2. APRESENTANDO AS PROFESSORAS PESQUISADAS⁴⁷

2.1 A “Rebelde”

“Sempre tentei trabalhar a minha inteligência no sentido da crítica ao preconceito” (“Rebelde”, entrevista I, 2006)

Exerce a profissão do magistério em filosofia há mais de trinta anos. Essa professora irá receber em breve o “Festschrift”, que é uma homenagem feita a um(a) professor(a) de Filosofia, quando esse já possui algumas décadas de trabalhos reconhecidos na área.

Nasceu na região das missões, em Santiago, no Rio Grande do Sul. Como ela nos contou, sua própria entrada na vida foi de revólver, ela explica esse fato, pois, nasceu quando seu pai tinha setenta e quatro, tendo falecido aos 102 anos e sua mãe trinta e oito, o que foi para ela como “uma entrada na vida meio revoltada, meio de irrupção”. Tem descendência indígena e portuguesa e um espírito revolucionário. Nasceu num lar que simbolizava a própria luta de classe. Filha de fazendeiro, que perdeu todas as fazendas com a crise de 29, homem que, segundo ela, tinha “lustre e brilho intelectual” de uma mulher que trabalhava com costuras, legítima pessoa do povo, uma mulher que sabia passar fidelidade às pessoas. Sua mãe foi muito companheira, ajudando a cuidar das filhas dessa professora.

A filosofia apareceu em sua vida desde cedo, seu pai, um excelente contador de histórias, era descendente de português e narrava histórias filosóficas, quando ela era ainda criança. Lembra que ele falava de Sócrates, contava que esse era um homem que ensinava as pessoas a pensar. Como ela queria sempre entender o sujeito, a vida humana, e nunca se sentia uma pessoa conformada com as situações de desigualdade social, comportamento autoritário e violento, acabou optando por Filosofia. Além disso, ela fez essa escolha, porque se considera “calada”, “silenciosa” e a filosofia despertou um pouco esse lado de falar.

Então a minha coisa com a Filosofia teve quase que um circuito natural e como eu sou do tipo meio calada, também, o fato reflexivo me ajudou muito. Às vezes, sou meio bichinho de concha, sou meio

⁴⁷Houve um acordo entre a pesquisadora e as professoras (um termo de consentimento): por várias vezes, em conversas com as entrevistadas, elas afirmaram não se importar de deixar os próprios nomes, porém, dentro de um código de preservações acadêmicas e depois de várias avaliações entre orientadora e mestranda, permanecemos com os nomes fictícios. Alguns memoriais foram cedidos por elas para serem analisados pela pesquisadora, mas apenas o Memorial da “Militante” aparece em anexo a pedido da mesma. Optamos também por não mencioná-los nas referências.

quieta assim e não gosto, por exemplo, da Filosofia do espetáculo, que acho que é uma coisa que ta acontecendo muito hoje (entrevista II, 2006).

Essa professora considera que foi uma grande opção escolher filosofia, até porque ela pensa que a perspectiva crítica vem ao encontro do *seu espírito inquieto e rebelde* (Entrevista I, 2006), que desde criança já aparecia como traço de sua personalidade. Como ela mesma conta, na primeira entrevista, 2006:

Isso é uma coisa interessante, porque a revolta é uma coisa que eu tenho desde criança. Eu nunca consegui entender e aceitar uma ordem, que eu não tinha dimensionado para mim como necessária, porque o mundo dos adultos para mim é um mundo um pouco feroz, assim, na ordem, na disciplina. E eu me revoltava, se eu não me revoltava externamente, eu me revoltava internamente. Tinha meus juízos críticos, uma suspeita do famoso bom comportamento dos adultos. Crianças não devem fazer um conjunto de coisas, mas os adultos podem fazer um conjunto de coisas. Então essa rebeldia foi uma coisa que me deixou muito viva, muito ligada nas coisas que nós passamos enquanto jovens. Jovens mesmo, e quando no início de nossa vida adulta por um país de atropelados, pelos tiros de militares, torturas, um conjunto de perseguições.

Para ela, “essa coisa” da revolta é algo muito forte até hoje. Ela ressalta que a filosofia mantém a gente viva, não é uma rebeldia insana, não é uma rebeldia do Caim contra Deus e seu irmão Abel, mas uma rebeldia do homem que é capaz de dizer não, e quando ele diz não a algo, o ser humano distingue um conjunto de outras coisas. A filosofia, para ela, fortalece a cabeça do ser humano, o que possibilita essa dimensão da crítica, da liberdade, do espaço do sujeito, seus territórios, saberes e o ato de compartilhar com quem pensa diferente de mim.

A “Rebelde” estudou Filosofia num período bem conturbado de nossa história, da ditadura militar, momento em que “era proibido pensar, era proibido discutir e proibido a crítica (Entrevista I, 2006)”. Foi nesse período que teve uma vontade muito forte de pesquisar, investigar, de buscar respostas para as suas curiosidades e, principalmente, o desejo de entender os seres humanos, especialmente as diferentes classes sociais, porque desde pequena ela via na sua cidade essas chamadas “classes”, a classe A e a outra que não pertencia a lugar algum. As diferenças sociais inquietavam, pois via isso desde pequena. Naquela época, ela não elaborava isso muito bem, via que alguns tinham bens, outros não; uns podiam, outros não; uns participavam da escola, outros não iam; tinha pretos, os brancos; feios e bonitos; os ricos e os pobres; os casados e os não casados (“Rebelde”, entrevista I, 2006). Foram esses pares conceituais e antagônicos que a chocaram e, mesmo inserida em escola particular quando pequena, percebia esses preconceitos, sendo a idéia do preconceito uma idéia muito

feroz na sua cabeça. Para ela “o preconceito parece ser a atitude mais terrível que um sujeito pode ter com o outro, porque o vê com subalternidade, como recusa do humano” (Entrevista I, 2006).

Foi então, a partir do seu senso de justiça, que essa mulher foi⁴⁸ construindo na filosofia o seu lugar. Num primeiro momento, dedicou-se muito ao estudo da filosofia existencialista, com autores como Sartre e Camus. A questão da revolta com dados da indignação humana diante das injustiças, junto com o conceito de liberdade, foram as questões principais de sua dissertação de mestrado realizado na Universidade Federal de Santa Maria. Seu doutorado foi feito pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, em que ela trabalhou o pensamento político brasileiro. Nesse momento, ela teve oportunidade de estudar na França, porém optou em ficar, já que além de outros fatores via a necessidade de trabalhar os pensadores nacionais (Entrevista I, 2006). Um dos pensadores que ela trabalhou bastante foi Vieira Pinto⁴⁹.

Entre esses dois momentos de sua vida (mestrado e doutorado), ela também foi professora na Universidade de Santa Maria, militante do movimento nacional dos Direitos Humanos, mãe, entre outras funções de uma mulher que estuda, trabalha e tem uma família. Quanto ao seu engajamento à luta por direitos humanos, é interessante destacar que ela fez parte de um núcleo de estudos da década de 80, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), que foi gestor do grupo de trabalho, que temos atualmente na ANPOF e que trata sobre ética e cidadania.

Hoje se vê mais como uma “professora conselheira”, pois está sem os ativismos das ruas. A filosofia nunca a tirou da vida, do rumo, da história, sempre foi muito “terra-terra, muito chão”. Isso vem também de suas leituras marxistas e da sua compreensão crítica do marxismo. Como ela diz em nossa primeira conversa (entrevista I, 2006):

Eu sempre me senti assim, muito mais uma estudiosa de Marx, do que uma marxista, mas eu acho que isso é uma coisa que a filosofia tem esse sabor para mim, essa paixão de tentar entender os sujeitos nessa “coisa maluca”, ou da desumanização do sujeito.

⁴⁸ Na entrevista a professora fala: “esse foi um lugar que fui meio construindo na filosofia”, ela parece ainda não assumir por completo esse “seu lugar” na filosofia.

⁴⁹ Pensador pouco conhecido que escreveu sobre desenvolvimento nacional e educação de adultos, e que ainda não tem sua obra publicada na totalidade.

Sua escrita é o maior grito do seu silêncio. Com facilidade e gosto por ela, desde pequenina, escrevia versinhos e já tinha gosto pela poesia. Ainda não sistematizou suas produções literárias. Publicou um livro de poemas como “um consolo da interlocução”. Na primeira entrevista, contou-nos que “escrever é quase que uma terapia”, e acredita que “tem que escrever para partilhar, e para se tornar compreensiva”. A escrita para ela “tem muitos sabores”. Trago um trecho da entrevista II também para ilustrar essa questão:

Eu gosto de fazer isso, isso é o meu ofício, digamos é meio terapêutico, assim, digamos, escrever. Parece que meu olhar sobre o mundo, a minha tensão sobre o mundo e sobre as pessoas passa pela coisa de escrever, é um pouco assim... que eu me deságuo [risos]. (“Rebelde”, entrevista II, 2006)

Essa professora é, sem dúvida, uma pessoa envolvida com uma filosofia pensada pelo e para um povo que pode, através dela e com ela, superar sua condição humana. Preocupada com o popular e não apenas com o acadêmico nos disse que “a Filosofia pode ser partilhada com todos, não é um cânone fechado, um código secreto, uma coisa maçônica e que ela pode totalmente provar uma dialogicidade, ela é dialógica, e porque é dialética, até porque sabe lidar com as contradições” (Entrevista I, 2006). Ela escreveu num artigo de um livro já publicado, posicionando como latino-americana:

Não estamos querendo aqui reivindicar uma originalidade na instância em que os gregos foram originais e originários, apenas reforçar o desejo de participação, na medida em que somos sujeitos de *logos* e de *ethos*, portanto temos algo a dizer, também filosoficamente. Queremos, ainda, ser inteligências que falam, trocam, criam, constroem e não apenas cumprem tarefas, operando subsidiariamente o que já foi definido pela razão instrumental (“Rebelde”, 2004, p. 40)

Seus textos encantam, pois demonstram uma preocupação com o social, sendo assim ela acredita que “se procedermos como foi transcrito acima, na América Latina, estaremos criando alguns caminhos para superar as situações de exclusão, enfrentando seus agentes e suas formas culturais avassaladoras, fechadas em redomas de ferro” (2004, p. 40). Nessa perspectiva ela escreve “caminhando” ao encontro de algo, de pessoas que se encontram à margem.

2.2 A “Militante”

“...eu acho que a gente não pode tirar o pé da realidade, mesmo sendo na universidade. Eu sempre mantive um vínculo popular (“Militante”, entrevista I, 2006)”

Essa professora possui graduação em Pedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1967), especialização em Administração Escolar pela Fundação Universidade Federal do Rio Grande (1975), especialização em Supervisão Escolar pela Universidade de Passo Fundo (1977), especialização em Formação de Professores Supervisores pela Inep Mec (1965), mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1988) e doutorado em Filosofia pela Universidad Pontificia de Salamanca (1998). Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Fundamentos da Educação. Trabalha atualmente com Epistemologia, Filosofia da Ciência, mais dentro da metodologia científica e Epistemologia.

Nasceu numa região italiana. Falou italiano até entrar na escola. Nunca havia escutado outra língua até seus seis anos de idade, quando conheceu uma família de alemães, chegando a perguntar para sua mãe se eles “eram gente como eles”, já que nunca havia visto alguém falar outra língua. Seus pais tiveram dez filhos e pouca escolaridade, mas não deixaram de incentivá-los ao estudo. Na sua cidade não tinha o antigo ginásio (que corresponde hoje ao ensino até a oitava série do ensino fundamental), tendo que, desde muito cedo, aprender as coisas longe da família, no norte do Estado, em Erechim. Como uma “boa moça” e realizando os sonhos dos pais ela foi, junto com outras colegas, para o internato chamado Ginásio Cristo Rei, dirigido pelas irmãs de São José de Chambéry, de tradição francesa, onde se preparava para o noviciado. Conta que:

Todas nós estudamos. O pai fez questão que todas estudassem, com muito sacrifício ele fez isso. Realmente as pessoas de 60, 50 anos atrás, mandarem as mulheres estudarem é uma coisa assim muito estranha (“Militante”, entrevista I, 2006).

O magistério sempre esteve associado ao sacerdócio, tendo assim, uma educação voltada para viver “na virtude” e ter disciplina. Terminando-o foi enviada à capital gaúcha, Porto Alegre, para lecionar no curso primário do colégio Sévigné e designada para dar continuidade à formação pedagógica em Porto Alegre.

Concluído o ginásio, decidi entrar para a vida religiosa, inspirada na máxima da perfeição cristã e missionária de salvar almas. Ao mesmo tempo, realizei o curso normal, destinado à formação de professores primários (Militante, 2006, Memorial descritivo, p. 4).

Ainda na escola normal, trabalhou especialmente com o teórico J. Dewey, um dos pensadores da Escola Nova que, segundo ela, tinha como principal objetivo preparar o aluno

para a vida social e ressaltar a importância do trabalho manual para suscitar a atividade intelectual (idem); Maria Montessori; Decroly Freinet, entre outros.

Em 1963, ela chegou em Porto Alegre para fazer a sua faculdade de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Passados dois anos de trabalho, junto com as alunas do primário e cursando o terceiro ano de Pedagogia, foi nomeada diretora da Escola, cuja função exerceu por vinte e seis anos.

Foi escolhida devido a sua atuação no curso de graduação e a atuação na escola para realizar um curso de especialização em formação de professores supervisores, orientado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos-INEP, que propunha formar supervisores de ensino a serviço do desenvolvimento. Essa especialização foi feita em 1964-1965.

Concluiu seu curso de Pedagogia em 1978 e, antes mesmo de se formar, já era diretora de uma escola -a Escola Normal Santa Joanna d'Arc, em Rio Grande-. Ela não se dedicava apenas a administrar, mas também tinha uma preocupação com a formação pedagógica, com o trabalho com os professores e professoras. Tanto que trabalhou sobre a filosofia da escola. Ela observava, nas reuniões escolares, que professores oriundos da Filosofia tinham um senso crítico mais apurado e um aprofundamento maior das áreas do conhecimento humano. Foi a partir dessa constatação que ela buscou fazer o curso de Mestrado em Filosofia, buscando, então, essa fundamentação. Mas foi fazendo regimentos escolares baseados na “pedagogia do oprimido”, que ela começou a se interessar realmente em estudar e pesquisar filosofia.

Como monografia de conclusão, realizou, na escola que dirigia, um estudo sobre o marco referencial do regimento da época, que havia sido feito pelas diretoras das escolas da congregação. Nesse trabalho, ela se baseou na “Pedagogia do oprimido” de Paulo Freire, que como ela mesma fala em seu memorial descritivo, “para a época foi um grande avanço” (p. 15). A professora nos conta ainda, no mesmo documento, que participando do trabalho proposto pela Associação de Educandários Católicos (AEC), em que eram inicialmente refletidos documentos relacionados à educação, tanto provindos da Igreja, quanto do MEC, ela começou a perceber a dicotomia entre reflexão e ação no contexto desta entidade. O dia— a-dia, no trabalho com famílias pobres e estudantes que não conseguiam se manter na escola, porque seus pais não podiam pagar, mostrava-lhe que devia atender mais quem era pobre, trabalhando em prol da diminuição da exclusão social. Além disso, como diretora, precisava pagar melhor o corpo discente e pagar as suas horas de reuniões, entre outras coisas.

Nesse período, já trabalhava com movimentos sociais e tinha bastante engajamento nesse sentido. Essa educadora acompanhou o surgimento da pedagogia de Paulo Freire através do Uruguai. Ela trabalhava a pedagogia libertadora de Paulo Freire, com textos fotocopiados que vinham do Uruguai. Realizou trabalho pastoral, lecionando na alfabetização de adultos, em clubes de mães, creche, com acampados, com alfabetização de crianças nos assentamentos rurais. Essa inserção social começou já em seu estágio do magistério, quando a escola que lecionava atendia as escolas paroquiais da periferia.

E era nesses estágios que eu procurava me inserir também, através da orientação junto às normalistas. Inserção social bastante incipiente, mas condizente com a compreensão que tinha na época (“Militante”, Memorial descritivo, 2006, p. 8)

Destaco como principais preocupações dessa professora, o compromisso de quem educa, as contradições de uma prática libertadora numa escola particular, a alteridade feminina e a educação popular. Participou em projetos no apoio à mobilização popular em torno de construção de escola, no interior do município de Viamão, na Vila Safira, em Porto Alegre e Campos Verdes em Alvorada, atuando no processo de mobilização por moradia; trabalhou com colonos acampados em Ronda Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, atuando principalmente no apoio por uma agricultura ecologicamente sustentável. Trabalhou como pesquisadora do Centro de pesquisa religiosa e Investigação Social, no Rio de Janeiro; fez formação de comunidade; organização sindical; técnicas alternativas de adubação de solo junto aos assentamentos no Salto do Jacuí, Nova Ronda Alta e nas glebas Nossa Senhora Conquistadora da Terra e Willi, no Estado do Rio Grande do Sul. Além disso, atuou em grupos de mulheres cristãs com compromisso político de libertação e trabalhou junto aos moradores da Vila Santo Operário, no município de Canoas no Rio Grande do Sul, com alfabetização de adultos, supletivo e foi supervisora pedagógica em creche. Como ela mesma nos conta:

No contexto latino-americano, participei da irrupção dos movimentos populares e, particularmente, a partir da década de 70, dos movimentos dos sem-terra, nos engajamentos de periferia urbana, que estava vinculada ao Movimento de Justiça e Direitos Humanos, á Pastoral popular, e, também, simplesmente como educadora, no exercício da ação educativa cotidiana e da cidadania (Memorial descritivo, 2006, p. 21)

Foi no grupo de Assessoria aos trabalhos populares, que iniciou sua militância e trabalhos populares ao longo da década de 80.

Este trabalho popular de estudo e reflexão, e a participação dos alunos na avaliação, foi se intensificando, até atingir o poder da Entidade Mantenedora. Esta, não suportando o questionamento, demitiu os professores de filosofia e eu, como pertencente à Entidade Mantenedora, fui transferida. Em não aceitando a transferência por achá-la injusta, fui então afastada do colégio (“Militante”, Memorial descritivo, 2006, p. 20).

Professora universitária, educadora popular e ativista da educação libertadora e movimentos populares, foi também professora de diversas disciplinas nos cursos de Pedagogia, Letras e História e de vários cursos de especialização na Universidade do Rio Grande. Nessa Universidade, atuou na presidência da Associação dos Professores da Universidade e Chefe do Departamento de Educação. Coordenou o projeto de pesquisa, apoiado pelo CNPq: “*A construção da identidade feminina nas comunidades de pescadores artesanais da Lagoa dos Patos*”, que fez surgir sua tese de doutorado que teve o objetivo de estabelecer uma discussão sobre a questão da discriminação de qualquer natureza, onde ela trabalhou, especialmente a questão da dominação da mulher no contexto latino-americano (Memorial descritivo, 2006, p. 24).

As categorias Alteridade e Feminino, que são trabalhadas por essa professora, constituíram-se na linha de pesquisa concretizada em diversos projetos, artigos, capítulo de livros. Segundo ela, os projetos mais significativos foram: *A violência contra a mulher na Comarca de Rio Grande*, que tinha como objetivo principal verificar a situação concreta das mulheres de Rio Grande, e de modo especial a mulher vítima da violência, tanto na sua corporeidade quanto nos seus direitos como cidadã; *A mulher e a redescoberta do feminino: a recuperação da identidade feminina como instrumento de libertação da mulher*, desenvolvido na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA-RS). Integrante do grupo de estudo de ensino superior dessa instituição desde 2001, continua trabalhando com essa pesquisa até o presente momento (Memorial descritivo, 2006, p. 26).

Essa educadora tem desenvolvido um estudo na filosofia com relação às questões de gênero. Ela desenvolve uma investigação ainda inédita no país sobre quatro pensadoras do campo da Filosofia: Simone Weil, Simone de Beauvoir; Maria Zambrano Hannah Arendt. Mas como ela mesma nos disse na entrevista II, com relação às questões de feminismo e das mulheres, são “leituras particulares”, é um tema que ela não tratou ainda publicamente, por enquanto.

Percebemos que essa professora, assim como outras mulheres no campo da filosofia, tem um olhar na sua prática cotidiana. Nesse sentido, ela trabalha com uma educação libertadora, que leva em conta os educandos e educandas como sujeitos de seu próprio desenvolvimento como seres humanos. Mas a teoria e a prática nem sempre andaram juntas, essa professora diagnostica dizendo que “havia um horizonte definido, não só no colégio, mas também pela igreja, do que devia ser buscado, mas não sabia como chegar lá (memorial descritivo, p. 18)”. Percebia que havia mais uma adequação, ou adaptação dos planos e regimentos aos documentos do que propriamente uma mudança na estrutura das escolas particulares, e como ela mesma diz, mais tarde entendeu, na prática, que essa mudança, nestes termos, era impossível (idem). Desse modo, ela percebeu que a utopia contida na Educação Libertadora, na realidade da escola particular se transforma em alienação, uma vez que, mediatizada pelo econômico, pelo pedagógico e pelo sagrado, assume uma vinculação indissolúvel e estabelece as bases de um poder totalizador (idem).

No mestrado, ela trabalhou com Henrique Dussel e os pensadores da escola de Frankfurt. Sua dissertação foi sobre o projeto alternativo das comunidades eclesiais de base. Com o objetivo de aprofundar a reflexão e compreender melhor o que havia acontecido no seu trabalho, foi cursar o Mestrado em Filosofia, de 1986-1988, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS, Brasil. Com o título “O projeto alternativo das comunidades eclesiais de base”, sob orientação de Sírío López Velasco, desenvolveu sua dissertação sob o tema: “*O projeto alternativo das comunidades Eclesiais de Base-Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel*”. Seu doutorado em Filosofia foi feito assim que terminou seu mestrado em Filosofia na PUC-RS. Ela foi convidada para lecionar na instituição, mas como passou no concurso da Faculdade de Rio Grande e logo a chamaram, assumiu o cargo em Rio Grande.

Nessa faculdade, lecionava filosofia da educação. Logo que chegou, começou a trabalhar as questões de gênero. Depois, quando foi lecionar na Ulbra, não tinha essas reflexões (e ainda não tem) como linha de pesquisa, mas essa professora está sempre preocupada em levar para a sala de aula a questão da formação da mulher, tanto na área da filosofia, quanto da educação. Ela reconhece o quanto é difícil tratar das questões de gênero em sala de aula. Numa de nossas conversas (entrevista I), contou que passou um texto sobre a formação da mulher para uma turma e quando tocou o sinal do intervalo, ela disse que iria fazer uma dinâmica, na qual as mulheres fariam as perguntas (relacionadas ao material) para

os homens, só que no retorno para a sala de aula, eles haviam ido embora. Ela conta nesse mesmo encontro que:

*...eles se apavoraram e não voltaram mais para a aula. Mas depois eu não fiz mais isso, claro. Nos outros semestres eu sempre trabalhava, introduzia, mas ficava assim um trabalho mais junto [risos]. Não dava esse susto nos homens.. Mas é muito importante, porque tem muita gente, muitos dos guris, principalmente da Educação Física, que são novos, são guris que dizem: Professora, eu nunca pensei nisso. **Sabe, eles nunca pensaram sobre a mulher;** “que coisa estranha pensar isso” [lembrando as falas dos alunos]. Eles ficam assim estranhando, como é que eu vou poder falar sobre a mulher. Nunca tinham pensado sobre a opressão da mulher [lembrando a fala dos alunos] [risos].*

Fez doutorado em Filosofia, de 1996-1998 pela Universidad Pontificia de Salamanca, UPS, Brasil. Sua tese foi intitulada “*Alteridade e feminino: uma abordagem filosófica das categorias de alteridade e feminino na obra de Enrique Dussel e seus desdobramentos histórico-sociais no contexto latino-americano*”. E teve a orientação de Luis Andrés Marcos.

Lecionando em todos os cursos de licenciatura dessa Universidade, trabalha na pedagogia, física, química, matemática, letras, artes visuais, etc. E foi convidada recentemente para trabalhar num curso de ciências contábeis, trabalhando a questão de gênero e gestão, na linha de pesquisa “*A mulher e a gestão em empresas do Rio Grande do Sul*”.

Essa professora buscou e tem buscado fundamentação teórica e motivação para os seus trabalho em autores e autoras ligados à teologia e filosofia da libertação, entre eles e elas podemos destacar o teólogo Juan Luís Segundo, Leonardo Boff, Dussel, Paulo Freire, Fiori, Emmanuel Levinás. Além deles, ela trabalha com algumas pensadoras mais conhecidas como Hannah Arendt, Simone Weil e Simone de Beauvoir; e com algumas latino-americanas pouco conhecidas.

2.3 A “Pragmática”

“Nunca passou pela minha cabeça: Bah eu sou mulher”

(“Pragmática”, Entrevista I, 2006)

Acredito que essa tenha sido a professora de que eu mais tive receio e insegurança em me aproximar porque, já nos contatos iniciais, eu (por e-mail) solicitava uma conversa dizendo que queria pesquisar algumas filósofas. Como já era de se esperar, pois havia me precipitado, recebi o retorno dizendo que ela não era uma filósofa, mas que poderia me encontrar. Eu já estava quase desistindo de ter a participação de uma professora da

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fiquei muito contente, quando ela aceitou, bem como com todas as outras das quais tive a acolhida e a receptividade para fazer essa pesquisa.

Ela é uma das poucas mulheres que ocuparam e ocupam cargos de prestígio na Instituição onde trabalha. A rotina mais comum é que as instituições excluem as mulheres do seu corpo docente nos cursos de filosofia. Foi muito rico perceber que essa professora não sabia dessas histórias e ficou surpresa e duvidosa, quando escutava suas colegas dando seus depoimentos durante o encontro do grupo focal.

Como ela mesma conta, em seu memorial, datado de Julho de 1997, iniciou seu curso universitário em 1981, cursando psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Teve oportunidade de estudar, a partir da obra de Michel Foucault, a crítica aos fundamentos das Ciências Humanas em geral, e da Psicologia em particular, e entrou em contato com as linhas básicas da epistemologia das Ciências da Natureza e das Ciências Humanas. Realizou um curso de Lógica Simbólica, que chamou a sua atenção para o conceito de prova e para a possibilidade da formalização da linguagem natural (p. 2). Conta, nesse memorial, que seu interesse pela Filosofia constituiu-se na confluência do questionamento sobre a natureza humana, reformulando de maneira não mais científica, mas filosófica, com a exigência de um rigor formal trazido pelo estudo da Lógica (idem). Com isso, seu interesse passou a ser a abordagem filosófica do problema da possibilidade mesma do conhecimento humano em geral, e, mais especificamente, do conhecimento da própria natureza humana.

Graduou-se em licenciatura plena em Filosofia (1982-1986), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Ainda na graduação, contou que teve o privilégio de participar dos seminários sobre a Verdade, e de seguir cursos sobre a Ética de Espinosa, que marcaram de forma definitiva sua formação filosófica, pois proporcionou a ela o que foi e tem sido seu tema privilegiado de estudo: a filosofia de Espinosa e, particularmente, sua teoria do conhecimento. O caráter sistemático do pensamento desse filósofo e a originalidade de sua ética, fundada em uma crítica noção de livre arbítrio impressionaram essa professora de tal forma que decidiu especializar-se no percurso do questionamento propriamente filosófico (Memorial descritivo, 1997, p. 3). No encontro do grupo focal, ela apresentou seu trabalho dizendo:

Eu continuo trabalhando o problema do conhecimento e metafísica e em geral o problema do sujeito, mas sob esse aspecto, do conhecimento e da metafísica...O que se abriu exatamente, porque quando você começa a comparar um pouco mais para traz, quando

você olha de longe é muito diferente e quando você olha de perto não é tão diferente assim. Então meu desafio é compreender o que aconteceu ali, século XVII, que deu uma mudança. Então eu continuo sendo Espinoza, trabalho com Espinoza e tal o sujeito e trabalho com Descartes, basicamente é isso, conhecimento-metafísica-sujeito. Então é sobre isso que eu tenho trabalhado (“Pragmática, Encontro grupo focal, 2006).

Tem mestrado em Filosofia (1987-1989). O título “*A noção de conhecimento na Ética de Espinosa*”. Teve a oportunidade de trabalhar com os/as melhores especialistas brasileiros/as e franceses/as da Filosofia moderna e, particularmente, da Filosofia de Espinosa. Ela realizou, na Faculdade de Filosofia de São Paulo, o curso ministrado pela professora Marilena de Souza Chauí sobre o papel da experiência no modelo geométrico da teoria espinosista do conhecimento (1997, p. 6). Nesse mesmo documento, essa professora conta que todo esforço da dissertação de Mestrado havia se concentrado em elaborar uma interpretação da noção espinosista de conhecimento, que eliminasse o conceito de sujeito pensante, tal como Descartes o concebe. Conta que, ao analisar a noção de conhecimento humano na ética, e em especial no conceito de idéia de afecção, responsável pela explicação do conhecimento sensível e imaginário, percebeu que era impossível formular uma interpretação consistente sem fazer intervir, em nenhum momento, a noção de consciência, verificando-se uma certa ambigüidade do conceito de idéia ligada à dificuldade de se determinar precisamente o projeto que norteia a teoria do conhecimento exposta na ética (p. 7). A dissertação foi defendida em setembro de 1989.

Deu seqüência aos seus estudos com o doutoramento em História da Filosofia Moderna na Université de Paris IV –Paris Sorbonne-na França. Sua tese tem o seguinte título: “A consciência de si na ética de Espinosa (La conscience de soi selon l’Éthique de Spinoza)concluída em 1995. Sua tese teve como objetivo precisar o sentido da noção de consciência de si no pensamento de Espinosa, tal como ele se apresenta na *Ética*.

Atualmente, trabalha no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, no departamento de pós-graduação em Filosofia, como professora adjunta na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Ela tem participado em Associações Científicas. Foi secretária Adjunta da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia setembro de 1998 a setembro de 2000. É membro fundador da Associação Nacional de Estudos Filosóficos do Século XVII. Atuou como secretária do Centre d’Études Cartésiennes, ligado à Escola Doutoral de Filosofia da Universidade Paris IV-Sorbonne dezembro de 1991 a dezembro de 1993.

Foi a primeira secretária da Associação de Pesquisadores e Estudantes Brasileiros na França (APEB-França) junho de 1992 a junho de 1993. Recebeu bolsa de Apoio ao Recém-Doutor - FAPERJ Programa de Pós-Graduação - IFCS / UFRJ Projeto de Pesquisa: "A predicação segundo Espinosa" julho de 1996; bolsa de Intercâmbio Discente - CAPES Departamento de Filosofia - FFLCH / USP para atuar no curso: Geometria e Experiência na Filosofia de Espinosa com a Profa Dra Marilena de Souza Chauí, de agosto a dezembro de 1988.

Em seu memorial, relata que, em setembro de 1991, foi aceita para participar como secretária do *Centre d'Etudes Cartésiennes*, cargo que ocupou até dezembro de 1993, quando retornou ao Brasil (p. 8). Ela analisa que isso representou um melhor conhecimento das discussões mais recentes sobre o cartesianismo. Participou ativamente da elaboração do *Bulletin Cartésien*, que resenha anualmente todos os trabalhos editados no mundo sobre a obra de Descartes, e da organização dos eventos periódicos do centro, em especial do *Colloque International Descartes-Méditer et Répondre* em comemoração ao aniversário de 350 anos da segunda edição das *Meditações Metafísicas* (p. 9). Cito-a:

O trabalho desenvolvido no Centre d' Etudes Cartésiennes foi de fundamental importância, não apenas sob o ponto de vista profissional, mas sobretudo sob o ponto de vista intelectual e filosófico, na medida em que possibilitou o contato com os recentes trabalhos sobre Descartes, aprofundando incontestavelmente meu conhecimento sobre o autor, e especialmente sobre o conjunto das Objeções e Respostas. Com efeito, as influências teóricas deste trabalho fizeram-se sentir na preparação da versão final de minha tese de doutorado (Memorial descritivo, 1997).

A intensidade das representações acadêmicas me leva a pensar que essa professora possui um currículo exemplar no que se define como pesquisador, ou nesse caso, pesquisadora de sucesso, mas foi a professora que menos se questionou sobre o tema "mulheres e a Filosofia". Ela comentava seguidamente que nunca havia se pensado como professora e como mulher, nessa abordagem.

Lecionou pouco tempo no Ensino Médio, mas com sua simplicidade, possui uma ótima relação (pelo que percebemos com os seus depoimentos) com os seus educandos. Ela acredita que a sua tarefa "é só acertar a embocadura deles" (a dos alunos), para depois eles lerem os livros e saberem como ler. Acredita que não é ela quem vai ensinar Filosofia, no sentido que o que você tem que fazer é deslocar a posição dos estudantes, numa posição

parcial, no sentido de que o docente tem que fazer é transformar a posição passiva, do educando numa posição ativa.

“E daí meu amigo, te vira, porque daí tem uma estante imensa. E vai ler, pô, que o tempo conta a favor [riso] e conta contra, você pode passar a tua vida lendo.” (“Pragmática”, Grupo focal, 2006)

Mesmo que essa professora não tenha se pensado, enquanto mulher, na Filosofia (pelo menos até o momento da pesquisa), ela deixou transparecer idéias e concepções, enquanto professora de Filosofia. Nesse sentido, encontrei nessas palavras, situadas no final de seu memorial, a melhor maneira de transcrever o seu jeito de ser professora:

O exercício do magistério confirmou minha impressão de que o difícil diálogo, e por isso mesmo sempre interessante, com os alunos enriquece e aprofunda nossa compreensão da filosofia, obrigando-nos a abandonar fórmulas certamente úteis para o diálogo com os especialistas e legitimamente conquistadas durante o trabalho de pesquisa, mas que a longo prazo podem nos fazer perder os sentidos propriamente filosóficos dos temas e conceitos que elas e, portanto, a nossa reflexão e o nosso discurso veiculam. O fim do processo de formação e o início da vida profissional ensinaram, muitas vezes pensamentos, a reposicionar o trabalho filosófico na articulação constante entre o olhar dos mestres e o olhar dos aprendizes (1997, p. 12-13)

Esse aspecto da aprendizagem com os aprendizes apareceu em falas de outras professoras, mas ela destacou aspectos sobre as relações de poder existentes nessa relação, professor (a) -educando (a) e orientador(a)-orientando(a).

O pseudônimo utilizado para essa professora foi uma denominação que surgiu da própria fala da professora em uma de nossas conversas, quando essa professora se identificou como “Pragmática”.

2.4 A “Artista”

“...a gente tem muito mais a ganhar quando a gente rompe com as identidades (“Artista”, entrevista II, 2006)”

Professora universitária, uma mulher atenta ao mundo e que encanta olhos e ouvidos, pois sua veia artística e seu talento nos aproximam da filosofia de uma maneira prazerosa, além disso, é mãe de uma menina de oito anos. Sempre gostou de teatro e atuou nele, ingressando na Filosofia por acaso. Ela relatou que queria mesmo era fazer teatro e acabou se

apaixonando pelo curso⁵⁰. O teatro é um espaço, para ela, em que consegue reunir muitas coisas.

é um espaço de encontro de muitas coisas minhas, muitos cantinhos assim que ficam meio perdidos nesse cotidiano louco em que a gente vive. Acho que o teatro é um espaço em que eu consigo iluminar algumas coisas, alguns cantos meio obscuros (Entrevista II, 2006).

Trabalha como professora em um Centro Universitário em Novo Hamburgo e, atualmente, leciona na área da Educação. Está trabalhando com a temática “Economia Solidária”. Ela contou, no encontro do grupo focal, que quando foi para a Feevale, tinha que buscar uma forma, um lugar dentro daquela instituição, trabalhando com cursos ligados à educação, mas não com filosofia propriamente dita. Hoje, trabalha na educação, com estudos culturais. Ela percebe que algumas pessoas estão tencionando a filosofia nessa instituição, e procura fazer esse tencionamento.

Atualmente, eu tenho trabalhado com uma coisa que, e por uma questão assim também, dentro desse movimento, eu fui me adequando e tentando me encontrar e acabei me encontrando com um assunto que tem me apaixonado muito, que é a questão da economia solidária. É algo assim, com que eu nunca tive um envolvimento teórico muito intenso e forte, que é a questão da filosofia política. Claro que sempre a gente faz as leituras, aquelas necessárias, mas eu nunca tive um aprofundamento... estou trabalhando com alguns autores latino-americanos. Ainda estou me apropriando dessas discussões. Ela é bem nova para mim. Ela começou com um outro viés. Ela começou com uma questão prática e não teórica (grupo focal, 2006)

A questão prática foi com um grupo de mulheres desempregadas de uma vila em Novo Hamburgo, com que ela e mais duas colegas começaram a fazer um trabalho. Hoje elas conseguiram organizar um projeto e criaram uma incubadora de economia solidária.

A filosofia aparece para essa professora como a possibilidade de dar um mergulho em si próprio, no mundo, inquietar-se com o novo e transformá-lo em inspiração para pensar. Ela se identifica com as teorias marxistas, buscando nelas algumas respostas, alguns caminhos para pensar e fazer as suas reflexões quando pensa na ética, na política e no feminismo. Mas, percebe que elas não soam suficientes para pensar outras questões, e aí vai estudar outros pensadores pós-modernos, embora não goste desse termo. A professora se inspira, para escrever, em pessoas próximas, reais e que a vida lhe inspira, é delas que saem as reflexões.

⁵⁰ Palavras dela numa entrevista via e-mail realizada por estudantes de uma das escolas que leciona. Os alunos desenvolveram um projeto sobre as mulheres e a filosofia.

Cursou Filosofia na FAFIMC, em Viamão-Rio Grande do Sul em 1985. Nesse período, começou a se dar conta de que a filosofia era algo encantador e foi se apaixonando pelo curso. Nesse envolvimento com a Filosofia, ela entrou no mestrado assim que concluiu o curso de graduação. Fez mestrado em Filosofia na PUC-RS. Concluiu o doutorado na PUC-RS no ano de 2005.

Essa professora escreve sobre as mulheres e a Filosofia, mesmo não sendo essa a questão fundamental em seus trabalhos, até porque, como ela mesma diz na nossa segunda entrevista, “essa não é a única questão”. No encontro do grupo focal, ela trouxe, para o debate, questões que perpassam o seu cotidiano. Mesmo que não seja a questão do feminino a sua centralidade, apresento uma fala dela nesse encontro:

O que nos faz pensar, por exemplo, qual é o parâmetro, a referência, que nos faz pensar que aquilo que tu estejas fazendo, não seja uma produção filosófica, que nos possibilite dizer: Somos Filósofas!
(“Artista, encontro grupo focal, 2006)

Além de falar da exclusão das mulheres na Filosofia, ela se preocupa também com todos que são oprimidos, ou que tem história de sofrimento, de injustiça e exclusão. Ela vê as mulheres como a grande parcela dessa história da exclusão. A questão ética é pano de fundo, porque para ela, não tem como trabalhar essas questões sem falar de ética. A política é um outro tema que também atravessa as suas reflexões. O problema relacionado à exclusão das mulheres tem a ver com a sua vida, tem a ver com a forma com que ela se coloca no mundo também, de como sente isso tudo.

A “Artista”, em sua dissertação “*As diferentes figuras do feminino na obra de Emmanuel Levinás*”, considera o feminino como uma categoria filosófica, que segundo ela “contribuirá para o entendimento da própria condição humana, transcendente a diferenciações de gêneros, em que a humanidade se encontra resumida, simplesmente, a duas categorias de indivíduos” (1994, p. 6). O feminino, está já há algum tempo presente em suas reflexões filosóficas e também aparece em sua tese “*O Dizer - um ensaio desde Emmanuel Lévinas e Jacques Derrida sobre a linguagem estrangeira do Outro, da palavra e do corpo*”.

Recentemente, assessorou um Congresso realizado por um Núcleo de Pesquisa de Gênero da Escola Superior de Teologia intitulado – “Gênero e Religião: epistemologia, violência e sexualidade”, em que sua participação foi significativa pelo fato de estabelecer conexões diretas com o pensar filosófico.

O pseudônimo dessa professora foi adotado devido a seu lado artístico. Durante o período da pesquisa pude assistir a “Artista” recitando poema, demonstrando uma excelente presença de palco. E, além disso, a professora tem uma forte ligação com o teatro, além das letras.

2.5 A “Transgressora”

...penso ser possível a fecundação recíproca entre esses dois pólos-filosofia e educação-tão próximos no mundo grego e tão afastados hoje”...minha reflexão caminha pelo tênue fio que existe entre o livre pensar filosófico e as exigências de pensar a educação a partir de seus compromissos com a situação concreta (“Transgressora”, memorial descritivo, 1997)

Mediando dois horizontes, a “Transgressora” define de uma maneira muito interessante, em nossas conversas, o seu perfil. Assume que sua maneira de problematizar os temas é do ponto de vista filosófico. O que ela tem problematizado com a Filosofia da educação é, entre outras questões: se é possível, por exemplo, educar sem uma demanda ética? Esta é uma questão filosófica para ela, porque pensa questões de educação numa perspectiva filosófica. Além disso, a educação, segundo essa professora, faz parte de um contexto que está regrado e vai tratar digamos, de educar para determinados valores, problematizando pelo sentido disso, se é possível ensinar valores (repetindo a pergunta de Platão em outro contexto - se é possível ensinar a virtude?).

Essa professora nasceu em São Borja e foi criada numa família modesta, em que o ambiente não era intelectual, mas havia valorização do saber. Estudou na Escola Normal e sua primeira experiência foi com estudantes de periferia da segunda série do Ensino Fundamental. Em seu memorial descritivo, destaca que se deparou com as primeiras contradições da educação escolar, ainda não tematizadas, obviamente. Concomitantemente ao seu estágio, ingressou no curso de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria (1970-1973). Possui mestrado em Educação e doutorado também em Educação, mas foi através da filosofia que chegou na educação e, como outras das entrevistadas, também é mãe de dois jovens.

A filosofia para ela significou, como nos definiu:

(...) uma abertura para compreender o movimento das idéias e uma possibilidade de entender o mundo da filosofia (um certo tipo de mistério que me desafiava). Não havia grupos de pesquisa para os alunos associarem-se ou se havia, eu não os busquei. Minha preocupação central não era uma travessia trágica do cotidiano, mas

a formação, um caminho para subsistir, fazendo algo que me interessava. Trabalhar como professora era um ponto de referência para mim. Conseguir mergulhar no mundo da filosofia era outra referência (Memorial Descritivo, 1997)

Esse mergulho no mundo da Filosofia sempre foi, em sua vida, muito conflituoso, pois desde que iniciou sua prática docente, teve impedimentos que não a deixavam fazer o que de fato ela gostava. Sua paixão pelo ensino de Filosofia foi adiado devido às restrições impostas ao ensino de filosofia pela Lei 5692/71, que limitavam as oportunidades de emprego nessa área e as circunstâncias levaram-na a trabalhar em uma instituição não formal, voltada para adolescentes, jovens carentes e trabalhadores rurais que não suprimam a educação regular. Sem chance de ser professora de filosofia, entrou num trabalho estranho à sua formação. Além desse fato, ela sofreu muito por ser mulher e por buscar trabalhar com filosofia e educação, ou como chamamos “filosofia da educação”.

...Eles não consideram a discussão da filosofia da educação. Suponho que, em parte, isso se deva à precariedade das discussões de filosofia da educação. Então, quando eu cheguei lá como aluna do doutorado em educação fui muito observadora, de forma muito modesta. O que percebi é que eles têm um preconceito muito grande, não têm idéia, desconhecem toda a discussão da filosofia da educação...Eles não se interessam. E daí percebi também, um pouco da questão de gênero; pois, mesmo que eventualmente tu possas até fazer uma argumentação razoável, que o professor, em princípio, te respeite, em geral, as participações masculinas são mais valorizadas (Entrevista I, 2006)

Buscou a seleção no mestrado em Filosofia, mas seu projeto não foi aceito. Encontrou lugar no mestrado em Educação, mas obstinada a atuar na filosofia, cursou parte das disciplinas no Programa de pós-graduação desse curso. Sua dissertação de mestrado foi influenciada pela experiência de trabalho com a rádio educativa e as necessidades de populações carentes, formulando um questionamento, quanto ao tipo de sistema educativo brasileiro. Criticou seu caráter meramente instrumental e propôs a possibilidade de uso do rádio para a formação da cidadania (Memorial Descritivo, 1997, sp). No mestrado, não houve propriamente uma nova orientação teórica em relação à experiência vivenciada, mas houve a introdução de algumas disciplinas na perspectiva do racionalismo crítico e leituras da tradição dialética na educação. O mestrado em educação foi concluído em 1982, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, cujo título foi: “*Rádio educativo como uma alternativa de educação não-formal e o atendimento de necessidades de populações carentes*”.

Seu doutorado em Educação novamente possui parte da sua investigação em Filosofia, pois sua pretensão era de cursar doutorado de Filosofia, porém naquela época era difícil uma

mulher ingressar nesses cursos de pós-graduação, especialmente quando se propunha a pensar sobre educação e filosofia. Ainda como parte das suas atividades de Doutorado, fez um estágio de pesquisa de curta duração na Alemanha. Lá teve orientação do Professor Volker Lenhart, de dezembro de 1993 a fevereiro de 1994, através do DAAD/CAPES. Aqui no Brasil não havia estudos especializados, ou eram insuficientes com relação filosofia e educação. A tese foi concluída no ano de 1995, e tinha o título: “Educação e racionalidades: conexões e possibilidades de uma razão comunicativa na escola”. Esse curso representou, para ela, o espaço para dedicar-se à pesquisa em filosofia da educação, aprofundamento teórico e melhoria da produção intelectual: “o doutorado significou o adensamento da reflexão filosófica” (Memorial descritivo, 1997). Nesse período, dedicou-se a estudar Bourdieu, Foucault, Kant, Hegel, Adorno, Piaget, Horkheimer, Morin, Habermas, Rorth, Agnes Heller, Gadamer, Wittgenstein (Memorial descritivo, 1997). E como podemos observar: raras são as mulheres lidas e estudadas.

O questionamento básico de sua tese referiu-se às transformações exigidas pela teoria pedagógica, com a mudança da filosofia da consciência pela filosofia do mundo prático, onde se acentua o caráter dialógico e comunicativo da razão (idem).

O interesse dessa professora sempre esteve voltado para a filosofia da educação, pois para ela “os problemas educacionais exigem uma reflexão filosófica” (Memorial descritivo). Ao longo de sua experiência profissional, percebeu a falácia de uma educação que “escorrega” em generalidades humanísticas e também se inquietou com algumas certezas do pensamento marxista na educação, sobretudo aquelas relativas à conexão necessária entre caráter revolucionário e operariado (idem).

Estudou no período da ditadura militar do Brasil, na época da intensidade do movimento, ela vivenciou uma das piores épocas da história de nosso país, cursando graduação, que deveria ser calcado pela autonomia de pensamento e liberdade de expressão. Ela lembra, em seu memorial descritivo, que todo o meio universitário nesse período sofreu o vazio causado pelo afastamento de muitos professores pela ditadura militar e ela nos diz:

Não foi o caso específico do curso que freqüentei, mas os reflexos foram sentidos: o debate tornou-se mais escasso, muitas aulas eram controladas por agentes do DOPS, o que causava, além do enorme constrangimento, um controle inaceitável à discussão filosófica (Memorial descritivo, 1997).

Em 1979, freqüentou o curso de especialização em Metodologia do Ensino Superior, na PUCRS. Como ela nos conta, em seu memorial descritivo, no mestrado não houve propriamente uma nova orientação teórica em relação à experiência vivenciada, mas houve a introdução de algumas disciplinas na perspectiva do racionalismo crítico e leituras da tradição dialética na educação.

Por um certo período, esteve afastada da docência e da pesquisa em filosofia e empenhou-se em retornar ao ensino de filosofia que lhe exigiu esforços para se atualizar. No início dos anos 80, retornou à docência em nível de segundo grau (atual Ensino Médio).

Esse retorno representou o reencontro com aquilo que entendo ser minha opção pessoal. Nesse momento eu já reconhecia o conteúdo ilusório de muitas de nossas práticas, mas sabia também do significado de ser professora. Não é mais, mas também não é menos que um espaço para o amadurecimento crítico, reflexão e debate cultural. É um trabalho que tem sua beleza e profundas satisfações (Memorial Descritivo, 1997, s/p)

Lecionou em escola pública no estado do Rio Grande do Sul, de 1979 até 1985. Quanto ao seu exercício de filosofia no Ensino Médio, a professora diz que certamente essa seja uma das mais difíceis tarefas: “Mobilizar os alunos para um diálogo com a tradição e fazer concessões ao chamado “rigor”, de modo a interessá-los no estudo do texto filosófico, tornou-se quase uma tortura” e ficou o receio de ficar sempre transgredindo as exigências desse saber e a suspeita de uma possível reprovação de nossos mestres” (Memorial Descritivo, 1997, s/p). Nessa instituição, foi responsável pelo seminário “O fundamento normativo da educação e a polêmica da modernidade e a pós-modernidade” e entre outras coisas, desenvolveu o projeto ‘Elementos para uma crítica da recepção de Habermas na Educação’, com o apoio do CNPq, através de bolsa de produtividade em Pesquisa. Fez parte de duas comissões editoriais, a da revista “Educação e Realidade” (FACED/UFRGS) e da revista “Educação” do Centro de Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

Trabalhou por um período de dois anos na função de Coordenadora adjunta da assessoria técnica da 1ª delegacia de Educação, tendo a oportunidade de conhecer a dimensão administrativa dos sistemas educacionais de 1º e 2º grau (atual Ensino Médio). Atualmente, é professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS). Na PUC-RS, lecionou no curso de pós-graduação, no mestrado em serviço social, atuando na linha de pesquisa, educação e menores carentes.

Essa professora, mesmo que tenha dito que foi “criada para obedecer” (encontro focal, 2006), foi uma mulher que transgrediu os limites entre a educação e a Filosofia. Acredito que seja por mulheres que, como ela, ousaram e não tiveram medo de lutar pelo que acreditavam, que esse trabalho está sendo escrito. Com muita seriedade ela desabafou, inúmeras vezes, ter sofrido preconceito de gênero durante sua história acadêmica na Filosofia. Hoje, é uma mulher respeitada na filosofia e na educação. Cabe destacar que foi a primeira vez que ela aceitou ser entrevistada.

3 CAMINHOS E DESCAMINHOS DE MULHERES NA FILOSOFIA: SUBJETIVIDADE E (RE)SIGNIFICAÇÕES DE QUEM APRENDE E ENSINA FILOSOFIA

Então eu sempre senti assim, uma certa discriminação. Também tinha pouquíssimas mulheres como alunas, e os homens, mesmo quando vinham da área da psicanálise, eram sempre muito bem reconhecidos nas suas participações; enquanto que com as mulheres, nunca notei essa mesma receptividade. Mas é algo sutil, entende Graziela, não é explícito. Isso é feito de uma maneira muito indireta. Não poderia afirmar “lá não fui bem tratada”. Porque há o respeito, mas a gente sente que na verdade as mulheres nunca estão no mesmo patamar que os homens. Pelo menos, enquanto eu estudava lá (“Transgressora”, entrevista I, 2006)

3.1 O contexto social e suas implicações para a questão das mulheres na Filosofia

Hoje têm aumentado os índices de mulheres que administram seus lares sozinhas, assim, espera-se que as próximas gerações tenham um maior reconhecimento do papel e importância da mulher na sociedade. A instituição família tem se transformado, ao passar dos tempos, em todas as sociedades. Mas, o fato de as mulheres brasileiras, por exemplo, estarem cada vez mais “administrando” seus lares, sem a presença do homem, do pai, ou companheiro, não significa ausência do patriarcado em nossas sociedades latino-americanas. Houve um aumento do número de domicílios “chefiados” por mulheres. Isto ocorre mais nas regiões Sudeste (46,4%) e Nordeste (28,5%), onde encontramos o maior número de mulheres responsáveis pelo sustento da casa. É importante salientar aqui, que a família brasileira está diminuindo, ao passo que aumenta a liderança das mulheres (IBGE, 2002)⁵¹. É nesse contexto social que analiso as implicações que as professoras de filosofia sofrem para se assumirem enquanto filósofas, ou ainda para serem reconhecidas como professoras nos departamentos de filosofia.

Segundo a PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra em Domicílios), “na população de mulheres que trabalhavam, a parcela das que também exerciam afazeres domésticos passou de

⁵¹ Encontra-se mais sobre esse assunto na Síntese de Indicadores Sociais.

90,0%, em 1992, para 93,6%, em 1999. No contingente de homens que trabalhavam, este percentual subiu de 35,8% para 51,2%, de 1992 para 1999” (2000). Podemos pensar a família, a partir do que Graciela Hierro (1990) nos argumenta:

A mi parecer, el patriarcado no es inevitable puesto que es una forma histórica, y como tal, superable. Sin embargo, creo que hasta ahora se visualiza la posibilidad de su superación en función de las condiciones históricas. En todas las sociedades actuales, el *status* social de la familia generalmente lo confiere el padre; incluso en muchos casos, el *status* de *familia* sólo aparece con el padre; es decir, para que a un núcleo social se le llame familia tiene que existir un padre. Cuando se trata de una madre (sin pareja) y sus hijos, no se habla de familia dentro de la ideología patriarcal: faltaría el “jefe” de familia. La función central de la familia patriarcal es la de garantizar la reproducción de la especie y la socialización de sus miembros. Todos los intentos históricos o teóricos de eliminar la función procreadora y socializadora primaria, del seno familiar, han resultado nulos (p.38-39).

Influenciados pela ideologia patriarcal e a ideologia hegemônica, muitos pensadores e pensadoras de países em desenvolvimento não são valorizados. Acabam abandonando seus países de origem em busca de uma maior valorização no exterior. Outras tantas pessoas que pesquisam e lutam pelo que acreditam, visando melhorias em seus países, resistem, porém nem sempre encontram lugar para falar. Além disso, a maior parte da população latino-americana é marginalizada, oprimida e excluída, pois não possui um bom atendimento médico hospitalar, uma casa, comida, remédios, planejamento familiar, lazer, cultura, no cotidiano. Basta analisar alguns artigos da declaração dos direitos humanos para percebermos melhor essa questão. Preliminarmente, observamos alguns trechos da Declaração, que foi adotada no ano de 1948: “Toda pessoa tem direito à propriedade, só ou em sociedade com outros” (artigo 17 –1. p. 13); “Toda pessoa tem igual direito de acesso ao serviço público do seu país” (art. 21-2, p.14); “Toda pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha de emprego, a condições justas e favoráveis de trabalho e à proteção contra o desemprego” (art. 23-1, p.14); “Toda pessoa tem direito a repouso e lazer, inclusive à limitação razoável das horas de trabalho e férias periódicas remuneradas (art. 24, p.15); “Toda pessoa tem direito a um padrão de vida capaz de assegurar a si e a sua família saúde e bem estar, inclusive alimentação, vestuário, habitação, cuidados médicos e os serviços sociais indispensáveis, e direito à segurança em caso de desemprego, doença, invalidez, viuvez, velhice ou outros casos de perda dos meios de subsistência fora de seu controle” (art.25-1, p.15); “Toda pessoa tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do processo científico e de seus benefícios” (art. 27-1, p.16). Na prática, não temos nossos direitos

reconhecidos e são justamente as mulheres que estão aumentando os índices da parcela da população mais pobre do Brasil.

Com relação às leis, podemos dizer que o período histórico mais importante, no caminho para a utilização das mesmas, para assegurar o avanço da condição feminina no Brasil, foi o das décadas de 1970 e 1980, o ano Internacional da Mulher (1975) e a década da mulher, promovidos pela ONU, ao mesmo tempo em que houve a criação de grupos feministas, por todo o país, que contribuíram para uma intensa atividade no sentido da revisão de códigos e leis obsoletos (TABAK, 1994, p.40).

Poucas pessoas possuem todos esses direitos garantidos, por isso, prefiro falar em “marginalidades” e não “marginalidade”. São fatores históricos de colonização, exploração e valores étnicos/raciais, gêneros, raça, religiosos, etc, que envolvem essa questão, mas acreditando que somos responsáveis por mudanças significativas no âmbito de políticas públicas é que devemos questionar: onde estão as pensadoras da América Latina? Quais são suas idéias e perspectivas? O que estão construindo? Como se construíram? Esses questionamentos nos farão encontrar excelentes pesquisadores e pesquisadoras, professoras e professores, bem como profissionais e militantes de diversas áreas.

As mulheres são e sempre foram frutos de um contexto social, econômico e histórico. Talvez antes da questão das mulheres na filosofia ser filosófica, deve levar em conta esses aspectos. Em que contexto uma determinada filósofa, por exemplo, se construiu como tal, essa é talvez uma questão que tenhamos que ter em mente, pois, muitas mulheres acabam negando que são mulheres para estarem na filosofia. Esse negar ser mulher é você não se permitir pensar no seu cotidiano, que envolve diversas tarefas, que muitos filósofos e pensadores não precisaram muitas vezes desempenhar, já que uma mulher as fazia por eles.

3.2 Mulher, natureza e vocação

Guacira Lopes Louro (1997) nos diz que, percebida e construída como frágil, a mulher precisava ser protegida e controlada, que toda e qualquer atividade fora do espaço doméstico poderia representar um risco. Mesmo o trabalho das jovens das camadas populares nas fábricas, no comércio ou nos escritórios era aceito como uma espécie de fatalidade. Ainda que indispensável para a sobrevivência, o trabalho poderia ameaçá-las como mulheres, por isso, o

trabalho deveria ser exercido de modo a não afastá-las da vida familiar, dos deveres domésticos, da alegria da maternidade, da pureza do lar (p.453.). Para essa autora, as jovens normalistas, muitas delas atraídas para o magistério por necessidade, outras por ambicionarem ir além dos tradicionais espaços sociais e intelectuais, seriam também cercadas por restrições e cuidados para que sua profissionalização não se chocasse com sua feminilidade (LOURO, 2000, p. 453). Vemos, até hoje, que há pessoas que acreditam na vocação natural da mulher para ser professora e em contra partida não se coloca, na maioria das vezes, a mulher-professora como uma intelectual, como se esta soubesse apenas cuidar do seu lar.

Quando procurava, no início do curso de mestrado, por alguns trabalhos que tivessem a ver com “a filosofia no feminino”, buscando no banco de dados da Capes o que havia sido pesquisado sobre essa temática, não encontrei nada, então procurei por nomes de filósofas e encontrei alguns trabalhos⁵². Hoje, posso dizer que a temática “gênero e filosofia” no Brasil ainda não se constituiu como proposta de trabalho ou linha de pesquisa e que, na filosofia, ainda não há uma preocupação, tanto por parte de homens, como por parte de mulheres, que a faça aparecer. Em agosto de 2006, no Seminário Internacional “Fazendo gênero7”, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), apenas o trabalho que eu apresentei tinha o enfoque das mulheres na Filosofia⁵³.

Pelo que encontrei, existe no Brasil uma instituição de ensino superior, a Universidade Gama Filho, que possui uma linha de pesquisa, intitulada “Ética e Gênero”, a categoria do feminino na filosofia⁵⁴, pela qual a professora Maria da Penha Felício dos Santos Carvalho é responsável⁵⁵.

⁵² “Sentir-se em casa no mundo: a vida do espírito (mind) e o domínio dos assuntos humanos no pensamento de Hannah Arendt”, do doutorando Adriano Correia Silva, da Universidade Estadual de Campinas (01.12.2002); “A passagem de Sartre e Simone de Beauvoir pelo Brasil em 1960, do doutorando Luis Antônio Cantatori Romano, da Universidade Estadual de Campinas (01.08.2000); “A mulher enquanto (O) Outro em Simone de Beauvoir, de Magda Guadalupe dos Santos, da Universidade Federal de Minas Gerais (01.08.1995); “O eterno feminino de Simone de Beauvoir”, da mestranda Marcia Regina Viana, na Universidade Gama Filho (01.04.2001); “Uma escolha pioneira na formação do professor primário no Rio Grande do Norte: Reconstruindo sua memória, (que trata de Nísia Floresta), da mestranda Leda Maria Nunes de Oliveira, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (01.06.1990); “Uma viajante brasileira na Itália Risorgimento. Tradução comentada do livro TROIS ANS EN ITALIE SUIVIS D'UN VOYAGE EN GRÈCE (Vol. I-1864; Vol. II-s.d) de Nísia Floresta Brasileira Augusta, no doutorado de Sonia Valéria Marinho Lúcio, na Universidade Estadual de Campinas (01.12.1999)

⁵³ Havia o trabalho de Giovana Dalmás que não foi apresentado e nem publicado, porém estava nos títulos dos trabalhos no CD-ROM do evento.

⁵⁴ A pesquisa se desenvolve em dois momentos principais (1) estudo crítico das diversas teorias morais a partir da abordagem dos filósofos sobre o tema da mulher, (2) investigação sobre o tratamento das questões de gênero e da relação entre os sexos no contexto do pensamento filosófico contemporâneo

⁵⁵ Essa professora escreveu *A inclusão do feminino na reflexão ética; Filosofia e mulheres: implicações de uma abordagem ética a partir de uma perspectiva de gênero*, entre outros artigos sobre gênero e Filosofia.

Em acervo da biblioteca da Unisinos, encontrei a dissertação de Letícia Beck Saldanha, intitulada “Mulher-professora: paixão pelo (im) possível? (1998). A pesquisadora nos conta que, ao tentar dar voz e imagem ao invisível do discurso de professoras, fazendo um “atravessamento” com a psicanálise, identificou pontos importantes na construção da feminilidade, que possam fazer da profissão professora uma possibilidade de identificação feminina (p. 131). Assim, a pesquisadora diz que são “as razões” inconscientes que levam algumas mulheres a buscarem o magistério como profissão” (idem). Não se considerando uma anti-feminista, a autora deseja resgatar os “atributos” femininos como naturais da mulher, e finaliza dizendo que entende que tanto a feminilidade como a masculinidade se constituem através de identificações que para ambos os sexos marcam sua subjetividade. O magistério é considerado historicamente como um espaço feminino, já que as mulheres teriam uma suposta vocação. Nas falas de algumas das professoras que pesquisei elas relatam que não gostaram das responsabilidades burocráticas que a profissão do magistério exige:

..mas o que eu não gosto é da coisa burocrática do magistério, sabe? Eu confesso que eu não gosto dessa coisa de fazer trabalho, de fazer prova, de avaliar, de dar conceito, de dar nota, eu acho super penoso. Eu não gosto mesmo, e isso me cansa bastante. Isso é uma coisa. Outra coisa é a formação que é exigência da instituição, seja lá qual for, e que você tem um conteúdo determinado para ser dado, que ele começa em um determinado momento, tem uma seqüência, uma rotina. E que depois tem uma avaliação e depois começa de novo não sei o quê. O que eu gostaria, o que eu acho gostoso na Filosofia, é exatamente você escrever, produzir, refletir e depois dar um curso para pessoas interessadas. Então essa era uma coisa que, no início, como eu não gostava da coisa penosa e me parecia penoso isso quando eu comecei a trabalhar, ainda mais que eu comecei a trabalhar no tempo da ditadura que era mais terrível ainda. Então esse ritual, da rotina de classe, de avaliação, da disciplina, do silêncio, de punição, do prêmio, do castigo. Isso eu acho assim, razoavelmente insuportável, não sirvo para isso, porque eu não sei lidar com autoridade, não sei lidar com a norma, com a lei, não sei muito dessa coisa da vida regulada, não bate muito na minha cabeça. E a reflexão não, porque daí é outra instância, é outro diálogo (“Rebelde”, entrevista??2006)

Como as professoras-filósofas percebem suas subjetividades? Não seria uma questão cultural e/ou sócio econômica, que as condiciona como professoras, e ainda professoras de Filosofia e não filósofas? Se tornaram professoras, (visto que ninguém nasce professora) não poderia ser pelo fato de perceberem a educação como um ambiente político e não pela óptica do cuidado? Não podemos ser ingênuas em acreditar que nós, mulheres, buscamos o magistério com a intenção de “cuidar” dos outros. Embora eu cite Guacira Louro, que tenta nos dizer que o ‘ser professora’ era cercado pelo cuidado da mulher não perder sua

feminilidade que, em outras palavras já citadas no seu texto, dão a noção de um “ser de alguém e para os outros” (LAGARDE Y DE LOS RIOS, 2005). Percebo que, por outro lado, existe uma forte relação de poder na convivência em sala de aula e sabemos que, quando fechamos as portas da sala, a turma “é nossa”. Há relações de poder, de gênero e outras tantas relações e ações, que vão além da afetividade e do cuidado.

3.3 Estudar Filosofia: Relações de poder em salas de aula, vivenciadas pelas professoras

E eu fui profundamente desprezada pelos colegas da época.._Eu entrava quieta e saía muda, não dizia uma palavra, porque via que era perda de tempo, aí eu fiz os trabalhos e eu tirei A e eles tiraram C, foi a vingança. Porque daí ele mandou eu ler todas aquelas coisas, daí eu fui para a biblioteca, li tudo e tinha dois neurônios e foi suficiente.. Eu superei isso, mas foi muito difícil. Falar assim, parece fácil, mas foi muito difícil, foi muito difícil (“Transgressora”, grupo focal, 2006)

O século XXI traz as questões das diferenças culturais de gênero, éticas, raciais, etc, que se fazem emergentes, principalmente na educação, já que, enquanto educadores e educadoras, não conseguiremos dar conta de nossa tarefa, se não olharmos nossas práticas em sala de aula como ações políticas, acreditando, como nos diz Rocha (2001), que educar para a democracia é educar para a transgressão utópica⁵⁶. Sala de aula é trabalho político por excelência. É político, porque marcas são impressas nas almas jovens, sedentas de saber e de viver. Marcas momentâneas, algumas indelévels. Marcas obscuras, outras luminosas. Enfim, plasmo realidades quando transformo sede de saber, ou mesmo apatia, desânimo, descrença em conhecimento e *ação* ou, pelo menos, em desejo de conhecer e de agir (p.221). Quem nunca lembra de algo que foi vivido na escola e que não tenha deixado alguma “marca”? O mesmo acontece quando nos tornamos adultos e essas são tão ruins quando repletas de preconceitos que nem o tempo permite que esqueçamos.

A ‘Militante’ disse que na Universidade em que atua passou por problemas parecidos. Ela conta que, quando chegou para cursar mestrado em Filosofia, perguntaram: “O que tu tá fazendo aqui?”, já que ela veio da pedagogia, mas quando vieram as notas, e ela tinha 10 e eles tinham 8, alguns passaram a reconhecer o seu trabalho (Encontro grupo focal, 2006).

⁵⁶ Utopia aqui **não** no sentido do irrealizável, do inatingível, mas do possível de ser realizado através da ação política por excelência.

Os grupos sociais que ocupam as posições centrais, “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc) têm possibilidade não apenas de representar a si mesmos, mas também de representar os outros (LOURO, 2000, p.16). Eles falam por si e também falam pelos “outros” (e sobre os outros), que, nesse caso, somos nós, mulheres. Apresentam como padrão sua própria estética, sua ética ou sua ciência e arrogam-se o direito de representar (pela negação ou pela subordinação) as manifestações dos demais grupos. Em vista disso, posso afirmar que as identidades sociais e culturais são políticas de representação. As formas como elas se representam ou são representadas, ou significados que atribuem às suas experiências e práticas são sempre atravessadas e marcadas por relações de poder (LOURO, 2000, p.16)⁵⁷.

Na história, tentaram excluir do poder as mulheres, porém, muitas não se “renderam”. Socializadas para desenvolver comportamentos “dóceis” e “apaziguadores”, enquanto os homens, ao contrário, estimulados a desenvolverem condutas agressivas, perigosas, que revelam força e coragem (SAFFIOTI, 2004, p. 35). Desde o início das escolas de formação de professores e professoras, datadas dos meados do século XIX, as jovens normalistas lutavam para serem respeitadas, para conseguirem um lugar melhor numa sociedade machista e sexista.

Uma das professoras pesquisadas nos contou que os professores não consideravam muito as mulheres, na época em que ela fez Filosofia. Sempre sentiu uma certa discriminação, não explícita, mas muito sutil. Havia pouquíssimas mulheres como alunas, e os homens, mesmo quando alguns vinham de outras áreas, eram sempre muito bem reconhecidos nas suas participações. Com as mulheres, ela nunca notava essa mesma receptividade. “Muito sutil”, “nada explícito”, de maneira que não dá para dizer que elas foram maltratadas, mas dava para sentir que, na verdade, as mulheres não eram reconhecidas no mesmo patamar que os homens. A mesma professora conta que sofreu um duplo preconceito: por ser mulher e por trabalhar com educação na Filosofia:

Trata-se assim de desbloquear um duplo preconceito: contra as mulheres e contra a educação. Foi muito difícil, parece a música de Monsueto, gravada por Caetano: “Eu vou lhe dar decisão, botei na balança e você não pesou, botei na peneira e, você não passou”. O fato de ser mulher não passa por todas as balanças e por todas as peneiras, porque daí professores que são homens e que são da

⁵⁷ Destaco a obra “*Elite discriminadas- sobre el poder de las mujeres*” de Maria Antônia e García de Leon (1994), onde é apresentada uma análise sociológica sobre as mulheres que alcançam poder. Outro artigo que fala sobre poder é escrito por Cecília Pires (2002) intitulado “*As dimensões do poder e seus impasses*”.

filosofia da educação, têm muito mais facilidade para receber esses convites mesmo que possa ter produção igual ou até inferior a tua. Para os homens é sempre mais fácil. Entendes? E sempre fica no ar algo do tipo: “Ah! Mulher... estão ajeitando para ti”. Não é algo explícito, objetivável, é uma construção social-acadêmica. Se o homem faz cinco coisas, tu tens que fazer dez, para poderes ser reconhecida no ambiente da filosofia. E o professor de filosofia da educação, homem, é respeitado, convidado para participar de eventos e não precisa fazer o mesmo empenho em mostrar seriedade acadêmica que as mulheres. Isso é, para mim, visível. Isso tudo parece muito competitivo, mas é assim que a situação ocorre (“Transgressora”. Entrevista I, 2006)

Além dessa, as outras professoras também contaram histórias parecidas, que se diferenciavam por se integrarem mais, e outras menos, com os homens da turma. Não são apenas dos homens que essas mulheres escutaram frases que as inferiorizassem. A “Militante” de movimentos populares disse, em nossa primeira conversa, que não se sente “*diminuída*”, mas ao lembrar dos tempos de pós-graduação na Filosofia, ela contou sobre uma mulher:

Ela não entendeu, porque nós, de outras áreas, ela achava que não iríamos ter condições de acompanhá-la, mas claro que a gente acompanhou e quando começou a ver os seminários, as notas, então o grupo da filosofia se voltou e realmente queria muito estudar conosco, fazer seminário juntos, mas no começo fomos rejeitadas pelos alunos da filosofia...(“Militante”, Entrevista I, 2006)

Muitas foram as semelhanças que apareceram, quando essas professoras apontam o que tiveram que fazer para estar hoje nos cargos e funções em que estão. Muitas acabam, inclusive, caminhando por outras áreas, como a educação, por exemplo, já que na filosofia não conseguiram espaço para atuar, mesmo que tenham a mesma ou mais competência para tratar com a filosofia, se comparadas com os homens.

A professora “Artista” contou que, quando está em encontros de Filosofia, sempre tem lugares que, de uma forma ou de outra, fazem muito mal a ela. Os congressos de Filosofia e os seminários são exemplos desses.

São lugares muito duros, são lugares assim de uma frieza, de uma falta de criatividade pra falar, para construir, pra compartilhar e para dialogar com o outro. Então, parece que a filosofia sempre se coloca naquele espaço e por isso os filósofos, “ditos filósofos”, como grandes iluminados, que percebem a realidade de uma forma muito mais profunda do que qualquer outro ser, mortal. Então isso sempre me incomoda na filosofia, parece que tu sempre tens que estar te cuidando para não errar, sabe, entre aspas sabe, por que o que é errar? Sempre tem que estar disputando um espaço de reconhecimento, de poder, né. Talvez aí seja o masculino muito forte na filosofia. É sempre essa disputa de espaço de poder, de

reconhecimento. E mesmo aquelas pessoas que de alguma forma tentam (o que eu vejo) romper com esse modelo, elas ao romper com esses modelos, elas acabam construindo outros espaços diferentes, mas ainda espaços de poder (“Artista”, 2006, Entrevista II).

As relações de poder se faziam presentes de tal forma, que se cobrava muito da professora mulher, quanto à sua postura, aos tipos de relações que mantinha, sua casa, quem a freqüentava, o que vestia, os lugares por onde ia. Tanto que, muitas letras de músicas explicitavam as professoras como objeto distante, sendo consideradas como verdadeiros anjos. Antes, as professoras não podiam concorrer à vaga de professora de lógica, por exemplo, a ponto de, escutarmos pessoas dizendo que a inteligência tem sexo⁵⁸. Talvez seja por esse tipo de pensamento que as mulheres são maltratadas nos diversos campos de saberes, um pensamento que se mantém entre nossos meios acadêmicos. Tal atitude violenta nossa maneira de pensar e até mesmo o que nós queremos pesquisar, ditando o que é útil e o que não é, conforme a visão mercadológica e androcêntrica. Para exemplificar, trago a fala da “Transgressora”:

Quero destacar que é difícil para uma mulher consolidar seu espaço no âmbito da filosofia. Precisei fazer um esforço redobrado para ter um certo reconhecimento, porque há uma disponibilidade cultural para valorizar mais os homens que as mulheres. Isso é mais detectável no ambiente da filosofia do que na faculdade de educação. Mas como circulo-nos dois ambientes, noto essa sutil diferença. Os homens, mesmo quando se dedicam menos que as mulheres, obêm mais facilmente apoio e consideração. É como te falei: aquilo tudo foi muito difícil! Mesmo quando eu tirei o primeiro lugar no concurso de titular. Não faltaram comentários maledicentes, que eu tinha os cabelos não sei como e coisas desse tipo. Então sempre fica no ar uma certa suspeita sobre tua competência, sobre teu desempenho. Quando se tem uma conquista, fica por conta de aspectos externos (entrevista I, 2006).

Louro (1997) historiciza a atividade docente, no Brasil, como atividade iniciada por homens- religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549 e 1759 e que, posteriormente, foram homens leigos, que se ocuparam do magistério com mais

⁵⁸ Refiro-me ao caso do reitor de uma das mais poderosas universidades americanas- Harvard-, o professor Ph.D Lawrence Summers, que também foi ex secretário do tesouro no Governo de Bill Clinton. O reitor, em uma palestra disse que a genética favorece aos homens, visto que as mulheres deixam as pesquisas por causa da “vilã maternidade”, que as impede de se dedicarem 80 horas semanais ao laboratório (Revista Claudia, 2005, p. 60)

frequência, tanto como responsáveis pelas “aulas régias” oficiais - como professores que se estabeleciam por conta própria (p.449). Vencidas barreiras e preconceitos, hoje, existe um grande número de mulheres educadoras e pesquisadoras. Mas ainda assim identificadas com um modelo androcêntrico, temos muito o que superar, já que como lembra Lagarde “para sobreviver nos desidentificamos como mujeres” (Lagarde y Los Rios, 2004, p.19).

3.3.1 Mulheres, escrituras e escritoras: Onde ficamos nessa tessitura?

Na introdução do livro “*Mujeres en la história del pensamiento*”, Rosa Maria Rodriguez Magda⁵⁹, nos diz que:

Chirstine de Pizan, Marie de Gournay, Lucrezia Marinelli, Simone de Beauvoir, Maria Zambrano o Simone Weil...asumieron el riesgo del pensamiento, escribieron, nos legaron sus obras, y ello es importante no porque pretendamos entresacar una temática específica, no porque pretendamos añadir un pequeño capítulo de filosofía femenina a la filosofía en general, sino porque es justo el reconocimiento a su esfuerzo, porque las teorías de hoy e del futuro deben saber que sus palabras rememoran toda un tradición de pioneras, que el ejercicio del pensamiento no ha estado acotado a un solo sexo, y ello independientemente del campo de reflexión que se elija (MAGDA, 1997, p.9)

Muitas dessas mulheres citadas por Rosa Maria Rodrigues Magda foram professoras e muitos que atuam na educação as desconhecem. Preencher um vazio existente na Filosofia, aprofundando no âmbito escolar a relação das mulheres com o mundo do saber, para que os processos de exclusão sejam desmascarados e se tornem objetos de estudo, é algo que vem sendo construído por professores/as e pesquisadores/as. Talvez questionar onde são colocadas as idéias dessas filósofas, seja o início de um caminho, onde as mulheres na história do pensamento e na filosofia possam aparecer.

Não basta saber sobre suas vidas, é preciso conhecer suas concepções, idéias e teorias. Nem sempre existe esta preocupação; tanto em textos acadêmicos, quanto nos livros didáticos e práticas em salas de aula isso não é inserido⁶⁰.

⁵⁹ Essa professora de filosofia escreve também a obra “*Feminino fin de siglo. La seducción de la diferencia*”.

⁶⁰ Portugal possui bons estudos sobre as mulheres na Filosofia, destaco as obras “Pensar no Feminino”; “O que os Filósofos pensam das mulheres”, organizadas por Maria Luísa Ribeiro Ferreira.

A filosofia, tão conhecida como *mãe* de todas as Ciências, está repleta de saberes de mulheres que foram ocultadas, foram deusas, poetisas, filósofas, matemáticas, cientistas, guerreiras, mulheres que lutaram no universo privado.

Tratar as questões de gênero e história de mulheres significa também “explorar o inconsciente” (Bourdieu, 2000, p.59), trabalhando, assim, subjetividades, educando a humanidade permeada por mulheres e homens que continuam fazendo histórias, ainda carentes de análises. Simone de Beauvoir já dizia há tanto tempo no prefácio de sua obra “*O Segundo Sexo*”, que escrever sobre mulheres se torna um tema irritante, isso devido às volumosas tolices já ditas, porém ela mesma afirma que, mesmo com as produções teóricas feministas existentes, não foi esgotada a questão (p. 7). Estamos em pleno século XXI, grandes tolices relacionadas às mulheres continuam sendo escritas e faladas. Continuamos sem conhecer o que as mulheres escreveram e pensaram na filosofia.

Será necessário deixar de crer que é um problema de consciência apenas, e assim localizá-lo no horizonte da política econômica, dos direitos humanos e da construção de subjetividades móveis, capazes de enfrentar mudanças que venham de dentro e de fora (Gargallo, 2001, p. 23). Repito novamente, também não é pelo fato de serem mulheres que temos que lê-las, mas porque, como mulheres, contribuíram para a história do pensamento.

Desejamos que cada autora reclame para si el espacio que requiera: el de mujer que piensa o el de mero ser pensante que se enfrenta a una problemática universal. La teoría feminista es una disciplina concreta en la que caben por supuesto las aportaciones de filósofos varones (MAGDA, 1997, p.9).

Foram de fato as feministas que fizeram as primeiras reclamações sobre isso. Butler (2000) nos diz que a construção do gênero atua através de meios *excludentes*, de forma que o humano é não apenas produzido sobre e contra o inumano, mas através de um conjunto de exclusões, de apagamentos radicais, os quais estritamente falando, recusam a possibilidade de articulação cultural. Portanto, não é suficiente afirmar que os sujeitos humanos são construídos, pois a construção do humano é uma operação diferencial que produz o mais e o menos “humano”, o inumano, o humanamente impensável. Esses locais excluídos vêm a limitar o “humano” com seu exterior constitutivo, e a assombrar aquelas fronteiras com a persistente possibilidade de sua perturbação e rearticulação (p.161). A professora “Transgressora”, em uma de nossas conversas sobre as aulas de filosofia com um professor, lembrou:

(...) *ele olhou para mim ironicamente e disse: “Você deve ser normalista, né?”...Eu não tenho dúvida até hoje de que foi um certo deboche, sabe, porque eles detestavam, já havia aquele clima contra a educação, no caso era pior ainda porque era segundo grau. Eu fiquei inibida e aquilo marcou para mim um não acolhimento e bateu muito forte nessa timidez que eu tinha, nesse mundo que eu desconhecia.* (“Transgressora”, entrevista I, 2006)

Será que as marcas das vivências dessas professoras servem para que haja na Filosofia, hoje, um maior reconhecimento das mulheres? Se, durante toda a história do pensamento Ocidental, as mulheres atuaram no campo da filosofia, como superar lacunas de estudos nessa área? Concordo com Lívia Guimarães e acredito que hoje, “não considero aceitáveis os lugares que nos disciplinam” (2005, p.197).

3.3.2 Olhares androcêntricos e histórias para serem contadas

Eu achava que eu era muito burra. Tais foram as dificuldades que eu tive que superar (“Transgressora”, Entrevista I, 2006)

Nísia Floresta (1989) fez uma pergunta, referindo-se mais ao trabalho de casa, e à criação dos filhos, mas que cabe bem para essa problemática: “Que direito, pois têm eles, de nos desprezar e pretender uma superioridade sobre nós, por um exercício que eles partilham igualmente conosco?” (p.36). Da mesma maneira, podemos perguntar quanto ao exercício de refletir, usar o senso crítico, sermos amantes da sabedoria.

Os homens não podendo negar que nós somos criaturas racionais, querem provar-nos a sua opinião absurda, e os tratamentos injustos que recebemos, por uma condescendência cega às suas vontades; eu espero, entretanto, que as mulheres de bom senso se empenharão em fazer conhecer que elas merecem um melhor tratamento e não se submeterão servilmente a um orgulho tão mal fundado (FLORESTA-b, 1989, p.41).

Muitos filósofos falaram das filósofas, e muito mal. Eles não deixaram em nenhum período da história de falar das mulheres, e isso está registrado nos livros dos mesmos e nas nossas reproduções dessas idéias, pois foram privilegiadas as palavras dos homens que fizeram filosofia ao longo da história. Androcentrismo⁶¹ provém do grego *andrós* e refere-se à concepção ou saber supostamente neutro e universal que privilegia o ponto de vista dos homens como eixo articulador do discurso social e lógico-científico, sem considerar ou

⁶¹ Veja também o verbete “androcentrismo” no *Dicionário da crítica feminista*, 2005, p. 3.

desvalorizando o ponto de vista das mulheres (Yannoulas; Vallejos; Lenarduzzi, 2000, p. 426). Hoje tem mudado esse quadro e alguns homens também tem falado mal dos filósofos⁶² e considerado as idéias das mulheres.

Os escritos androcêntricos e misóginos dos filósofos, por um lado, se inspiram em situações concretas de desigualdade sexual e, por outro lado, buscam legitimar teoricamente a superioridade prática do sexo masculino (CARVALHO -a-, 2004, p. 230-231)

Nesse sentido, Carvalho (2004-a) fala sobre o caráter androcêntrico do discurso filosófico no artigo “*Filosofia e mulheres: implicações de uma abordagem da ética a partir de uma perspectiva de gênero*”. Fernanda Henriques e Maria Luisa Ferreira (1999) contam que, em estudos desenvolvidos em Portugal, chegaram à conclusão de que os filósofos têm sido fortemente responsáveis pela secundarização das mulheres na filosofia. Por um lado, porque afastaram durante muito tempo as mulheres do espaço público, onde a filosofia se desenvolveu; por outro, porque tenderam a pensar a mulher como intelectualmente menor e pouco orientada para as práticas filosóficas; finalmente porque os quadros conceptuais que contribuíram e dentro dos quais filosofaram, sempre eram adequados ao modo feminino de ser e de pensarem que o processo histórico foi determinado (p. 14). A brasileira Maria da Penha Carvalho (2002) diz que “de Platão até os nossos dias, a grande maioria dos filósofos sustentam a primazia da razão sobre a corporeidade e a decorrente condição ideal de comando da primeira sobre a segunda” (p. 48). Sendo assim, temos muito o que “contar” dos “olhares” androcêntricos dos filósofos e como nos disse Carvalho (2002-a) “não podemos considerar que excluir a metade da população do mundo de um sistema moral que se pretende universal possa ser encarada como coisa sem importância” (p. 52).

Sábata (2002) nos conta que Schäferstein, num brilhante livro sobre a vida dos filósofos, intitulado “*Los filósofos y sus vidas, Cátedra, Madrid, 1984*” (p. 18), oferece um quadro bastante ilustrativo:

De vinte e dois ilustres filósofos, apenas oito se casam. Além disso, são de todos conhecidas as palermices que das suas plumas saíram no momento de falar das mulheres. Nietzsche aconselhava-nos a levar chicotes quando fossemos com elas; Schopenhauer colocou os pensamentos femininos em relação inversa com o comprimento dos seus cabelos; Hume considerava-as oportunas naquelas reuniões em que as conversas descambam para o frívolo, e Descartes dizia, é fácil supor que com tanta malícia, que queria

⁶² Javier SÁDABA - *La filosofía contada con sencillez*. Madrid: Maeva Ediciones, 2002, p. 18-20, também comentada no artigo “HOMENS, MULHERES e FILOSOFIA”. Ver referência

escrever de modo tão claro que até as mulheres o compreendessem. Nenhum dos citados, certamente, manteve uma relação estável com uma mulher. Os filósofos, em geral, quando falaram sobre a mulher ou sobre a guerra brilharam. Ou, para ser sinceros, *caíram no ridículo*⁶³.

Percebo que há afinidade de pontos de vista em trabalhos produzidos sobre gênero e/ou feminista na Filosofia brasileira (produzidos por poucas pessoas) e de países como Portugal⁶⁴. Essas semelhanças se dão especialmente quanto a crítica aos olhares androcêntricos dos filósofos clássicos. Precisamos dialogar mais sobre nossas produções, especialmente para aumentar o número de pesquisas produzidas nessa perspectiva, para termos uma filosofia que reconheça o papel da mulher na história do pensamento filosófico.

Ainda encontramos, em salas de aula, estudantes falando semelhantes aberrações, achamos “normais”. Basta olharmos na história da Filosofia Ocidental como e o que os filósofos falaram das mulheres, para compreender porque os cursos de Graduação e Pós-graduação de Filosofia em nossas Universidades são fortemente marcados pela presença masculina.

Vejam alguns exemplos dos tratos às mulheres. Segundo Carvalho (2005-a), a tese da desigualdade essencial entre os sexos, que ingressou na tradição filosófica e vem, historicamente, conferindo legitimidade racional para as práticas discriminatórias em relação à mulher, teve sua primeira formulação em Aristóteles⁶⁵ (p. 158).

Conforme essa professora Aristóteles vai tratar de forma sistemática do tema da relação dos sexos e explicitar sua tese sobre a existência de uma essência inferior feminina (CARVALHO-a, 2005, p. 158). Esse filósofo não crê na igualdade entre os seres humanos. A própria natureza determina que alguns estão aptos a comandar e outros a obedecer, não sendo

⁶³ Idem, grifos meus. Saliento que quem tem se aprofundado nessas questões são em grande maioria mulheres e professoras de filosofia. Existem países como Portugal, Alemanha, Espanha e Argentina em que os estudos de gênero na filosofia estão bem avançados. Na Espanha, por exemplo há publicações da “Coleção Feminismos” (ver referências) e pensadoras como Célia Amorós, Amélia Valcarcel, Cristina Molina, Mercedes Madrid, Victoria Camps, entre outras trabalhando gênero e Filosofia.

⁶⁴ Sobre semelhanças intelectuais portuguesas e brasileiras ler Gobbi; Fernandes; Junqueira (2002): “Intelectuais portugueses e a cultura brasileira”.

⁶⁵ No texto *A questão da diferença dos sexos em Aristóteles* (2005), Penha busca evidenciar que a concepção aristotélica de uma deficiência natural da racionalidade pratica feminina permanece subjacente, justificando e legitimando o privilegio masculino que se perpetua ao longo dos tempos. Penha questiona qual a grande inferioridade da natureza feminina? Qual seria a deficiência específica das mulheres que poderia justificar a sua exclusão da vida pública e a dominação masculina em todas as esferas? Ela diz que a tese aristotélica sobre a inferior natureza feminina, manifestada sobretudo em uma suposta incompetência essencial para transcender desejos e emoções (infelizmente) não perdeu sua atualidade e, além disso, ainda desempenha a mesma função de legitimar privilégios masculinos que se perpetuam ao longo dos tempos (p. 172). Mesmo tendo passado quase vinte e cinco séculos, para ela Aristóteles continua sendo um referencial importante para análise da realidade contemporânea no que se refere às muitas situações concretas de desigualdade entre os sexos (p. 173).

desejável, nem justa a igualdade absoluta (CARVALHO-a, 2005, 169). Analisando os escritos biológicos de Aristóteles Carvalho (idem), diz que:

Aristóteles não estabelece distinção alguma entre os humanos e os demais animais. Assim, todas as características depreciativas atribuídas às diversas representantes do mundo animal, aplicam-se também as fêmeas humanas. Isto quer dizer que, para o filósofo, as vacas, as cadelas e as mulheres têm muito mais em comum entre si do que homens e mulheres (NR, 2005, p. 162)

Há um tratado chamado “*A Arte de Lidar com as Mulheres*”⁶⁶ sobre as idéias de Arthur Schopenhauer (1788-1860) falando sobre as mulheres e a Filosofia; nele encontramos as idéias desse filósofo alemão que via a arte como a única forma de um mundo sem razão. Para ele, as mulheres, como pessoas que, por causa da fraqueza de seu intelecto, são muito menos capazes do que os homens de entender, reter e tomar como norma *princípios* gerais, ficam em regra atrás deles em relação à virtude e, portanto, também da probidade e da retidão; por isso, a injustiça e a falsidade são seus fardos mais freqüentes e a mentira seu elemento real (p. 93). Os absurdos continuam: Schopenhauer (2004) escreveu sobre a mulher com relação à idade:

Contudo, decisivamente damos preferência ao período que vai dos dezoito aos vinte e oito anos. Fora desses anos, nenhuma mulher é capaz de nos excitar: uma velha, ou seja, uma mulher que não menstrua mais, desperta nossa repugnância. A juventude sem a beleza tem ao menos a atração; a beleza sem a juventude, não (p. 28).

Ele acreditava que quem se dedica às musas tem de pertencer à última classe. Por essa razão, ele diz que quase todos os verdadeiros filósofos permaneceram solteiros⁶⁷ (2004, p. 86-87). Schopenhauer (2004) chega a afirmar que “entre os filósofos e poetas, os *casados* já são por si *só* suspeitos de estarem voltados para *suas* coisas e não para o aprimoramento da ciência e da arte” (p. 87). Ainda nos escritos desse mesmo autor, encontramos aberrações como: “Não é possível manter as mulheres nos limites da razão, senão por meio do medo” (2004, p. 105). “Quando as leis concederam às mulheres os mesmos direitos dos homens, elas deveriam ter lhes dado também um intelecto masculino” (2004, p. 79). Pessimista,

⁶⁶ É um tratado bem pequenino produzido pela Martins Fontes, 2004. Na contracapa o professor que faz as notas de rodapés e a introdução, Franco Volpi, nos diz que ao ler o presente tratado, “devem ser levadas em conta os condicionantes e as circunstâncias, ou seja, o pesado fardo da tradição machista e os atávicos preconceitos que calcam a pena de Schopenhauer”. Alerta ainda que a ele deve-se pelo menos reconhecer o mérito de ter –se dedicado ao problema da relação entre a filosofia e as mulheres.

⁶⁷ Alguns exemplos de solteirões: Descartes, Malebranche, Leibniz, Spinoza, Kant, entre outros.

Schopenhauer disse que “casar-se significa enfiar a mão em um saco, de olhos vendados, na esperança de descobrir uma enguia no meio de um monte de cobras”.⁶⁸ Na introdução, Franco Volpi diz que contam alguns biógrafos “maliciosos” que Schopenhauer espancou, causando-lhe lesões corporais, uma costureira, que era sua vizinha, pois ela havia parado para “tagarelar” com outras “comadres”, perturbando o filósofo em seus pensamentos. Após uma série de processos que duraram cerca de cinco anos, foi condenado por *Realinjurie* a lhe pagar uma pensão vitalícia. Depois que ela morreu, o filósofo afirmou “A velha morreu, o ônus diminuiu” (2004, p.XXV).

Justificando suas idéias, o autor cita Rousseau, que dizia que as mulheres em geral não amam nenhuma arte, não entendem de nenhuma e não têm nenhum gênio⁶⁹. Com relação a essa idéia, Schopenhauer diz: “é da natureza da mulher ver em tudo apenas um meio de conquistar o homem, e sua participação em qualquer outra coisa é sempre apenas um pretexto simulado e tolo, ou seja, tudo acaba em coqueteria e afetação” (2004, p.5). Para ele, o anseio de conhecimento, aquele dirigido para coisas gerais, é próprio dos homens, já os que são dirigidos a coisas particulares, ou seja, curiosidade, é próprio das mulheres (idem, p. 13).

Schopenhauer acreditava que a mulher, em consequência de sua “razão débil”, participava menos das vantagens e desvantagens de ser um animal racional. Para ele, a mulher “é, antes, uma mente míope” (idem, p.14). Temos o que ele chama de “inteligência intuitiva”, que só enxerga o que está próximo, sendo assim o que está ausente do que nossa visão pode alcançar, como por exemplo, o passado e o futuro atuam de modo muito mais fraco do que nos homens. Mas o pensador, que é considerado por muitos como o filósofo do pessimismo⁷⁰, consegue ver um lado bom em meio a todas as desvantagens que isso pode acarretar a nós, mulheres, sendo este o fato de que a mulher fica mais absorvida no presente do que o homem, podendo aproveitá-lo melhor. Daí provém o que ele chama de “contentamento característico da mulher”, sendo diferente do homem que é sobrecarregado e cheio de preocupações (idem, p. 15), ou seja, o filósofo nos vê como despreocupadas.

Além de tudo, o filósofo afirmou que “a simples observação da figura feminina já mostra que a mulher não foi destinada a grandes trabalhos intelectuais ou tampouco físicos”

⁶⁸ Franco Volpi retirou essa afirmação de A. Schopenhauer, *Gespräche*, organizado por A. Hübscher, 5 vols. Em 6 tomos, Kramer, Frankfurt a. M., 1966-1975, vol. II, p. 162.

⁶⁹ Esse pensamento de Rousseau, Volpi retirou da *Lettre à d' Alembert*, note XX.

⁷⁰ Exemplo disso aparece no livro “*História da Filosofia*”, de Bryan Magee, em que o autor o apresenta como “o filósofo do pessimismo” (1999, p. 138).

(idem, 2004, p. 17). “As mulheres existem somente para a propagação da espécie, e seu destino se reduz a isso” (idem, p.18). As ciências, de certa maneira, sempre pensaram assim, há uma relação de poder do homem sobre as mulheres. Parafraseando Tomaz Tadeu da Silva, Louro (1997) penso que as representações são construídas na dependência do poder e possuem “efeitos” de poder.

Já por sua vez, o filósofo alemão Kant⁷¹, que viveu de 1724-1804, que é considerado por muitas pessoas que se dedicam à filosofia um dos principais filósofos iluministas, diz na sua obra “*Sobre o belo e o Sublime*” que o estudo laborioso ou especulação penosa, mesmo que *uma mulher* nisso se destaque, sufoca os traços que são próprios a seu sexo; não obstante dela façam, por sua singularidade, objeto de uma fria admiração. Porém, ao mesmo tempo, enfraquecem os estímulos por meio dos quais exerce seu grande poder sobre o outro sexo (1993, p. 49). Como exemplo esse autor cita a marquesa de Châtelet, que “travou disputas profundas sobre a mecânica” e a senhora Dacier, que teve, segundo ele, a cabeça entulhada de grego, dizendo que para esses tipos de mulheres “pode mesmo faltar uma barba, pois com esta talvez consigam exprimir melhor o ar de profundidade a que aspiram” (KANT, 2002, p.49).

A luta de mulheres que não queriam apenas ser vistas como belas é antiga. Por não se tratar de uma questão estética e sim de gênero, desde algum tempo tem se tentado fazer com que as mulheres não fossem vistas apenas como belas, digo isto, pois mesmo anteriormente a nomenclatura de belo sexo, elas resistiam no interior dos seus lares, ou sociedades para que suas diversas características intelectuais fossem apreciadas e também valorizadas. Mesmo ao analisar a mulher com características distintas dos homens, Kant, por infelicidade, coloca a mulher com características do belo sexo, o que, para ele, não parece nada ruim, inclusive ele diz na obra “*Sobre o Belo e o Sublime*” que quem conceituou a mulher com o nome de belo sexo, talvez quisesse ser cortês, porém foi mais feliz do que provavelmente ele mesmo

⁷¹ No livro “A arte de Lidar com as Mulheres” de Schopenhauer o professor de Filosofia da Universidade de Pádua Franco Volpi (2004) diz que, “as relações entre os filósofos e as mulheres não melhoraram, nem mesmo em época moderna” (p. 11). Para ele até mesmo Kant, que elevou a princípio a coragem de se servir do próprio intelecto contra todo preconceito e toda autoridade, “parece ter perdido com as mulheres o lume da razão. É verdade que o grande filósofo de Königsberg emancipou a mulher da primitiva e animalesca sujeição ao homem, concedendo-lhe o direito à “galanteria”, ou seja, à “liberdade de ter publicamente diversos amantes. Em compensação, porém negou-lhe o direito de voto e acumularam com prosopopéia uma série de preconceitos, ironias e impertinências sobre o sexo feminino, que apresentou como resultado científico de uma “antropologia pragmática”. Algum exemplo? “As qualidades da mulher se chamam fraquezas...”. “Com o matrimônio, a mulher se torna livre, e o homem perde sua liberdade”..E sobre a cultura feminina: “As mulheres cultas usam os

imaginou. A mulher para ele é mais refinada, seus traços mais sutis e suaves, e seu rosto mais expressivo e atraente. Os padrões a que ele se referia tinham a raça ariana nobre como base. Por isso, quando pensamos sobre os critérios de beleza estabelecidos pela nossa sociedade ocidental, é fácil perceber que a beleza também se torna uma questão de poder. A beleza está sujeita às leis do mercado, ao lucro e aos conflitos étnicos (GEBARA, 2000, p. 75)⁷².

Considero cínicas algumas abordagens feitas sobre as mulheres na obra “*Entendimentos sobre o Belo e o Sublime*”, em que o entendimento do sexo masculino deve ser profundo (entendimento sublime) enquanto que o do sexo feminino trata-se apenas de um belo entendimento. Faz parte do belo entendimento, tudo o que é muito aparentado, já os conhecimentos abstratos, úteis e áridos seriam muito difíceis, tanto que Kant (1993) diz que “a mulher não aprenderá geometria” (p.49). Todos os outros traços devem estar ligados em uma mulher, mas o sublime deve sobressair como marca do gênero masculino (idem, p. 48). Carvalho (2002-a) lembra que “a ética de Kant pode ser vista como paradigmática do ponto de vista masculino e excludente” (p. 51). Cito-a:

os conceitos centrais da filosofia moral de Kant, tais como o conceito de autonomia da vontade-que é para Kant, o princípio supremo da moralidade-, pressupõem uma relação desigual entre as duas dimensões do ser humano, o que acarreta, embora implicitamente, a exclusão das pessoas vinculadas à dimensão sensível, tida como inferior (2002, p. 51).

Percebemos então, nesses poucos exemplos que aparecem em questões da filosofia sobre as mulheres, que elas são tratadas com valores desqualificáveis para esse mundo, são colocadas como inferiores aos homens e pior, até hoje não conseguem de maneira significativa seu lugar na filosofia. Nos seus escritos, o sublime aparece como o entendimento, ousadia, amizade, ternura, respeito profundo, sinceridade e até mesmo como o silêncio, mas o silêncio pensativo. Por outro lado, faz parte do mundo do belo, a astúcia, o amor, o gracejo encantador, a intimidade, a vivacidade, a comédia, a conversação, entre outras características. Há o reconhecimento de que os seres humanos não são de um único tipo na obra “*Sobre o Belo e o Sublime*”, o que de repente poderia ser considerado como um avanço, se esses tipos não fossem abordados e comparados de maneira que as mulheres ficassem pejorativamente salientadas. “Kant excluirá a metade feminina da humanidade do domínio

livros como um relógio, que carregam para mostrar que têm, embora geralmente ele esteja parado ou não corresponda ao sol” (2004, p. 11).

⁷² Não vou aprofundar essa idéia para não mudar de enfoque: os “olhares androcêntricos”.

moral por não reconhecer que as mulheres possuem os atributos necessários para serem reconhecidas como sujeitos morais” (CARVALHO, 2002, p. 51).

Outros dois pensadores que se destacam por suas aberrações ditas e escritas sobre as mulheres, são John Locke (1632-1704) e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). John Locke é até hoje considerado um dos mais importantes filósofos ingleses. Escreveu “*Ensaio sobre o entendimento humano*” (1689), entre outras obras, e contribuiu para uma clara formulação dos princípios sociais e políticos que emergiram da turbulência da Inglaterra do século XVII e no estudo do conhecimento humano. O outro, Jean-Jacques Rousseau, nasceu em Genebra, Suíça, suas obras criaram impacto na educação, literatura e política. Sendo o primeiro filósofo ocidental a insistir que nossos julgamentos devem se basear nas exigências dos sentimentos e não apenas na razão, também acreditava que o homem era bom por natureza, ou seja, que ele nasce bom, alegando que a sociedade o corrompia.

Idéias revolucionárias, inclusive a de que todos os homens deveriam ser portadores dos mesmos direitos, aparecem também nos escritos de Rousseau, bem como argumentos contra o poder absoluto do rei e da importância da educação para o desenvolvimento humano, defendidos por Locke. Tais escritos nos fazem questionar por que estes pensadores não viam as mulheres como sujeitos, tratando-as como objetos apenas. Seria pelo fato de eles viverem em uma sociedade patriarcal? Se esse seria o motivo, então cabe questionar, como nesta mesma sociedade, apareceram preocupações⁷³ em emancipar as mulheres na sua condição humana, que englobasse a sua participação e valorização na vida pública e na privada. Por que ainda encontramos a população feminina sem acesso aos seus direitos?

Como podemos constatar, esses filósofos e outros tantos que desvalorizaram as mulheres, pouco se preocuparam (ou não se interessaram) em amenizar o abismo entre os direitos de homens e de mulheres. As idéias de liberdade, igualdade e fraternidade, no que diz respeito às leis, cabiam apenas aos homens, além deles chefiarem os lares. Mesmo Rousseau sendo um democrata, coloca as mulheres sobre a autoridade masculina. Na sua obra *Émile* (1761), Rousseau diz que tanto os processos educativos, quanto as relações sociais devem partir de um princípio básico: a liberdade como direito e dever, ficando claro que as mulheres devem ser educadas para os homens e serem mães, servindo apenas para o desejo masculino, estimulando-o sempre, pois para esse filósofo, a sedução é própria da natureza da mulher.

O “*Contrato Social*” (1762), obra de teoria política, expressa suas opiniões sobre o governo e os direitos dos cidadãos. Segundo ele, ao deixarem o estado de natureza, os homens estabeleceram entre si um contrato ou pacto, através do qual todos seriam iguais perante as leis. O Estado (isto é, a comunidade politicamente organizada) e o governo (isto é, o agente executivo do Estado que deve realizar a vontade geral), nascidos do contrato entre os homens, estavam submetidos às leis que deveriam ser aprovadas pelo voto direto da maioria dos cidadãos.

No “*Contrato social*”, as mulheres não fizeram parte, no que Rousseau chamava de igualdade perfeita. Nessa perspectiva, as mulheres apenas seriam beneficiadas se os homens dessas se beneficiassem com algo. Caso os homens fossem envolvidos pela questão moral que trata sobre a liberdade, a igualdade e fraternidade poderiam então, tratá-las melhor. Desta forma, aparece a hierarquia, primeiro o macho e depois a fêmea, no que diz respeito ao pensamento revolucionário do suíço Rousseau.

Trago as idéias de Schopenhauer, Kant, Rousseau e Locke, mas há em toda história da Filosofia vários textos sexistas. Como não é meu objetivo esgotar esse tema e sim ilustrar como as mulheres foram vistas por filósofos, não irei buscar argumentos em toda essa história. Parece estranho que, mesmo no século XXI, leiamos essas idéias sem nos posicionarmos criticamente e ainda sem conhecermos os avanços que fomos tendo no pensamento filosófico. Existe ainda hoje a ausência de uma percepção filosófica que leve em conta o que Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000) destacam: “a transformação das relações de gênero na academia depende de que eles (os homens) reconheçam que é possível aprender algo relativo à “verdade” com elas (as mulheres)” (p. 432). Isso exigiria que as palavras das mulheres fossem consideradas, interpretadas, citadas pelos homens; que a palavra dessas mereça a atenção e o tempo dos homens; além de uma reconstrução e um re-olhar para a história da Filosofia Ocidental. Sandra Harding fala que “no exame da crítica feminista à ciência, devemos refletir sobre tudo o que a ciência não faz, as razões das exclusões⁷⁴, como elas conformam a ciência precisamente através das ausências, quer sejam elas reconhecidas ou não” (1993, p. 13).

Contudo, não podemos desconsiderar alguns olhares positivos de filósofos para as mulheres. Segundo Maria da Penha (2003) Stuart Mill quer a emancipação feminina, sendo

⁷³ A revolucionária Olympia de Gouges é um exemplo. Ela reivindicou os direitos das mulheres nesse período.

⁷⁴ Magali de Menezes também fala que devemos perguntar os “por quês” dessa retirada em seu artigo no livro “As mulheres e a Filosofia”.

que essa não interfira nos papéis socialmente estabelecidos para as mulheres. Mill claramente iguala a opção de uma mulher pelo casamento à escolha profissional de um homem” (p. 203) . Penha (2003) afirma que:

Enquanto a maior parte dos filósofos procura justificar teoricamente a superioridade prática do sexo masculino, Mill, ao contrário, vai se empenhar em demonstrar que a condição de subordinação em que as mulheres se encontram, além de ser injusta em si mesma, não traz benefício algum nem para as mulheres nem para a sociedade como um todo (p. 191)

A professora-filósofa Márcia Tiburi (2003)⁷⁵ afirma que frente a todos esses elementos, não podemos desconsiderar grandes conquistas alcançadas e, apesar disso, a modernidade é um tempo de antagonismos. Descartes, por exemplo, trocará cartas importantes com a Princesa Elisabeth, assim como Leibniz e Locke trocarão correspondências com filósofas como Damaris Cudworth e Catharina Cockburn. Para Tiburi (2003) a modernidade aos poucos se divide entre os que criticam e defendem as mulheres. No século XIX, sob auspícios do feminismo crescente, Stuart Mill defenderá com ardor os direitos das mulheres como outros filósofos que não encontram fundamentos para a exclusão e o impedimento da cidadania e da liberdade de ação e expressão para as mulheres. No século XIX, mantidas as tensões modernas, muitos filósofos - como Nietzsche e os românticos - ocupam-se das mulheres de modo ambíguo: para muitos, ela permanece como a irrefletida figura de uma natureza indomável e misteriosa.

...em muitos países da Europa o feminismo, como reivindicação pública de direitos, cresce - mesmo⁷⁶ no Brasil, Nísia Floresta (que troca correspondências com Augusto Comte, o que mostra mais uma tentativa de trocar idéias, de produzir diálogo por meio da carta) torna-se uma figura importante por seus livros cheios de idéias revolucionárias para as mulheres - e mulheres tornam-se filósofas sem mesmo precisarem entrar na questão feminista, como é o caso de Hannah Arendt. São novos tempos que resultam de um longo processo histórico de escravização passada que provam que o feminismo teve e tem ainda sentido (TIBURI, 2003, s/p).

Desta maneira, a filósofa e feminista Simone de Beauvoir (2000) afirma que “é somente no século XVIII que homens profundamente democratas encaram a questão com objetividade.

⁷⁵ Em um artigo intitulado “As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento”. Ver referências

O que se falou, e o que se reproduz das falas e escritas dos filósofos é ainda o que distorce a realidade sobre as filósofas, percebemos que até hoje muitas pessoas que estudam Filosofia, mesmo que nos diferentes níveis, não se dão conta do que foi produzido nessa área em favor de uma exclusão feminina, muitas (sejam homens ou mulheres) nem se preocupam em buscar referências femininas. Esse olhar para as relações de gênero na filosofia precisa ser trabalhado, caso contrário continuaremos reproduzindo essa versão da história⁷⁷.

Algumas das professoras pesquisadas demonstraram conhecimento sobre a história das mulheres na Filosofia, mas foram poucas que, de fato, trabalham ou trabalharam a questão do feminino na Filosofia. Tem quem conheça as pensadoras que são na história da Filosofia mais estudadas, como Simone de Beauvoir e Hannah Arendt e trabalhem conceitos dessas; quem trabalha em sala de aula e escreve sobre mulheres na Filosofia; tem aquela que em nenhum momento cita ou se refere a alguma pensadora; quem não vê significado em se trabalhar idéias de uma determinada pessoa, apenas por ser do sexo feminino e quem reconhece a importância de se falar desses problemas e não fala...Enfim, cada uma é única e o importante, nesse momento, é que elas nos contaram as suas histórias de vida, enquanto mulheres na Filosofia.

3.4 As Instituições de Ensino Superior e sua relação com as professoras de filosofia entrevistadas

No departamento de Filosofia (UFSM), hoje, não tem nenhuma mulher professora. Eu aposentei em 1999, portanto, há 12 anos e não ingressou mulher, ou seja, as mulheres candidatas não foram selecionadas (“Rebelde”, entrevista II).

3.4.1 Um breve olhar para as Universidades das pesquisadas

Segundo Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000), uma análise preliminar da relação histórica entre as mulheres e as instituições universitárias é necessária para a compreensão das origens da discriminação na Academia (p. 434). Essas professoras contam que as primeiras

⁷⁶ Grifei. Mesmo que não se valorize a Filosofia no Brasil, temos filósofas e atualmente algumas professoras com leituras de feministas que se dedicam em pesquisar as filósofas, como por exemplo, Dorilda Grolli (Ulbra-RS); Magali de Menezes (Feevale-RS), entre outras.

⁷⁷ No livro “Pensar o Feminino” temos textos que mostram pensadores com uma visão sexista e outros textos sobre filósofos que pensaram no feminino. Como exemplos de ambos, aponto: “As mulheres de Hegel” de

universidades criadas na Europa, no transcurso do século 12, foram as de Bolonha e Paris, que permaneceram fechadas para as mulheres até o século 19, e que a primeira a admitir mulheres como estudantes foi a de Zurique, em 1865, e a última, a da Prússia, em 1908 (idem). Sendo assim, sabemos que a luta das mulheres para se inserirem nos meios acadêmicos é longa. O primeiro debate sobre a igualdade das mulheres e dos homens, em que se discutiu a visão masculina da identidade feminina e se reivindicou o acesso ao saber legitimado ocorreu na França, por exemplo. Era a “Querrelha das Mulheres⁷⁸”, onde participaram eruditos e eruditas das cortes, universidades, salões e círculos científicos, durante quase 300 anos (1364-1430). (idem p. 435).

Nas Universidades em que atuam, as professoras pesquisadas são poucas (ou não há outras mulheres) nos departamentos de filosofia. Concordo que embora a academia feminista tenha estimulado a produção de conhecimentos científicos não sexistas, analisando e redimensionando concepções epistemológicas tradicionais, o conteúdo e a metodologia científica hegemônica continuam manifestando traços simultaneamente androcêntricos. Neste sentido, os aportes dos estudos de gênero podem contribuir com seu potencial dinamizador para a exploração crítica e para a transformação do conhecimento científico atual, bem como para uma inserção mais efetiva das mulheres nos espaços acadêmicos (YANNOULAS; VALLEJOS; LENARDUZZI, 2000, p. 426). E ainda, que:

...a presença das mulheres-especialmente das acadêmicas feministas nas universidades contribui para a percepção das mulheres como sujeito e objeto de pesquisa e, simultaneamente, para a transformação da ciência androcêntrica (YANNOULAS; VALLEJOS; LENARDUZZI, 2000, p. 426)

Para contextualizar as Universidades e os cursos das professoras pesquisadas, trago alguns dados do INEP e CAPES, tanto sobre a instituição, quanto sobre os discentes e docentes nos cursos de Filosofia das mesmas, buscando perceber a presença das mulheres nos cursos de Filosofia no Brasil e, especificamente, nas Instituições das pesquisadas.

A Universidade do Vale do Rio dos Sinos é uma universidade comunitária, confessionária filantrópica, cujo curso de Bacharelado em Filosofia teve início em 17.08.1992, e o de licenciatura em Filosofia em 22/02/1954. Essa Universidade está situada

Manuel J. do Carmo Ferreira; “Feuerbach e a sensibilidade andrógina” de Adriana Veríssimo Serrão; “O feminino de M. Merleau Ponty. Um estilo ontológico?” de Isabel Matos Dias Caldeira Cabral. Ver referências.

⁷⁸ Destacaram-se nesse debate o Cartesiano Poullain de la Barre (1647-1723) e Christine de Pisan (1364-1430). Foi então que, pela primeira vez, algumas mulheres instruídas puderam documentar suas opiniões sobre o significado de ser mulher, denunciando e falando de sua própria existência.

no município de São Leopoldo. Atualmente, são oferecidos cursos de bacharelado e licenciatura, de modo presencial na graduação⁷⁹. Há também mestrado em Filosofia nessa instituição. Como consta no Projeto Político pedagógico do curso de Bacharelado em Filosofia, o curso de Filosofia da Unisinos é um dos mais antigos do Estado do Rio Grande do Sul e do Brasil. Sua história se confunde com a formação da Unisinos, iniciada como instituição universitária em 1969, e a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Cristo Rei, FAFI, criada em 1953. Teve a sua primeira turma em março de 1954 e, em 1957, o curso de Filosofia recebia seu reconhecimento pelo Conselho Nacional de Educação (Parecer 219/57 do CFE), estando preenchidos todos os requisitos legais para o seu funcionamento.

A Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul tem seu curso de Filosofia desde 26/03/1940, oferece bacharelado na Capital, Porto Alegre, e Licenciatura Plena em Viamão, esse último curso foi fundado em 15.03.2004. No município de Uruguaiana, existiu o curso de Licenciatura Plena em Filosofia, fundado em 14.03.1959. O curso de Graduação em Filosofia dessa instituição foi o primeiro do Estado. Constitui-se no berço do que seria, no futuro, a PUCRS e representa o suporte principal do posterior Curso de Pós-Graduação em Filosofia. E a PUC, não é nem confecionária e nem filantrópica?

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, também situada em Porto Alegre, é pública e Federal. O curso de Filosofia existe desde 01/03/1943.

A Universidade Luterana do Brasil, ULBRA, situada no município de Canoas, no Rio Grande do Sul, atualmente não tem realizado vestibular para Filosofia, porém nos dados do INEP de 2004, consta que é uma universidade comunitária, confessionária filantrópica. O curso existe desde 01/03/2002. A Feevale, local em que leciona uma das professoras pesquisadas, não possui curso de Filosofia. No entanto, é uma Faculdade que tem intensificado seminários e eventos com estudos nessa área.

Apresento um quadro demonstrativo dos programas de graduação das Instituições de Ensino Superior das professoras pesquisadas:

⁷⁹ Os dados sobre as instituições de ensino superior foram retirados do site da CAPES.

	TIPO DO CURSO	TOTAL MAT 2004	TOTAL MAT FEMININO 2004	TOTAL MAT MASCULINO 2004
Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos	BACHARELADO	15	6	9
Universidade Do Vale Do Rio Dos Sinos	LICENCIATURA	117	66	111
Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Bacharelado (CAPITAL)	113	50	63
Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Licenciatura (VIAMÃO)	76	08	68
Pontifícia Universidade Católica Do Rio Grande Do Sul	Licenciatura Plena (URUGUAIANA)	0	0	0
Universidade Federal Do Rio Grande Do Sul	Bacharelado	237	82	155
Universidade Luterana do Brasil	Licenciatura	07	12	19

Fonte MEC/INEP, extraído da tabela elaborada pelo INEP/DTDIE

Percebo que, nas instituições aqui analisadas, o número de ingressantes nos cursos de Filosofia é sempre maior quando se trata do sexo masculino. Mesmo parecendo óbvio, a professora “Militante” e a “Pragmática” disseram não saberem desses dados em nossas entrevistas. Isso chama a atenção para uma naturalização de nossa maneira de pensar quanto a

essa problemática. Ou estamos achando natural o fato de termos mais homens que mulheres na filosofia, ou fomos de fato treinadas para pensar androcentricamente, o que nos impede, na filosofia, de perceber essa diferença.

3.4.2 As Universidades brasileiras e o ensino de Filosofia

“Sentamos nos bancos das universidades e nos deparamos com um espaço masculino. Nossos cursos de Filosofia não se preocupam em resgatar essa história esquecida” (MENEZES, 2004, p.125).

Sabe-se que a primeira faculdade integrada no quadro do ensino oficial data de 1934, na Universidade de São Paulo. Em 1908, precedeu-a a faculdade de São Bento, fundada em São Paulo, por Dom abade Miguel Kruse, que iniciou no Brasil o ensino universitário de filosofia.

Segundo Jorge Jaime, o que é mais importante irá acontecer a partir de 15 de Novembro de 1889, época da proclamação da República, a criação do Ensino Superior de Filosofia em uma centena de faculdades espalhadas pelo Brasil (1997, p.213). Em 10 de Abril de 1939, tivemos o decreto-lei nº 1.190 que atendeu a inadiável necessidade da formação de nossos professores, tendo a criação de faculdades de filosofia em todo o país.

No Brasil, mesmo que haja mulheres lecionando em curso de graduação e pós-graduação em Universidades brasileiras, nos centros universitários, em faculdades integradas, faculdades isoladas, institutos superiores de educação tecnológica, enfim, em instituições que compõem o sistema nacional de educação superior do país, as mulheres são a minoria. No Estado em que resido, pesquisei cinco professoras que lecionam Filosofia, em cinco diferentes instituições de ensino superior e pude constatar isso. Basta olharmos os índices no quadro abaixo para perceber esse problema, o que mostra que na função docente em instituições de ensino superior os homens predominam.

Esses dados foram retirados do senso de educação superior, da Sinopse estatística da Educação Superior de 2003. Mostram o número total de Funções docentes (em exercício e afastados) por sexo:

Tabela de docentes nos Cursos de Filosofia nas IESs brasileira

Universidades	Centros Universitários	Faculdades Integradas	Faculdades, escolas e institutos	Centros de educação tecnológica
Professoras: 68.952	Professoras: 12.081	Professoras: 5.754	Professoras: 28.008	Professoras: 1.426
Professores: 89.750	Professores: 15.226	Professores: 7.456	Professores: 36.874	Professores: 3.289

Fonte:senso de educação superior, da Sinopse estatística da Educação Superior de 2003, p. 54

O número total de docentes do sexo masculino é de 152.595 e do sexo feminino 116.221.

**Tabela do número total de cursos de Filosofia (graduação presencial) em
instituições brasileiras**

FEDERAL	ESTADUAL	MUNICIPAL	PARTICULAR	COMUNITÁRIA CONFSSIONAL FILANTRÓPICA
07	07	01	13	31

Fonte: Dados retirados INEP 2003

Nos cursos de Filosofia, direcionados para formação de professores citados acima, foram oferecidas 4.469 vagas, sendo que tivemos 6.069 candidatos (as) inscritos (as) e 2.466 ingressantes (INEP 2003). O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira tem, em seus dados, o curso de Filosofia (filosofia e ética) e o curso de formação de professores de filosofia, que é o que estou analisando. Nesse, até 30.06.2003, havia o total de 6.569 inscritos⁸⁰, sendo 2.442 do gênero feminino e 4.126 do gênero masculino. De concluintes no ano de 2003, o total é de 963 nos cursos de formação de professores, sendo

⁸⁰ A procura é bem menor, pois no curso de filosofia, foi de 10.245 inscritos, sendo 3.823 mulheres e 6.422 homens.

344 futuras professoras e 619 homens. No vestibular desse mesmo ano, tinha-se o total de 4004 vagas para formação de docentes em Filosofia, tendo 2.440 mulheres inscritas, sendo que ingressaram 891 mulheres; e 2.870 homens inscritos, ingressando 1.343 homens⁸¹. Sendo assim, podemos notar que durante esse ano o ingresso e a conclusão do curso de Filosofia (para ser docente na área) é predominantemente masculino⁸².

Segundo os últimos dados do Instituto Brasileiro de Estatísticas Geográficas IIBGE (2002), as mulheres são a maioria nas Instituições de ensino superior. Em alguns estados, esses números são muito relevantes. O número de matrículas feitas em 2003 no Estado do Rio Grande do Sul, por exemplo, chegou ao total de 173.751 matrículas de mulheres e 129.803 de homens. Analisando os números de concluintes em cursos de graduação presencial (INEP 2003), vemos que de 32.471 concluintes de cursos de graduação, são 20.691 mulheres, para 11.780 homens.

3.4.3 Relação de homens e mulheres nos cursos de graduação em Filosofia

Para analisar como está a inclusão e a exclusão por sexo de estudantes nos nossos cursos presenciais de Filosofia no Ensino Superior de nosso país, levaremos em conta dados do MEC/INEP 2003, que constam no censo dos cursos superiores de Filosofia.

a) Quanto às vagas:

Conforme esse censo, há dois tipos de vagas para as duas áreas da Filosofia no Ensino Superior (Bacharelado e Licenciatura). Essas vagas são ocupadas através de processos seletivos como: o vestibular, ingresso como portadores de diplomas ou transferência. O vestibular é o que possui o maior número de ingressados, somando o total de 18.841, e no caso da Filosofia, tendo um maior número para a opção “Filosofia⁸³” e não para “Formação de Professores”.

O vestibular já é um processo de avaliação que exclui pessoas sem considerar suas condições anteriores de estudo e de vida. Ele não analisa a história de um sujeito. Segundo o censo

⁸¹ Temos outras formas de ingresso, além do vestibular, em nossas instituições de ensino superior, mas não iremos analisar esses dados.

⁸² Para complementar esse recorte é necessário analisar os dados dessa situação dos cursos de pós-graduação em Filosofia, com informações do banco de dados da CAPES.

do MEC/INEP 2003, temos os seguintes dados quanto às vagas nos vestibulares, na opção de se estudar Filosofia num curso de Graduação:

Tabela de número de vagas vestibulares em 2003

	Total	Diurno	Noturno
	8.050	3.238	4.812

VAGVE VAGVED VAGVEN

Bacharelado	4.046	1.715	2.331
Licenciatura	4.004	1.523	2.481

Dos inscritos (via vestibular) no processo seletivo 2003 foram 16.985, sendo a maioria homens (9.351) e a minoria mulheres (7.634). Nos cursos de Bacharelado somaram-se 11.675 inscritos, enquanto que nas licenciaturas apenas 5.310 inscrições.

Dessas 16.985 inscrições para vestibular, 9.351 foram de homens e 7.634 de mulheres, sendo muito maior o número de mulheres inscritas para bacharelado, do que para licenciatura. Em 2003 tivemos 16.985 inscritos no vestibular para cursar Filosofia nas Instituições de Ensino Superior, sendo 7.634 mulheres e 9.351 homens.

Percebo que essa análise é necessária, já que quero, entre outras coisas, pensar a situação das mulheres professoras de Filosofia. Como o passado é geralmente mencionado para argumentar a exclusão e tratar sobre o preconceito de gênero na Filosofia, temos agora que pensar o presente. Qual é o número de mulheres que ingressam no curso superior de Filosofia, tanto no Bacharelado, quanto na Licenciatura? Qual é a diferença deste percentual quando essas se destinam a ser professoras? Como essas mulheres estão ingressando comparadas com o número de homens? Quem evade mais, as mulheres ou os homens? Quais seriam as causas dessa evasão? E ainda, levando em conta a localização das Universidades (os aspectos sociais e econômicos), que condições financeiras possuem essas mulheres?

Nos dados analisados, encontro duas áreas; com o nome da área detalhada aparece: “Filosofia e Ética” e “Formação de professor de matérias específicas”; já com o nome do

⁸³ Consta essa nomenclatura nos dados do INEP, referindo-se ao Bacharelado.

curso temos as nomenclaturas “Filosofia” e “Formação de Professor de Filosofia”, o que se subentende como Bacharelado e Licenciatura, apesar de não estar claro isso. Há 125 cursos de Filosofia, ficando divididos 66 cursos de Filosofia (Bacharelado) e 59 de Formação de Professor de Filosofia (Licenciatura).

Três questões podem ser destacadas inicialmente. Primeiro, a questão de gênero: quando se referem aos docentes, usa-se a nomenclatura no masculino, apesar do MEC/INEP realizarem estatísticas por sexo. Segundo, quando se fala Filosofia, se coloca a palavra Ética e quando se trata de Cursos com Formação de professor de matérias específicas, está se referindo à Licenciatura, como se a Ética não entrasse nessa formação também e, além disso, como se licenciatura não fosse Filosofia. Coloco abaixo uma parte do censo do MEC/INEP, que leva em consideração os sexos dos/as matriculados/as nos cursos de Filosofia das Instituições brasileiras.

Tabela de Matrículas por sexo nos cursos de Filosofia nas IES brasileiras

Matrículas em 30/06/2003								
Total	Feminino	Masculino	Diurno			Noturno		
			Total	Feminino	Masculino	Total	Feminino	Masculino
16.814	6.265	10.549	7.762	2.523	5.239	9.052	3.742	5.310
MATT	MATF	MATM	MATD	MATDF	MATDM	MATN	MATNF	MATNM
10.245	3.823	6.422	5.001	1.824	3.177	5.244	1.999	3.245
6.569	2.442	4.127	2.761	699	2.062	3.808	1.743	2.065

Essa maioria masculina seria um resquício do velho sexismo e machismo presente no Ensino de Filosofia desde suas origens? O número é de 10.549 homens para 6.265 mulheres matriculadas, em que se percebe a quantidade de 4,284 homens a mais que irão estudar Filosofia. Nos cursos de bacharelado são 3.823 matrículas femininas e 6.422 masculinas. Nos cursos de Licenciaturas, são 4.127 homens matriculados, para 2.442 mulheres, o que não condiz com a feminilização tão costumeira das licenciaturas. Na graduação em Licenciatura Plena de Filosofia, os homens são ainda maioria no Brasil.

Por questões óbvias, o número de matriculados/as são maiores no turno noturno, e o número de mulheres na licenciatura diurna é consideravelmente inferior ao dos homens nesse mesmo turno. De 2.761 vagas diurnas na Licenciatura Plena em Filosofia, apenas 699 são mulheres, ficando os homens com as 2.062 “cadeiras” restantes. O mesmo não acontece à noite, pois o número das mulheres é quase igual ao dos homens.

Tabela de número dos ingressantes por vestibular para curso de Filosofia

Total	Feminino	Masculino	Diurno			Noturno		
			Total	Feminino	Masculino	Total	Feminino	Masculino
4.909	1.789	3.120	2.225	658	1.567	2.684	1.131	1.553
INGRVE	INGRVEF	INGRVE M	INGRVED	INGRVEDF	INGRVEDM	INGRVEN	INGRVENF	INGRVENM
2.675	898	1.777	1.280	390	890	1.395	508	887
2.234	891	1.343	945	268	677	1.289	623	666

Tabela de número de vagas oferecidas por outros processos

Total	Diurno	Noturno
693	325	368
VAGOP	VAGOPD	VAGOPN
228	52	176
465	273	192

Tabela de número dos candidatos inscritos por outros processos

Total	Feminino Masculino		Diurno			Noturno		
	Total	Feminino	Masculino	Total	Feminino	Masculino	Total	Feminino

1.170 571 599 404 173 231 766 398 368

INSCROP INSCROPF INSCROP M INSCROPD INSCROPDF INSCROPDM INSCROPN INSCROPNF INSCROPNM

411 209 202 103 49 54 308 160 148

759 362 397 301 124 177 458 238 220

Tabela de ingressantes nos cursos de filosofia por outros processos seletivos

Total	Feminino Masculino		Diurno			Noturno		
	Total	Feminino	Masculino	Total	Feminino	Masculino	Total	Feminino

343 132 211 169 48 121 174 84 90

INGROP INGROPF INGROP M INGROPD INGROPDF INGROPDM INGROPN INGROPNF INGROPNM

111 54 57 30 10 20 81 44 37

232 78 154 139 38 101 93 40 53

As matrículas

Os dados das matrículas são de 30 de Junho de 2003, com o total de 16.814. Há um número total nos Cursos de “Filosofia” de 10.245 matriculados/as, e na “Formação de Professor de Filosofia”, um número bem menor, 6.569. Podemos questionar por que o número de discentes diminui consideravelmente quando se trata de formação de professores/as?

Deve ser considerar a dificuldade de se encontrar concurso e/ou contratos nos diversos anos da Educação Básica para professor nessa área; imaginamos também que, atualmente, com a obrigatoriedade dessa disciplina nos currículos escolares, ocorra uma mudança dessa

procura nos próximos anos. Hoje é raro encontrar a Filosofia sendo aplicada nas escolas infantis, na Educação Infantil ou ainda, no Ensino Fundamental⁸⁴. Quando há no Ensino Médio, o Ensino de Filosofia, seja em escolas públicas ou privadas, existe o problema de que professores/as não especializados lecionem tal disciplina.

Esse fato mostra que a Filosofia é uma matéria de conhecimento menos valorizada. Não ocorre ver uma professora graduada em Filosofia, lecionando Matemática ou Química, por exemplo. Diferente da antiguidade, quando filósofos e filósofas eram matemáticos também.

Um fator que não pode deixar de ser mencionado, é que desde que Fernando Henrique Cardoso, sociólogo, não tornou obrigatório o ensino de Filosofia nas escolas brasileiras. Tanto que se pesquisas fossem feitas para ver o número de graduados em Filosofia, iríamos verificar que muitos nunca trabalharam na área, e nem sequer possuem perspectivas disso.

Tabela de Concluintes nos cursos de Filosofia no Brasil em 2003

Concluintes em 2003								
Total	Feminino	Masculino	Diurno			Noturno		
			Total	Feminino	Masculino	Total	Feminino	Masculino
2.326	852	1.474	1.124	353	771	1.202	499	703
CONCLT	CONCLF	CONCLM	CONCLD	CONCLDF	CONCLDM	CONCLN	CONCLNF	CONCLNM
1.363	508	855	681	233	448	682	275	407
963	344	619	443	120	323	520	224	296

Mais homens ingressam, cursam e se formam em Filosofia, pelo menos é o que é possível concluir com esses dados. Sendo assim, posso pensar que a presença significativa deles no corpo docente de algumas instituições mostradas anteriormente seja decorrente desse contexto. Porém, seria necessário fazer um levantamento específico dos estudantes de

⁸⁴ Há a Filosofia para as Crianças, que vem sendo trabalhada no Brasil. Para saber mais, indico obras de Matthew Lipman e um livro "*Matthew Lipman e a Filosofia para Crianças: três polêmicas*", de Renê José T. Silveira.

Filosofia das instituições que nossas professoras pesquisadas lecionam. O que quero, de fato, comprovar com os dados trazidos até então, é que a Filosofia no Brasil é um espaço predominantemente masculino, e que a história de vida dessas professoras, mostradas nessa pesquisa retratam um pouco da história da Filosofia em nosso país e de nossos cursos de Filosofia.

Esse ensaio de trazer alguns dados e realizar um levantamento das mulheres, alunas e professoras, em alguns cursos de Filosofia, justifica-se pelo fato de acreditamos que a comparação sobre as condições de existência das mulheres e dos homens nesses cursos, permite descobrir diversas formas de discriminação, especialmente quando fazemos o exercício de associar com histórias de vida. Hoje as pesquisas realizadas nesse sentido têm comprovado, como nos mostram Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000), que as mulheres são maioria naquelas carreiras e profissões com menor prestígio no mercado de trabalho e na academia, e que, portanto, a discriminação das mulheres no âmbito acadêmico e profissional mudou de direção: ela não se efetua mais pela limitação no ingresso, mas pela transferência a seu interior. Além disso, o nível superior do sistema educativo formal é o de menor presença feminina no corpo docente (p. 437).

A história da Filosofia é uma história que excluiu mulheres, que fez muitas se perderem em “labirintos” e/ou ainda se manterem em “cativeiros”, deixando-nos uma história que tem gênero: heterossexual; sexo: masculino; cor: branca; origem: européia.

3.4.4 A pós-graduação na área da Filosofia: Onde estão as estatísticas por sexo?

No departamento de Filosofia (UFSM), hoje, não tem nenhuma mulher professora. Eu aposentei em 1999, portanto, há 12 anos e não ingressou mulher, ou seja, as mulheres candidatas não foram selecionadas (“Rebelde”, entrevista II, 2006)

Quanto ao número de professores na pós-graduação da filosofia por sexo, não encontramos nenhum dado. A CAPES é atualmente responsável por estatísticas dos cursos de pós-graduação e não possui dados analisados que levem em conta o sexo do docente. Sabe-se que, no ano de 2004, tínhamos 431 docentes nos cursos de pós-graduação em Instituições de Ensino Superior de nosso país. Podemos observar o quadro abaixo, que nos mostra o número de docentes nos programas de pós-graduação em Filosofia, onde se situam algumas de nossas

pesquisadas. Esses dados foram coletados pelo Ministério da Educação –MEC e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior –CAPES:

Tabela das Instituições de Ensino das Professoras e número de docentes

Instituição de Ensino Superior	Número docentes em programa de pós-graduação em Filosofia/Ano Base 2004
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	15
Universidade Federal do Rio Grande do Sul	15
Unisinos	15 (conforme site da CAPES) 12 (conforme consta no projeto político pedagógico do curso de bacharelado em Filosofia)
Universidade Luterana do Brasil-RS	Não possui curso de Pós-graduação em Filosofia
Feevale	Não possui curso de graduação e pós-graduação em Filosofia

Fonte: CAPES/MEC

Cabe salientar que a Universidade Luterana do Brasil e a Feevale não entram nos dados, pois não possuem cursos nessa área. A professora “Militante”, por exemplo, leciona Filosofia da Educação em todos os cursos de Licenciatura.

Tabela das Instituições de Ensino das Professoras e número de docentes por sexo

	Número docentes homens na Graduação em Filosofia	Número docentes mulheres na Graduação em Filosofia	Número de docentes homens na pós-graduação em Filosofia	Número de docentes mulheres na pós-graduação Filosofia
UNISINOS ⁸⁵	13	03	10	02
UFRGS ⁸⁶	17	03	13	03

⁸⁵ As professoras que atuam no programa de pós-graduação em Filosofia na Unisinos são duas e na graduação são três.

PUC/RS ⁸⁷	16	01	14	-
----------------------	----	----	----	---

Analisando os números, fica visível que as mulheres são a minoria nessas instituições de Ensino Superior, tanto na graduação, quanto na pós-graduação em Filosofia. Não temos estudo no Brasil que tenha feito um levantamento das instituições e do seu corpo docente na História da Filosofia em nosso país. Mas, se outras mulheres passaram pelas dificuldades que algumas das professoras (com exceção de uma, a “Pragmática”) tiveram para poder atuar na Filosofia, como professoras, nesses cursos, imaginamos que essa realidade, levadas em consideração as mudanças devido às lutas das mulheres, esse quadro estaria apontando uma melhor realidade para nós, professoras de Filosofia. Temos que levar em conta que professoras como a “Pragmática”, que ingressou (em 1997) num programa de pós-graduação, já entrou pela “porta da frente”, diferente de outras, como a “Transgressora”, que teve que fazer um caminho inverso, e nem assim conseguiu fazer todo seu Doutorado em Filosofia e lecionar filosofia nesses programas.

A “Transgressora” nos contou que não pôde prestar a prova para ingresso como aluna no mestrado em Filosofia, por exemplo, porque o secretário disse que não podia aceitar o seu projeto. E mesmo sendo licenciada em Filosofia, esse tema não foi aceito. Ela desabafou:

Mas é difícil tu elaboraesr esse corte em ti. Hoje eu entendo desse corte [se referindo ao fato de não poder ingressar na UFRGS, porque trabalhava com filosofia da educação], que eles não sabem nada. disso, eles não sabem nada” (“Transgressora”, grupo-focal)

Poderia trazer esse exemplo para os dias atuais e questionar: será que há temas preferenciais nesses programas de graduação e pós-graduação? Os temas das mulheres na filosofia, gênero e filosofia são exemplos, que fazem, conseqüentemente, pessoas que pensam esses problemas não acharem espaço para atuarem. A professora transgressora, por exemplo, não pôde trabalhar com o tema educação numa época em que ele não podia ser pensado, acabou sendo excluída de processos de seleção para fazer sua pós-graduação na filosofia.

⁸⁶ Há atualmente 16 professores(as) no corpo docente permanente do programa de pós graduação da UFRGS, sendo 3 mulheres: Silvia Altmann, Kathrin Holzermayr Lerrer Rosenfield e Lia Levy. Esse dado foi solicitado à secretaria do curso.

⁸⁷ No folder de divulgação do Curso de Filosofia da PUCRS do ano de 2006, o corpo docente é apresentado com 25 professores, tendo apenas uma mulher: Prof. Me. Gládis Teresinha Wohlgemuth. Ao consultar a secretaria do curso passaram-me a informação, no dia 20.11.2006 que dos 61 docentes dos cursos: História, Ciências Sociais, Geografia e Filosofia, 17 são da Filosofia. Sendo que estão lecionando na graduação desses cursos 34 homens e 27 mulheres.

Fica a indagação (para próximos estudos): qual é o pensamento filosófico feminino? O problema está aí e é da Filosofia, pois o pensar feminino é um problema filosófico e já vem sendo trabalhado filosoficamente em outros países.

4 GÊNERO, FILOSOFIA E EDUCAÇÃO: O ENSINO DE FILOSOFIA E OS DESAFIOS FRENTE A QUESTÃO DE GÊNERO

Sabe-se que os estudos de Gênero redimensionaram e desconstruíram as concepções epistemológicas tradicionais, enriquecendo-as, ao adotar um ponto de vista não discriminatório (YANNOULAS; VALLEJOS; LENARDUZZI, 2000, p. 427). Acredito que “o trabalho conjunto - de homens e mulheres - para analisar e debater o sistema social de gênero é muito necessário, deixando de lado tanto as concepções androcêntricas como as ginecocêntricas, desmontando os processos de formação de guetos instaurados na academia” (idem, p. 429). Os guetos apontados por pessoas de diversas áreas podem ser entendidos como sinônimos de “labirintos”. falado. Os “caminhos e descaminhos de mulheres na Filosofia” pensados no capítulo anterior me levou a pensar nos “labirintos” que muitas vezes nos encontramos para produzir Filosofia. Lugares que se assemelham aos “cativeiros”, de Marcela Lagarde, mas que em nenhum momento da história da Filosofia, fez com que as mulheres deixassem de estarem presente na produção de conhecimento filosófico. Mas que tornou muitas dessas “prisioneiras”, tanto que ainda hoje, queremos conhecer quem foram as mulheres filósofas.

4.1 Exclusão das filósofas nos currículos e disciplinas, nas escolas e Universidades

Com isso quero pensar porque a Filosofia, historicamente, seleciona seus problemas, privilegia questões, discriminando outras que parecem não pertencerem ao nível de uma questão filosófica. Por que, por exemplo, a Filosofia resiste tanto em problematizar a história de opressão vivida pelas mulheres, construindo um discurso de exclusão e, muitas vezes, de desqualificação sistemática de mais da metade da espécie humana? Ou não seria isto uma questão filosófica? A Filosofia, ao negar essa discussão, não estaria negando sua própria condição, seu movimento de re-flexão, de voltar-se sobre si mesma? ...Este legado de silêncio omite a presença mesma das mulheres dentro da Filosofia, como se fosse exclusivamente um espaço masculino (MENEZES, 2004, p. 124).

É imprescindível que o educador e educadora saibam o que vão fazer em sala de aula, o que pretendem enquanto sujeitos políticos, modelando o currículo, como aponta Gímeno Sacristán, já que “um currículo busca precisamente modificar as pessoas que vão seguir esse currículo” (SILVA, 2001, p. 14). Através dessa clareza quem educa privilegia alguns temas, porém infelizmente no ensino de Filosofia em nosso país, o tema gênero não está sendo lembrado, como poderia ser. Assim, “parece-nos que o discurso que coloca o (a) educador(a) como modelador e transformador é idealista, já que suas ações fazem parte de uma prática social, por isso, as suas atividades são em muitos casos, uma ação de resistência, onde esses não se adaptam com o currículo pré-estabelecido” (ROSA, 2003, p.52). Talvez nos falta provocar novas perguntas.

Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000) afirmam que o androcentrismo científico articula-se especialmente numa hierarquia não explícita que sanciona os temas do conhecimento como dignos ou indignos, relevantes ou secundários, nobres ou não, e da mesma forma com as metodologias de pesquisa como apropriadas ou inapropriadas (p. 438). Porém há uma outra vertente do androcentrismo científico, denominado androcentrismo incluinte, “que embora permita o ingresso das mulheres na atividade acadêmica, continua desconsiderando as relações de gênero quanto à metodologia de pesquisa e conteúdo do conhecimento científico (idem, p. 442). Podemos contribuir, através da educação, para um mundo que respeite as diferenças e os (as) diferentes, enfocando a questão da corporeidade, cidadania e inclusão de mulheres, partindo da necessidade de conhecermos suas identidades e tirá-las do silêncio e da obscuridade, cabendo a comunidade escolar questionar o que devemos priorizar para a extinção dos pré-conceitos e discriminação, relacionada ao ser humano. O que é importante para a realidade dos/as educandos/as? Que conhecimentos são pertinentes em uma educação não excludente? O que pode ser feito para tratar mais sobre as mulheres em diversas áreas do conhecimento?

Até hoje muito se tem tentado fazer para trabalhar a discriminação existente em diversos segmentos de nossa sociedade, porém, mesmo que se saiba que inserir a questão de gênero no âmbito escolar é uma necessidade para que se possa tocar a questão da exclusão social, trabalhar a produção do conhecimento das mulheres e criar um diálogo entre homens e mulheres; ainda temos muito o que fazer, enquanto pesquisadores(as) e educadores(as). Muitas vezes, é negada a diferença individual e cultural, cabendo a quem educa que é comprometida com questões de gênero na educação falar nisso, considerar a realidade local e as necessidades emergentes dos meios.

Talvez o desafio seja trazer a idéia de que os saberes de homens e mulheres podem se relacionar de maneira pertinente, coerente, humana e transformadora, quando estaremos dando lugar a diferentes sujeitos, trazendo o olhar e o pensar da diversidade humana, pois “em nossa sociedade, a norma que se estabelece, historicamente, remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristã e essa passa a ser a referência que não precisa ser mais nomeada. Serão os “outros” sujeitos sociais que se tornarão “marcados”, que se definirão e serão denominados a partir dessa referência (LOURO, 2000, p.15-16). Esse problema aparece claramente nos livros didáticos brasileiros de filosofia, os quais, sem exceção, possuem pouquíssimas referências de mulheres.

Algumas professoras pesquisadas percebem essa exclusão e falaram em nossas entrevistas. A “Militante”, percebendo que, nos cursos de Filosofia, quase não há mulheres atuando, disse na segunda entrevista que não sabia se é pelo fato de ter pouca mulher filósofa que se dedica à Filosofia, ou se realmente essa é uma carreira para os homens. Outra professora fala:

Então a rigor na área da Filosofia nós somos três. E aí a gente vai perguntar: Cadê as outras mulheres filósofas? Na UFRGS, que eu tenho notícia, tem duas mulheres. Na PUC, até onde eu tenho informação nos cursos de Filosofia, no departamento e no instituto de Filosofia, a chamada linha dura da Filosofia não tem nenhuma mulher. Assim, fica toda uma história bem complexa. Eu não poderia também inventar muitos demônios e dizer que é uma perseguição..não acho que seja isso. Mas é expressiva, de fato. (“Rebelde”-Entrevista II).

Se formos levar em conta a história e todos os aspectos que norteiam as questões de gênero, vemos que essa trama é de fato muito complexa. Concordo com Saffioti (2004) que diz que, quem lida com gênero de uma perspectiva feminista contesta a dominação-exploração masculina e, por via de consequência, estrutura uma estratégia de luta para a construção de uma sociedade igualitária (p. 113). Assim, gênero, filosofia e educação precisam ser pensados nas salas de aula.

Son las puellae doctae, las jóvenes amaestradas, genias educadas desde la infancia en las lenguas latina y griega y en todos los saberes de moda excepto en la retórica, porque el dominio de la retórica marcaba el umbral de acceso al mundo del poder de verdad: el del ejercicio de la política de Estado. Se trata, en general, de jóvenes geniales que rompieron barreras de género, que buscaron su emancipación en un saber masculino definido como neutro que ellas hicieron propio y ejercieron con tanta o más maestría que los sabios que habían hecho de ellas sus discípulas cuando niñas. Maestros que, a su vez, las mimaron, las exhibieron y las admiraron, inscribiéndolas en su tradición de inmortales, haciendo para ellas un hueco específico en

el canon de la disciplina: el espacio de las “mujeres ilustres”
(GARRETAS, 1997, p. 98)

Para Louro (1987), dentro da ideologia dominante do período de 1930-1970, as mulheres deveriam mais ser educadas do que instruídas. Nessa distinção, parecia estar presente a idéia de que instrução seria algo mais adequado aos homens, ou melhor, algo perigoso para as mulheres, porque poderia colocá-las em posição semelhante à deles. O termo educação parece ser entendido de modo mais amplo e englobar uma formação ideológica, enquanto que instrução provavelmente se refere de modo restrito às informações, ou ao saber científico e cultural disponível num dado momento histórico (p. 26). Quanto à geometria, considerada desnecessária para as meninas (bastava que estas soubessem as quatro operações), servia para distinguir dois níveis de salário para os professores; então, deste modo, ainda que por lei os salários devessem ser idênticos, os que lecionavam geometria (portanto, só os professores homens) receberiam maior pagamento (idem, p. 25).

A atitude política de mulheres, mesmo não valorizadas durante a história, se fez presente em toda ela. Sabemos que o contexto social não foi nada fácil para as mulheres lidarem com o saber, mas nunca deixaram de fazê-lo.

Segundo Brabo (2002), a escola pode exercer um importante papel com relação às questões de gênero, desde que as mulheres e os homens que lá atuam, seja como diretoras, coordenadoras e principalmente como professoras, reconheçam a importância destas questões, pois a escola é o ambiente favorável e adequado à reflexão e questionamento dos papéis tradicionalmente atribuídos a ambos os sexos, desde os primeiros anos de vida escolar (p.45). Salientar a questão de gênero é uma necessidade, para que assim se possa tocar a questão da exclusão social e criar um diálogo entre homens e mulheres, buscando educar para a equidade e autonomia.

A escola e, por conseguinte, a Academia aparecem na história da humanidade como um lugar que deverá proporcionar ao ser humano o encontro consigo mesmo e com o mundo, por intermédio do conhecimento, da criação de um discurso. Mas as mulheres não pertencem, inicialmente a essa história de acesso ao saber, que lhes fora negado, impedindo, conseqüentemente, a própria possibilidade de sua humanização (MENEZES, 2002. p.13).

Como posso encontrar comigo mesma, se não aprendo e não ensino quase nada sobre o que minhas semelhantes pensaram, fizeram e escreveram? Frente à dificuldade que encontrei em termos de acesso às mulheres filósofas e as obras, acredito que, através do

resgate de identidades de professoras de Filosofia, na busca em compreender como elas se constroem enquanto filósofas (ou não), estou resgatando e valorizando os saberes femininos existentes na filosofia. É preciso estar atenta, como nos lembra Brandão (2003), “estar pessoalmente atento ao outro não procede de uma teoria, mas de um profundo sentido de amor e de desejo de compreensão” (p. 207). Nesse sentido, essa pesquisa foi muito bem recebida, pois ‘invadimos’ os espaços nunca visitados, onde estavam guardadas as “marcas” do preconceito de gênero nos caminhos do saber dessas mulheres.

Independentemente de, nem todas percebem ou se permitem perceber e falar dos preconceitos de gênero presentes em suas trajetórias na filosofia, todas, sem exceção, se permitiram serem provocadas e, de uma maneira ou de outra, as professoras se inquietaram com tal problemática. Mesmo não possuindo “o filtro” que a “Pragmática” disse não ter, ou desconhecendo as questões de gênero e feminismos, como a “Rebelde” falou, todas essas mulheres pensaram em si como sujeitos na filosofia, que possuem um corpo, que é feminino. Pensaram um corpo, que ainda hoje não tem espaço para ser pensado na Filosofia⁸⁸. A “Pragmática” chegou a conversar com colegas, de tanto incomodar-se com questões feitas sobre sofrer preconceito de gênero na Filosofia. O corpo apareceu como algo que tortura e por hora é torturado.

O inominável: o corpo torturado não pode ser dito. A verdade do corpo torturado é o grito enquanto mudez do conceito e expressão do sofrimento. Do corpo emanam dores, mas a tortura desenha o corpo o terror como nova entranha. O sujeito já não é ele mesmo e, no entanto, a subjetividade sobrevive à revelia do próprio aniquilamento. O que significa o corpo na trama da tortura/linguagem/subjetividade/poder no instante em que se vê perdida a noção de humanidade?⁸⁹

Percebemos, muitas vezes, a desumanidade no fato de ocultarmos, ou melhor, ignorarmos certas questões, que ficam à margem de um sistema, excluídos e ditos, muitas vezes, sem valor, principalmente em sociedades marcadas por grandes índices de desigualdades sociais e econômicas, repletas de preconceitos étnicos/raciais e sexistas. É emergente escutar negros, mulheres, pobres, índios, pessoas com necessidades especiais e homossexuais.

⁸⁸ É importante destacar que trabalhos vêm sendo feitos na perspectiva de pensar o corpo na Filosofia. Em 2002, participei do Congresso de Filosofia “O corpo torturado”, realizado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

⁸⁹ Palavras escritas na apresentação dos objetivos do congresso “O Corpo torturado”; retirado do material de divulgação.

4.2 O problema nos livros didáticos

4.2.1 As mulheres e a filosofia: Fomos treinadas para pensar de forma androcêntrica?

Magali Mendes de Menezes (2004) nos conta que a origem dessa discussão é, na Filosofia, bem mais remota do que imaginamos. François Poulain de la Barre⁹⁰, pensador de filiação cartesiana, já polemizava a respeito da inferioridade das mulheres, buscando compreender o porquê dessa desigualdade entre os sexos (p.125)

Bourdieu (2000, p. 59) questionou:

...como reconstruir os olhos das mulheres, como tratar enquanto sujeitos de percepção - e para si próprias, durante todo tempo em que apliquem a si mesmas as categorias de percepção dominantes, ou seja, masculinas, e se vejam com um olhar masculino?

Esse autor percebeu o modo com que as mulheres aprenderam sobre si mesmas e que, nessa aprendizagem, há uma subjugação epistemológica, em especial no campo da filosofia. Sandra Harding (1993) disse que “a crítica feminista à ciência aponta para uma área particularmente fértil em que as categorias do pensamento ocidental necessitam de revisão” (p. 12). Harding acredita também que o empirismo feminista argumenta que as mulheres e os homens feministas têm, como grupo, maior probabilidade de produzir resultados objetivos, destituídos de tendenciosidade, do que os homens ou pessoas não-feministas (1993, p. 14)

Percebo que as idéias e os saberes das mulheres na filosofia ainda não estão sendo trabalhados do jeito que as mulheres e homens feministas gostariam, sabemos que a exclusão das mulheres não é um problema apenas na filosofia e da filosofia. Até podemos perceber algumas filósofas sendo citadas, especialmente européias, porém, ainda no século XXI, quando vou a uma biblioteca, livraria ou até mesmo em feiras de livros, raramente encontro os livros e obras das filósofas⁹¹. O esquecimento das mulheres foi e ainda é consciente e intencional (ROSA, 2005-, p. 91). As professoras pesquisadas também percebem essa exclusão, algumas delas lêem as filósofas e consideram a categoria de gênero como algo que

⁹⁰ Maria da Penha Carvalho escreve um artigo intitulado “*Um filósofo feminista no século XVII: o cartesiano Poulain de la Barre*”.

⁹¹ Trabalho mais essas idéias nos textos: “*Incluindo as Mulheres Filósofas nas Salas de aula*”. Anais do 8º Seminário Internacional de Educação. Novo Hamburgo: 2005, p.195 – 206.

permeia seus olhares, porém o que percebo é que de fato “fomos treinadas para pensar como os homens⁹²” e isso não parece ser algo tão simples de ser superado.

Simone de Beauvoir⁹³ e Hannah Arendt trazem em suas reflexões um pouco do que é ser uma intelectual⁹⁴ no campo da Filosofia e da Educação em países desenvolvidos. Percebo que as professoras latino-americanas parecem não ter muita preocupação com essa questão. Um exemplo disso é que nos livros didáticos de filosofia raramente são encontradas idéias filosóficas de pensadores/as da América Latina, desconsiderando tais intelectuais. Uma das professoras pesquisadas, por exemplo, chegou a dizer que esse trabalho, referindo-se à pesquisa que faz de quatro filósofas (Simone de Beauvoir, Simone Weil, Maria Zambrano e Hannah Arendt) era sua paixão, mas que não tinha nada a ver com seu trabalho acadêmico, como professora de uma instituição de Ensino Superior.

Os clássicos são estudados, como se numa história a priori as mulheres não fizessem parte da humanidade e de maneira “fragmentada e bipolarizada aprendemos filosofia, como se ela fosse anexa a nós e não parte de nossas mentes e vivências” (ROSA, 2005, p.1-2), e o pior é que mesmo as mulheres que trabalham com filosofia falam pouco e quase não valorizam outras pensadoras, especialmente latino-americanas.

Como professora de filosofia, percebo que a discussão sobre o abismo que há entre as “Mulheres e a Filosofia” não se esgotou e se encontra nos guetos. Assim, discordo com a idéia de que há uma “abundante bibliografia que, nos últimos tempos, pretende fazer justiça às mulheres filósofas” (SÁDABA, 2002, s/p), pois quem procura leituras na área de filosofia sabe do número imenso de obras escritas por homens e a ausência, ou melhor, pouca divulgação dos livros produzidos por mulheres nessa área. É importante compreender duas coisas: que isso não se deve, em hipótese alguma, ao fato de as mulheres não terem escrito e/ou desenvolvido sua capacidade intelectual⁹⁵ nas diversas épocas da história e também que, quando as mulheres propõem essa revisão ou a compreensão dessa exclusão, não se encontram movidas por um instinto de morte e de destruição da Filosofia, mas justamente, ao

⁹² Essa expressão foi usada por Livia Guimarães, professora da Universidade Federal de Minas Gerais em um seminário de Epistemologia Feminista realizado em agosto de 2005 na UNISINOS.

⁹³ Simone de Beauvoir (09/01/1908-14/04/1986) era uma burguesa que não considerava a classe que pertencia superior ao resto da sociedade e se sentia pouco à vontade em sua pele (1958, p. 182). Chocava-se demasiado por ter tido o mérito ligado ao acaso do nascimento (idem, p. 122) e pode então, considerar a leitura a coisa mais importante de sua vida (idem, p. 67).

⁹⁴ Concordamos com Gramsci (1982), que ao falar da formação dos intelectuais diz que “não existem não intelectuais” (p. 07) e mesmo que esse filósofo na obra “*Os intelectuais e a organização da Cultura*” não se refira às mulheres intelectuais, a idéia de que todos somos filósofos/as propõe uma intelectualidade não elitista.

contrário, queremos mostrar seu sentido, que filosofar é um eterno recomeçar e porque ainda devemos insistir nesse recomeço (MENEZES, 2004, p. 124).

Esse recomeço e re-contar leva-nos a olhar para a história da filosofia e considerar as pensadoras, além de possibilitar um reconhecimento e talvez um aumento de mulheres trabalhando nos cursos de graduação e pós-graduação de nosso país. Essa não é uma tarefa tão simples, trago uma fala de uma das professoras que diz: “(...) em questões de feminismo, as questões da mulher, são leituras particulares, nesse sentido. Não é um tema tratado publicamente, por enquanto (...)” (“Militante”, entrevista I, 2006).

Recentemente, ao terminar uma palestra sobre a importância das mulheres na História do Rio Grande do Sul, uma estudante negra me procurou no final do debate, e disse que percebia o quanto não é fácil tratar essas questões e ainda mais quando se trata de mulheres negras. Escuto de quem educa também esse “incômodo”, por tentarem trabalhar essas questões em salas de aula.

Pelo fato de não concordar em educar de maneira sexista e machista como fui educada é que acredito que não podemos excluir as mulheres da história da filosofia. Acreditando que “*La eliminación de la opresión femenina es el deber moral de las mujeres*” (HIERRO, 1990, p.120) preocupo-me em compreender como as professoras da Filosofia aprendem sobre si mesmas, ao estudarem apenas idéias dos pensadores, como se não houvesse mulheres filosofando.

Quando penso em tais problemas, posso dizer com Simone de Beauvoir que “o tema é irritante, principalmente para nós (mulheres) e não é novo” (2000, p. 7). Com relação às mulheres filósofas, foram grandes as tolices ditas, que fizeram e fazem algumas pessoas se indignarem, repudiarem, contestarem e lutarem para que as mulheres consigam um reconhecimento nessa área. Existem professoras lecionando nessa área, porém percebemos que essas, muitas vezes, passam por discriminações por serem mulheres. Depoimentos como: “me marcou muito assim: um homem cortando a palavra de uma mulher, botando como ‘professorinha’, isso marcou. Marcou, tanto que eu não esqueço até hoje (“Transgressora”, entrevista I, 2006)”, apareceram e constrangem.

E ainda, no caso de uma das professoras que entrevistei, pelo fato de trabalhar com filosofia da educação, o problema se torna ainda mais agravante. Gostaria de destacar esse

⁹⁵ Entende-se intelectual como Gramsci definiu na obra “*Os intelectuais e a organização da Cultura*”.

segundo caso. Uma professora conta que queria um espaço para que a filosofia da educação pudesse compreender os problemas da educação, à luz desse diálogo com a filosofia, sem ser uma questão doutrinária, e que não tinha absolutamente nada sobre esse tema quando ela começou a fazer o doutorado nos fins dos anos 80. E diz, **“há um duplo preconceito, contra a filosofia da educação, que é considerada de segunda linha. E no meu caso esse clima contra a mulher** (“Transgressora”, Entrevista II, 2006)”. Essa professora disse, no encontro do grupo focal, que “tem uma questão que aponta a questão de gênero que é o preconceito da Filosofia com a Filosofia da Educação”.

Uma outra questão apontada foi referida aos homens que estavam nas bancas de seleção, a “Transgressora” disse que **“mesmo que a gente não acredita nos critérios que são adotados para avaliar quem tem mais produção, porque isso é discutível, dentro dos critérios que existem, aqueles homens têm o seu grupo, são articulados** (Entrevista II, 2006)”:

Mesmo quando eu tirei o primeiro lugar no concurso de titular. Não faltaram comentários malidicentes, que eu tinha os cabelos não sei como e coisas desse tipo. Então sempre fica no ar uma certa suspeita sobre tua competência, sobre teu desempenho. Quando se tem uma conquista, fica por conta de aspectos externos (“Transgressora”, entrevista I).

É dessa maneira que algumas mulheres aprenderam filosofia, vivenciando preconceitos e suspeitando de suas próprias capacidades, já que foram aos poucos ensinadas a pensar como homens androcêntricos, porém outras tantas perceberam e pararam para pensar sobre o que vivenciavam, algumas calaram e outras não. Ficando hoje, para quem leciona Filosofia, um lugar talvez melhor para pensar a partir do próprio corpo, como mulher.

No livro *“Também há mulheres filósofas”*, que não tem pretensão de proceder um estudo sistemático e/ou exaustivo, tendo um objetivo comum: mostrar que as mulheres escreveram e escrevem filosofia e que só a ignorância e o preconceito justificam o ocultamento dos seus textos, a organizadora, Maria Luísa Ribeiro Ferreira, acredita que são os filósofos os grandes responsáveis pelo lugar que as mulheres ocupam na tradição filosófica ocidental. Ela busca com essa obra também questionar a especificidade de um pensamento feminino, a problematização do conceito de natureza humana e a análise de diferentes tipos de escrita, literária e a filosófica (p.8). Traz textos de filósofas e de suas vidas, o que segundo a organizadora não é muito comum em Portugal, nem no Brasil. Ele tem a pretensão de motivar para uma leitura mais profunda de obras de filósofas, buscando fazer justiça às vozes dessas,

lembrando simultaneamente a sua existência e qualidade das obras, alertando para a importância de textos que, por várias razões, têm sido secundarizados na tradição filosófica ocidental⁹⁶.

Louro (2000) nos diz que é no âmbito da cultura e da história que se definem as identidades sociais (todas elas e não apenas as identidades sexuais e de gênero, mas também as identidades de raça, de nacionalidade, de classe, etc). Essas múltiplas e distintas identidades constituem os sujeitos, na medida em que esses são interpelados a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais (p.12). Assim, reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência.

Para essa professora, as identidades sexuais e de gênero (como todas as identidades sociais) têm o caráter fragmentado, instável, histórico e plural, afirmado pelos teóricos e teóricas culturais constrói uma história *às avessas*, exclusivamente apoiada na trajetória daquelas que foram revolucionárias, talvez também resultasse em uma construção reduzida e idealizada (LOURO, p.478-479).

Assim, podemos pensar nas filósofas e nas professoras de Filosofia nessa perspectiva., ser filósofa não é apenas ser amante da sabedoria (Philo=Amigo; amante); Sophia=sabedoria). Como disse a “Artista”: “o pensar das mulheres que foram exploradas e que, colocadas como uma parte da humanidade inferior trouxeram um pensar diferenciado”⁹⁷.

O filósofo é o amigo e não o possuidor da sabedoria. Ele forma conceitos que não são eternos, absolutos, mas sempre abertos à ruptura, ao tempo, ao movimento, ao intempestivo, ao diálogo...Os filósofos seriam aqueles que suspeitam dos valores presentes para, desse modo, criar um futuro e transformar seu tempo (MENEZES, 2004, p. 122-123).

É muito comum encontrarmos na Filosofia mulheres que se dedicam apenas a interpretar o mundo e livros, sem agir, criar, escrever e ser autônoma. Nesse sentido, mesmo que sejam difíceis tais ações, para sermos filósofas em países emergentes precisamos mais do que um título de filósofas. Precisamos da autonomia, pois a história da Filosofia e todos os livros didáticos do Brasil estão voltados para uma Filosofia escrita por homens, mesmo quando são mulheres que escrevem. Magda (1997) diz que:

⁹⁶ Escrevi uma resenha desse e se encontra publicada na Revista de Educação da Unisinos. Vol 10, nº 1.

la hora de construir nuestro genérico, deberemos concluir que somos algo más que un nombre, pero bastante menos que una esencia, en ese “realismo moderado” que propusiera Célia Amorós, con la precaria y determinante certeza de compartir, no un substrato metafísico, sino, como dice Amelia Valcarcel: una designación, una fenomenología. Sendo assim, só analisando e desconstruindo genealógicamente as interrelações poder/saber que daremos lugar às concepções de “a mulher”, “ podemos a la vez desvelar la genealogía patriarcal de muchos discursos supuestamente neutros y universales, y adentrarnos en la recreación-fabulación de una genealogía propia que legitime nuestra imagen y nuestra palabra” (idem, p.40).

Nós, mulheres, não somos parte da humanidade inferior, como nos fizeram pensar na história da humanidade. Por um bom tempo nos negaram acesso a espaços diferenciados e nos trataram diferentemente, e na história da Filosofia não foi diferente.

Creen algunos poco duchos en Historia, que no han existido ni existen mujeres expertas y doctas en las ciencias y las artes. Ello les parece imposible y no pueden entenderlo aunque lo vean y oigan cada día, persuadidos de que Júpiter sólo ha concedido el ingenio y la inteligencia a los varones, dejando a las mujeres, aunque de la misma especie, privadas de ambos. Pero sí aquéllas tienen la misma alma racional que el hombre, como antes he mostrado claramente, e incluso más noble, por qué no pueden aprender con mayor perfección aún las mismas artes y ciencias que los hombres? (GATELL, 1997, p.139).

Muitas mulheres na Filosofia vem construindo uma outra história. Hierro (1990, p. 111), chama de “*ética de interes*”, a tomada de consciência da condição de opressão das mulheres. Para ela, em todos os níveis socioeconômicos e de localizações geográficas, mulheres estão submetidas a uma “função feminina maternal”. Para essa filósofa, é a submissão à maternidade, que nos impede de realizar o ideal ético de felicidade individual e coletiva. Assim como Graciela Hierro, outras tantas mulheres tem escrito sobre valores éticos, relações de poder também na Filosofia.

Os saberes e “vocações” historicamente ditos como femininos hoje estão em constantes mudanças, muitos homens não participam apenas das etapas da gestação. E aquilo que era dito ser próprio do homem, também faz parte do cotidiano feminino, e vice versa. Por outro lado, posso questionar quais experiências das mulheres que trouxeram saberes diferenciados? Escuto as frases “Isso é assunto de homem” ou “Isso é assunto de mulher”, mas hoje, como estão se relacionando tais saberes, percebo que mudanças significativas nesse sentido ocorreram e estão ocorrendo. Mulheres fazem parte do mundo que era tido como

⁹⁷ Resposta que obtive por e-mail, quando solicitei sugestão de como começar a pensar a pergunta “o que é ser filósofa?”. Ver anexos.

masculino, com naturalidade e competência; e homens, cada vez mais, envolvem-se com os afazeres domésticos e a sua própria paternidade. Essas mudanças ocorreram devido às lutas de mulheres, em especial as feministas e também pelo fato de mulheres, após revolução industrial, terem entrado de maneira significativa no mundo do trabalho. Muitas mulheres, feministas ou não, concordam que “ser mujer y pensar ha sido una tarea ardua, pero si en el pasado no sólo ha habido silencio, en el presente no se puede reivindicar el gueto, se trata de lo que debía haber sido lo obvio y lo natural: usar la razón, tomar la palabra (MAGDA, 1997, p.9).

As escolas, ainda reproduzem nas salas de aula os estereótipos femininos. Desde a infância, institucionaliza-se a força masculina, ou seja, na família, assim como no Estado e na sociedade, a cabeça é o homem, o patriarca (HIERRO, 1990, p.36). Hoje, especialmente no Brasil, esse quadro não é mais o mesmo, o índice das mulheres que administram seus lares sozinhas aumentou.

Buscar uma identidade relacionada ao “ser filósofa” é algo complexo e envolve várias perguntas, que foram inquietações iniciais da professora e pesquisadora. Sabe-se que “antes do século XX, nenhuma mulher foi reconhecida como filósofa, no sentido estrito do termo (CARVALHO-a, 2004, p. 226).

Num exercício de “caminhar para si⁹⁸” e “caminhar com”, é que pretendemos contribuir para a problemática do sujeito, a mulher que é historicamente excluída, sendo a filosofia mais um lugar a que ela não pôde pertencer. Estamos presentes no mundo do saber filosófico sem ter, muitas vezes, o conhecimento de nós mesmas, considerando freqüentemente o papel de professora e não de pensadora e intelectual. Nesse conhecimento de si, tento buscar o entendimento da capacidade racional, da autonomia e emancipação⁹⁹ das professoras e encontro ao pesquisar uma professora, que nunca havia parado para pensar em si, enquanto mulher e professora na Filosofia.

eu acho que até podem ter havido [se referido a preconceito de gênero na filosofia], mas não é o meu filtro. Se alguém me fez alguma coisa e eu me senti discriminada, eu jamais me senti assim, porque eu era mulher. Era porque eu era isso, porque eu era aquilo. Nem

⁹⁸ Essa expressão retiro do livro de Marie-Christine Josso que, em sua tese de doutorado, mostrou a centralidade do sujeito aprendente, utilizando a análise de seu próprio percurso de vida e maneira de caminhar para si; título de sua publicação.

⁹⁹ Segundo, Cleoni Fernandes e Sólton Viola há algumas aproximações possíveis entre Antônio Gramsci e Paulo Freire no que diz respeito à autonomia e à emancipação, a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias. Ver referências

porque eu era mulher, nem porque eu era mulher judia, eu não sou, enfim, mas o meu pai é judeu. Nenhum tipo de, sabe, achava que era comigo pessoa [risos], mas não eu como mulher (“Pragmática”, Entrevista II, 2006)

Se as representações de professoras tiveram um papel ativo na construção de professoras, como diz Louro (1997), esperava eu que as mulheres na filosofia tivessem a mesma influência. Busquei perceber como estão essas representações nos nossos dias. Vale notar quem utiliza o poder para representar o outro e quem é apenas representado. Isso se torna particularmente importante, se pensarmos que, na maior parte das vezes, as mulheres e as professoras são definidas, e, portanto representadas, mais do que se definem (Louro, 1997, p.465).

Essa mesma autora pergunta qual e quais as imagens *mais verdadeiras* ou *mais próximas* da realidade e quais as que a distorceram, ela diz que as representações não apenas espelharam as mulheres, mas que efetivamente as produziram. Elas deram significado e sentido ao que era e ao que é ser professora. Ao se observar as representações, não se está apenas percebendo indícios de uma posição feminina, mas se está examinando diretamente um processo social através do qual uma dada posição era (e é) produzida. Louro questionou como as mulheres professoras eram representadas? Quem as representava? O que se dizia sobre elas? Quem escrevia sobre elas e para elas os poemas, orações, discursos, canções? Quem as caricaturava ou louvava? (p.464)

Magali de Menezes (2004) analisa que o discurso filosófico torna-se androcêntrico, mostrando uma razão que não é apenas indiferente às falas femininas, mas é profundamente hostil. O saber constrói-se como poder, por isso a busca enlouquecida do pensamento ocidental pela unidade faz com que este passe a ser sinônimo de guerra (p. 124-125).

Biografias de mulheres são raramente apresentadas nas aulas de Filosofia, citações de pensadoras raramente aparecem nos quadros negros. Mesmo quando são mulheres filósofas que escrevem um livro didático, não há uma ênfase para as idéias de filósofas que viveram nas mais diversas épocas (ROSA, 2005, 2-3)

Muitas pessoas se dedicam em suas pesquisas a análises de livros didáticos, comparando e levantando problemas. Na filosofia, tenho encontrado muito pouco sobre as filósofas, especialmente nos livros didáticos. Com relação às mulheres, tem se reproduzido o preconceito. Soihet (1997) aponta que antigamente o modelo ideal de mulher que se distinguia nos autos era o de mãe, dócil e submissa, cujo principal índice de *moralidade* era

sua fidelidade e dedicação ao marido/família. O homem se definia pela dedicação ao trabalho, pois sua obrigação fundamental era prover a subsistência da família (grifei) (p.382). Ainda hoje vemos esse modelo presente em nosso cotidiano, ele não é um modelo que está nos livros, pior ainda, os livros didáticos raramente se dedicam a tais questões.

A Filósofa Ana Miriam Wuensch, professora do departamento de Filosofia da Universidade de Brasília- UNB, questiona por que pouco se divulgam as contribuições femininas na história do pensamento humano:

Os livros didáticos de todas as áreas e até mesmo os de Filosofia pouco contam sobre a participação feminina e suas contribuições para a sociedade. Ouve-se falar em Sócrates, Platão, Aristóteles, mas e as filósofas? Onde estariam nessa época? Os que não conhecem muito do assunto podem até pensar que as mulheres não fizeram nada importante, entretanto, a verdade é que essa história ainda precisa ser reconstruída (<http://www.unb.br/acs/bcopauta/mulher1.htm>).

É preciso reconstruir a história da filosofia ocidental, porém, nota-se que mesmo essa professora, que faz a crítica aos livros didáticos, não reconstrói essa história no seu próprio material didático¹⁰⁰. Nesse livro, as autoras citam em algumas unidades Hannah Arendt, Marilena Chauí e algumas outras mulheres de outras áreas, porém chama atenção que na parte denominada “Filósofos da unidade”, que possui em todas os capítulos do livro, as filósofas não são lembradas como os filósofos são. Elas estão presentes apenas em duas sessões, a do “pensar” referindo-se a Marilena Chauí e a do “sentir”, trazendo Simone de Beauvoir.

Reconheço que esse exercício não é fácil de ser feito em um material didático, e isso só demonstra que, mesmo as professoras que fazem uma crítica à ausência das mulheres na filosofia, sentem dificuldade de transgredir esse modelo de livros didáticos que temos. E esse não é um problema que se encontra na produção dessas mulheres, mas de todo um contexto, que envolve seleção, revisão, editoras, ideologias, etc.

Percebo que quem aprende se choca em saber, por exemplo, que existia homossexualismo na Grécia Antiga; e ainda nem sequer imagina que mulheres também fizeram e fazem parte do mundo da Filosofia, que muitas escreveram livros e expressaram suas idéias filosóficas. Surpreende-se em saber que, muitas vezes, mulheres foram mortas por pensarem e criarem conhecimentos. Muitas tiveram seus corpos e mentes dilacerados,

¹⁰⁰ Refiro-me aqui ao livro “Pensando melhor-Iniciação ao filosofar” produzido por Angélica Sátiro e Ana Miriam Wuensch, publicado pela editora Saraiva.

submetidos a torturas, queimadas e suas bocas caladas. Nossos livros didáticos poderiam contar essas histórias, ou não?

Há uma necessidade de recordar, proporcionar o conhecimento do pensamento de filósofas e trazê-las para o meio das discussões. Isso já tem sido feito em áreas como história, português, literatura, por exemplo.

nada las condena a um rango inferior y sin embargo seguimos asistiendo a su clara ausencia o minusvaloración em los programas oficiales de enseñanza, desearía que las instancias académicas fueran sensibles a ello, porque una historia del pensamiento que las ignore no es sino un bagaje cultural parcial y precario, los estudiantes reciben así un legado sesgado y las mujeres que acceden a este campo se resienten de una falta de genealogía, de prototipos que ortoguen a su palabra legitimidad, memoria y normalidad (MAGDA, 1997, p.9).

Muitas vezes, em artigos, as pensadoras aparecem como companheiras ou alunas de filósofos já conhecidos, e não como seres repletos de saberes e subjetividades. Simone de Beauvoir, por exemplo, aparece como companheira do filósofo Jean-Paul Sartre, um exemplo disso aparece na coleção destinada a pequenino/as pensadores/as, que é coordenada pela filósofa Maria de Nazareth Agra Hassen. O volume IV fala de Simone de Beauvoir e Sartre, retratando a filósofa mais como mulher apaixonada por Sartre do que como filósofa e professora. Não são raras as vezes que encontramos suas obras na parte destinada à literatura e não nas prateleiras sobre filosofia.

Hannah Arendt (1906-1975) é referida também como excelente aluna e por seu envolvimento amoroso com Martin Heidegger. Desta maneira, “é necessário pensarmos que tipo de saber foi construído ao longo da história, que se fez por meio de uma profunda exclusão, negando às mulheres a entrada nesses espaços de saber e de uma indiferença a qualquer produção e criação dessas mulheres” (MENEZES, 2002, p.14), e ainda, como diz Tiburi (2002), “precisamos perguntar sobre o porquê da retirada” (p 33) dessas mulheres.

Em um primeiro olhar nas questões das mulheres e a Filosofia, posso até me enganar, acreditando que pouco foi escrito por e/ou sobre elas. Porém, o que constato nessa investigação é que suas idéias vêm sendo resgatadas já há algumas décadas. Algumas biografias estão sendo feitas e algumas pesquisas e trabalhos vêm sendo realizados, especialmente em núcleos de pesquisa nos Departamentos de Filosofia em Universidade Latino-Americana que se propõem a pensar gênero e feminismos. No Brasil, ao que parece,

há apenas o departamento de filosofia da Universidade Gama Filho do Rio de Janeiro, que pesquise essa problemática.

Há quem acredite que “o tema da mulher não está ausente na história da filosofia” (CARVALHO-a, 2002, p.46), isso por aparecerem questões nas diferenças dos sexos em textos de importantes filósofos da tradição ocidental. Apareceram referências às mulheres, mas falaram muito mal, na maior parte das escrituras. O que Francesca Gargallo (2001), no prefácio de “las ideas feministas latino-americanas” reflete, ao citar a filósofa Urania Ungo, é que citar é um ato político. Ela diz: “Las feministas latinoamericanas em nuestros escritos no nos citamos a nosotras, recurrimos a la autoridad exterior para justificar nuestro pensamiento. Pero la autoridad es sempre política” (p.9). Nessa perspectiva, a professora de Filosofia da Universidade de Barcelona afirma:

Me parece interesante, por ello, insistir en esa particular relación que se observa entre muchas de las mujeres, que esforzadamente, tomaron la palabra durante aquellos siglos y que consiste en ese *reconocimiento* temprano y a menudo recíproco de la obra de otras autoras coetáneas. *Citándose unas a otras fueron dejando sus huellas al tiempo que conservaban, autorizaban y, por tanto, “ilustraban” el nombre y el saber de otras mujeres (que, a su vez, imprimían huellas de sí y de otras escritoras...)* Una investigación paciente orientada a recuperar y *transmitir* las voces de esas autoras, virtuosas por su sabiduría (y, sin embargo, de no siempre fácil acceso), ha de proporcionar elementos útiles para definir otras formas de representación de la identidad femenina desafortunadamente poco difundidas (GATELL, 1997, p.136) (grifos meus)

Acredito que o ato de educar é um ato político, a filosofia continua sendo premissa básica para uma formação mais humana, onde o Antropos¹⁰¹ é um ser político na medida em que atua na sociedade motivado por suas ideologias, crenças, saberes e motivações. Brabo (2002) diz que a atitude política de mulheres, mesmo não sendo vista na filosofia se fez presente na história e a escola pode exercer um importante papel desde que a consciência da importância destas questões para sua formação, mas também do homem, pois a escola é o ambiente favorável e adequado à reflexão e questionamento dos papéis tradicionalmente atribuídos a ambos os sexos, desde os primeiros anos de vida escolar (p.45).

Pensar nas obras de mulheres remete a uma reflexão e a um estudo sobre cada época. Percebe-se que, durante alguns períodos, algumas obras e mulheres apareceram mais que em

¹⁰¹ Antropos designa o ser humano na sua generalidade, independente de seu pertencimento a grupos sociais, culturais ou históricos. É uma palavra que permite reunir, ao mesmo tempo, as características comuns entre todos os seres humanos, independente de raça e de gênero (Josso, 2004, p.21).

outros, bem como, se analisarmos regionalmente, perceberemos que há regiões em que as filósofas são estudadas bem mais, outras já possuem uma caminhada mais longa nessa busca. Em alguns textos, especialmente de Barcelona, editados pela Anthropos e livros de Portugal da Universidade de Lisboa, pode-se perceber um avanço, fruto do projeto “*Filosofia no Feminino*”, entre outros.

En la Querrela de las mujeres (que tiene historia bien conocida ya en el siglo X) son visibles en el siglo XV dos temas muy interesantes literaria y políticamente; dos temas que siguen muy vivos en la crítica feminista contemporánea. Uno de ellos es el ideal de igualdad entre los sexos; el otro es la existencia de autoridad femenina. Los dos temas son fundamentales para entender a las escritoras de la época y sus textos: es decir, para entender la autoría literaria femenina y el lugar que ocupa en la tradición poética española (GARRETAS, 1997, p.96-97)

A história das mulheres ensinada nas salas de aula fica visível sobre como se constituiu, bem como o porquê das obras das mulheres não estarem sendo utilizadas nas salas de aula. Louro (1997) nos diz que um olhar atento perceberá que a história das mulheres nas salas de aula é constituída e constituinte de *relações sociais de poder*. É mais adequado compreender as relações de poder envolvidas, nessa e em outras histórias, como imbricadas em todo o tecido social, de tal forma que os diversos sujeitos sociais exercitam e sofrem efeitos de poder. Todos são, ainda que de modos diversos e desiguais, controlados e controladores, capazes de resistir e de se submeter (p.478). Uma das professoras entrevistadas, referindo-se ao não envio de um projeto sobre gênero, mulheres e filosofia disse:

(...) *mas por causa de outros projetos de pesquisa que têm mais aceitação, no fim nós enviamos para o ano que vem um projeto que não era esse que nós queríamos que era sobre as questões de gênero...enviamos um sobre ensino superior, não enviamos ainda. Nós vamos fazê-lo particular. Isso que eu te disse, são trabalhos particulares, mas eu vou fazer essa pesquisa para mim, porque eu gosto, porque é algo em que eu acredito* (“Militante”, Entrevista II, 2006).

Ela contou nessa entrevista que “em questões de feminismo, as questões da mulher são leituras particulares, nesse sentido. Não é um tema tratado publicamente, por enquanto”, deixando bem claro os efeitos do poder.

Mesmo que tenha aumentado significativamente o número de pesquisas sobre as relações de gênero e de mulheres no Brasil, na filosofia essas idéias não são, muitas vezes,

bem recebidas. Contudo, no Brasil destaca-se por ter obtido com grande êxito a consolidação de uma área de pesquisa voltada para essas questões (de gênero) (SORJ, 2004, p. 119)¹⁰².

Nota-se que na Filosofia ainda temos muito o que pesquisar nessa perspectiva.

las nociones de géneros literarios, como libro u obra, pueden servir difícilmente para documentar una producción, la femenina, raramente institucionalizada, hecha al margen de la academia, no reconocida científicamente, ajena muchas veces a la tradición escrita, necesariamente interdisciplinar y perecedera (MAGDA, 1997, p.44).

As obras raras geralmente não são reconhecidas e, por isso, são extremamente difíceis de serem encontradas em bibliotecas escolares e inclusive de faculdades e universidades. Nota-se, nesse aspecto, a importância dos grupos e núcleos de pesquisa e grupos de estudo, que proporcionam o conhecimento de dados ainda não estudados, bem como livros traduzidos e uma maior interação daqueles que possuem objetivos em comum. Isabel Morant Deusa, professora de História da Universidade de Valencia e diretora da Coleção Feminismos, da Editora Cátedra, fala :

A ello contribuye el que los textos filosóficos escritos por mujeres, de ordinario no están incorporados en los tratados al uso, aun cuando como en el caso de Hoffman el objeto de estudio sea el sujeto femenino. Es sabido que la Historia de las Ideas de raigambre filosófica habitualmente ha privilegiado a autores consagrados. Pero hoy sabemos y hemos comprobado, dado que hemos incorporado otros textos, que la filosofía de las mujeres sobre su propio papel en la sociedad, en la familia o en el amor, revela a menudo otras ideas y otras experiencias. Hay ejemplos significativos en los textos de mujeres ilustradas, bien conocidas en Francia, como Mme. De Lambert, Mme. de Chatelet o Mme. d'Épinay. La lectura de sus textos demuestra sin paliativos la existencia de un debate lleno de matices respecto de las mujeres, si se sabe buscar, es una polifonía de voces en donde los autores revelan pensamientos y realidades diversas de unos a otros textos. Encontramos opiniones ilustradas emergentes en el siglo que han quedado a menudo cubiertas, mitigadas, por otras voces más potentes. Por ejemplo, por lo que podríamos denominar voces roussonianas, que acabaron por imponerse entre los lectores de las clases medias y de la aristocracia entre los siglos XVIII y XIX. Pero, a pesar del dominio de unos discursos sobre otros, las voces de los textos eran más diversas, complejas y contradictorias de lo que se desprende de la lectura de los manuales de conducta más difundidos o de las ideas nuevas o antiguas que tuvieron mayor divulgación a través de la prensa, por ejemplo (p.147).

Percebo que as mulheres escreveram e escrevem muito, algumas pessoas buscam resgatar esses saberes e identidades. Os encontros sobre mulheres e a Filosofia deveriam ser

¹⁰² Como exemplo no Brasil tivemos, em 2006, a sétima edição do Seminário internacional fazendo gênero”, onde apresentei dois trabalhos e um deles era justamente sobre Nísia Floresta.

mais recorrentes. O conhecimento do que as filósofas falaram e falam, dificilmente chegará às escolas, se o limite for o que os atuais professores e professoras aprenderam. A exclusão das mulheres em diversas áreas e espaços públicos, ainda se faz presente, mesmo quando mascarada ou vista como algo natural. Na filosofia, as exclusões das mulheres têm causado boas reflexões, que infelizmente chegam com lentidão em salas de aula nos diferentes níveis de ensino. Percebo esse fato, pelo ocultamento das idéias de filósofas nos próprios livros didáticos, mesmo que consideremos o professor ou a professora como único livro didático insubstituível¹⁰³.

Telles (1997) afirma que, no século XIX, para as mulheres que pensaram em ser algo mais do que “bonecas” ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam as mulheres, muitas precisaram escapar dos textos masculinos que as definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade, como sonho e devaneio, e tiveram de adquirir alguma autonomia para propor alternativas a autoridades que as aprisionavam. Mesmo assim, as mulheres no século passado escreveram e escrevem bastante (p.408-409). O gosto pela escrita, pela reflexão filosófica e pela própria filosofia apareceu nas falas de todas as professoras.

A professora “Artista” contou que mesmo que a sua entrada na Filosofia tenha se dado por acaso, já que a sua vontade era fazer teatro, sendo justamente a partir da vontade de fazer o teatro cruzando com a Filosofia, ela começou a estudar Filosofia e foi se dando conta que a Filosofia tinha a ver com ela, e que era algo “encantador e apaixonante (Entrevista I, 2006)”; tanto que, logo que terminou o curso de Filosofia, foi tentar o mestrado na área.

A professora “Rebelde” contou que a curiosidade da Filosofia, veio desde cedo em sua vida. Quando era pequena, ouviu pela primeira vez seu pai falar em Sócrates, já que seu pai, um excelente narrador de histórias, falava de um sujeito chamado Sócrates, que ensinava as pessoas a pensar. Ela não sabia se tinha vocação para ser professora, mas queria e gostava de refletir. Queria entender o sujeito, a vida humana. Optou pela Filosofia, o que considera, hoje, uma grande opção, porque tudo o que fez na sua vida, foi em torno dela. A Filosofia entra na sua vida porque nunca se sentiu uma pessoa conformada com as situações de desigualdade social ou comportamentos autoritários e violentos (2006, entrevista I).

¹⁰³ Demo (2000), fala nessa perspectiva.

Na primeira entrevista, a professora transgressora contou que sempre gostou das aulas de Filosofia quando fazia o antigo curso normal¹⁰⁴, que foi a sua primeira aproximação com a Filosofia. No início ela não tinha clareza de fazer da Filosofia o seu trabalho, mas foi gostando cada vez mais e resolveu prestar o vestibular para o curso de Filosofia. Também contou que, embora seus pais tivessem apenas a escolarização inicial, estimulavam o estudo, mas ela não viveu num ambiente rico intelectualmente.

A “Militante” contou, na primeira entrevista, que no seu estágio de supervisão escolar, trabalhou com os professores de Filosofia da escola, e nas reuniões com os professores, foi percebendo que esses sempre tinham um aprofundamento maior, eles sempre tinham questões críticas que escapavam aos pedagogos e professores de outras áreas do conhecimento. Num determinado momento, ela se deu conta de que deveria fazer um outro curso para ter essa fundamentação. Foi quando procurou a PUCRS, fez mestrado em Filosofia e começou a trabalhar Filosofia latino-americana, que também desconhecia, embora trabalhasse com movimentos sociais e tivesse bastante engajamento nesse sentido. Antes de entrar no mestrado em Filosofia, já conhecia a pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Obteve, junto com outros colegas um exemplar xerocado, através do Uruguai, porque aqui, no Brasil, era proibido na época da ditadura militar. Ela contou que fizeram todos os regimentos das escolas particulares baseados na pedagogia do oprimido e com isso ela começou a se interessar realmente em estudar e pesquisar Filosofia.

Também na primeira entrevista, a professora “Pragmática” disse que a Filosofia sempre a atraiu muito, não só pelas explicações que ela fazia de si mesma, mas por provocar uma curiosidade intelectual. Diferente de outros percursos que buscam na Filosofia uma certa compreensão da realidade, o que a encantava era o mundo intelectual, era a experiência intelectual que lhe proporcionava.

Sendo assim, se não trabalharmos essas questões nas Universidades, as biografias de mulheres, os textos e idéias de mulheres não chegarão às escolas de ensino básico. Na coleção “*História da filosofia no Brasil*”, por exemplo, o autor diz que o estudo dos filósofos na fase imperial nos mostra várias tendências: um frei Caneca que fala sobre “o espírito das leis” influenciado por Montesquieu; um Diogo Feijó ensinando filosofia à moda de Kant; um general Abreu e Lima estudioso do socialismo; um visconde do Rio Grande vendo a terra

¹⁰⁴ O curso normal era o nome para o curso de formação de professores (as) que trabalhariam com as séries iniciais.

como um ser vivo que se alimenta e cresce, alguns espiritualistas etc (JAIME, 1997, p. 204). Cadê, nossas pensadoras? E ainda, onde estão sendo contadas em livros didáticos idéias originalmente nossas? No primeiro volume I dessa coleção, que mostra de fato o estudo dos filósofos. São tratadas 50 vidas e histórias de pensadores brasileiros, sem ter sequer uma filósofa. De novo, questiono, será que não tivemos no período do Brasil colonial e imperial nenhuma filósofa? Como que passa por um intelectual que se propõe a escrever sobre a história da filosofia no Brasil essa questão, nem sequer é dedicada uma nota de rodapé sobre a ausência ou existência de mulheres na filosofia.

Ainda, aparece na contracapa desse tomo, a referência de que o autor no quarto volume citará, sem os analisar mais detidamente o nome de cerca de quatrocentos pensadores nacionais. É muito comum também à linguagem sexista e androcêntrica em nossos livros didáticos ou não didáticos, essa linguagem aparece quando, por exemplo, os próprios nomes são: “100 pensadores”, “100 brasileiros”, “Os principais pensadores”, e assim por diante. Contudo, frente à escassez das produções sobre gênero e Filosofia no nosso país posso concordar com Yannoulas, Vallejos e Lenarduzzi (2000) que estamos incluídos no duplo desafio que os estudos de Gênero enfrentam hoje: o de assegurar os espaços multidisciplinares dos Estudos de Gênero (centros e áreas de pesquisa, congressos e jornadas, revistas sobre os Estudos de Gênero), e delinear estratégias que incluam a participação de especialistas em Estudos de Gênero em espaços disciplinares específicos, ou seja, em congressos, jornadas, revistas, equipes de investigação das disciplinas de origem (p. 430). E ainda, criar disciplinas em nossos cursos de Filosofia que contemplem essa temática.

5. A FILOSOFIA LATINO-AMERICANA E ALGUMAS REFLEXÕES

Irei contextualizar a Filosofia Latino-Americana, que é produzida no Brasil, contextualizando o ensino dessa Disciplina e problematizando alguns dados estatísticos da realidade brasileira.

Zea (1994) fez uma crítica dizendo que a América Latina não faz mais que continuar convertendo as filosofias que surgem na Europa em instrumentos de sua preocupação política. Não cria uma metafísica, mas adapta as que foram criadas naquela cultura à sua realidade política e social e faz o que o europeu fez com elas, isto é, as transforma em ideologias (p. 48). Reconheceu que os latino-americanos cada vez mais conscientes da forma utilitária que a filosofia ocidental tomou, tratam agora de mostrar a relação que estas filosofias mantêm com sua realidade. Uma relação na qual a realidade se impõe à metafísica importada. Da inautenticidade original se passa à autenticidade da assimilação. Qual é a diferença entre a relação que a filosofia europeia mantêm com a práxis latino-americana? Na cultura ocidental, diz o filósofo, “a filosofia se antecipa à ação, fundamenta-a, justifica-a. Na América Latina primeiro vem a ação, depois sua justificativa” (idem, p. 49), Zea (1994), diz

El tema de la posibilidad de una Cultura Americana, es un tema impuesto por nuestro tiempo, por la circunstancia histórica en que nos encontramos. Antes de ahora el hombre americano no se había hecho cuestión de tal tema porque no le preocupaba. Una Cultura Americana, una cultura propia del hombre americano era un tema intranscendente, América vivía cómodamente a la sombra de la Cultura Europea. Sin embargo, esta cultura se estremece en nuestros días, parece haber desaparecido en todo el Continente Europeo. El hombre americano que tan confiado había vivido se encuentra con que la cultura en la cual se apoyaba le falla, se encuentra con un futuro vacío; las ideas a las cuales había prestado su fe se transforman en artefactos inútiles, sin sentido, carentes de valor para los autores de las mismas (p. 49).

Ele já questionava em 1942: “¿existe un conjunto de ideas y temas a desarrollar propios de la circunstancia americana? O bien, ¿habrá que inventar estas ideas?”. Percebo que muitas das mulheres na filosofia, e aqui refiro-me as latino-americanas, pensam a partir de idéias e contextos latino-americanos¹⁰⁵. A filósofa mexicana Graciela Hierro, por exemplo,

¹⁰⁵ Inclusive apresentei essa idéia no Seminário Internacional “Fazendo Gênero 7” A apresentação foi feita no Simpósio temático 56, intitulado Gênero, Feminismo e Cultura Popular, organizado por Edla Eggert. Meu texto teve o título “Filosofia no Feminino: Valorização de saberes femininos e populares” e está publicado nos anais do evento. Este evento contou com a presença de mais de duas mil pessoas e foi realizado em Agosto de 2006 na Universidade Federal de Santa Catarina. O texto que me refiro consta nos anais do evento.

afirma que “será sobre o todo da vida cotidiana, que nós, mulheres, poderemos dar origem a uma nova cultura e que é nas relações de trabalho, interpessoais, afetivos, onde se exercitam os valores femininos e a possibilidade de sua Universalização” (1990, p.122). O que se pensa é em uma *nova cultura*, e ainda nas diferentes culturas existentes nas sociedades em que viveram, que as filósofas escreveram e escrevem muito (ROSA, 2006, s/p). Muitos teóricos e teóricas de países emergentes têm feito a crítica de que precisamos valorizar o que é nosso, inclusive ler mais nossas produções .

Existe quem identificou uma filosofia latino-americana e quem continuou lutando por ela. Por outro lado, há quem não acredite numa filosofia latino-americana, que afirma que a filosofia é universal, ou seja, não pode ser vista como algo que vai se formando, cheia de particularidades. E há aqueles que fazem de conta que essa discussão não existe, que essa preocupação não tem a ver com o seu trabalho acadêmico e, portanto, nunca abrem um livro de filósofos mexicanos, chilenos, argentinos, brasileiros, etc. Quando se trata de conhecermos idéias de filósofas, o problema ainda é pior, pois, muitos professores e professoras as desconhecem e, muitas vezes, nem fazem questão de buscar conhecê-las.

Mas a realidade, a de nossa filosofia, que ela existe, nos oferece outra coisa, uma ideologia empenhada em problemas mais urgentes, os problemas que nos propôs e propõe nossa relação de subordinação com o mundo ocidental. Problemas de desenvolvimento ou subdesenvolvimento, qualquer que seja a forma como os mesmos sejam enfocados. Problemas de antropologia filosófica ou de filosofia da história, enquanto tratamos de expressar nossa humanidade, uma humanidade colocada entre parênteses pela mesma filosofia na qual nos apoiamos para destacá-la. Problemas referentes à nossa situação como povos numa história na qual, de uma forma ou de outra, estamos como subordinados, nela participando, mas em outro nível, aqueles que sabemos, que nos corresponde como povos entre povos, como homens entre homens e já não mais como povos em vias de desenvolvimento, sub-desenvolvidos ou como infra-humanos. Estamos, por isso, fora da órbita daquilo que deve considerar-se filosofia? (ZEA, 1994, p. 75)

A filosofia Latino Americana tem como uma de suas principais preocupações a emancipação intelectual de nossos povos; a crítica contra a exploração que é feita em nosso território e com os corpos de nossos habitantes. Como nos disse Zea (1994), ao término da Segunda Guerra Mundial, emergiram outros povos, novas nações realizaram emancipações que recordam ou prosseguem a seqüela iniciada pelos latino-americanos no século XIX. E com estas nações, e o nacionalismo que as anima, surgem também indagações sobre a possibilidade de uma filosofia própria que as ajude a afirmar-se (p. 33). Essa filosofia deve,

acima de tudo, estar preocupada com a construção e o fortalecimento intelectual de um povo, que mesmo carente de bens materiais, que vive em meio a tanta desigualdade, fome, corrupção, desemprego e violência, pensa e têm criatividade para articular idéias em busca de um mundo melhor. A filosofia latino-americana não deve seguir, como se os compêndios e livros filosóficos repletos de alemães, franceses, estadunidenses, gregos, e tantos outros povos que nunca nos escutaram, que não nos lêem, fosse uma bíblia. Não quero dizer com isso que devemos deixar de lado os clássicos. Contudo, para Leopoldo Zea (1994), a missão das novas gerações não será a de se propor uma filosofia original, mas lograr um tratamento rigoroso em filosofia e alcançar um profissionalismo pleno. E este seria o caminho para se obter, sem que se o proponha explicitamente, uma filosofia *latino-americana* (p. 71).

5.1 Filosofia Latino-Americana: Um olhar para o Brasil

Que espécie de homens somos que não somos capazes de criar um sistema, que não somos capazes de dar origem a um filósofo que se assemelhe a um dos tantos que têm sido e são chaves da história da filosofia? Que espécie de homens somos? (ZEA, 1994, p. 19)

Assim como se questiona “para que filosofia?”, se fala que não há uma filosofia brasileira, e pior ainda, que não há filósofos e filósofas brasileiras. No entanto, podemos afirmar que há filósofos e filósofas que construíram e constroem em nosso país uma Filosofia. E mesmo que esta esteja ainda muito “carregada” do peso androcêntrico da Filosofia pensada em outros países, especialmente europeus, novas idéias, categorias, definições e reflexões filosóficas têm aparecido. Concordo com Jorge Jaime, quando ele diz que acredita ser necessária uma história da filosofia brasileira imparcial, despida das tendências tomistas, marxistas, positivistas, ou qualquer outro *ista*, que não se esqueça do muito já produzido de norte ao sul deste país continente, para que não se diga erradamente que o Brasil não possui filósofos e filósofas (2001, p. 29). Há muito que conhecer das produções antes de seguir os passos e continuar lendo *apenas* os clássicos da história da filosofia. É importante conhecer suas idéias, ver o que pensavam em outras épocas, porém temos que fazer o diálogo, perguntando o que isso tem a ver com nossos dias? O que essa filosofia tem a ver com a minha vida? A questão aqui, não é esperar uma filosofia *regionalista* brasileira, “o preferível é deter-nos numa filosofia de autores brasileiros” (JAIME, 2001, p. 29) e autoras brasileiras e/ou latino-americanas.

Jorge Jaime (2001) diz que se deve ao padre Leonel Franca o entusiasmo, o incentivo ao estudo da história da filosofia no Brasil (p. 23). Esse padre já dizia que o ensino da filosofia era tratado quase sempre com descaso, nos tempos mais auspiciosos para o ensino, não passou a filosofia de simples preparatório e também que foi lamentado por ele que, tardiamente, faculdades e institutos superiores de estudos filosóficos (como havia em todas as nações cultas do velho continente) começavam a serem criados (Idem, p. 24-25). Leonel Franca, já em 1943, dizia que as causas do atraso da filosofia no Brasil eram: autodidatismo de quantos entre nós que se ocupavam de assuntos filosóficos e descuriosidade geral dos problemas de ordem especulativa (idem, p. 25).

Mais tarde, alguns filósofos e filósofas afirmaram que há, na América Latina, uma filosofia original, diferente da européia¹⁰⁶, pois esta pensa o pensamento e aquela trata do homem oprimido, espoliado, injustiçado. Leopoldo Zea, da universidade do México, é um exemplo de pensador que trabalhou a filosofia nessa perspectiva. Ele e outros que se reuniram uma semana na Faculdade Federal do Rio de Janeiro, como Francisco B. Penna, da Universidade de Bogotá; Alejandro Caldera, da Universidade de Honduras; George Mc Lean, da Universidade Católica de Washington; Vadim S. Semenov, editor-chefe do jornal *Voprosy Filosofii*, de Moscou. Jorge Jaime não se referiu a nenhuma mulher.

Roberto Gomes, em seu livro “Crítica da razão Tupiniquim”, diz que obras como as de Mario de Andrade, Oswald de Andrade, Machado de Assis, Lima Barreto, Sérgio Buarque de Holanda, Noel, Chico Buarque, além daquilo que se tem feito no campo das ciências humanas nos últimos anos, têm mais a nos dizer do que as maçantes teses universitárias, nas quais a Filosofia se mascara no Brasil (1990, p. 8). Digo, ainda, que obras produzidas por mulheres também entram nessa lista, ou pelo menos poderiam entrar.

¹⁰⁶ Um livro muito interessante que traz uma reflexão sobre filosofia e América Latina é “América Latina-O não ser-“, se trata de uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel, escrita por Roque Zimmermann.

5.2 Filosofia no Brasil

De fato, descobrir-se é encontrar-se em, pelo simples fato de não haver um “outro” que eu deva descobrir-desde o início sou eu quem está em questão. A descoberta é, pois, fenômeno primário: um reconhecimento (GOMES, 1990, p.19)

Atualmente, o sistema educacional brasileiro vive a implantação da disciplina de Filosofia nas escolas. Esse fato que é vivido não decorre apenas de mera formalidade burocrática. Implantar filosofia nas escolas brasileiras é um ato político e fato marcado na história, pelo menos para quem não esquece de pensar a Filosofia numa perspectiva latino-americana, já que em países como o nosso, a Filosofia não possui uma história de valorização, a não ser quando foi usada para formar homens letrados e eruditos e, acima de tudo, católicos. Além disso, essa implementação faz parte da busca por uma identidade, de pessoas que pensam a partir de um contexto e uma realidade própria.

O histórico do ensino de filosofia no Brasil é muito recente, comparado obviamente com outros povos e culturas. O ensino de Filosofia e também a filosofia brasileira ainda está frente a um grande muro, que vise perspectivas de expansão, ou seja, que elas sejam valorizadas e reconhecidas em diferentes culturas e em nosso próprio país. O que muitas pessoas que se dedicam a pesquisar e estudar a filosofia produzida em nosso país, é que não existem formas de expressá-la e de popularizá-la para o mundo que não a conhece. Tanto a filosofia brasileira, quanto a história do ensino de filosofia, ainda não são conhecidas como deveriam ser. A idéia de que não há uma filosofia brasileira (o que é ainda pensado por alguns), essa “não existência” é um efeito produzido pelo fato de não se ter informação sobre ela. O mesmo acontece com a história da filosofia escrita por mulheres, por exemplo. Além disso, tem o fato de que a Filosofia não é valorizada como poderia nesse país. Talvez a filosofia brasileira só seja valorizada quando, de fato, a filosofia for estudada nas escolas.

Os jesuítas eram formados a partir da filosofia escolástica medieval de Santo Tomás de Aquino, sendo a filosofia e os educadores e educadoras construídos (as) nessa visão de mundo e, conseqüentemente, quem estudava também passava a ser fruto de uma educação com uma visão de mundo não latino-americano. Segundo Maria Lucia Aranha e Maria Helena Martins (2005), nas escolas de nível elementar e curso médio havia aulas de filosofia e ciência (ou artes), além da formação especializada nos seminários dos futuros padres e mestres, sempre segundo a orientação tomista (p.94). Enquanto a educação no Brasil sofreu por quase cinquenta anos o desmantelamento da estrutura implantada pelos jesuítas-impulsos em 1759 por Pombal- os estudantes que se encaminhavam para as universidades, no Velho Mundo,

puderam estabelecer contato com as idéias de Locke, Rousseau, Voltaire, sendo que, na primeira metade do século XIX, as filosofias francesa e alemã predominam entre os intelectuais brasileiros (idem).

O Padre Diogo Feijó, que se tornaria regente do Império de 1835 a 1837, escreveu um compêndio de Filosofia, que era um roteiro que servia de base às suas aulas e no qual se nota a influência Kantiana (idem). Outro nome que aparece quando estudamos filosofia brasileira é o do Frei Caneca, que escreveu diversos textos, cartas e panfletos, com idéias influenciadas por teóricos da França iluminista, sobretudo, Montesquieu. Frei Caneca criticava Dom Pedro I e chamava o povo para resistir à opressão, lutando pela igualdade e liberdade. Como ele participou ativamente do movimento separatista da Confederação do Equador foi fuzilado em 1825. Segundo Octavio Paz, a crise da década de 1940 revela “a vontade de participação em uma plenitude histórica até então negada aos hispano-americanos” (p.64).

Quem geralmente leva o título de primeiro filósofo é o Frei Francisco de Mont'Alverne (1784-1858). Ele foi professor no Rio de Janeiro e em São Paulo e sempre se opôs à influência da arraigada tradição escolástica, sendo sua filosofia caracterizada pelo ecletismo espiritualista¹⁰⁷.

No final do século XIX, começa o movimento de oposição à filosofia de inspiração católica e ao ecletismo. As novas idéias surgem com o interesse da burguesia comercial e burocrática que tinham interesse nas conquistas das ciências. Pensadores e pensadoras aderem principalmente à filosofia positivista de Augusto Comte. As filósofas brasileiras Aranha e Martins (2005) dizem que na última década que antecede a Proclamação da República, o Comtismo encontra no Brasil terreno fértil para se expandir e elas falam que seus principais representantes são: Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1927), que exercem forte atividade militante ao divulgarem as idéias positivistas em artigos de revistas, jornais e em publicações diversas. Eles são também os idealizadores da bandeira republicana brasileira, com o seu dístico “Ordem e Progresso” (p. 95).

Quanto ao século XX e XXI, percebemos que houve uma evolução nas Universidades, encontros na área da Filosofia sobre o tema Filosofia no Brasil. Isso tem se dado em diferentes regiões, porém ainda temos muito o que avançar se queremos olhares atentos e

¹⁰⁷ Segundo Aranha e Martins (2005) o ecletismo é um método filosófico assumido por Cousin, pelo qual procura-se aproveitar o que existe de melhor em cada corrente de pensamento para fundir em um novo sistema (p. 95).

corpos que se expressem filosoficamente em nossas salas de aula. Mesmo levando em conta o caráter universal da filosofia, penso que podemos pensar e afirmar uma filosofia brasileira em sala de aula, especialmente. O século XX, segundo Jozef (1986), é o momento em que se afirma a Literatura Hispano-Americana. Até então, o que há é o eco das literaturas européias. “Até a década de 1940 imperavam os cânones do século XIX inspirados nos modelos russos, franceses e espanhóis” (p.63-64).

Frente à pequena apresentação da Filosofia existente em nosso país, e levando em conta que há boas produções filosóficas brasileiras acredito que o que precisamos é conhecer mais as nossas idéias, pensadoras e pensadores brasileiros. Conhecer a história da filosofia produzida em nosso país é outra questão importante para ser destacada em salas de aula.

5.3 O contexto brasileiro, a filosofia e as mulheres

Creen algunos poco duchos en Historia, que no han existido ni existen mujeres expertas y doctas en las ciencias y las artes. Ello les parece imposible y no pueden entenderlo aunque lo vean y oigan cada día, persuadidos de que Júpiter sólo ha concedido el ingenio y la inteligencia a los varones, dejando a las mujeres, aunque de la misma especie, privadas de ambos. Pero sí aquéllas tienen la misma alma racional que el hombre, como antes he mostrado claramente, e incluso más noble, por qué no pueden aprender con mayor perfección aún las mismas artes y ciencias que los hombres?
(GATELL, 1997, p.139)

Frente à condição desigual de vida das mulheres latino-americanas, podemos constatar (IBGE, 2000) que no Brasil somos a parcela da população mais pobre, portanto mais marginalizada, tendo péssimas condições de vida, o que se reflete nas relações familiares, no trabalho, relações pessoais e no saber. Houve avanços consideráveis devido à incessante luta das mulheres por seus direitos. O movimento feminista no Brasil e a presença feminina cada vez mais atuante na sociedade possibilitaram que as mulheres começassem a agir e lutar por seus direitos, bem como em outros países. As mulheres, percebendo sua condição de submissão e servidão, passaram a buscar mais autonomia e liberdade a partir das décadas de 60 e 70.

Há realidades diferentes, variando conforme a classe social e a região onde a mulher reside, mas, no geral, sabemos de nossas precárias condições de vida, falta de materiais básicos para nossa subsistência, falta de assistência médico-hospitalar, educação, saúde, entre

outras. Somos a maioria da população brasileira (Censo do IBGE de 2000¹⁰⁸), porém ainda vivemos em uma sociedade machista, preconceituosa, sexista, androcêntrica e hegemônica¹⁰⁹. Mas se as mulheres são a maior parcela da população, por que não estamos provocando mudanças sócio-culturais de maneira significativa¹¹⁰? Por que não estão ocorrendo mudanças que possibilitem uma melhor situação a nós, mulheres, sob vários aspectos? É visível a desigualdade social relacionada ao sexo. As desigualdades continuam, a mulher continua ganhando menos e fazendo as mesmas coisas. E em alguns casos, por ser mulher, precisa provar que é mais “capaz”. Na filosofia, por exemplo, quem vinha de outras áreas, especialmente da educação, não era bem recebida, as chamadas “normalistas”, passaram por vários preconceitos:

...me marcaram muito: um homem cortando uma mulher, colocando-me como “professorinha, no sentido pejorativo. Isso marcou tanto que eu não esqueço até hoje! Embora não tenha mágoas e posso até relativizar a importância que teve na época (“Transgressora”, entrevista I, 2006)

Mesmo que os homens estejam participando das atividades da manutenção da casa, as mulheres seguem desenvolvendo a maior parte das tarefas que envolvem a administração de uma casa; as mulheres são educadas para tais tarefas, mas isso também não significa que elas estejam priorizando essas tarefas. Essa questão apareceu na pesquisa, pois por serem

¹⁰⁸ Os dados estatísticos de que me apossarei para refletir as questões aqui apresentadas foram retirados de Sensos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. No ano de 2002, conforme aparece no site: <http://www.ibge.gov.br/censo/quemrecenseado.shtm>, foram recenseados todos os moradores em domicílios particulares (permanentes e improvisados) e coletivos, na data de referência, isto é, a noite de 31 de julho para 1º de agosto de 2000. Foram também recenseadas as pessoas que estavam ausentes (por motivo de viagens, estudo, trabalho, internação em hospital por menos de 12 meses) de seu domicílio. Entretanto, independentemente do período de afastamento, as pessoas que se enquadraram em uma das situações abaixo foram consideradas moradoras no local onde se encontravam: 1. internados permanentemente em sanatórios, asilos, conventos ou estabelecimentos similares; 2. moradores em pensionatos que não tinham outro local de residência habitual; 3. condenados com sentença definitiva declarada, e 4. trabalhadores que migraram para outras regiões em busca de trabalho e ali fixaram residência. Finalmente, a pessoa que, por conveniência ou natureza de suas obrigações, dorme no local de trabalho (empregado doméstico, médico, enfermeiro, militar, operário de obras, trabalhador agrícola sazonal etc.), geralmente retornando à sua residência nos fins de semana ou quinzenalmente, foi recenseada no seu domicílio.

¹⁰⁹ Guy Bajoit escreve “*Un poco de Historia de la hegemonía*” In: “*Tres movimientos hacia la mundialización y tres maneras de combatirla*” que pode ser encontrado no site: http://www.iteco.be/a_propos_index/bajoitespanhol.pdf#search=guy%20Bajoit

¹¹⁰ O número de mulheres que vivem na pobreza é superior ao de homens e a disparidade entre os gêneros aumentou na última década, diz o relatório da ONU. As relações de poder, a saúde e a distribuição do tempo podem ser muito mais importantes para se medir o bem-estar entre homens e mulheres que o rendimento. As mulheres trabalham durante mais horas do que os homens e pelo menos metade de seu tempo é gasto em atividades não remuneradas. Com isso, grande parte deste trabalho não é incluído nos sistemas de contabilidade nacional, o que acarreta outra dificuldade adicional: o que os países não contabilizam não recebe apoio (2002). No livro “*Género, identidad y lugar*”, Linda McDowell analisa como se relaciona o gênero e a geografia, nele se procura trabalhar se as diferenças entre homens e mulheres dependem da zona do mundo que habitam. Ver referências.

mulheres, algumas das pesquisadas não eram vistas como pessoas que “serviriam” para filosofar, seja por já terem filhos, seja porque eram normalistas, ou por serem mulheres.

A professora “Rebelde”, por exemplo, diz: “eu não sou a dona de casa (...) Jamais vou deixar de escrever para ficar limpando casa”. Ela, por exemplo, teve apoio do pai de suas filhas e também de sua mãe, no período em que fazia o Doutorado em estado diferente do qual residia. Mas também enfrentou a “suspeita” de que talvez não daria conta de realizar um curso de Doutorado na área de Filosofia, com quatro filhos pequenos (Entrevista I, 2006).

No Brasil, a desigualdade é o traço mais marcante nas pesquisas realizadas em 2002 pelo IBGE¹¹¹. “As mulheres ganham menos que os homens em todos os estados brasileiros e em todos os níveis de escolaridade, 71% das mulheres que trabalham recebem até dois salários mínimos, contra 55,1% dos homens. Elas também se aposentam em menor proporção que os homens e há mais mulheres idosas que não recebem nem aposentadoria, nem pensão” (IBGE, 2002). Além disso, tem um menor rendimento das pessoas pardas e negras, “do total de pessoas que faziam parte do 1% mais rico da população, 88% eram de cor branca, enquanto que entre os 10% mais pobres, quase 70% se declararam de cor preta ou parda” (IBGE, 2002). Metade dos trabalhadores brasileiros sobrevive com até dois salários mínimos, sendo que mais da metade da população ocupada, não contribui para a previdência.

Com relação à questão de raça, gostaria de destacar que procurei por professoras negras que pudessem estar lecionando filosofia em cursos de graduação e pós-graduação em instituições de ensino superior na região metropolitana do estado do Rio Grande do Sul, porém, não havia nenhuma.

Há regiões do Brasil onde os problemas são ainda mais horrorizantes. “Em 37% dos domicílios nordestinos, contra 12% no Sudeste e no Sul, a renda per capita é de até meio salário-mínimo” (IBGE, 2002). Se as condições são essas, quem vai se dedicar à filosofia? Quais professoras se dedicarão à pesquisa no campo da filosofia?

¹¹¹ A Síntese de Indicadores Sociais 2002 traz ainda outros temas: evolução populacional, mortes por causas violentas, atraso escolar, longevidade, gastos com saúde, trazendo uma ampla análise do comportamento e das condições sócio-econômicas da população brasileira, constatando, que a família brasileira está diminuindo, ao mesmo tempo, que cresce a proporção de núcleos familiares liderados por mulheres. Nas duas últimas décadas, houve um aumento da proporção de pessoas que moram sozinhas, das quais cerca de 40% tem 60 anos ou mais e, em 2001, os brasileiros casaram-se menos e mais tarde que em 1991, enquanto o número de divórcios e de separações se manteve estável na década.

Aumentou o número de trabalhadoras sindicalizadas. A pesquisa Nacional por Amostra a Domicílios (PNAD) de 2000, “constatou que na população ocupada, o percentual de mulheres passou de 38,8%, em 1992, para 40,3%, em 1999” (idem). Na população masculina de 10 anos ou mais de idade, a participação dos homens ocupados declinou de 72,4%, em 1992, para 67,9%, em 1990.

As estatísticas são reveladoras. Hoje, com nível de instrução maior que o dos homens - 17% das mulheres têm mais de 11 anos de estudos contra 15% dos homens - as mulheres *estão preparadas* para exercer papéis de destaque e liderança na condução do Brasil ao desenvolvimento econômico e social. No entanto, até hoje, a presença feminina nos níveis de decisão mais elevados ainda é muito pequena. Para derrubar as barreiras contra a mulher estão aí os milhões de jovens deste País, com seus modos de vida cada vez mais livres de preconceitos e discriminações (Grifei. MAYER, IBGE 2000).

Em 1991, a renda das mulheres equivalia a 63,1% da dos homens. Já em 2000, esta relação atingiu 71,5%, reduzindo-se a desigualdade entre homens e mulheres. No que diz respeito à escolaridade, as mulheres avançaram. Segundo o censo do IBGE (2000), a proporção de alfabetizadas passou de 80,6% em 1991 para 87,5% em 2000, apresentando ligeira vantagem sobre os homens neste quesito. A média de anos de estudo das responsáveis por domicílios também aumentou, de 4,4 para 5,6 anos. Porém, ainda é muito expressiva a porcentagem delas com até 3 anos de estudo (37,6%), nível considerado muito baixo. As desigualdades educacionais sobressaem entre as regiões e entre os diferentes grupos de idade. Enquanto no Sul e no Sudeste cerca de 8% das mulheres responsáveis por domicílios alcançam 15 ou mais anos de estudo, no Norte e no Nordeste esta proporção é de cerca de 4%. Comparativamente, as mais jovens apresentam perfis melhores, mas, mesmo assim, os níveis alcançados ainda são baixos: apenas 45,5% das mulheres de 15 a 19 anos e 54,8% das de 20 a 24 anos atingiram o nível mínimo de 8 anos de estudo esperado para sua faixa etária (idem).

Assim, envolvidas com a maternidade, escola, trabalho, entre outras tantas tarefas diárias, elas encontram situações precárias e desumanas. Basta pensar nas mulheres indígenas, nas miseráveis e pobres que encontramos sentadas nas calçadas de nossas ruas, com seus filhos no colo, sem ter perspectiva de um mundo melhor.

Os próprios relatórios do IBGE afirmam que a educação das mulheres possui um papel fundamental para a redução da mortalidade infantil no Brasil. Na medida em que aumenta a escolaridade da mãe, reduz a mortalidade de crianças até um ano de idade¹¹².

Depois da ditadura militar no Brasil, as mulheres foram em um número significativo para as universidades e inclusive, começaram a organizar núcleos de pesquisas sobre a mulher, e posteriormente núcleos de gênero¹¹³. Mas, que significados tiveram tais mudanças para as professoras de filosofia? É interessante lembrarmos que na Grécia Antiga, “o único registro histórico de um centro para a formação intelectual das mulheres de que se tem conhecimento foi a escola fundada por Safo, poetisa de Lesbos, nascida em 625 a.C” (MENEZES, 2002, p. 16). Nossas escolas carecem de uma preocupação com a formação intelectual calcada na categoria de gênero, onde meninos e meninas aprendam com base numa educação mais humana, que leva em consideração as diferenças, que não discrimine e procure amenizar os conflitos que temos em nossa sociedade quanto ao ser humano.

5.4 O Mito do Labirinto e as mulheres

Essa metáfora do mito do labirinto ajuda-nos a pensar os caminhos que as mulheres na Filosofia precisam percorrer, que muitas vezes são parecidos com percursos de um labirinto. Faço essa analogia, pois apareceu em algumas das falas das professoras pesquisadas um forte interesse por trabalhar na filosofia o que gostam e acreditam (como por exemplo, filosofia da educação), mas o que acontece é que essas professoras muitas vezes se percebem como em um lugar estranho, sentem-se como se andassem em círculos.

O professor Danilo Streck (2006) ao falar da educação popular e reconstrução do público, diz que:

O que caracteriza o labirinto é a perplexidade diante de caminhos que podem levar a lugar nenhum quando não ao ponto de partida, num aparentemente infundável andar em círculos (p. 7)

Pensando no contexto latino-americano, Danilo (2006) cita Octavio Ianni¹¹⁴, que afirma que percebe o labirinto latino-americano neste sentimento de vivermos num mundo e

¹¹² Trago tais afirmações a partir das pesquisas do IBGE, as mesmas podem ser encontradas no site: www.ibge.gov.br/pesquisa/pesquisa.php?palavras=fecund

¹¹³ Algumas autoras que trabalham sobre os núcleos de pesquisa nas universidades brasileiras: Bila Sorj; Ana Alice Alcântara Costa, Cecília Maria Bacellar Sardenberg.

¹¹⁴ Se referindo a idéias de seu livro: O labirinto latino-americano, publicado pela editora Vozes.

num tempo emprestados, numa realidade opaca em permanente busca de conceitos, onde as saídas anunciadas dificilmente se transformam em saídas de fato (idem). A filosofia traz algumas experiências para as mulheres um tanto quanto desagradáveis. Essas transpareceram em algumas falas das professoras pesquisadas. A professora “Transgressora” disse que sua entrada no curso de Filosofia foi um pouco delicada e perturbadora. Ela se sentiu muito constrangida, pois tinha um professor que era muito arrogante e que a fez vivenciar momentos ruins na Filosofia (“Transgressora”, entrevista I, 2006). Essa mesma professora peregrinou até conseguir sentar em um banco num curso de pós-graduação em Filosofia, para trabalhar com Filosofia da Educação.

Para Octavio Paz (1984), o mito do labirinto está associado ao mito da solidão. Este retoma a idéia da expulsão do Paraíso, de um **espaço** sagrado, que condenou a Humanidade à solidão “o rito de fundação, de cidades ou de moradas, aludem à busca deste centro sagrado” (p.188). O mito do labirinto, portanto, simboliza a tentativa humana de retomada do centro do mundo. “Fomos expulsos do centro do mundo e estamos condenados a procurá-lo por selvas e desertos e subterrâneos do Labirinto” (p.188). Para esse mesmo autor, o tempo dessa busca não é cronológico, mas o tempo de toda a existência humana, em que o presente é permanente, e essa é uma das conseqüências da expulsão do Paraíso. Essa tentativa humana se parece muito com o movimento que as mulheres fizeram e continuam fazendo na filosofia já que foram excluídas, expulsas e colocadas à margem do saber filosófico. Mesmo depois de mulheres como Olympia de Gouges e outras tantas feministas e revolucionárias terem perdido seus pescoços e deixado suas vidas, para que hoje as mulheres e os homens pudessem experimentar outras autonomias, vejo que há um significativo movimento nesse labirinto.

É preciso urgentemente ouvir os “ecos” de suas vozes e fazê-las serem escutadas para que saiam desse lugar que esconde suas palavras e oculta suas idéias. No entanto, a nossa crise frente a um contexto e a situação das mulheres nesses labirintos nos angustia.

Roberto Gomes (1990) disse que a grande crise do intelectual tupiniquim é viver mendigando consideração e reconhecimento. Buscar este reconhecimento numa possível identificação com pensadores de nações “mais cultas” é um equívoco através do qual se busca aceitação. Ser aceito sem perceber que ser aceito é morrer para a *Razão*. Querendo ser *sério*-para então ser levado a sério-, polícia-se: o que pensar, o que ler, o que escrever. Seu esquecimento consiste nisto: esqueceu-se de que pretende ser reconhecido pelo que não é. Seu pensamento, portanto, será puro ornamento (GOMES, 1990, p. 52). Sendo assim, na

reconstrução do espaço público analisada por Danilo Streck (2006) também estão incluídas as mulheres que, de alguma maneira, fizeram e fazem parte do mundo do saber filosófico. “O espaço público a ser buscado tem mais a ver com a possibilidade de transformar os corredores do labirinto em lugares habitáveis” (p. 8). As Instituições de Ensino Superior de nossos países precisam passar por essa reconstrução. As mulheres na Filosofia merecem vivenciar novas histórias de vida em espaços públicos reconstruídos. Acredito que “o lugar da vida boa não está num ‘lá fora’ desconhecido e longínquo, mas no “aqui” que se abre para novas possibilidades” (STRECK, 2006, p. 8). E ainda que, esse caminhar para si faz parte de um processo necessário, capaz de provocar uma reflexão da concepção de ser e estar no mundo, enquanto sujeitos participantes de uma sociedade.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Quer Newton desejasse ou não que a maçã solta por ele caísse ao solo, ela cairia da mesma forma. As regras sociais são passíveis de transgressão e são efetivamente violadas (SAFFIOTI, 2004, p. 27)

As mulheres que fizeram e que fazem parte do mundo do saber filosófico sem dúvida transgrediram e continuam transgredindo algumas teorias. Penso que esse trabalho é o início de um caminho, na Filosofia, que não pretendo parar de percorrer, já que a cada dia ele me encanta mais. Confesso que apesar de todas as leituras que venho fazendo sobre as mulheres e a Filosofia, ainda me surpreendo quando encontro algo sendo publicado sobre nós, mulheres que lidam com o saber filosófico. Ainda mais quando encontramos homens escrevendo sobre esse tema (ver anexo C), mas isso é um bom sinal.

Mesmo que eu tenha feito um percurso tortuoso, vim para um programa de pós-graduação em Educação para falar de Gênero e Filosofia, tenho claro, que esse é um tema filosófico, porque ele tem conceitos, fundamentação teórica e categorias de análises tanto quanto outros temas filosóficos, apenas não foi pesquisado como pode ser.

No início, esse trabalho foi denominado “*Filosofia no Feminino: Experiências de Vida e Formação, a partir de narrativas de vida no campo da Filosofia*”. Hoje, não penso que a filosofia seja masculina, ou feminina, no entanto, o título foi substituído, pois busco trabalhar o preconceito de gênero na Filosofia. Quero conhecer mais essa idéia- “Filosofia no feminino”, que conheço a partir dos estudos que venho fazendo do projeto da Faculdade de Filosofia da Universidade de Lisboa, já falado nessa dissertação.

Por “caminhos” não esperados esse trabalho foi se encaminhando. Durante o projeto piloto, buscava-se saber (entre outras coisas) se as professoras se consideravam filósofas ou não. Porém, foi se tornando mais importante perceber os caminhos que as cinco professoras fizeram e fazem para mostrar suas idéias na Filosofia, e como se dá o “caminho para si” dessas mulheres na Filosofia; o que foi muito interessante, já que algumas vezes eu me identifiquei com algumas dessas professoras. Em seus desabafos, percebia-me com as mesmas angústias que elas sentiram há décadas atrás, e/ou que ainda sentem por gostarem e por pensar filosoficamente, seja como professoras e/ou como mulheres. Isso, de certa maneira, me dava motivação e ainda demonstrou-me que quem pesquisa também “caminha para si”.

No momento das interpretações dos dados, fui me encantando com as falas e percebendo o quanto as mulheres na Filosofia, especialmente as que viveram em períodos mais conturbados, como na Ditadura Militar, as que estudaram junto com seminaristas possuem para nos contar.

Será participando, criando, recriando e decidindo o que será escrito, falado e defendido que, professoras de filosofia, caminharão para uma autonomia intelectual e farão a diferença em ser elas mesmas. Há pessoas que querem esquecer as dificuldades que enfrentam na filosofia por serem mulheres, outras falam disso nos poemas, nas músicas, nos diários, em artigos e ainda há quem pesquise sobre as mulheres na Filosofia.

Em sala de aula, quando proponho pensar gênero e Filosofia, percebo nos diálogos que o corpo discente observa as relações de gênero. Desta maneira, quem ensina precisa buscar práticas docentes que fortaleçam as questões de gênero, raça e etnia, para que independente da classe social do estudante, sejam inseridas reflexões de gênero.

Percebi, ao longo desse processo investigativo, que pesquisar o fato de as professoras se considerarem filósofas ou não, não era o mais relevante e/ou emergente. Vi então, a necessidade de mostrar/identificar os caminhos que as mulheres, muitas vezes, precisam traçar para poder atuar na filosofia. E, ainda, a importância de apresentarmos suas falas colhidas através de narrativas para mostrar o preconceito de gênero que, em pleno século XXI, existe. Mostrar as dificuldades que mais comumente apareceram em suas falas ajudou a entender por que as mulheres não são, ainda hoje, estudadas, citadas e traduzidas na Filosofia como poderiam ser. Fui bem acolhida pelas professoras pesquisadas, que se permitiram ser provocadas a pensar sobre esse tema e sobre suas condições de professoras de Filosofia e mulheres.

Diagnostiquei que muitas fizeram o movimento contrário, assim como eu, de sair da filosofia e migrar para outras áreas, a fim de encontrar espaço para trabalhar o que acreditavam ser um conhecimento e/ou um problema filosófico.

Algumas professoras pensam de maneira androcêntrica e na sua trajetória acadêmica não resistiram, não bateram o pé e continuam pesquisando e escrevendo como foram ensinadas e/ou “treinadas” a pensar. Encontrei quem possua uma biblioteca “clandestina”, com produções e pesquisas desconhecidas sobre o tema “as mulheres e a Filosofia” e com isso concluo que nós, mulheres na Filosofia, pensamos androcentricamente também.

Algumas professoras relataram que perceberam de maneira muito sutil a dificuldade em ser mulher na filosofia. E muitas vezes essa dificuldade foi apontada por estar associada ao tema que essa professora pesquisa. A filosofia da educação foi a área do conhecimento bastante apontada nesse aspecto. A discriminação, através do preconceito de gênero, não é unidirecional, já que não afeta só as mulheres, nem é uniforme, pois não afetou todas as mulheres igualmente. Uma delas não percebeu essa dificuldade, chegando inclusive a se incomodar pelo fato de ter sido a única que não percebeu ou sofreu esse tipo de preconceito. Esse sentimento de desconforto provocado durante a pesquisa é um aspecto que considero bastante relevante nos estudos de gênero.

Quando eu fazia as entrevistas fui percebendo que há preconceito de gênero na Filosofia (talvez com menos intensidade que em outros tempos) e que a Filosofia produzida em nosso país precisa levar em conta os estudos feministas e os de gênero, porque não há como pesquisar as filósofas, por exemplo, sem conhecer esses dois campos do conhecimento.

Portanto, penso que se ainda temos, por exemplo, 14 pessoas num corpo docente de um curso de pós graduação em Filosofia e, nesse, não há mulheres, no mínimo devemos suspeitar que há algo estranho. Isso poderia levantar a suspeita de que a filosofia até nossos dias não superou alguns problemas relacionados às mulheres. No Brasil, e especialmente nesse recorte que fiz, isso ficou claro.

Se sabemos que as mulheres fazem parte da história da filosofia, não podemos mais admitir que suas idéias não apareçam na história da Filosofia, nos livros didáticos e nas salas de aula. Com a implementação dos estudos de gênero e dos feminismos nas instituições de Ensino Superior, essa exclusão poderá ser amenizada, na medida em que for falada em salas de aula.

Quem melhor do que professoras de Filosofia para entender o significado terrível de uma Filosofia que oprimiu e continua oprimindo saberes de mulheres? Reconhecer suas práticas e lutas, através de suas narrativas, fez descobrir os significados que têm atribuído aos fatos que viveram e, assim, acredito que foi se reconstruindo a compreensão que têm de si mesmo. As mulheres precisam se compreender nesse processo.

Pensar o lugar do outro, que mulheres como Simone de Beauvoir, Graciela Hierro, Francesca Gargallo, Sandra Harding, Maria da Penha Carvalho, Ivone Gebara e tantas outras mulheres e homens que propuseram a indagar, analisando a questão das mulheres, é algo que nos revela um “submundo” da razão repleto de histórias tristes, porém um tanto encantador.

No meio de tanto preconceito contra as mulheres na Filosofia encontramos a saída do “labirinto”, a partir das próprias vozes que ecoam de lugares que poucas mulheres são permitidas ocupar.

Se pensar no número de atrocidades cometidas durante diferentes épocas da história com relação às mulheres, e as que ainda ocorrem por não termos um lugar reconhecido, cabe perguntar se a busca pelo passado numa história das mulheres na Filosofia não começar por nós, que estamos lecionando Filosofia, quem vai recontar essa história?

Temos que fazer o resgate das histórias de vida das filósofas de diferentes períodos e pensar o lugar, hoje, das mulheres na Filosofia. Trazer histórias de vida de mulheres vivas foi um exercício significativo. Falar de quem ficou à margem de uma história e também da humanidade que continua no “ocultamento” que a opressão e a ditadura geram, é valorizar uma parcela da população que ainda sofre com o preconceito, mas cujos indivíduos nunca deixaram de ser sujeitos ativos de uma história.

O ensino de Filosofia está passando por um processo de mudança que favorece e valoriza quem leciona filosofia. Com a obrigatoriedade da disciplina Filosofia nas escolas brasileiras poderemos ter um lugar para lecionar. Porém, temos muito o que fazer pela qualidade desse ensino: pelo fato de a carga horária geralmente ser de um período por semana de filosofia na grande maioria das escolas com Ensino Médio; por ainda não se reconhecer a importância desse estudo no currículo do Ensino Fundamental; porque poucas pessoas conhecem o trabalho da Filosofia com crianças; pelo fato de professores/as de outras áreas, consideradas por alguns como “áreas afins” lecionem Filosofia¹¹⁵; porque alguns acreditam que qualquer pessoa pode trabalhar esta disciplina (o que se percebe também em relação a outras disciplinas, como na sociologia e Ensino Religioso); pela não relevância do estudo e aperfeiçoamento do profissional da área. É justamente no último aspecto que entra a questão aqui trabalhada. Precisamos pesquisar as questões de gênero na Filosofia, ou continuaremos informando uma história parcial, o que gera uma “masculinização” das informações.

Nesse trabalho procuramos trazer um pouco das resistências femininas, que fazem parte da história da filosofia também. Compreender e estudar as teóricas feministas, tanto na educação, quanto na Filosofia é se desprender de preconceitos bem presentes nas salas de

¹¹⁵ Com relação a esta problemática cabe ressaltar que havia cursos de graduação que em Filosofia (especialmente em escolas para padres) que era fornecido habilitação para lecionar Psicologia, Filosofia e História também. O que sabemos hoje, é que se tornou impossível estudar todas essas áreas em tão poucos anos. Hoje, parece haver um controle maior quanto a essa questão.

aula, especialmente dentro de algumas instituições de Ensino Superior. É não ter medo de construir uma pedagogia como prática de liberdade, ou ainda, uma filosofia que podemos chamar, sem medo, de feminista. Deixar de lado a visão de que “falar das questões de mulheres é coisa de feminista”, mesmo quando somos mulheres não feministas é um desafio para nós. Ainda, quando lutamos para que em diferentes lugares as mulheres tenham melhores condições de vida, trabalho...e dizemos, sempre nos justificando: “Eu não sou feminista!”, como se ser feminista fosse um crime. As educadoras se conhecem muito pouco enquanto professoras de Filosofia, pois, mesmo tendo autonomia intelectual, muitas ainda se deixam representar. Algumas delas possuem oportunidades, hoje, de ousar na academia pelo que de fato possuem paixão, mas continuam trabalhando o que o programa de graduação e/ou pós-graduação propõe. Ousam, mas muito pouco!

Estou marcada por discursos androcêntricos, em pleno século XXI. Procurar por mulheres que dentro ou fora da academia, em “seus cativeiros” e perdidas no “labirinto” é o mínimo que podemos fazer. Talvez seja necessário insistir na investigação paciente, voltada para recuperar e transmitir as vozes das mulheres.

Penso essa pesquisa como o início de uma longa caminhada, numa tentativa de me perceber em meu próprio cativeiro. É um estudo que não se esgotará com a dissertação, que traz o sonho de uma filosofia que pensa no feminino, que reconheça que as palavras não foram apenas ditas e pensadas por homens, já que muitas foram escritas com luta e caladas com sangue de mulheres que, intrepidamente, amaram a sabedoria.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Laís. A situação da Mulher Latino-Americana: O mercado de trabalho no contexto da reestruturação. In Delgado; G. Didice; Capellin, Paola; Soares, Vera (Org). *Mulher e trabalho - Experiências de ação afirmativa*. Bontempo Editorial: São Paulo, 2000.

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é Feminismo*. Editora brasiliense. Coleção Primeiros Passos. São Paulo, 1993.

ALVES, Rubens. *A alegria de ensinar*. Editora Papirus: Campinas, 2001(P. 77-81).

AMORÓS, Célia. *Tiempo de Feminismo sobre feminismo, proyecto ilustrado y postmodernidad*. Ediciones Cátedra: Madrid, 2000.

_____. *Hacia una crítica de la razón patriarcal*. 2 ed. Barcelona: Anthropos, 1991.

ANTONIA, Maria; LEÓN, Garcia de. *Elites discriminadas-Sobre el poder de las mujeres*. Anthropos editorial. Barcelona, 1994.

ARANHA, M^a L. A.; MARTINS, M^a H. P. *Filosofando-Introdução à Filosofia*. Editora Moderna: São Paulo, 2005.

ARISTÓFANES. *Lisístrata-A Greve do Sexo*. Editora: L&PM POCKET. Porto Alegre, 2003.

BAJOIT, Guy. Un poco de Historia de la hegemonia. In.: Tres Movimientos hacia la mundialización y tres maneras de compartila. Disponível em: www.iteco.bea/a_propos_index/bajoitspanhol.pdf#search='guy%20bajoit' >.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo. I. Fatos e Mitos*. Tradução de Sérgio Milliet. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2000.

_____. *Cartas a Nelson Algren. Um amor transatlântico 1947-1964*. Editora Nova Fronteira: Rio de Janeiro, 2000.

_____. *Memórias de uma moça bem comportada*. Editora Círculo do Livro: São Paulo, 1958.

BELTRÁN, Amparo. *Uso hegemônico do masculino data do século XVII*. Disponível em: <[http:// director@alcnoticias.org](http://director@alcnoticias.org)> Acesso em: 26 Junho, 2005.

BETANCOURT, Raul Fonet. *Estudios de Filosofía Latinoamericana. 500 Años después*. Universidade Nacional Autónoma de México: México, 1992.

_____. *Questões de Método para uma filosofia intercultural a partir da Ibero-América*. Editora Unisinos: São Leopoldo, 1994.

BIRULÉS, Fina. Índicios y fragmentos: historia de la filosofía de las mujeres. In: MAGDA, Rosa Maria Rodrigues Magda (Ed.). *Mujeres em la história del pensamiento*. Anthropos. Barcelona, 1997.

BORDO, Susan. *A feminista como o outro*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis: CFH/UFSC, n. 1, v 8, 2000. p.10-29.

BOURDIEU, Pierre. Observações sobre a História das mulheres. In DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *As Mulheres e a História*. Publicações. Dom Quixote. Lisboa, 1995.

_____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2000.

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. Formação da professora sob uma perspectiva de gênero. In *Educação em Revista*. Unesp: Faculdade de Filosofia e Ciências, nº 3: Marília, 2002.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos-a experiência da pesquisa no trabalho do educador. Saber com o Outro*. Editora Cortez: São Paulo, 2003.

BRUSCHINI, Cristina; LOMBARDI, Maria Rosa. *Médicas, arquitetas, advogadas e engenheiras: mulheres em carreiras de prestígio*. SEPARATA..Estudos Feministas. Florianópolis : vol. 7, n. 1 e 2, 1999. p. 9-24.

BRUSCHINI, Cristina; HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org). Horizontes Plurais. Novos Estudos de Gênero no Brasil. Fundação Carlos Chagas. Editora 34. São Paulo, 1998

BUTLER. Judith. *Corpos que pesam: Sobre os limites discursivos do "sexo"*. In: *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade*. 2ª Edição. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

_____. *Problemas de Gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 2003

CABRAL, Isabel Matos Dias Caldeira. O feminino em M. Merleau-Ponty. Um estilo ontológico? In.: *Pensar no Feminino*: Edições Colibri:Lisboa, 2001.

CAMPS, Victoria. *El siglo de las mujeres*. Ediciones Cátedra. Madrid, 1998.

CARVALHO, Maria da Penha Felício dos Santos (a). *A questão da diferença dos sexos em Aristóteles*. In.ETHICA-Cadernos Acadêmicos. Revista do Programa de pós-graduação em Filosofia.Editora Gama Filho. Vol. 1 Rio de Janeiro, 2005, p. 157-175.

_____. A defesa da emancipação feminina em John Stuart Mill. In.: PIRES, Cecília (org). *Vozes Silenciadas*. Ensaios de ética e filosofia política. Editora Unijuí. Unijuí, 2003. p. 191-209.

_____. *As observações Kantianas sobre o belo sexo*. In: MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In *As Mulheres e a Filosofia*.TIBURI, Márcia; Menezes, Magali de; EGGERT, Edla (org.) Editora Unisinos: São Leopoldo, 2002. p. 47-67.

_____. Feminismo, Educação e Cidadania. Disponível em < http://asmulhereseafilosofia.hpg.ig.com.br/artigos/feminismo_educ_cidadania.htm>. Acessado em Agosto, 2005.

_____. Um filósofo feminista no século XVII: o cartesiano Poulain de la Barre. *ÉTHICA. Cadernos Acadêmicos* 7 (2): 117-137.

_____. Filosofia e mulheres: implicações de uma abordagem da ética a partir de uma perspectiva de gênero. In.: *Revista filosofia Unisinos*. Vol. 5. nº 9 Jul/Dez. Editora Unisinos. São Leopoldo, 2004.

CARVALHO, Marie Jane Soares; ROCHA, Cristianne Maria Famer.(orgs) *Produzindo Gênero*. Editora Sulina: Porto Alegre, 2004.

_____. *A história de Vida e as Práticas Sociais de Classe, Raça e Gênero*. In.: Gondra, José Gonçalves e Carvalho, Marta Maria Chagas de. *Pesquisa histórica: retratos da educação no Brasil*. UFRJ. Rio de Janeiro, 1995. p. 59-68.

_____. Qual cidadania desejamos? In.: *As Mulheres e a Filosofia*. TIBURI, Márcia; Menezes, Magali de; EGGERT, Edla (org.) Editora Unisinos: São Leopoldo, 2002, p. 221-236.

CHASSOT, Attico. *A ciência é masculina?* Editora Unisinos: São Leopoldo, 2004.

CHAUÍ, Marilena. Disponível em http://virtualbooks.terra.com.br/cultura/Entrevia_111103_Marilena_Chauí.htm>Foto: Divulgação. Acesso em 14 de Junho de 2005.

_____. *Convite à Filosofia*. Editora Ática: São Paulo, 2004.

COLL, César. *Psicologia e Currículo. Uma aproximação Psicopedagógica à elaboração do Currículo Escolar*. São Paulo: Ática, 2000. p. 43-48

COMISSÃO DE CIDADANIA E DIREITOS HUMANOS. Cadernos da Cidadania. Comissão dos Direitos humanos. Porto Alegre, 2004.

COSTA, Ana Alice Alcântara Costa; SARDENBERG, Cecília Maria Bacellar. *TEORIA E PRÁXIS FEMINISTAS NA ACADEMIA. Os núcleos de estudos sobre a mulher nas universidades brasileiras*. In.: Revista Estudos Feministas: Número Especial. 2º Semestre 94. CIEC. Escola de Comunicação: UFRGS: Outubro, 1994.

CUNHA, Maria Isabel. *As Narrativas como explicitadoras e como produtoras do conhecimento*. JM Editora: Araraquara, 1998.

DEFFAND, Madame Du. *Cartas a Voltaire*. Editora Mandarim. São Paulo, 1994.

DEIFELT, Wanda. *Palavras e Outras Palavras: a Teologia, as Mulheres e o Poder*. In: Revista Estudos Teológicos. Ano 36, nº1. Editora Sinodal: São Leopoldo, 1996.

DEMO, Pedro. *Desafios Modernos da Educação*. Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

DEUSA, Isabel Morant. Qué es una mujer? O la condición sentimental de la mujer. In: *Mujeres em la história del pensamento*. Anthropos. Barcelona, 1997.

DIAS, Claudia. Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Revista Sociedade e Educação*, vol. 10, n. 2, 2000.

DOWEL, Linda. Género, *identidad y lugar. Un estudio de las geografías feministas*. Ediciones Cátedra. Madrid, 2000.

ECO, Umberto. Filosofar no Feminino. In.: *Revista Entre Livros*. ano 1, nº10. Editora Duetto. São Paulo, 2006.

EGGERT, Edla. Narrativa: Uma Filosofia a partir da experiência das mulheres? In: MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In *As Mulheres e a Filosofia*. TIBURI, Márcia; Menezes, Magali de; EGGERT, Edla (org.) Editora Unisinos: São Leopoldo, 2002.

_____. *Educação popular e teologia das margens*. Editora Sinodal. São Leopoldo, 2003.

FERNANDES, Cleoni Maria Barboza; VIOLA, Sólón. *Autonomia e Emancipação-Algumas aproximações possíveis entre Antonio Gramsci e Paulo Freire-a partir da análise de práticas pedagógicas emancipatórias*. (texto construído para apresentar leitura dirigida), 2005.

FERREIRA, Manuel J. do Carmo. *As mulheres de Hegel*. In.: *Pensar no Feminino*. Edições Colibri: Lisboa, 2001, p. 225-233.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org^a). *Também há mulheres Filósofas*. Editorial Caminho. Lisboa, 2001.

_____. *Pensar no Feminino*. Edições Colibri: Lisboa, 2001.

_____. *O que os Filósofos pensam das mulheres*. Edições Colibri: Lisboa, 1998.

FERREIRA, Maria Luisa Ribeiro; Henriques, Fernanda. Representações sobre o Feminino. In.: *Revista da Associação portuguesa de estudos sobre as mulheres-ex aequo*. Nº 1. Celta Editora. Portugal, 1999.

FLAX, Jane. Political Philosophy and the Patriarchal Consciousness: A Psychoanalytic Perspective on Epistemology and Metaphysics". In.: S. Harding e M. Hintikka (eds), *Discovering Reality: Feminist Perspectives on Epistemology, Metaphysics and Philosophy of science*. Dordrecht, D. Riedel Publ. Co, 1983.

FLORESTA, Nísia. *Opúsculo Humanitário*. Introdução e Notas de Peggy Charpe Valadares. Editora Cortez: São Paulo, 1989.

_____. *CINTILAÇÕES de uma alma Brasileira*. Editora Mulheres: Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1997.

_____. *Direitos das Mulheres e Injustiça dos homens -b-* Editora Cortez: São Paulo, 1989.

_____. Uma pequena biografia. Disponível em: < <http://memoriaviva.digi.com.br/nisia/>> Acessado em 10/08/2005.

FOUCAULT, Michael. *Vigiar e Punir: História da Violência nas prisões*. 23ª Edição. Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 13ª Edição. Editora Paz e Terra: Rio de Janeiro, 1984.

_____. *Educação como prática da liberdade*. 3ª Edição. Paz e terra. Rio de Janeiro, 1971.

_____. *PROFESSORA SIM tia NÃO. Cartas a quem ousa ensinar*. Editora Olho d'água: São Paulo, 2005.

FREIRE, Paulo. FREIRE, Ana Maria Araújo (org). *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*. São Paulo: UNESP, 2001.

GARGALLO, Francesca. *Las Ideas Feministas Latinoamericanas*: Disponível em:<www.creatividadfeminista.org/livro_chesca.pdh>: Acesso em Maio de 2005.

GATELL, Rosa Rius. De las mujeres “memorables” en lucrezia marinelli: “nobleza” y “excelecia” en la venecia de 1600. In: *Mujeres em la história del pensamento*. Anthropos. Barcelona, 1997.

GARRETAS, María-Milagros Rivera. Escritoras Castellanas del humanismo y del Renacimiento. In: *Mujeres em la história del pensamento*. Anthropos: Barcelona, 1997.

GEBARA, *Rompendo o Silêncio. Uma fenomenologia feminista do mal*. Editora Vozes: Petrópolis, 2000.

GOBBI, Márcia Valéria Zambori; FERNANDES, M.L.O; JUNQUIRA, Renata. *Intelectuais portugueses e a cultura brasileira*. EDUSC. Editora Unesp, 2002.

GRAMSCI, Antônio. *Os intelectuais e a Organização Cultural*. Editora Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1982.

GROLI, D. ; LIMA, D. C. ; SCHIMANOSKI, D. C. G. ; SCHEIBEL, M. F. . Orientações para os Cursos de Graduação. 1. ed. Canoas: Editora ULBRA, 2002.

GROLI, D. ; ARRIETA, G. A. ; POLENZ, T. A violência na escola. 1. ed. Canoas: Editora ULBRA, 2000.

GROLI, Dorilda. Alteridade e Feminino 1. ed. São Leopoldo: Nova Editora, 2004.

_____. Pedagogia Universitária na ULBRA. 1 ed. Porto Alegre/RS: FAPERGS/RIES, 2003.

_____. *Educação Ambiental e Educação Popular: construção e convergência*. Revista Ambiente e Educação, v. 2, 1997.

_____. *O ambiente, a educação e o povo*. Ambiente & Educação, Rio Grande, v. 2, p. 67-72, 1997

_____. *História das interpretações da alteridade*. Revista Momento, Rio Grande, v. 9, p. 175-190, 1996.

_____. *A legalização da marginalidade escolar - Educação de adultos*. Revista Didática Em Revista, Rio Grande, v. 2, 1995.

_____. *O acesso ao real e a crise do mundo contemporâneo*. Revista Momento, Rio Grande, v. 7, n. jan/dez, p. 89-112, 1994.

_____. *Memória crítica e perspectiva no trabalho popular*. Revista Utopia Ou Barbárie, Rio Grande, v. 1, 1992.

_____. *Educação Libertadora: utopia e alienação na escola particular*”. Revista Educação e Sociedade, Campinas, v. 26, 1987.

GUIMARÃES, Livia. *Mulheres fáceis, mulheres difíceis*. In ETHICA-Cadernos Acadêmicos. Revista do Programa de pós-graduação em Filosofia. Editora Gama Filho. Rio de Janeiro. 2005, p.187-197.

_____. *A Quixote Mulher-Ficção e Filosofia*. s/d; s/ref.

HARDING, Sandra. *A instabilidade das categorias analíticas na teoria feminista*. In.: Revista Estudos feministas. Florianópolis: CFH/UFSC n°1,1993, p. 7-31.

HARAWAY, Donna. *O humano numa paisagem pós-humanística*. In.: Revista Estudos feministas. Ano 1, N°2. Florianópolis, 1993, p. 277-292.

HARSTOCK, Nancy. "The Feminist Standpoint: Developing the Ground for a Specifically Feminist Historical Materialism". In.: Harding, S. Hintikka, M. Discovering Reality: Feminist Perspectives on Epistemology, Metaphysics and Philosophy of science. Dordrecht, D. Riedel Publ. Co, 1983.

HERMANN, N. M. A.. *Hermenêutica e educação*. Rio de Janeiro: DPA, 2002.

_____. *Pluralidade e ética em educação*. 1ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

_____. *A validade em educação: Intuições e problemas na recepção de Habermas*. 1ª. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999

_____. *Natureza e eticidade: educação em Rousseau*. In: FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes ; ZILLES, Urbano. (Org.). Diálogo de horizontes: Festschrift em homenagem a Jayme Paviani. Porto Alegre - Caxias do Sul, 2001.

_____. *Nietzsche: uma provocação para a filosofia da educação*. In: Ghiraldelli Jr., Paulo. (Org.). *o que é a Filosofia da Educação?*. 2ª ed. Rio de Janeiro, 1999.

HERMANN, N. M. A.; PRESTES, N. M. H.. *O polêmico debate da educação na contemporaneidade: a contribuição habermasiana*. In: PUCCI, B.; ZUIN, A. A.. (Org.). *A educação danificada: contribuições à teoria crítica da educação*. 1 ed. Petrópolis, 1998, v. 1, p. 217-243.

HERMANN, N. M. A.; PRESTES, N. M. H.. *Educação e Ética: Relações e Perspectivas*. In: Silva, Luiz Heron da; Azevedo, José Clóvis de; Santos, Edmilson Santos dos. (Org.).

IDENTIDADE SOCIAL E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO. 1 ed. PORTO ALEGRE, 1997

HERMANN, N. M. A.; PRESTES, N. M. H.; *As Bases Epistemológicas do Ensino*. In: Moraes, Vera Regina Pires. (Org.). MELHORIA DO ENSINO E CAPACITAÇÃO DOCENTE. 1 ed. PORTO ALEGRE, 1996

HERMANN, N. M. A.; ZUIN, A. A.; COSTA, B. C.; PRESTES, N. M. H.; OLIVEIRA, N. R.; MARKET, W.; MAAR, W. L. *A Razão, A Teoria Crítica e A Educação*. In: Pucci, Bruno. (Org.). TEORIA CRÍTICA E EDUCAÇÃO: A QUESTÃO DA FORMAÇÃO CULTURAL NA ESCOLA DE FRANKFURT. 1 ed. PETRÓPOLIS, 1994

HIERRO. Graciela. *Ética e Feminismo*. In: Textos universitários. Universidad Autónoma de México: México, 1990.

_____. *Comentários*. In.: Seminário sobre la participación de la Mujer en la vida Nacional. Universidade Nacional Autónoma de México: México, 1989.

_____. *Presentación a la primera edición*. In.: LAGARDE, Marcela. Los cautiveiros de las mujeres: madreposas, monjas, putas, presas y locas. Colección Posgrado: México, 1993.

HOOKS, Bell. Eros, Erotismo e o processo pedagógico. In: *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade*. 2ª Edição. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Acessado em, 10/08/2005. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/>

_. *Quem foi recenseado?* Disponível em <http://www.ibge.gov.br/censo/quemrecenseado.shtm>. Acessado em 10/08/2005.

_____. *Síntese de Indicadores Sociais confirma as desigualdades da sociedade brasileira*. Acessado em 10/08/2005. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa.php?palavras=saude+>>

_____. *Estatísticas do Século XX. IBGE lança Estatísticas do século XX*. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa/pesquisa.php?palavras=patern>>. Acessado em 10/08/2005.

_____. Relatório ONU. *ONU lança relatório sobre situação da população mundial e IBGE mostra quadro da situação da população brasileira*. Acessado em 10/08/2005. Disponível em http://www.ibge.gov.br/brasil_em_sintese/populacao03.htm

_____. Educação das mulheres determina taxas de fecundidade e de mortalidade infantil. Disponível em: <www.ibge.gov.br/pesquisa/pesquisa.php?palavras=fecund. > Acessado em: 12/08/2005.

KAFKA. *Parábolas e Fragmentos e Cartas a Milena*. Ediouro: Editora tecnoprint S.A,1987.

KANT, Emmanuel. *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime; Ensaio sobre as doenças mentais*. Editora Papirus: São Paulo, 1993.

_____. *Sobre a Pedagogia*. Editora UNIMEP: São Paulo, 2002.

JOAQUIM, Teresa. *A (im)possibilidade de ser filósofa*. In.: FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro (org^a). Também há mulheres Filósofas. Editorial Caminho. Lisboa, 2001.

JOSSO, Christine Marie. *Experiências de Vida e Formação*. Editora Cortez: São Paulo, 2004.

LAGARDE, Marcela. Claves identitarias de las latinoamericanas em el umbral Del milenio. In.: TORRES, Carmen; PORTUGAL, Ana Maria (Editoras). *El siglo de las mujeres*. Ediciones de las mujeres nº 28. Isis Internacional: Santiago: Chile, 1999.

_____. LAGARDE, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: De madresposas, monjas, presas, putas y locas*. México: UNAM, 1997.

LEVY, Lia (Org). *Verdade, Conhecimento e Ação. Ensaio em Homenagem a Guido Antônio de Almeida e Raul Landim Filho*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

_____. *Atas do IX Encontro Nacional de Filosofia da ANPOF*. 1. ed. Campinas: ANPOF, 2000.

_____. *Descartes - Objecter et Répondre*. 1. ed. Paris, França: Presses Universitaires de France, 1994.

LEVY, Lia. *L'automate spirituel. La naissance de la subjectivité moderne d'après l'Ethique de Spinoza*. 1. ed. Assen: Van Gorcum & Comp. B. V., 2000.

_____. *O Autômato Espiritual. A Subjetividade Moderna Segundo a Ética de Espinosa*. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM Editores, 1998.

_____. *Ainda o cogito: uma reconstrução do argumento da Segunda Meditação*. In: Marco Zingano; Fátima Évora; Paulo Faria; Andrea Loparic; Luiz Henrique Lopes dos Santos; (Org.). *Lógica e Ontologia. Ensaio em Homenagem a Balthazar Barbosa Filho*. 1 ed. São Paulo: Discurso Editorial, 2004, p. 209-232.

_____. *Conatus e a Geometria dos Afetos*. In: Sociedade Brasileira de Psicanálise. (Org.). *Freud e seus Filósofos*. Porto Alegre: SBPA, 2004, v. 1, p. 185-201

_____. *Representação e Sujeito. O Conceito Cartesiano de Idéia*. In: Edgar da Rocha Marques; Ethel Menezes Rocha; Lia Levy; Luiz Carlos Pereira; Marcos André Gleizer; Ulysses Pinheiro. (Org.). *Verdade, Conhecimento e Ação. Ensaio em Homenagem a Guido Antônio de Almeida e Raul Landim Filho*. São Paulo: Edições Loyola, 1999, v. 1, p. 233-245.

_____. *A Teoria cartesiana da substância. Equivocidade ou Analogia*. Rio de Janeiro, RJ: Revista Analytica, 1997.

LIPMAN, Matthew. *A Filosofia vai à Escola*. São Paulo. Summus, 1990.

_____. *A Filosofia na Sala de Aula*. São Paulo. Nova Alexandria, 1994.

_____. *O Pensar na Educação*. Petrópolis. Vozes, 1995.

_____. *Natasha: diálogos vygotskianos*. Porto Alegre. Artes Médicas, 1997.

LOBO, Márcia. Mulheres à frente do seu tempo. Olympia de Gouges: Uma libertária na Revolução Francesa. *Revista Claudia*, nº 4, São Paulo, p.148-151, Abril 2005.

LOCKE, John. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999.

LOURO, Guacira, Lopes. (org) *O Corpo Educado. Pedagogias da Sexualidade*. 2º Edição. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

_____. Mulheres na sala de Aula. In.: PRIORI, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.de textos). *História das Mulheres no Brasil*. Editora: Contexto: São Paulo, 1997.p.443-481.

_____. *Prendas e anti-prendas*. Editora da UFRGS: Porto Alegre, 1987.

LOURO, Guacira Lopes; MEYER, DAGMAR Estermann. *Gênero e Educação*. In.: *Revista Estudos Feministas*. Vol 9 nº 2. Centro de Comunicação e Expressão-CCE e Centro de Filosofia e Ciências Humanas-UFSC: Santa Catarina, 2001.

LUNA, Sérgio Vasconcelos. *Planejamento e Pesquisa-Uma Introdução*. EDUC: São Paulo, 2003.

MACEDO, Ana Gabriela; AMARAL, Ana Luisa. DICCIONARIO DA CRÍTICA FEMINISTA. Edições Afrontamento: Lisboa, 2005.

MAGGE, Bryan. *História da Filosofia*. Editora Loyola. São Paulo, 2001.

MAGDA, Rosa Maria Rodrigues (Ed.). *Mujeres em la história del pensamiento*. Anthropos: Barcelona, 1997.

_____(b). *Feminino fin de siglo. La seducción de la diferencia*. Editora Anthropos. Barcelona, 1994.

MENDES, Maria João Pires. O profefeminismo em Mary Astell. In.: *Pensar no Feminino*. Edições Colibri: Lisboa, 2001, p. 211-224.

MENEZES, Magali Mendes de. Da academia da razão à academia do corpo. In *As Mulheres e a Filosofia*. TIBURI, Márcia; Menezes, Magali de; EGGERT, Edla (org.) Editora Unisinos: São Leopoldo, 2002.172 p.

_____. *Por que as Mulheres e a Filosofia?* In.: *Produzindo Gênero*. CARVALHO. Marie Jane Soares; ROCHA. Cristianne Maria Famer (orgs) Editora Sulina: Porto Alegre, 2004, p. 122-127.

_____. Dissertação de mestrado. *As diferentes figuras do feminino na obra de Emmanuel Levinás*. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Pós-Graduação em Filosofia. Porto Alegre, 1994.

_____. *A subjetividade: Expressão de um corpo habitado pelo estrangeiro*. In.: ETHICA-Cadernos Acadêmicos. Revista do Programa de pós-graduação em Filosofia. Editora Gama Filho. Vol. 1. Rio de Janeiro, 2005. p. 199-229.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. INEP. *Censo da Educação superior 2003-Resumo Técnico*: Brasília, 2004.

_____. *Censo da Educação Superior. Sinopse Estatística da Educação Superior*: Brasília, 2005.

MOSÉ, Viviane. *Episódios do “Ser ou não ser?”* Disponível em: <<http://gmc.globo.com/GMC/0,,2465-p-M364827,00.html>> Acessado em 18/01/2006.

MAYER. Maria Martha Malard. Acessado em 10/08/2005 . Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/pesquisa.php?palavras=MULHER>

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo. *Feminino e Masculino*. Uma nova consciência para o encontro das diferenças. Editora Sextante: Rio de Janeiro, 2002.

NYE, Andréa. *Teoria Feminista e as Filosofias do Homem*. Editora Rosa dos Tentos: Rio de Janeiro, 1988.

PIRES, Cecília. *Estética do Silêncio: A tessitura do manto de Penélope*. In.ETHICA-Cadernos Acadêmicos. Revista do Programa de pós-graduação em Filosofia. Editora Gama Filho. Vol. 1 Rio de Janeiro, 2005. p. 177-186.

_____. *Ética da Necessidade e outros desafios*. Editora Unisinos. São Leopoldo, 2004.

_____(org.). *Vozes Silenciadas*. Ensaio de ética e filosofia política. Editora Unijuí. Unijuí, 2003.

_____. *As dimensões do poder e seus impasses*. In.: Revista Filosofia Unisinos. Vol (3), nº5. Editora Unisinos. São Leopoldo, 2002. p. 77-95

PRIORI, Mary del. *Ao Sul do Corpo-Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Editora José Olympio: Rio de Janeiro, 1995.

RAGO, Elisabeth Juliska. *Uma ciência da diferença: sexo e gênero na medicina da mulher*. ROHDEN, Fabíola. In: *Revista Estudos Feministas*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2001, p. 223. Encontrado em www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2002000200019&script=sci_arttext&tlng=pt - 29k >

REUILLARD, Pascal. *Sartre e Simone*. Volume 4. Coleção: Filósofinhos/Les Petits Philosophes, 2005.

REVISTA CLAUDIA. *A inteligência tem sexo*. nº 04, ano 44. p. 58-63, Abril 2005.

ROCHA, Maria Zélia Borba. *Cristóvam, Milene e minhas meias furadas... ou de como uma aprendiz de professora ensina política cultural, sem saber, a uma graduanda das artes... ou ainda...docência: A barca de Caronte*. In.: *Revista Educação e Realidade*. Nº74. Abril: 2001, p.211-224.

ROSA, Graziela Rinaldi. *O Currículo na concepção dos(as) educadores(as)*. Monografia (Especialização em Metodologia do Ensino de História e Geografia). Faculdade de Educação: Taquara: FACCAT, 2003.

_____. *Interdisciplinaridade no Ensino Religioso*. In: BRANDENBURG, Laude Erandi; FUCHS, Henri Luiz; WACHS, Manfredo Carlos (orgs) *Ensino Religioso na escola-Bases, experiências e desafios*. Editora Oikos: São Leopoldo, 2005.

_____. *As mulheres e o ensino de Filosofia: Desafios na fronteira do humano*. In.: UNIREVISTA Vol 1, n.1. encontrado em “Publicações eletrônicas no site://www.unisinos.Br/publicações_cientificas/”, 2005 (a), p. 1-19.

_____. *Incluindo as Mulheres Filósofas nas Salas de aula*. Anais do 8º Seminário Internacional de Educação. Novo Hamburgo, 2005., p.195 - 206

_____. *Onde estão as filósofas da América Latina?'*. Anais do VII Corredor das Idéias. Brasil, 2005.

_____. *Desafios de Incluir questões de gênero, feminismos e mulheres nas salas de aulas'* In: Encontro Internacional de Educação, 2005.Gravataí. Disponível em: http://www.encontrodeeducacao.org.br/biblioteca_trabalhos.php>.

_____. *Pensando Gênero e Educação*. Anais do III Seminário de Educação e Gênero. Tocantinópolis, 2005.

_____. *Onde estão as obras raras de filósofas, suas reflexões, biografias e referências nos livros didáticos?* In.: Anais da Semana Científica do Unilasalle. Centro Universitário La Salle: Canoas, 2005.

_____. *Também há mulheres filósofas: uma obra para pensar a Educação e a Filosofia.* Revista Educação: Vol.10, nº 1. Editora Unisinos: São Leopoldo, 2006.

ROSE, Hilary e Steve Rose (eds). *Ideology of/in the natural Sciences.* Boston, Schekman Pub.CO, 1979

ROSE, Hilary. *Hand, Brain and Heart: A Feminist Epistemology for the Natural Sciences.* Signs 9, nº1, 1983

ROSE, Hilary. *Is a Feminist Science Possible?*, Trabalho apresentado no MIT, Cambridge, Massachusetts, 1984

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio ou da educação.* 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Do contrato social.* São Paulo: Nova Cultural, 1997.

SÁBATA, Javier. *Homens, Mulheres e Filosofia.* In: SÁBATA, Javier *La filosofía contada con sencillez.* Madrid: Maeva Ediciones, 2002, p. 18-20. Disponível em < <http://ocanto.webcindario.com/destaque/mulher05.htm> > Acessado em 9/01/2005.

SACRISTAN, Gimeno J. *O Currículo - Uma Reflexão sobre a Prática.* 3º Edição, Porto Alegre: Artes Médicas, 2000, p. 165-199.

SAFFIOTI, Heleieth I. B.. *Gênero, patriarcado, violência.* Editora: Fundação Perseu Abramo: São Paulo, 2004.

SALDANHA, Leticia Beck. *Mulher-Professora: paixão pelo (im)possível.* Dissertação de Mestrado. Orientadora Dr^a Maria Augusta Salin Gonçalves Universidade do Vale do Rio dos Sinos: São Leopoldo, 1998.

SANTOS, José Trindade dos. *Aspásia, uma filósofa no masculino.* In.: In.: LAGARDE, Marcela. *Los cautiverios de las mujeres: madreposas, monjas, putas, presas y locas.* Colección Posgrado: México, 1993.

SÁTIRO, Angélica; WUENSCH, Ana Míriam. *Pensando melhor-Iniciação ao filosofar*. Editora Saraiva: São Paulo, 2006.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?* EDUSC: São Paulo, 2001.

SCHOPENHAUER, Arthur. *A arte de lidar com as mulheres*. Editora Martins Fontes: São Paulo, 2004.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria de Análise histórica. In.: *Revista Educação e Realidade*, v. 20. n.2, 1990, p. 133-184.

_____. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. *Revista Educação e Realidade*. UFRGS, Vol. 20. nº2. Jul/Dez, 1995, p. 71-99.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. *Feuerbach e a sensibilidade andrógina*. In.: *Pensar no Feminino*. Edições Colibri, 2001.

SILVA, Tomaz Tadeu. *Documentos de Identidade. Uma Introdução às teorias do Currículo*. Belo Horizonte: autêntica, 2001.

SILVEIRA, Renê José, *Matthew Lipman e a Filosofia para Crianças: Três polêmicas do nosso tempo*. Editora autores associados. São Paulo: 2001.

SMITH, Dorothy . Women's Perspective as a Radical Critique of Sociology. *Sociological Inquiry* 44, nº 1, 1978.

_____. A Sociology for Women. In,> J. Sherman e E.T. Beck (eds), *The Prism of sex: Essays in the Sociology of Knowledge*. Madison, University of Wisconsin Press, 1979.

SOIHET, Rachel. Mulheres pobres e Violência no Brasil Urbano. In.: PRIORI, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.de textos).*História das Mulheres no Brasil*. Editora: Contexto. São Paulo, 1997, p.362-400.

SORJ, Bila. Estudos de Gênero: a construção de um novo campo de pesquisas no país. In: COSTA, Albertina de Oliveira; MARTINS, Ângela Maria; FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. *Uma História para contar: A pesquisa na Fundação Carlos Chagas*. Editora: ANNABLUME: Rio de Janeiro, 2004.

_____. Dois olhares sobre Heleieth Safiotti. In.: *Revista Estudos Feministas*. Ano 3. nº 1. Florianópolis, 1995, p. 156-158.

SOUSA, C.P. de, CATANTI, D.B., SOUZA, M.C.C. de e BUENO, B.O. *Memória e autobiografia: formação de mulheres e formação de professoras*. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 2, maio/jun/jul. 1996, p.61-76.

STRECK, Danilo R. A EDUCAÇÃO POPULAR E A RECONSTRUÇÃO DO PÚBLICO. Há fogo sob as brasas? In.: Anais ANPED. 28. Reunião Anual 2006.

TABAK, Fanny; VERUCCI, Florisa. (org). A difícil igualdade. Os direitos da Mulher como direitos humanos. Relume-Dumará: Rio de Janeiro, 1994.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In.: PRIORI, Mary del (org.); BASSANEZI, Carla (coord.de textos). *História das Mulheres no Brasil*. Editora: Contexto. São Paulo, 1997, p.401-442.

TIBURI, Márcia. *As mulheres e a filosofia como ciência do esquecimento*. Disponível em : < <http://www.comciencia.br/reportagens/mulheres/15.shtml>>. Acessado em Dezembro 2005.

TOBIAS. José Antonio. *História das idéias no Brasil*. Editora Pedagógica e Universitária. São Paulo, 1987.

UNIVERSIDADE DE ROSÁRIO ARGENTINA. *Quiénes somos?* Disponível em:< http://www.uned.es/dpto_fil/seminarios/enclaves/safo/quienes.htm> Acesso em: Maio de 2005.

VALCÁRCEL, Amélia. *Sexo y Filosofia. Sobre “mujer” y” poder”*. Editorial Anthropos. Barcelona, 1994.

WELLER, Wivian. *A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos*. Revista Sociologias. Ano 7, nº 13, jan/jun 2005, p. 260-300.

WELLER, Wivian; SANTOS, Gislene; SILVEIRA, Rogério Leandro Lima da; ALVES Adilson Francelino; KALSING, Vera Simone Schaefer. *Karl Mannheim e o método documentário de interpretação*. Sociedade e Estado, vol. 17, n.2, p. 376-396, Brasília, 2002.

WUENSCH, Ana Miriam. *As Pensadoras*: Disponível em:<http://www.unb.br/acs/bcopauta/mulher1.htm> :Acesso em: Maio 2005.

_____ **Passado e presente. E o futuro? Textos e fotos:** UnB Agência. Disponível em: < <http://www.unb.br/acs/unbagencia/ag0305-05.htm> > : Acesso em: Maio 2005.

YANNOULAS, Silvia Cristina; VALLEJOS, Adriana Lucila; LENARDUZZI, Zulma Viviana. . *Feminismo e academia*. In.: REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS PEDAGÓGICOS. INEP/MEC. Vol. 9. Set./Dez 2000.

ZEA, Leopoldo. *América Latina em sus ideas*. UNESCO: México, 1986

ZIMMERMANN, Roque. Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel (1962-1976). Editora Vozes. Petrópolis, 1987.

ANEXOS

Anexo A- E-mail da Professora “Artista”

Quanto ao texto de Simone B. não o conheço, não sei em que contexto ela disse isso. Mas me lembro de que Heidegger fez esse comentário dizendo que se sentia um pensador e não um filósofo. Penso se você iniciar sua reflexão com a pergunta o que é ser uma filósofa isso implica desde já numa série de colocações. Primeiramente, que há ontologicamente uma diferença no pensar das mulheres e no pensar dos homens. Deverias então trabalhar anteriormente esta questão para poder colocar a perguntar. Poderíamos também pensar em termos de contexto, ou seja, um pensar sempre contextualizado. Em que as experiências das mulheres (de exploradas, humanidade inferior...) trouxeram um pensar diferenciado. A própria Simone nunca se sentiu "diferente" ou discriminada na Filosofia por ser mulher. Ela comenta isto no Segundo Sexo. Recomendo esta leitura, principalmente sua introdução que é bárbara. Defina bem sua problemática, deixe claro qual realmente é seu problema, pois a reflexão Filosófica começa por aí. Um grande abraço.

Anexo B-Entrevista da professora “Artista” para estudantes do Ensino Médio

Essa entrevista foi realizada por um grupo de estudantes do ensino médio de um colégio particular que lecionava em virtude de um trabalho que solicitei cujo tema era “As mulheres e a Filosofia”. As perguntas foram elaboradas por estudantes.

Perguntas:

1. Você já sabia desde criança se era esse ofício que você queria exercer? Se a resposta for ‘não’, por quê?

Não. Na verdade fiz Filosofia por acaso, queria mesmo era fazer teatro. Uma amiga, muito próxima decidiu fazer Filosofia e resolvi fazer também. Acabei me apaixonando pelo curso.

2. Qual das suas obras você achou mais interessante?

Foram tantas...No curso de Filosofia nos é exigido ler muito. Muitas das obras que lia fui compreender bem mais tarde, pela complexidade da discussão. Mas cito algumas que foram importantes para mim: Maquiavel, Fédon, Ser e Nada, Ética e Infinito, Assim falava Zaratustra, entre outras.

3. Em relação as suas aulas, qual o assunto que é mais abordado pelos alunos?

Muitas questões aparecem em uma aula de Filosofia. Como: origem do homem, Deus, o Bem e o Mal,..

4. Qual o assunto que você gosta de trabalhar em suas aula?

Todos os assuntos passam a ser interessantes, depende da forma como são abordados. Mas adoro discutir ética e política.

5. Você se inspira em alguém para fazer os seus artigos?

Sim, nas pessoas próximas, as reais, a vida me inspira a escrever, é dela que tiro as reflexões.

6. Qual o seu filósofo (a) preferido?

Emmanuel Lévinas, Jacques Derrida, Simone Weil, Nietzsche; são tantos que é difícil enumerar.

7. O que na filosofia você acha mais importante?

A POSSIBILIDADE QUE ELA TE DÁ PARA DAR UM MERGULHO EM TI, NO MUNDO, INQUIETAR-SE COM O NOVO E TRANSFORMÁ-LO EM INSPIRAÇÃO PARA PENSAR.

Sobre o artigo¹¹⁶:

1. Você conhece mais exemplos de “Severinas”? Quais?

Penso que o Brasil ainda está cheio de “Severinas”, “Severinos” e tantos outros anônimos esquecidos pelo poder político, pela sociedade. Mas não é suficiente entrarmos na escola, temos que pensar em qual escola se está entrando. Temos que rediscutir o sentido deste espaço e de que forma ela contribui para o resgate de uma dignidade.

2. Qual sua opinião sobre as mulheres que enfrentam tamanhas dificuldades e acabam deixando de lado seus sonhos de estudar?

Acho triste abandonar um sonho. Não vejo que a escola seja o único espaço para aprender. A vida, os saberes que construímos ao longo de nossas experiências devem ser valorizados. O discurso que a cultura valorizada é aquela que é adquirida dentro da escola, mostra uma visão limitada, autoritária e erudita do que seja a cultura.

3. No seu artigo você afirma que a sociedade exige das mulheres “curvas perfeitas”. O que você acha que poderia ser feito para mudar esse ponto de vista da sociedade? Você acha que em um futuro próximo as mulheres serão vistas de outra forma pela sociedade?

Penso que sim. Acho que já avançamos muito, mas ainda há muito mais a fazer. A forma como a mídia representa as mulheres é violento e deve ser criticado. As mulheres não estão em uma luta que diz respeito somente a elas. Elas questionam a sociedade, a forma como estão organizadas nossas relações e como mercantilizar corpos é rentável. Em um sistema capitalista o Outro não é visto como outro, mas como coisa, usamos e jogamos fora quando não temos mais interesse.

Devemos pensar em mudarmos esse modelo de relação. Não acredito muito em grandes revoluções, mas nas mudanças que são construídas lentamente. Devemos começar portanto em repensar nossas relações, as mais próximas, verificarmos como olhamos para o outro, dividimos tarefas, ou seja, devemos começar por nossas casas.

Um grande abraço a todos vocês,

E um bom ,maravilhoso e apaixonante filosofar. Afinal sem paixão não se pensa!!!!!!

¹¹⁶ O texto está na íntegra no livro “As Mulheres e a Filosofia”, artigo “Da academia da razão à a cademia do corpo”, onde dentro dele a autora cita a história de sua avó.

Anexo C-Texto “Filosofar no Feminino”, de Umberto Eco

Anexo D – Modelo Termo de Consentimento

MODELO

Autorizo a divulgação das informações, por mim fornecidas, através de questionários e entrevistas no período de Março a Maio, registradas na Dissertação de Mestrado de autoria de GRAZIELA RINALDI DA ROSA, do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

São Leopoldo, ____ de _____ de 2006.

Assinatura: _____

Anexo E-Entrevistas

Entrevista I- a “Artista”

Feevale-Novo Hamburgo

Pesquisadora: Gostaria de saber como foi a tua inserção na Filosofia, como você iniciou, como foi o teu percurso e quanto tempo faz que você está atuando na Filosofia?

“Artista”: Bom deixa eu ver, tem que resgatar aí um tempo [Rss]. A minha entrada na Filosofia ela foi meio que por acaso. Porque na verdade eu tinha vontade de fazer teatro. Porque essa vontade do teatro sempre me persegue, ela não me abandona e aí quando eu comecei a estudar filosofia eu fui vendo alguma forma de colocar o teatro também nisso, lendo alguns autores da Filosofia ligados ao teatro e tal. Bom, mas daí o teatro não deu certo. Não consegui entrar no teatro e daí fiz filosofia e isso por acaso, sem ter muita idéia do que isso significava. Lia já algumas coisas, mas muito sem entender, porque eu tinha uma irmã que fazia na época, que é uma irmã mais velha e que fazia ciências sociais. Então ela sempre trazia muitas leituras para a casa e eu acabava lendo tudo que ela lia, eu lia também e não entendia nada, mas lia e lia muita coisa de Filosofia. Eu entrei na Filosofia em 1985. Fiz lá em Viamão na FAFIMC, que hoje é campus da PUC. E eu comecei a me dar conta que tinha muita coisa a ver comigo, que a Filosofia era algo assim, encantador, apaixonante, aí eu fui me apaixonando mesmo pelo curso de Filosofia e quando eu terminei a faculdade de Filosofia eu já tentei o mestrado. Foi em 89, que eu tentei mestrado e disse “eu não vou parar”, porque eu estava super envolvida com essa discussão, com a conversa da Filosofia e aí entrei no mestrado, na PUC em 89, mas tem um fato muito importante para a minha vida, nesse início com o encontro com a Filosofia, que foi um professor, que eu conheci lá dentro do seminário, foi um professor que me deu aula no primeiro semestre de Filosofia, ele dava aula de introdução a Filosofia e eu fiquei encantada com a forma que ele dava aula, porque ele era o Filósofo. Daí vem aquela coisa assim, da diferença de ser professor de Filosofia e ser Filósofo, né. Porque ele era um cara que viajava nas aulas, ele não tava preocupado muito com o tempo, com a burocracia. Ele tava preocupado em dividir questões com a gente. E aquilo ali foi me encantando e ele foi embora da faculdade para fazer Doutorado na França, e eu perdi o contato com ele. Quando eu entrei na PUC, ele tava voltando do doutorado e era professor da PUC. Ele acabou sendo meu orientador no mestrado. E ele veio da França e eu comecei a trabalhar com Sartre, com existencialismo e aí acho que a coisa do teatro, da literatura, ah, buscava autores assim que eu pudesse ter espaço para atravessar, que a literatura e o teatro pudesse se atravessar. E quando ele veio da França, estava super apaixonado por um pensador que aqui no Brasil não era conhecido, e que foi a tese dele de doutorado. Ele fez dois doutorados na França ele fez de filosofia e Teologia, ao mesmo tempo. E aí, quando ele chegou na PUC, ele deu vários seminários sobre Lévinas e aí eu assistia as aulas dele, por ele, e ao mesmo tempo comecei achar interessante esse cara, que era um filósofo, um pensador desconhecido, eu nunca havia trabalhado com Levinás. E ele chegou para mim, uma vez (por isso eu penso a importância do educador, na tua construção, ah, porque ele foi uma pessoa que foi super atenta na minha caminhada, desde a época de minha graduação até a pós-graduação e ele tinha uma atenção muito grande com aquilo que eu buscava e ele ficava muito preocupado com isso, tentando buscar formas para que eu pudesse mergulhar mais nessas inquietações que eu vinha trazendo e aí dentro de todas as limitações dele. Porque era uma pessoa assim que ele tinha abertura para algumas coisas e outras ele não tinha tanta abertura, não é. Ele: “Olha eu quero te escutar, vamos ver isso que tu ta falando”. Ele te dava

oportunidades e levava muito a sério o que eu queria pesquisar. Embora ele não estudasse, não tivesse afim naquele momento de estudar aquilo ali, ele levava muito a sério. E ele achava interessante que eu trazia sempre essas questões do feminino. Porque a graduação ela me chocou muito, esse universo masculino da graduação, não sei se tu conhece lá, Graziela?

Pesquisadora: A FAFIMC?

“**Artista**”: é

Pesquisadora: Não

“**Artista**”: Agora mudou muito, mas na época era um seminário. E o curso de Filosofia era obrigatório para os seminaristas.

Pesquisadora: Huhum

“**Artista**”: Então tinha o curso de Filosofia e de Teologia ali. Então todos os homens dali eram seminaristas. Além de homens [rs] eram seminaristas. Duplica a dificuldade de relacionamento, mas ah..eu tinha uma turma de sessenta homens. Sessenta, era uma turma muito grandiosa, isso ali me assustou muito. Nós éramos cinco mulheres. É. Cinco mulheres. E não tinha como, por mais que eu num primeiro momento não me interessasse por essa discussão, chegou um momento que aquilo ali ficou na carne, ficou na pele, a forma como nós nos colocávamos ali dentro, aquele espaço, a forma como nossos colegas se colocavam, e enfim, uma série de questões foram surgindo dessas relações com a turma, e essa minha vivência e essa minha vivência durante um curso de Filosofia é que me fez pensar sobre isso. Não que essas questões eu já trazia de alguma forma. Talvez eu até já trouxesse, mas não tava muito claro para mim. Mas se intensificou, ficou mais claro, a partir dessa experiência concreta que eu tive de embate, de buscar lugares, dentro daquele espaço ali, que eu estava freqüentando, habitando. Meu trabalho de conclusão no curso de graduação, foi sobre as mulheres. Que nenhum professor de Filosofia quis me orientar. A única pessoa foi meu orientador no trabalho de monografia, foi um professor, que eu nem me lembro o nome dele, não me pergunte que foi um professor de sociologia. Enfim, quando eu entrei na Filosofia, lá no mestrado, o Pivatto já sabia um pouco dessas minhas inquietações, que eu trazia e daí ele dizia: “eu acho que esse pensador, esse Filósofo talvez te interesse”, porque na minha insuficiência dessa discussão, esse é o único pensador que eu conheço que coloca essa discussão dentro da sua obra, a questão do feminino. Daí eu disse: “ Por uma curiosidade eu vou ler mais sobre ele”. Comecei a ler, comecei a aprofundar a discussão, foi uma experiência muito legal. O Pivatto foi uma pessoa que me ensinou muito a ler. Ele me ensinou muito a pensar, ele era muito comprometido com isso, com o rigor, com a seriedade dessa reflexão ele cobrava muito. Não é qualquer coisa que você pode dizer você tem que dizer e saber o que tu está dizendo, da onde tu tá tirando isso e como tu tá dizendo isso. Então ele foi uma pessoa assim, que nesse sentido me ensinou muito e todo o trabalho de orientação da minha dissertação, foi com ele. Ele foi meu orientador, e foi assim, com esse rigor, com essa discussão que eu trazia, a todo o momento com ele. Então foi uma experiência muito rica, o mestrado, junto com ele. De ele estar me acompanhando a todo o momento. E aí, terminei o mestrado e aí eu dei um tempo, fui dar aula de Filosofia. Dei aula em vários lugares, tive a minha filha. A Anaiis, então foi um momento de dar uma respirada, enfim filho te absorve muito.

Pesquisadora: Qual é o nome dela?

“Artista”: Anaiis, que eu coloquei em homenagem a Anaiis Nin a poetisa feminista. E daí essas discussões, embora tivesse afastada da Universidade, ela estava sempre ali presente comigo. Até porque eu dei aula em Universidade foi aqui na Feevale, em 96 [1996]. Eu acabei meu mestrado em 93 [1993], e aí fiquei até 93 até 99 só na Universidade. A primeira Universidade que eu dei aula foi aqui na Feevale. Aí aconteceu muitas coisas nesse meio tempo. Minha filha, aulas. Um pouco assim, uma mistura de medo e de não vontade. Era medo e não vontade, as duas coisas se misturavam muito, de voltar para Universidade, né. Eu pensava assim: “Será que eu quero voltar para a Universidade, eu não sei, fazer o doutorado”. A experiência com o Pivatto, já tinha sido assim, muito densa para mim. Muito sofrida e tudo para mim foi sofrido. Foi uma coisa que me exigiu de uma forma muito intensa, e aí eu ficava: “Não sei se eu quero voltar, eu quero fazer uma coisa mais livre”. Ser um pouco autodidata. Daí eu comecei a dar aula na Universidade e quando eu comecei a dar aula na Universidade começou aquele momento de reestruturação assim, né, das Universidades que começou a se exigir doutorado nas Universidades. Daí eu comecei assim: “Se eu não fizer doutorado eu vou perder lugar, não é. Daqui a um pouco eu to na rua tenho que começar a ver isso”, “Para onde é que eu vou, o que eu vou fazer?” Aí abriu concurso de professor na UFRGS, na Universidade Federal na área da educação; fazia tempo que não abria, na época do Fernando Henrique. Decidi fazer esse concurso, não exigia doutorado e era um dos últimos concursos que ainda tava, porque tinha aquele boato de que os professores federais não iam ser mais em regime estatutário e sim seletista, né. Existia um boato de que seria o último concurso, daí eu disse, vou fazer esse concurso. Fiz o concurso e tirei o segundo lugar e só tinha uma vaga. E aí o cara que tava coordenando o departamento disse assim, “Artista”, vou fazer o seguinte: “esse concurso tem validade de dois anos e nós vamos precisar de um professor, certamente, pois ta super difícil de abrir esse a gente conseguiu com muito sacrifício abrir concurso, então a gente quer aproveitar essa vaga e nós vamos tentar puxar para que abra uma outra vaga, então fica por aqui dando aula como professora substituta. Não desaparece que nós vamos te chamar”. Daí eu comecei a dar conta de que estava abrindo a possibilidade na educação. Eu tava ali e poderia ser chamada a qualquer momento, poderia ser efetivada e não precisar dar aula como professora substituta na educação e daí eu pensei: “vou fazer doutorado na área da educação”. E aí foi que eu conheci a Nadja Prestes, ela não gosta que usa Prestes, por que é separada. “Não usa Prestes por favor!”. [rss] Nadja Hermann, outra educadora que foi fundamental na minha vida. Aquela figura que assim, de alguma forma te impulsionam e te fazem pensar, abrir um universo para aquela coisa que é nova para ti. Estar dentro de uma universidade, naquele espaço, com aquelas pessoas. Te dão toques importantes. Daí foi muito legal, assim, porque ela foi uma pessoa que embora não trabalhasse profundamente as questões das mulheres ela foi sempre fundamental a minhas discussões, as minhas inserções nos espaços por onde eu estava. Não queria e não quero. Depois a gente conversa mais sobre isso. Eu quero que essa questão atravessasse as discussões. Mas que ela não fique a discussão da minha vida. Dentro da Filosofia. Com a Nadja foi uma relação muito legal porque a Nadja começou a me colocar algumas coisas da educação de uma forma muito profunda. Porque ela trabalha de uma maneira muito séria com isso assim, a questão da Filosofia e da Educação. Talvez para mim uma das pessoas mais sérias que trabalha com isso hoje e eu fui vendo assim, desconstruindo determinados preconceitos que eu tinha até com isso. E ela disse: “Olha, aqui é um universo muito legal que tu pode encontrar muita coisa aqui, to muito feliz que tu está aqui. Vai, batalha, provavelmente tu vai ser chamada para assumir”. Bom eu sei que as coisas foram andando, foram andando, eu fiz disciplinas com ela e tava pensando em entrar no Doutorado e fiz o teste de Doutorado e meu projeto não foi aceito.

Pesquisadora: Qual era?

“Artista”: O meu projeto do Doutorado era trabalhar, assim resumidamente porque ele era bastante amplo até, depois revendo o projeto eu me dei conta de que era bastante amplo, mas a minha questão era trabalhar a questão da diferença, da idéia de diferença. Como é que se construiu esse conceito da diferença dentro da Filosofia? Daí eu vinha falando desde os gregos, o que isso significava, e vinha traçando uma história da diferença até chegar a Lévinas. Que era o autor que eu já trabalhava no mestrado e que me encantava bastante e eu queria aprofundar bastante, mas Lévinas não trabalha a questão da diferença. Ou melhor, ele não utiliza esse nome, diferença, ele fala em alteridade. Então a minha discussão era justamente pensar qual a diferença, ou se ela existe entre você pensar a questão da diferença, pensar a questão da alteridade, pensar a questão do outro. O que são esses conceitos? Como é que eles se cruzam e como é que eles se afastam. E aí fui pontuando alguns autores para trabalhar isso e um dos momentos do meu trabalho, era a questão das mulheres. Que se constituíam ao meu ver com uma diferença, a partir de uma idéia de diferença. Bom, então o trabalho não foi aprovado, por algumas questões que me apontaram, uma pela questão de que não conheciam esse autor lá, que eles não poderiam se comprometer com a pesquisa, embora a Nadja tinha assinalado que era um autor importante e que eles não concordavam com a forma que eu tava apontando a diferença no projeto de pesquisa. Então uma professora deixou bem claro isso: “A gente não concorda com a forma que você está apontando a diferença aqui, tá vendo?”

Pesquisadora: Huhumn

“Artista”: Bom, daí, de um lado aquilo ali foi muito legal para mim. Porque nada deu certo: Não fui chamada para o concurso, não entrei no doutorado e eu já estava me deixando contaminar pelo universo da academia. Tava gostando de ir nas aulas, de participar dos debates, tava me sentindo solitária nos estudos. Tinha a exigência concreta de se entrar no doutorado, eu estava trabalhando e eu comecei a pensar, bom vou voltar para a PUC. Vou ver como estão me aceitando lá. Foi aí que encontrei o Ricardo Timm, que era uma pessoa que eu não conhecia e daí fui nas aulas bem malucas dele. Fiz uma aula sobre Bérqson, sobre a questão da temporalidade, daí fiz uma outra aula sobre Adorno, sobre a questão da estética. E aí eu comecei a gostar daquilo ali e ele me deu um livro, um outro professor importante foi o Ricardo Timm, daí ele me deu um livro e na orelha do livro tinha assim: “Por que você já não está aqui? A gente está te esperando!” E aquilo para mim me pegou de supetão porque eu tava fazendo aula como ouvinte. Eu não tinha entrado no programa e eu não me sentia preparada ainda, estava muito receosa, será o que eu vou fazer? Fiquei muito amedrontada com a banca lá da entrada da UFRGS e tem um momento que a gente se sente burra mesma, mas não devo estar entendendo nada mesmo. Tô completamente equivocada e aí ele foi um cara que foi super importante e começou a insistir e dizer, não você tem que fazer um projeto. Daí eu fiz o projeto, assim e eu mostrei o projeto e ele disse: “Ta ótimo”. Quando eu vi eu entrei e pronto. Comecei a trabalhar. E aí foi assim, lá no doutorado que eu comecei a descobrir um autor, que para mim foi bem importante para fazer não um contraponto, mas para abrir as minhas leituras de Levinas, que foi Derrida. Então, tanto Lévinas, quanto Derrida, eles foram autores importantes nesse diálogo, porque Derrida faz um diálogo com Lévinas, tanto um quanto o outro abordam a questão do feminino. E aí foi nesses autores que eu consegui construir dentro do meu trabalho, momentos de reflexão sobre isso. Bom resumidamente é isso. Eu terminei o meu doutorado no ano passado, em Janeiro de 2005, e foi um momento assim, muito legal em minha vida, o doutorado, porque foi completamente diferente do mestrado. O meu orientador me deixou muito livre, praticamente eu construí muito pouco com ele. Eu construí meu

trabalho sozinha, meu trabalho de doutorado, uma e outra coisa que a gente dialogava. Foi um outro exercício e grupos de pesquisa a gente tinha também, então essas coisas que tem que valorizar que eu acho importante.

Pesquisadora: Qual era o grupo de pesquisa?

“Artista”: Era um grupo de pesquisa que a gente formou, dentro da PUC, com pessoas que estavam discutindo as mesmas coisas. Os mesmos autores. E a gente se reunia para ler determinados textos. Fazer traduções, a gente fez muitas traduções, foi um exercício muito legal também, poder traduzir definitivamente um texto. Então o exercício, a minha orientação do meu trabalho se deu dentro do grupo de estudo, junto com colegas e foi essa experiência coletiva, de orientação do que vc vai questionar no seu trabalho. Projetar as minhas questões me deu um outro tipo de orientação e esses espaços que se cria dentro da Universidade são muitos interessantes. Esses espaços de encontro. Que eu acho que foi para mim uma das coisas mais importantes, ali nesse meio de doutorado.

[BATERAM NA PORTA]

Pesquisadora: Quando estava contando das gurias que tu tinha uma turma de 60, lá na graduação, da forma que vocês se colocavam. Como é que você percebia, eram muitos homens, só cinco [mulheres] ali na sala. Tu tem alguma história, alguma cena que te lembra algum preconceito?

“Artista”: Eu tenho assim, uma coisa interessante, porque embora nós fossemos poucas ali dentro da sala de aula, tinha uma questão de visibilidade, ser poucas mulheres, então nós nos tornávamos muito visíveis ali dentro. Mas, que sentido visíveis? Tinha uma certa paparicação em torno da gente ali, ao mesmo tempo essa visibilidade se dava pela questão sexual, pelo fato de nós sermos mulheres, e estarmos em um espaço de um número significativo de homens, mas não pela questão intelectual. Isso se dava muito também em função da forma que esse grupo de mulheres se colocava ali dentro. E [bateram na porta]

“Artista”: Onde nós estávamos?

Pesquisadora: Na questão da tua turma da graduação

“Artista”: Muitas coisas que eu me lembro, eu não lembro muito bem, mas eu me lembro que “era a mãe de todas. Era uma professora, quase se aposentando, que resolveu fazer filosofia, para aumentar o nível em seu plano de carreira. E isso que eu achei interessante, porque ela não optou fazer pedagogia, ela optou por filosofia. Uma vez eu me lembro que eu perguntei para ela porque ela tinha escolhido filosofia. E ela disse “Ah eu gosto, tem alguns pensadores que eu lia quando eu era jovem e eu gosto”, mas ela tava ali, mas nunca se comprometia muito com a discussão. Ela tinha uma curiosidade, mas parece que ela não se dava o direito muito de ousar. E aprofundar, se colocar e levantar questões. O grupo das mulheres era muito tímido, dificilmente nós nos colocávamos. Eu acho que eu era a pessoa que mais se colocava ali no grupo das mulheres. Eu sempre fazia questão, não pelo fato de ser mulher, de ter que se colocar para garantir o meu espaço, e tal, mas porque a Filosofia me inquietava e eu tinha questões, eu queria dividir isso. Eu aproveitava o máximo para isso. Eu tava apaixonado pelo curso de Filosofia, né. Então, eu me lembro dela porque ela era uma figura muito significativa e como ela era a mais velha as pessoas se aproximavam dela, meio

como mãe e ela gostava disso, ela gostava dos meninos que estavam ali, muito jovens, a gente se reunia na casa dela, ela acabava fazendo janta para todo mundo. E eu fui me aproximando de um grupo de amigos que são até hoje meus amigos, né, mas eu tenho mais proximidade com um deles, que foi o meu grupo na Filosofia, que eram homens, não eram as meninas, não eram as mulheres. Eram os homens. Que era um grupo que tava muito a fim de discutir filosofia, não aquela filosofia igrejistica [rs], sabe. Aquela filosofia, assim, com aquele olhar meio “Estamos ali porque é obrigatório estar ali”. Mas eram as pessoas interessadas na discussão. Na conversa. Curiosos não só com os textos que estavam sendo oferecidos para nós, mas assim, buscávamos outras coisas, então era um grupo de pessoas que eu me aproximei. Era o Pedro, que era meu grande amigo, o Pedro dá aula de Filosofia hoje. Né. Todos saíram do seminário, com exceção de um, que virou padre. Era o Pedro, que era meu grande amigo, o Draiton, que é da PUC, né. Que é Coordenador do PPG da PUC; o João que era apaixonado por cinema e está fazendo cinema nos Estados Unidos. O Mick que é de Cachoeirinha, se eu não me engano ele é secretário de Educação de Cachoeirinha, né. Eram essas as pessoas que eu me aproximei e que eu me senti a vontade. Eu não me sentia a vontade com as mulheres, porque elas não pareciam saber muito bem o que estavam fazendo ali. Não era uma coisa delas, era uma coisa que se dava com muitos dali, com muitas pessoas ali. E então era um pouco isso.

Pesquisadora: Tu falaste do teu trabalho de conclusão, que trabalhou as questões do feminino, mas não disse o título. Tu lembra?

“Artista”: Ai Grazi, eu não me lembro e acho que nem tenho meu trabalho.

Pesquisadora: Ahh, Jura?

“Artista”:: É.

Pesquisadora: Outra coisa que eu queria saber, não sei se tu quer falar hoje, a gente pode falar num outro momento, que é essa coisa do atravessamento nas discussões e que tu não quer fazer disso uma discussão específica sobre as questões das mulheres..[não compreendi o final da pergunta]. Não sei se tu quer falar agora ou a gente deixa para depois?

“Artista”: Vamos conversar sobre essa questão, mas eu posso te adiantar algumas coisas, depois a gente aprofunda isso. Essa é uma questão interessante. Eu penso assim, eu fico muito angustiada, muito preocupada, assim, como é que eu vou colocar isso: Com o enclausuramento de algumas discussões. Ah, o que isso significa? Eu acho que a Filosofia ela é um universo tão rico e ela é um campo, de discussão tão amplo, tão intenso, de cada faceta que ela se propõe a pensar, que eu penso que qualquer coisa que a gente coloca como central, seria reduzir o universo da própria Filosofia, então assim, para mim, a princípio todas as coisas elas se colocam sobre reflexões filosóficas. Como eu falava pra ti assim, as questões das mulheres ela era uma questão assim, de corpo. Um certo incômodo, diante disso. É uma experiência e uma vivência, mas eu vivencio muitas coisas, que eu penso, assim, não quero dizer que o filósofo seja iluminado, privilegiado por isso. Eu também tenho um pouco de medo quando eu ouço que parece que é só o filósofo que consegue pensar com profundidade e radicalidade algumas coisas. Não quero também que caia nisso. Mas eu penso, assim que o próprio estar aqui ele já te coloca uma série de coisas. E reduzir esse estar a um sentimento disso, é u perder um leque de outras coisas que se colocam. Preocupa-me muito o cara que é especialista nisso, sabe? Porque parece que ele só olha para aquilo ali, né. O especialista em um autor, vim do mestrado e do doutorado, usando muito um pensador e agora eu to passando

por um momento, sabe Grazi, que eu não to mais querendo saber de Levinás, não que ele não diga mais nada. Eu to com uma cede de buscar outras coisas, e assim outras coisas completamente diferentes. Então eu me abri muito para isso e isso veio acontecendo nos estudos a todos os momentos com Levinás, só que eu não tinha oportunidade de fazer isso e não conseguia fazer isso, porque a academia justamente faz o movimento contrário, a academia faz o movimento contrário, quando tu faz um projeto de pesquisa a primeira coisa que te colocam “Olha o foco”, temos que focar. Quanto mais focado é o seu olhar mais você vai conseguir aprofundar isso. Acho que isso é importante também, ele é importante. Agora ele não pode fechar os ouvidos para uma série de coisas que estão colocadas ali. Por isso que eu penso que essa questão da verdade, essa discussão “Nithiana” Nietzsche me toca muito porque, ah, acho que ele faz pensar muito sobre isso. A verdade ela não ta aqui, não ta aqui, sabe, ela é uma construção que tu faz no momento que tu faz uma reflexão. Então essa fixação sobre algumas coisas ela me preocupa, por isso que eu penso que essa questão das mulheres, ela não é uma coisa que eu quero que me vejam, e nem eu quero me ver como uma especialista nisso, mas é uma coisa que atravessa em meus escritos, mas ela não é a única coisa. Como eu falei para ti, o teatro é uma coisa que atravessa também na minha vida, e tantas outras coisas que a gente poderia conversar e que eu vejo que são ricas nessa construção que eu busco construir.

Pesquisadora: Eu ainda quero te dizer uma coisa, num outro encontro nós vamos conversar só sobre teatro, ta. [risos]

“Artista”: Ta. [risos]

Entrevista II - “Artista”

Em sua casa.

Porto Alegre, 25 de Agosto de 2006.

Pesquisadora: Então, eu pensei da gente falar de onde tu vem, um pouco da tua família e depois eu vou fazer umas perguntas mais relacionadas com o que apareceu na primeira entrevista.

“Artista”: Quando eu era pequenininha, [risos]

Pesquisadora: [risos]

“Artista”: Não, eu tenho 38 anos e nós somos quatro irmãos, eu e minha irmã mais velha, a Zamali. Depois vem meu irmão Ciro, depois vem eu e depois vem meu irmão menor, que é o Alexandre; os quatros. [Ahh], os meus pais são do interior, de Rosário e minha mãe é de Alegrete e eles vieram para cá [se referindo a Porto Alegre], depois de casados pra buscar uma vida melhor. Nós somos de uma família super simples [né], do interior, enfim que veio para Porto Alegre tentando buscar algo melhor depois do casamento. Meu pai trabalhou em algumas coisas. É comerciário, se aposentou [né] como comerciário. A minha mãe vendia uma série de coisas. Ela trabalhava com vendas e a vida sempre foi uma coisa muito difícil, economicamente sempre foi uma coisa, de segurar mesmo, para poder sustentar todos os quatro filhos. Então foi bem complicado. Sempre estudamos em escolas públicas, desde pequenos. Enfim, uma vida relativamente normal assim como muita gente de classe média baixa. Aí eu morei com meus pais e aos poucos os filhos foram saindo de casa. Foi interessante e as vezes eu fico pensando sobre isso. Nós mulheres saímos de casa-eu e minha irmã- para morarmos sozinhas e meus irmãos foram sair de casa quando casaram. [risos]

Pesquisadora: Huhum

“Artista”: A minha irmã principalmente que era a filha mais velha, abriu portas para uma série de coisas, que para mim já ficou mais simples, mais fácil. E ela hoje não mora aqui. Ela mora em Olinda, tenho um irmão que mora em Portugal. O menor mora em Caxias e eu sou a pessoa que está mais próxima dos meus pais atualmente. Não tenho nenhum fato de extraordinário que eu possa contar; foi uma vida simples assim.

Pesquisadora: Eu queria ver contigo, que na primeira entrevista tu disse que as questões de mulheres sempre foram fundamentais nas tuas discussões, né? A questão do feminino, a questão do feminismo, mas que tu não quer ser vista dessa forma, que “esse não é o debate central da tua vida e que tu quer que estas questões atravessem as tuas discussões” [Essa parte foi retirada na primeira entrevista a pedido da professora “Artista”, pois estava mal expressada]. Eu queria que tu me falasse um pouco de como é isso, exatamente, essa questão de ser fundamental essa questão de mulheres.

“Artista”: Huhum, deixa eu ver. Eu penso que isso tem muito a ver com algo que é a própria construção do pensamento, da tua escrita e de ti mesma, porque quando tu ta fazendo tudo isso, tu está te construindo. Esse processo nunca é acabado, é constante, e quando eu falo isso, de que a escrita e de pensar [se referindo ao ato de pensar], tem muito a ver com a tua vida, eu quero dizer,

que eu não consigo falar ou escrever sobre coisas que não me toquem, ou que eu não tenha uma relação com essas questões. Não é por uma questão óbvia que eu falo das questões das mulheres. Poderia ser num primeiro momento: Ah é uma questão óbvia, tu é mulher e tu fala das questões das mulheres, mas é porque essas questões me tocam. Eu poderia, como eu acho que tem muita gente, muitas mulheres que não tocam nas suas reflexões sobre as questões das próprias mulheres. Eu me lembro de uma pensadora que sempre me interessou, até eu penso agora em trabalhar mais com ela, aprofundar mais as leituras sobre ela, que é Hannah Arendt. E teve um encontro que eu participei de uma grande estudiosa de Hannah Arendt e eu perguntei para a palestrante: “Vem cá, ela trabalha alguns textos sobre as questões das mulheres? Ela é uma mulher e eu tenho uma curiosidade de saber. E tu como é uma estudiosa tu podes saber onde é que eu posso achar isso”. E ela disse: “Não, não existe! A Hannah Arendt nunca trabalhou as questões das mulheres nos textos dela”. E eu não vejo isso como um problema.

Pesquisadora: Huhum

“Artista”: Eu acho que as pessoas trabalham aquelas questões que tocam e a questão das mulheres de uma certa forma ela sempre me tocou, eu sempre me sensibilizei com essas questões e elas começaram então a fazer parte de minhas reflexões. Bom, por que eu não faço isso uma questão fundamental ou única na minha escrita, na minha reflexão? Porque ela é uma questão, ela não é a única. Não sou composta simplesmente pelo fato de ser mulher. Eu acho que eu sou mulher, mas eu sou tantas outras coisas. Esse traço de ser mulher, que eu não sei nem te dizer o que exatamente isso significa. Eu acho que isso também faz parte das minhas buscas. O que significa isso? E não é uma coisa que está definida para mim. O que me toca são questões referentes a vitimização das mulheres, isso me toca muito. E não só das questões das mulheres, mas de todos aqueles que, de alguma forma, são oprimidos ou tem uma história de sofrimento ou de injustiça, de exclusão. As mulheres são para mim uma grande parcela dessa história de exclusão, por isso também me toca. Então falo também da questão da ética. Que é uma questão que faz muito parte da minha caminhada, tanto a nível de mestrado, quanto de doutorado, nas questões que eu escrevo. A questão ética para mim é pano de fundo pra tudo que eu estou falando, porque eu não vejo como separar. Tu falar dessas questões das mulheres ou dos oprimidos e dos excluídos sem tocar, sem fazer uma discussão sobre a ética. Então ela está ali ancorando todas as outras discussões. A questão política é uma outra questão que está ancorando todas as outras discussões. A questão política é uma outra questão que também atravessa a minha reflexão. Então quando eu penso as questões das mulheres eu penso em função desse histórico, né, que é um histórico que tem a ver com a minha vida, e com a forma que eu me coloco no mundo também, de como eu sinto isso tudo. Então não tem como deixar de falar sobre essas coisas e elas estão muito presente em minhas reflexões, de alguma forma elas estão ali presentes.

Pesquisadora: Eu noto a presença [se referindo a preocupação com relação às mulheres, apontada pela professora] nas tuas falas e um pouco no que tu escreve, e uma coisa que eu fiquei pensando depois é que se tu te considera feminista. O que é ser feminista na academia ou por que tu não te considera? Mas, como que tu te considera nesse sentido assim?

“Artista”: E não tenho nenhum problema quanto à questão do feminismo. Eu sei de muita gente que tem problema [rss] de falar sobre isso e eu acho muito equivocado às vezes quando algumas pessoas falam sobre a questão do feminismo como se fosse simplesmente um olhar do avesso ao machismo, ou seja, buscar um lugar de poder, é tu buscar um lugar, teu próprio. Um lugar onde tu

possas se sentir proprietária dele. A questão do feminismo para mim não é essa. A questão do feminismo pra mim surge como uma denúncia. Poderia falar disso e de qualquer outra coisa desde que ele tivesse esse sentido, ou seja, para mim o feminismo é uma denúncia. É uma denúncia de todas essas histórias de que eu falava anteriormente, de exclusão, de violência e que elas estão presentes de diferentes formas. Estão presentes como não reconhecimento das mulheres enquanto sujeitos, elas estão presentes, enfim, eu acho que elas assumem formas de violência muito sutis que a gente não consegue nem reconhecer. E acho que o ser feminista não é uma característica das mulheres também. Eu acho que ter um pensamento feminista e se colocar a partir de uma visão feminista é assumir essa posição, ou seja, de reconhecimento de uma história, de denúncia de uma história e de que muito mais de que buscar um espaço de poder é buscar compartilhar e ter a consciência de que os espaços eles são sempre transitórios né. [não compreendi o início da frase] depende do significado que tu dá para ele. E acho que fundamentalmente buscar compartilhar com outros a possibilidade de falar, a possibilidade de estar aqui, de se sentir sujeito. Isso para mim, é uma postura feminista e acho que os equívocos que isso gera se dá pela própria história do movimento feminista, que foi uma história que passou por muitos momentos. Fica até difícil tu falar por exemplo, num feminismo. Acho que existem muitas concepções de feminismo. Denominar isso, é o mesmo que denominar o que é ser mulher. Acho que não dá pra ti falar a partir desses universais, eles são sempre equivocados. Acho que existem movimentos feministas, existem tipos de luta e formas de fazer essa denúncia. Acho que quando a gente fala feminista eu acho que temos que dizer por onde que tu está pensando o que seja ser feminista. Então pra mim é isso.

Pesquisadora: Me veio na cabeça, tu e a Edla, lá no encontro internacional de educação, na Unisinos, na mesa trabalhando essas questões, no ano passado, me veio a cena quando tu falou da conquista dos espaços..

“Artista”: Huhum

Pesquisadora: E na filosofia, como que tu se sente como professora nesse espaço?

“Artista”: A filosofia é uma coisa muito [não deu para compreender]. Tem um peso muito complicado tu falares que é feminista no meio filosófico. Parece que é muito mais tranquilo tu falares que é feminista na educação, nas ciências sociais. São lugares em que essas questões transitam de uma forma “mais tranquila”, não que esteja tudo resolvido ali. Mas, um dos problemas que eu identifico que torna complicado falar de feminismo dentro da filosofia é essa insistência que a filosofia tem de destituir o sujeito da fala. Esse é o sentimento que a gente tem e vai passar por vários textos clássicos da filosofia e “quem é que ta falando ali?”, “quem é que ta dizendo aquilo ali?”. Sempre se fala a partir de um campo neutro. Aquele sujeito ele não tem classe social. Ele não tem religião, ele não tem sexo. Eu acho que isso começou a se apresentar muito mais na metade de uma modernidade (a gente pode dizer assim) pra cá, porque até então esse sujeito desaparecia na filosofia. E aí, quando tu coloca, “eu sou feminista!” está apontando um sujeito. Tem um sujeito ali que está falando, que ta se pronunciando. E isso é muito complicado, porque para muitos da filosofia, tu partires de questões subjetivas (e não é apenas a filosofia, eu vejo a própria ciência que durante muito tempo reforçou isso, né), tu partires de um discurso que não seja subjetivo, é tornar um discurso muito mais confiável. Então, essa pseudo-neutralidade de quem ta falando, do lugar que está colocado é fundamental para que a tua fala tivesse uma significação. Então eu vejo que isto é muito complicado na filosofia. A filosofia é

uma área do conhecimento que insiste muito nos universais. Coisa que eu penso que em outras áreas isso já esteja muito mais fragilizadas, né. Nós ainda trabalhamos com conceitos de uma forma muito densa e muito fechada e isso dificulta colocares outras questões ali dentro, que parece fragilizar, duvidar, estar colocando em risco, em choque, todo esse edifício que foi construído durante séculos da história do pensamento.

Pesquisadora: E daí como mulher e professora nesse espaço, como que tu te vê?

“Artista”: Pois é Graziela, eu atualmente não estou trabalhando na área da Filosofia. Estou como eu tinha te falado. Eu trabalho na Feevale com educação e eu me sinto muito a vontade. Quando eu estou em encontros, por exemplo, de filosofia, (agora mesmo vai ter um encontro nacional de filosofia, que é a ANPOF, que vai ser em Salvador, que é em Outubro), sempre tem lugares que de uma certa forma me fazem muito mal, os congressos de Filosofia, os seminários de filosofia. Esses lugares mais específicos da filosofia eles me fazem mal, mas eles me fazem mal, não só por isso, é pela própria dureza. São lugares muito duros, são lugares assim de uma frieza, de uma falta de criatividade pra falar, para construir, pra compartilhar e para dialogar com outro. Então, parece que a filosofia sempre se coloca naquele espaço e por isso os filósofos, “ditos filósofos”, como grandes iluminados, que percebem a realidade de uma forma muito mais profunda do que qualquer outro ser, mortal. Então, isso sempre me incomoda na filosofia, parece que tu sempre tem que estar te cuidando para não errar, sabe, entre aspas sabe, por que o que é errar? Sempre tem que estar disputando um espaço de reconhecimento, de poder. Talvez aí seja o masculino muito forte na filosofia. É sempre essa disputa de espaço de poder, de reconhecimento. E mesmo aquelas pessoas que de alguma forma tentam (o que eu vejo) romper com esse modelo, elas ao romperem com esses modelos, acabam construindo outros espaços diferentes, mas ainda espaços de poder. Eu tive, me veio aqui agora uma cena, de um pensador que eu gosto muito, atual, da filosofia e que eu gostava muito e gosto muito de ler os textos dele. Daí tive oportunidade na ANPOF passada de conversar com ele. E aí quando eu me aproximei dele fiquei apavorado porque a frieza da figura, a falta de abertura para conversar com uma pessoa que ele nem conhecia, tentar pelo menos dizer: “Bom, vamos conversar, o que tu achaste dos meus livros?”, e aí eu comecei a ver que o que ele escreve não tem nada a ver com [não finalizou essa frase]. Aquelas questões que ele coloca nos livros e que são assim, super, que se coloca de uma forma super aberta, com uma série de questões inclusive as mulheres, na fala mais próxima é completamente conservador. Então, assim, a dicotomia, a forma como se coloca concretamente e aquilo que escreve, né.

Pesquisadora: Huhum. E com relação a essa questão do ser (que tu falou) de ser filósofa, como tu considera “Artista” o “ser filósofa”. A mulher, uma professora que está atuando na educação, mas tu é da filosofia. Então como percebe essa questão (mesmo hoje em 2006), do ser uma filósofa? Falando, pegar o Brasil, por exemplo.

“Artista”: [breve silêncio] Eu não sei assim, eu acho que [risos]. Eu não sei exatamente o que é isso: eu ser uma filósofa. Eu penso que todos nós de alguma forma, exercendo as diferentes profissões que nós exercemos temos que responder a realidade, enfim, ao que a gente está vivendo. Responder bem no sentido assim, de sermos responsáveis por isso. Eu não vejo isso como uma busca que venha a partir da filosofia, entendeu? Eu acho que é uma questão pessoal, minha de comprometimento com o tempo. Como eu fui no decorrer da minha vida trabalhando com a filosofia, eu acabei fazendo da filosofia isso, essa resposta, mas se eu fosse qualquer outra

coisa eu acho que eu faria dessa outra coisa, uma resposta também, porque eu não consigo ficar indiferente. Aliás, essas diferentes realidades que a gente vive, né, e toda a violência em que a gente percebe e que sofre estando dentro dela, elas me angustiam, elas me inquietam, elas me tocam. Eu fico muito angustiada com isso, de que forma eu vou da melhor maneira responder a isso, de que forma eu vou me colocar na cumplicidade, junto com aquelas pessoas que tão vivendo tudo isso. As vezes até me parece muitos pensadores, ditos pós modernos com um discurso já ultrapassado, mas eu fico sempre dividida com essas questões. Acho que a gente vive uma realidade que é muito dura, a gente ainda vive isso, não dá para negar. A relação de poder, de opressão, de opressor e oprimido. A gente vive um sistema econômico que é cruel e que produz essas crueldades todas. Eu não consigo me desvencilhar com uma certa identidade com as teorias marxistas. E eu vou buscar muito nisso algumas respostas, alguns caminhos para pensar, pra fazer as minhas reflexões quando eu penso a ética, quando eu penso a política, quando eu penso o feminismo. Mas ao mesmo tempo eu vejo que elas não são suficientes para pensar outras questões como o tempo, a subjetividade, o poder e tantas outras questões. e aí por isso que eu vou “beber” em outros pensadores (Derrida, Lyotard, Foucault, Blanchot...., ditos pós-modernos (que eu não gosto muito desse termo), mas que me ajudam pensar, enfim a construir uma reflexão que eu possa dar conta (não sei se é esse termo), mas a mergulhar um pouco mais nessas angustias e tentar compreendê-las.

Pesquisadora: E esse ato de “mergulhar nessas angustias para compreender”, isso é típico de filósofo para ti ou de filósofa?

“Artista”: Não, acho que não. Acho que é de todo aquele que de alguma forma vive, não só sobrevive, mas vive e busca sentir, pensar, não como coisas separadas, mas que estão profundamente interligadas- o sentir e o pensar-, então acho que se tu está sensível, e por isso sente essa realidade, ela te motiva a pensar, ela te motiva a buscar caminhos e compreensões disso tudo. Eu não vejo como uma questão. Eu separo um pouco. Talvez para compreender um pouco melhor o que tu esta perguntando a filosofia da academia e a filosofia como uma atitude de vida assim, porque a gente poderia chamar isso de uma atitude filosófica, mas ela não necessariamente está ligada a um histórico de estudo da academia, um diploma, mas é uma forma de estar no mundo e colocar esse mundo como um motivo para essas reflexões.

Pesquisadora: E tu te considera uma filósofa?

“Artista”: Eu não sei [risos], não sei, não sei. Eu não fico muito preocupada em definir isso sabe Grazi. Mas eu vejo que tu tem uma certa preocupação na tua pergunta, várias vezes tu já fizeste esta questão, né. Talvez por uma necessidade assim, mas sei lá, não sei o que passa na tua cabeça. Mas de tentar compreender o que isso significa: ser filósofa.

Pesquisadora: E a questão da identidade. Como que tú te constrói nessa tua identidade?

“Artista”: Pois é, eu tenho um pouco de receio com a idéia de identidade, por isso talvez o meu receio de me identificar, porque eu penso que a identidade tem um histórico, se a gente for pensar o que significa identidade, que te coloca sob determinados traços, e que isso de alguma forma te faz pertencer a determinados grupos, a te fechar necessariamente dentro desses traços de identidade e eu tenho um certo receio com essa questão do fechamento, que eu falo na entrevista anterior, do enclausuramento, com as definições e com tudo que possa de alguma forma ser

identitário ou assumir uma postura identitária, porque eu acho que a gente tem muito mais a ganhar quando a gente rompe com as identidades. Então quando a gente fala em ser mulher, ser filósofa, ou ser professora, parece que sempre te coloca dentro de determinadas definições em que eu penso que é muito mais que isso. E porque da necessidade de tentar definir, “fecha”, ou “é isso!”. Parece que essa é uma necessidade da própria história da filosofia.

Pesquisadora: Eu não conseguia, até agora, entender quando tu colocava essas questões, agora eu entendi a tua posição com relação a isso, porque várias vezes eu vinha te perguntando, né, tu percebeu.

“Artista”: hahã

Pesquisadora: Porque eu queria entender essa questão, que é de não gostar da idéia de identidade. Agora eu te compreendo um pouco melhor e isso também tem a ver, ao meu ver, com as questões das mulheres não ser a questão central, né

“Artista”: Huhum Exatamente

Pesquisadora: Porque daí vai entrar a questão da identidade pra ti.

“Artista”: Huhum

Pesquisadora: E a questão do teatro hein? Te vi lá na EST [se referindo a atuação dela no II Congresso de gênero e religião que ocorreu em Agosto na Escola Superior de Teologia, EST].

“Artista”: [risos]

Pesquisadora: eu achei muito legal..

“Artista”: Gostou é?

Pesquisadora: Gostei. E a questão do teatro, voltando, porque eu falei que a gente ia conversar sobre isso, e tu vai trabalhar com teatro e filosofia afinal?

“Artista”: Eu sinto que de alguma forma eu to sempre colocando a questão do teatro, com o das mulheres. E eu tenho uma dificuldade no momento e eu fico pensando assim, se é uma desculpa minha, de encontrar espaço para o teatro, pois é uma coisa que te ocupa. Eu tenho vontade de fazer teatro. Fiz uma época teatro. Acho que me fazia bem, eu gostava daquilo que fazia. Eu me sentia muito bem. Não o teatro com a intenção e o objetivo de apresentar uma peça, estar no palco ou alguma coisa que talvez necessariamente vai te levar quando tu faz teatro, mas teatro pela experiência, a vivência do teatro de compartilhar com outras pessoas. Como tu te coloca, como tu coloca o teu corpo, como tu coloca a tua fala. Como tu coloca as tuas emoções. Isso para mim é muito intenso, é muito forte. Então, quando eu posso de alguma forma eu tento fazer, né. Mas, como eu não consigo, eu fico pensando o teatro e o Artaud [se referindo a Antonin Artaud] é para mim uma figura que ele me toca, assim, muito. Agora mesmo até estava lendo alguns textos dele e to pensando em escrever alguma coisa sobre isso, para o trabalho da ANPOF, que eu vou apresentar. Então acho que o teatro é um espaço em que eu consigo reunir muitas coisas,

sabe. É um espaço de encontro de muitas coisas minhas, muitos cantinhos assim que ficam meio perdidos nesse cotidiano louco que a gente vive. Acho que o teatro é um espaço em que eu consigo iluminar algumas coisas, alguns cantos meios obscuros. E aí, entra a literatura, entra o corpo, a corporeidade, entra a filosofia, entra tanta coisa. Não sei se eu vou fazer teatro, mas ele stá ali comigo, né.

Pesquisadora: Então ta, era isso, eram essas questões.

Entrevista I- “Rebelde”

Sala da Professora UNISINOS

DIA 05 DE MAIO DE 2006.

“Rebelde”: Você vai fazer algumas perguntas..ou..

Pesquisadora: Eu tava pensando assim.

“Rebelde”: Ah?

Pesquisadora: Saber um pouquinho da sua história de vida, da onde que tu vem? Como tu chegou na filosofia?

“Rebelde”: Interessante porque vem na memória coisas assim.. Eu tava lembrando um aluno me fez essa pergunta e eu fiquei pensando. Bom eu sou da região das missões, eu nasci em Santiago, que fica próximo a Santo Ângelo e a São Borja, aquela região...assim bem da terra [risos]. Meu pai tem descendência portuguesa e minha descendência indígena e dizem que eu sou a prova do pindorama. Mas essa curiosidade da filosofia vem desde cedo na minha vida. Eu ainda pequena, eu vi pela primeira vez falar de Sócrates pelo meu pai. Meu pai era um excelente narrador de histórias, então ele me falava de um sujeito chamado Sócrates, que ensinava as pessoas a pensar; e depois assim, o que hoje equivale ao Ensino Médio, Segundo grau (já não sei muito como é que se fala essas coisas, é Ensino Médio né?)

Pesquisadora: É Ensino Médio, é o primeiro, segundo e terceiro ano.

“Rebelde”: É. Eu fiz o curso normal, porque naquela época era o equivalente ao clássico, científico, normal. Mas eu não sabia se eu tinha vocação para ser professora, eu queria, eu gostava era de refletir. E no curso normal, ainda, lá em Santiago, no colégio das freiras, nós tivemos filosofia, psicologia. E eu num primeiro momento eu tive essas duas bifurcações, psicologia e filosofia, porque eu queria sempre entender a coisa do sujeito, da vida humana. Era esse o meu foco! E daí eu fiquei na dúvida se psicologia e filosofia me ajudariam nisso e optei por filosofia. E eu considero hoje que foi uma grande opção, porque tudo o que eu fiz na minha vida foi em torno disso Eu penso que a perspectiva crítica da filosofia vinha ao encontro do meu espírito um tanto quanto inquieto e rebelde, desde criança. Nunca me senti uma pessoa conformada com as situações de desigualdade social ou comportamentos autoritários e violentos. Aí eu vim para Santa Maria fazer vestibular, na faculdade Federal, que naquela época se deu a ditadura militar. Era proibido pensar, era proibido discutir, proibido a crítica. E nós tivemos excelentes professores. E era uma coisa rara, porque naquela época não tinha essa coisa de ênfase em Mestrado, Doutorado, não sei o que. Mas como no seminário e nas escolas religiosas a Filosofia teve maior acolhida a grande maioria dos nossos professores de Filosofia eram doutores recém chegados da Europa.

Pesquisadora: Você lembra de alguma professora de Filosofia desse período?

“Rebelde”: Na filosofia não houve. Teve uma professora de Filosofia da educação que abandonou nossa turma, por não gostar das nossas questões. Os padres palotinos, que hoje depois tem uma outra faculdade, mas são todos da Federal. Nós fomos a segunda turma. A Universidade foi construída e organizada como Universidade em 60 [1960], e nos meados da década de 60 foi organizada a faculdade de Filosofia. Que naquela época só tinha a de Letras, e assim, nós chamávamos de Filosofia pura. É tão engraçado, porque o pessoal perguntava o que é uma Filosofia impura, mas era o pessoal que realmente fazia o curso de Filosofia, lógica, essas cadeiras. Daí eu curti muito tudo isso no meu curso, fiz meus estágios. E foi fortalecendo muito em mim, essa idéia da pesquisa, da investigação, da curiosidade e principalmente do desejo de entender o ser humano que pertence ao processo classe A e aquele que não pertence, foi o que desde pequena vi na minha cidade, essas chamadas diferenças sociais, que naquela época eu não conseguia elaborar isso. Daí eu via que alguns tinham as coisas, outros não; uns podem, outros não podem; uns participam da escola, outros não vão na escola; tem os pretos, os brancos; os feios e os bonitos; os ricos e os pobres, os pares conceituais..antagonismos assim que me chocaram; os casados, os não casados [sabe?], então assim sempre..no meu colégio, que era um colégio particular esse preconceito era muito forte. E a idéia do preconceito, sempre foi uma coisa muito feroz na minha cabeça, então sempre tentei trabalhar a minha inteligência no sentido da crítica ao preconceito. E esse foi um lugar que fui meio construindo na Filosofia.

Pesquisadora: Fale um pouco que construção é essa? Como se deu isso?

“Rebelde”: Foi uma construção, a partir do que eu chamo o meu senso de justiça. Então, o preconceito me parece a atitude mais terrível que um sujeito pode ter com o outro, porque o vê com subalternidade, como recusa do humano. Num primeiro momento eu me dediquei muito ao estudo da Filosofia existencialista, principalmente Sartre, Camus, com quem comecei a fazer a minha dissertação de mestrado, a questão da Revolta. A revolta com dados da indignação humana, diante das injustiças e o Sartre, o conceito de liberdade, assim, forte. E aí continuei minhas pesquisas, dando aula na Universidade, depois fiz concurso e continuei dando aula lá, na Universidade Federal de Santa Maria e fiz isso até me aposentar em 94. Nesse período (1983) também eu fui pro Rio fazer o meu Doutorado [né], que antes eu pensava em fazer o meu Doutorado em Sartre, que eu tinha oportunidade de ir para Paris naquela época, mas daí eu acabei optando fazer na UFRJ [referindo-se a Universidade Federal do Rio de Janeiro] e eu quis trabalhar o pensamento político brasileiro, quis descobrir um pouco os nossos “metiês” os nossos sujeitos aqui do Brasil. Fiz a minha pesquisa do doutorado nessa área de Filosofia política e em 94 eu me aposentei e daí quando houve aquela crise violenta que o Fernando Henrique chamou de “vagabundos” os novos pesquisadores, eu digo: “bom vou sacudir o pó das minhas sandálias e vou sair!”. Em 94 [1994] eu saí de Santa Maria, em 95 [1995] eu vim pra cá. No início eu queria ficar mais como consultora, um misto de pensadora assim Livre, mas um pouco a cachaça assim de ser professora. Aí eu acabei fazendo uma seleção que abriu aqui na Unisinos em 96 [1996] e daí faz dez anos que estou na Unisinos e quando cheguei aqui não tinha pós-graduação de Filosofia. Tinha um professor que era doutor em Filosofia aqui e o quadro docente que tem agora não tinha na época e aos poucos foi se organizando para isso, em 2000, a gente organizou o mestrado. O padre Marcelo Aquino que é o atual reitor, foi a grande figura agregadora da nossa área de Filosofia, ele veio de Minas e daí as pessoas vieram chegando, nós somos alguns das Federais, outros das particulares, assim se construiu o corpo docente e eu trabalho Filosofia política e nesse meio tempo eu fui fazer um pós-doutorado em Filosofia política. E continuo as minhas pesquisas, escrevendo meus textos, fazendo outras coisas, orientando alunos. E nesse

tempo todo eu militei no movimento nacional dos Direitos Humanos, desde Santa Maria. Hoje eu sou mais professora conselheira, sabe quando os velhinhos vão ficando assim, mais [risos] como é que se diz, assim, sem o ativismo das ruas [rss]. Mas eu acho legal assim, porque a filosofia nunca me tirou da vida, do rumo, da história, sabe, essa coisa da crítica], muito terra-terra, muito chão. Claro que no viés de tudo isso, assim eu diria que no solo, tem muito as minhas leituras de Marx, uma compreensão crítica do Marxismo que até nesse meu último livro eu trabalho um pouco dessa questão, é uma holística do Manifesto Comunista. Eu acho que alguma coisa tem que ser relida, repensada, independente assim das ideologias dos partidos políticos, dos erros dos acertos que fizeram. Eu sempre me senti assim, muito mais uma estudiosa de Marx, do que uma marxista, mas eu acho que isso é uma coisa que a Filosofia tem esse sabor para mim, essa paixão de tentar entender os sujeitos nessa coisa “maluca”, ou da desumanização do sujeito. Este movimento tem que ser com a sociedade, eu acho que a Filosofia pode ser partilhada com todos, não é um cânone fechado, um código secreto, uma coisa maçônica, mas acho que ela pode totalmente provar uma dialogicidade, ela é dialógica, e porque é dialética, até porque sabe lidar com as contradições. Então a minha coisa com a Filosofia ela teve quase que um circuito natural e como eu sou do tipo meio calada, também, o fato reflexivo me ajudou muito. As vezes sou meio bichinho de concha, sou meio quieta assim e não gosto, por exemplo da Filosofia do espetáculo, que acho que é uma coisa que ta acontecendo muito hoje. Eu tenho, não diria um temor, mas eu tenho um certo recato por que dessa coisa da mídia, sabe, desse direcionamentos externos, da filosofia espetacular. Eu não gosto disso, há um certo rigor, há um certo cuidado. Pra toda iniciação que você vai fazer, eu acho que tem que haver um aprimoramento e não pode fazer uma carnavalização da cultura, uma banalização do saber. Acho que não pode. E tem outra coisa, que eu fico preocupada, hoje com essas coisas espetaculares da Filosofia. Acho que ela tem que ultrapassar os muros da academia, mas com seriedade, com competência, com disciplina e inteligência..com calma, sabe.

Pesquisadora: Que nem tu disse que é mais fechada, mais calada..

“Rebelde”: Eu sou mais calada, eu sou mais silenciosa..

Pesquisadora:...mas daí quando você coloca a questão da rebeldia, então tu escolheu a Filosofia de certa forma por que chamou um pouco esse lado de falar...

“Rebelde”: Sim!

Pesquisadora:...Mas, é rebelde assim nesse sentido?

“Rebelde”: Isso é uma coisa interessante, porque a revolta é uma coisa que eu tenho desde criança. Eu nunca consegui entender e aceitar uma ordem, que eu não tinha dimensionado para mim como necessária, porque o mundo dos adultos para mim é um mundo um pouco feroz, assim, na ordem, na disciplina. E eu me revoltava, se eu não me revoltava externamente, eu me revoltava internamente. Tinha meus juízos críticos, [né], uma suspeita do famoso bom comportamento dos adultos. Crianças não devem fazer um conjunto de coisas, mas os adultos podem fazer um conjunto de coisas. Então essa rebeldia foi uma coisa que me deixou muito viva, muito ligada nas coisas que nós passamos enquanto jovens. Jovens mesmo, e quando no início de nossa vida adulta por um país de atropelados [né], pelos tiros de militares, torturas, um conjunto de perseguições. Eu propriamente não participei de movimentos políticos, assim, no sentido

daquela subversão que os caras prendiam e matavam, mas eu conheci muita gente assim. Mas sempre participei da postura de esquerda da igreja Cristã. Eu participei do movimento do J.E.C, Faculdade estudantil católica, da postura de esquerda da Igreja Cristã [né]. Então eu participei do movimento Universitário de Santa Maria (MUSM), das ações subversivas que a Igreja fazia eu acolhia muito bem. Esse talvez seja um elemento forte da minha revolta, da minha rebeldia. Exatamente isso, o meu silêncio não me deixa ser uma pessoa conformada [né], eu sou um pouco calada, mas eu sou muito rebelde nesse processo. E acho que a Filosofia mantém a gente viva, não é uma rebeldia insana, não é uma rebeldia do Caim contra Deus e seu irmão Abel, mas eu acho que é uma rebeldia assim, do homem que é capaz de dizer não, para um conjunto de coisas. E quando ele diz não a um conjunto de coisas, também ele distingue um conjunto de outras coisas. E a gente vai fazendo as escolhas da gente [né]. E eu acho que a Filosofia ela fortalece muito na cabeça da gente, essa dimensão da crítica, da liberdade, do espaço do sujeito, teus territórios e saberes e que tú pode compartilhar com os outros que também pensam diferente de ti. Pouco é essa a configuração, essa coisa da revolta é muito forte em mim, até hoje? [risos]

Pesquisadora: Como mulher você tem alguma (as) revoltas com relação a Filosofia?

“Rebelde”: Tenho, quando percebo atitudes machistas, discriminatórias e atrasadas por parte dos homens filósofos. Felizmente, meus colegas atuais são primorosos neste aspecto. Elas, já vivi, em diferentes contextos..

Pesquisadora: Que bom [risos] E a escrita? Tu é calada e a escrita entra como aí?

“Rebelde”: Ah, acho que é interessante, a escrita talvez seja o meu maior grito, do meu silêncio né. Começou que desde pequena eu fazia versinho, eu gosto de poesia, tenho um viés literário, assim, mas nunca sistematizei isso [né], mas eu escrevo poesia, já publiquei livro de poesia, pouco assim, aquele consolo da interlocução. E eu gosto muito de escrever e eu tenho uma facilidade, não é que eu tenho um dom para escrever, eu tenho é facilidade para escrever, desde pequena. Então escrever para mim é quase que uma terapia, no sentido de que eu consigo colocar as coisas. Não digo que eu sou, uma literata, uma escritora, que eu faça coisas maravilhosas, mas eu acho que eu tento escrever para partilhar, eu tento escrever para me tornar compreensiva. Inclusive mesmo os textos de Filosofia que tem todo um rigor teórico, toda uma solidez conceitual, mesmo assim eu tento trazê-los numa forma de teste, numa forma possível de ser decodificada, uma fala só para iniciados, uma fala em códigos. A escrita para mim, então ela tem muitos sabores. Que é o grito do meu silêncio. Ele fala mais.

Pesquisadora: O que teu pai era?

“Rebelde”: O meu pai era um fazendeiro, inclusive engraçado, fracassado [né], por que a crise de 29, eles perderam todas as fazendas, então eu e a minha irmã quando nascemos, nós só conhecemos as fotografias das fazendas [né]. Não tinha mais nada. Ele era um criador, trabalhava na parte rural. E uma coisa que eu achava interessante no meu pai, era a dimensão da sabedoria dele, porque eu nunca vi ele lamentar. Ele relatava, como relatava tantos outros casos, imagina, ele foi uma pessoa que viveu muito, ele morreu com 102 anos, então ele era como que um ícone, um monumento para mim e pegou todas as revoluções antigas no Rio Grande do Sul. E a minha mãe é interessante, a minha mãe era uma pessoa de uma classe social, dita inferior, ela era costureira e ela não todo o lustre e o brilho intelectual, mas era uma pessoa de fidelidade a vida, e

isso assim é um grande ensinamento que eu tenho da minha mãe [emocionada], me emociono quando eu falo da minha mãe [breve silêncio, emocionada] porque ela me deu essa coisa da sabedoria [breve silêncio] a vida e aos princípios que ela tinha e eu acho que isso é uma coisa que foi muito bom para mim, na minha vida. E eu brincava, porque eu vivia na minha casa, um pouco da luta de classe, o grande fazendeiro, de certa forma uma pessoa do povo que se encontraram e por isso que eu digo que eu sou fruto da terra.

Pesquisadora: Era só tú e sua irmã?

“Rebelde”: O meu pai tinha outros filhos a minha mãe tinha outros filhos, mas dos dois eram só eu e a minha irmã. E aí tem um dado engraçado que uma vez eu estava conversando com umas colegas no congresso de Filosofia, que eu disse que eu era para ser aquele ser, que era para não ser, porque quando eu fui gestada meu pai tinha 74 anos. Ele era na realidade um avô [risos], então até minha entrada na vida foi meio revoltada, meio de irrupção [risos], engraçado isso né?

Pesquisadora: É

“Rebelde”: Mas eu tenho isso assim, como um marco muito forte.

Pesquisadora: Qual era a idade da tua mãe?

“Rebelde”: A minha mãe tinha 38 anos, uma diferença grande. E a minha mãe tem muito para mim a figura de uma mulher forte, de uma mulher corajosa, porque ao fim ao cabo, na linha familiar da minha mãe as mulheres que sobreviveram e elas que sobreviveram e tocaram a educação dos filhos, a gerência da família, então assim nasci no matriarcado [né], uma coisa interessante, e isso eu vi também acontecer comigo, meu marido, que foi aquele namorado da adolescência e da juventude, da Universidade, porque ele também fez Filosofia comigo, ele morreu muito moço, ele morreu com 43 anos, teve um infarto que atacou o miocárdio e eu fiquei com meus quatro filhos e me senti a própria “Cornélia”, mãe dos [não compreendi] agora eu só tenho meus filhos. E aí então, permanece aquela coisa da mulher que gerencia de novo uma família de crianças que ficaram sem a figura masculina. Então, tem uma coisa interessante nisso, que eu conversando com minhas filhas nós temos uma personalidade, até um pouco dominadora, autoritária [né], porque a gente teve que fazer esse contraponto...da mulher que sobrevive, que cresce, que se vira. As minhas filhas, que hoje têm 26 e 31 anos, elas têm hoje um pouco dessa garra da minha mãe, e minha irmã também, essa coisa do gerenciamento da vida. Nós mulheres da família nunca ficamos esperando por um homem que nos desse comida, que nos desse roupa, que nos desse guarida, que alimentassem nossos filhos, nós que saímos para fazer isso, e isso nos foi posto desde sempre, e são dados interessantes porque exatamente quando meu pai não tinha mais nada, quem conduziu um pouco das coisas na casa era minha mãe, com a sua costura diária e tal. Mas então, é uma coisa que a gente tem, a figura do provedor é um pouco a mulher, entendeu? A minha experiência de vida é um pouco assim. E isso aconteceu comigo, isso acontece com as minhas filhas, acontece com a minha irmã, e [não deu para entender a fala]. Eu não tenho a figura da mulher frágil, coitadinha [sabe?], que tem que rastejar, que tem que se vender, que tem que ficar esperando que um homem a segure e a leve para o mercado de trabalho ou para qualquer outra coisa, então eu vejo isso, muito bom, eu sou muito bem resolvida nisso[risos]. Então, quando falam muito, eu tive sempre tive algumas implicações quando se começava a discutir essa coisa do feminismo exacerbado, a queimação de sutiã, porque eu não

via assim, eu sempre me senti e me sinto muito feminina [né], mas nunca entrei nessa coisa de ser feminista, pode ser até porque eu não tenha entendido o contexto da coisa, também não li muito sobre essa questão, respeito, brinco, converso e discuto com minhas amigas, inclusive com a Magali [referindo-se a Magali de Menezes, professora citada nessa dissertação], com a Penha [referindo-se a Maria da Penha, professora também citada no trabalho] e tal. Mas, eu acho que a mulher tem uma fala também dela, assim [né]. Esse livro que escrevi agora eu tava fazendo seminário com meus alunos de ética, sobre [não entendi], e um aluno disse assim: “Interessante “Rebelde”, essa fala é filosófica e é feminina”. E eu disse: “Ela é feminina porque foi trazida por uma mulher que tem um corpo, ela jamais seria uma fala masculina, porque a Filosofia não é feminina e masculina ela é um processo de saber da humanidade, porque parece que se decidiu que em alguns lugares honrosamente são dos homens [né] e a Filosofia, como a matemática e as demais ciências seriam um lugar desse. É claro, você pode observar que se vê muito poucas mulheres nos ambientes filosóficos, tanto na academia, quanto nos processos de escrever, do produzir conceitualmente é muito pouco, mas tem. Na história da Filosofia mesmo, nós temos poucas mulheres que conseguiram [né], entrar num registro histórico, que ficou: Hanna Arendt, Agnes Heller, Edith Stein, e tal, mas mesmo assim há pessoas..Simone Weil, mas porque, porque também o registro foi um registro não privilegiou algumas coisas, não significava que elas não estivessem lá, elas só não foram olhadas como alguém que estava lá, para entrar no processo, e eu acho que leva muito tempo isso aí, porque parece que existem produções femininas como a enfermagem, assistente social, a pedagogia e as profissões masculinas, que são várias. Hoje eu acho que isso tá muito trocado, por exemplo a medicina não é mais assim, a engenharia, há pouco tempo, nos anos sessenta a engenharia era assim. Eu me lembro quando a gente era estudante que naquela época a Petrobrás pedia engenheiros e não engenheiras para estagiar. Só para estágio, não para trabalhar. Então isso é uma coisa que sempre me chamou atenção, mas eu acho que isso é um processo que tem que ser trabalhado com a inteligência [sabe], e que é muito difícil, é muito complicado, acho que agente não conseguiu ainda, tirando a guerra dos sexos, que no fim fica quase caricata, acho que a gente não consegue assim..eu não vejo muito isso por exemplo aqui na Unisinos, mas eu via na Universidade Federal, e uma coisa engraçadíssima, eu contei para você que eu aposentei em 94 e depois de mim, evidente que teve vários concursos, várias mulheres haviam se inscrito e nenhuma mulher entrou. O curso de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria era um curso masculino, tive ex alunas minhas que fizeram mestrado, doutorado lá e não entraram, quer dizer, eu não posso dizer que realmente houve uma determinação assim de que as mulheres fossem reprovadas e os homens aprovados, mas que chama atenção, e você sabe que as bancas é todo um elemento de uma carga subjetiva cultural muito grande[sabe], onde colocar um homem e uma mulher em uma igualdade é nosso preconceito [aqui a professora quis referir-se a atitudes das bancas examinadoras compostas para homens julgando mulheres e preferindo escolher os homens para lecionar filosofia]. No departamento de Filosofia (UFMS), hoje, não tem nenhuma mulher professora. Eu aposentei em 1994 portanto, há 12 anos não ingressou mulher, ou seja, as mulheres candidatas não foram selecionadas), não to agora fazendo nenhum juízo, mas que é um fenômeno que eu tenho notícias, e ainda agora quando eu vou a Santa Maria na ANPEDINHA. Quem me chama inclusive são pessoas de outras áreas, da letras, da educação da federal na educação, mas na Filosofia, por exemplo eu nunca mais fui chamada lá, então acho que isso tem uma carga que é significativa. Aqui não [referindo-se a Instituição de Ensino Superior que leciona], aqui eu não vejo isso, eu acho que nós somos poucas mulheres aqui, porque somos em função de um processo, de uma formação. Parece que a pouco tempo tinha duas ou três doutoras em Filosofia, tinham muitas doutoras em Educação, em História, mas em Filosofia parece que tinham muito poucas. Hoje eu não saberia numerar isso, [né], aqui nós

somos duas em Filosofia, é eu e a Ana Carolina. Esse é um fato que é interessante porque quando você vai fazer seleção de mestrado e essas coisas também faceiam, me lembro que eu tava num seminário na UFRJ, e quando as pessoas disseram que eu tinha quatro filhos, um professor não entendi) disse assim: Mas ela vai fazer a tese, e as mulheres vieram dizer: “Mas por que não?”, “mas como ela vai escrever?” [sabe] então eu nunca achei também, Graziela, que os filhos fossem obstáculos para você ler, para você escrever, para você fazer curso, sabe, isso eu sempre disse. Inclusive minhas alunas já brincavam: não adiante chegar na “Rebelde” e dizer que você teve um bebê, porque ela teve quatro, então. Eu defendi minha dissertação de mestrado e eu estava com oito meses da minha gestação da minha primeira filha e quando eu concluí o meu doutorado eu tive o meu último filho, então eu fiz filhos e livros [risos] o tempo todo [né]. Então acho que isso aí nunca foi um obstáculo, não aceito isso, acho que a gente tem algumas limitações, a gente tem os tentáculos, as dores, porque a gente amamenta, porque a gente dá a luz [né], todo o processo do parto, aquela coisa toda, mas isso não pode nos tirar da vida.

Pesquisadora: E com relação a questão financeira...com relação ao poder fazer por se ter condição, isso não pode influenciar também?

“Rebelde”: Eu acho que pesa, isso no sentido do conforto para um e para quatro eu acho que sim.

Pesquisadora: E para conseguir fazer as coisas?

“Rebelde”: Não...eu acho que é mais difícil. Eu acho que eu também tive um elemento familiar de companheirismo, como eu dizia para você a minha mãe foi muito minha companheira, me ajudou muito a cuidar dos meus filhos quando eram pequenos, e meu marido também, foi assim, enquanto viveu, um excelente companheiro, quer dizer, os meus filhos estarem com ele e comigo era a mesma coisa, eu nunca fui aquela coisa assim: Ai que horror agora eu vou ter que deixar meus filhos com o pai deles e vou ter que viajar como eu ia para o Rio [se referindo ao Rio de Janeiro], terminar minhas coisas e voltava para Santa Maria. No meu último ano do meu doutorado, foi muito assim, essas viagens. Eu tinha um filho pequenininho, com 3 anos. Então é essa coisa, eu acho que a gente..eu acho que tem uma coisa do desejo. Eu já escrevi com o filho no colo, com febre na cabeça, botando no seio e escrevendo aqui [mostra posição da escrita]. Eu não sou uma dona de casa. Eu sou uma bagunceira.[riss]Ninguém pode fazer todas as coisas o tempo todo.

Pesquisadora: Eu acho que eu vou ter que escrever uma parte sobre como tem muita coisa parecido [risos] nesse sentido com as professoras de Filosofia.

“Rebelde”: É hein?

Pesquisadora: É, dessa coisa de arrumar casa.

“Rebelde”: Engraçado essa coisa da casa. Engraçado que para eu arrumar meu armário de roupa, ou as coisas da minha cozinha é quando não tivesse uma criatura para fazer isso pra mim, ou quando eu não acho mais nada, daí eu vou lá e faço.

Pesquisadora: Então na nossa última reunião, nós vamos fazer uma bagunça coletiva [risos]

“Rebelde”: Porque impressionante né, eu sou bem né, não adianta, eu não sou a dona de casa, tem isso, tem aquilo, não tem pão, tem leite, não tem, então..[rss]essa coisa do cotidiano é muito importante.

Pesquisadora: Ah é tão bom ver vocês assim, porque eu estou com 26 anos né

“Rebelde”: Ah, que idade bonita

Pesquisadora: Daí eu acabo sempre sendo muito criticada lá em casa, eu moro com meu pai e minha filha, agora, daí ele reclama tanto da bagunça. [risos]

“Rebelde”: Não dá pra fazer tudo, e eu morava numa casa e agora moro num apartamento, então eu bagunço. Onde eu estou, estão os meus sinais, agora que eu to escrevendo mais de novo, é um monte de livro, de papel e eu digo: Não mexe em nada deixa como está, não adianta. Eu acho que isso é um pouco de hierarquia de coisas. Jamais vou deixar de escrever para ficar limpando casa. Acho que é aquele mínimo, claro, da saúde, do saudável [risos]

Pesquisadora: Eu fiquei curiosa para saber um pouco mais do porque que vocês chamavam de filosofia pura, o que era essa Filosofia pura?

“Rebelde”: Pois é, esse é um dado engraçado, porque chamava assim..a estrutura das universidades, elas eram por faculdades e institutos, não tinha departamentos e centros, isso foi bem depois da reforma dos anos setenta, então era assim, faculdade de arquitetura, faculdade de tecnologia, faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Era esse o nome, então ciências eram um pouco as ciências biológicas e as ciências naturais e exatas, algumas e letras e literatura, e filosofia era propriamente quem fazia o curso de Filosofia por si mesma, como agora fazem, e daí chamavam de Filosofia pura e eu entendo que é o seguinte: porque alguém perguntava qual é a faculdade que você ta? E você dizia: Eu to na faculdade de Filosofia. Que curso você faz? Ah eu faço curso de letras, entendeu? Ou eu faço curso de história natural que era uma atual biologia, ou faço curso de história, geografia ou estudos sociais, tudo isso, tanto que na formatura era em torno de 150 alunos, que eram de todos esses cursos. Os alunos formandos da faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, aliás, parece que a USP [Universidade de São Paulo] mantém esse nome, porque a USP foi sempre retardadária para reformar essas coisas. Ela é estadual, não é federal [Toca o telefone] Então eu acho que foi esse o fato da Filosofia e aí quem se dedicava [não concluiu a frase]. Nós éramos considerados os malucos, os loucos, quem fazia Filosofia pura. Tanto os alunos, quanto os professores que davam as aulas de Filosofia, não dá bola são meio malucos, meio fora da realidade. Ainda nos anos sessenta, quando eu fiz o meu curso (de 66 a 69), foi.. Quando terminou o AI5 eu tava lá e era assim, nós éramos vistos como loucos, ou por certo desdém ou por uma certa expectativa ou estranhamento porque afinal, nós éramos diferentes: pessoas que pensavam. O que é engraçado, sempre me chamou atenção isso, porque todos os saberes eles exigem o mesmo tratamento, ninguém ta dispensado de pensar. Não é só na Filosofia que se pensa. A filosofia tem um processo diferente da coisa, entendeu? Do seu método de investigação, pensar faz parte do processo de saber, tu não faz nada sem pensar. Eu diria que isso é uma coisa do preconceito, se tu pega a história da Filosofia e se tu pega a história medieval, ela ficou muito tempo nos conventos, nas igrejas, né, então ela ficou muito tempo desse jeito. Na modernidade ela explodiu mais, mas mesmo assim ficou uma coisa das pessoas um pouco

estranhas em relação ao cotidiano da vida. Agora falando contigo me ocorre uma coisa que eu sempre penso mas nunca escrevi sobre isso: não me ocorre de um Filósofo rico por exemplo, que acumulação de bens, que escreva a favor ou contra tem múltiplos e vários, [né], mas no sentido assim de que ela é uma pouco assim, talvez como arte, de uma religião, guardadas as proporções de cada uma delas, alguma coisa que parece que não é do comum das pessoas [né], penso assim, que quando a gente era garota e perguntava: “Que curso você faz? Filosofia”. E respondiam: “Bah que horror, como é que consegue?” Se a gente fizer essa pergunta ainda hoje, e as vezes eu conversando com meus alunos, eles dizem..bah que loucura fazer Filosofia. E hoje eu acho que a coisa tem todo um outro glamour, uma outra história, intensidade, uma pra mais outra para menos[não entendi]. Eu acho que o nosso tempo era um tempo assim de múltiplos, a gente vivia dentro da universidade e quando eu fui professora que foi nos anos 70, os alunos viviam na Universidade, nós tínhamos uma vida como os alunos e os alunos com a gente. Não tinha problema assim grave de horário, digamos tinha uma disciplina teoria do conhecimento com uma carga horária maior, tinha umas horas de manhã e outra de tarde, não havia problema, o aluno tinha um horário integral e nós também. Então hoje é uma outra estrutura, eu não saberia dizer como está em uma universidade pública, mas na particular o horário é muito reduzido e tem toda aquela história, o aluno trabalha de dia e vem estudar de noite, então pra mim ele é um aluno cansado, sonolento, parece que tudo tem que ser mais facilitado. Eu tive um choque que quando eu vim dar aula aqui, que [não entendi], que os alunos diziam assim: “Professora mas aqui ninguém faz assim”. O que é isso? Eu dizia mas isso aqui é uma universidade que quando eu fui contratada não me disseram que não seria um instituto acadêmico, eu senti no início muita tensão com os alunos, principalmente naquela época com a graduação, não tinha pós-graduação, em função disso, um certo lecefer assim sabe, daquela coisa assim, da brincadeira que um mente que ensina e o outro mente que aprende [sabe], hoje eu acho que o curso de pós-graduação ele teve essa grande influência, acho que ele elevou inclusive o próprio processo da auto-estima e da complementação dos alunos da graduação, acho que ele vem de fato e de perto da materialização de um trabalho de um processo e de um incentivo a pesquisa e a coisas boas principalmente, mas a massa do aluno de Filosofia, como do aluno de uma forma geral [né?] acho que é um aluno que gosta muito pouco de ler, de escrever e de estudar e eu até esses dias relatava com uma turma de alunos que eu tenho aqui na terça-feira, que são pouquinhos, são oito alunos, que eu vinha voltando de uma outra aula, na sexta passada , e eu vi dois garotos, não tão garotos assim, vi dois jovens conversando um com o outro, onde um dizia para o outro, não te preocupa que não precisa escrever nenhuma página, basta que você escreva dois parágrafos, eu não sei do que era, de que curso era, mas me chamou atenção assim, o pouco desejo da reflexão, a coisa assim rápida, de você se ver livre da tarefa acadêmica e escolar, como se aquilo não fizesse parte do seu universo, [entendeu?], guardada as proporções é como se você tivesse feito as coisas mal feitas para você mesma, [entendeu?], não tomasse um banho direito, não se alimentasse legal [sabe], não cuidasse de você, porque o saber também faz parte do cuidado, é uma escolha . Ainda que seja uma escolha pela sobrevivência, pelo mundo do trabalho ou por uma empregabilidade. Acho que tudo que tem que ser feito, tem que ser bem feito. Ainda mais, veja bem Graziela, numa Universidade que é paga e tem um custo, que é caríssimo, como é que um aluno paga [né] do seu próprio dinheiro, ou do dinheiro do pai, ou seja lá de quem seja e leva as coisas num [não entendi], como se dizia na minha época, então nesse sentido que eu acho que as exigências que nós tínhamos como alunos, ou como professores, nos anos 60, 70, 80, 90, dos séculos passados era bem mais rigorosa, era mais profissional, não digo que hoje não seja, eu to dizendo assim, que o processo de fazer é um outro processo, é um outro movimento [né], são outros *insigts* das coisas, e eu fico um pouco frustrada, eu até comentava isso, numa disciplina que se chama história da América

Latina, que também as vezes ela não é muito bem vista, porque a gente é muito imitante dos Europeus e parece que só o Europeu que funciona e eu comentava assim que pelas minhas viagens pelos países andinos e os outros da América Latina, me chamava muita atenção a cultura, a informação dos estudantes e dos jovens das universidades, do Peru, da Colômbia, do Uruguai, da Argentina, do Chile, você fala com um menino de 15, 16 anos e ele sabe tudo do país dele, da história dele, sobre as guerras e sobre as guerras de fronteiras inclusive. Eu tava conversando com uma pessoa que trabalhava num, seria lotação, tipo de um ônibus, que era o cobrador do ônibus, então que era uma pessoa assim cujo grau de empregabilidade era precário, ele tava falando pra mim sobre a guerra do país dele do Peru com o Chile, tinha toda uma discussão interessante, de informações históricas, que o nosso motorista de ônibus não fala sobre isso, que um aluno de Universidade não sabe dar, então isso que eu to dizendo assim, um processo de informação, de uma cultura mais abrangente, hoje ela parece que ficou mais frágil, mais diluída na coisa, me parece que hoje existe uma coisa assim, que você tem que saber isso aqui de informática [parara parara], ou você tem que saber do seu trabalho [né], do seu processo educador, o outro da enfermagem, o outro da nutrição, como se fossem estantes, gavetas do saber que você fecha ali, quando você precisa de uma coisa, abre aquela gaveta e fecha a outra, não é um saber assim, trabalhado com eixo, com a famosa árvore do conhecimento, isso eu acho muito preocupante, acho grave, então pra isso é que precisamos nos desenvolvermos muito.

Pesquisadora: E as vezes a gente abre a gaveta e ela está vazia..

“Rebelde”: Mas pelo menos ela está ali. É muito difícil um dado que me chama atenção, é de dar disciplinas de Filosofia nos outros cursos, nas outras áreas. Tanto eu, como meus colegas, nós, sempre encontramos essa dificuldade, alguns mais, outros menos e cada um acha o seu jeito, mas é muito difícil porque os outros não entendem, por exemplo, uma disciplina de ética, que é uma disciplina, que tem em quase todos os cursos da Unisinos, bah é uma dificuldade imensa.

Pesquisadora: A minha irmã é da engenharia civil e demonstra isso

“Rebelde”: Informática, engenharia de alimentos. Eles não entendem que vão viver no mundo do trabalho e que vão ter que construir relações com pessoas, não com objetos, com coisas. E que tem que estabelecer isso, a coisa da subjetividade com o sujeito que eles são. Mas é muito difícil, é um processo que é muito lento, há umas pessoas que tem sensibilidade a isso, mas muito poucoS.

Pesquisadora: Tu tinha dito antes “Rebelde” que tinha optado em ficar no doutorado ao invés de ir para França...ficar no Brasil, essa opção foi uma opção motivada por ideologias, ou por questões pessoais?

“Rebelde”: Acho que tem as duas coisas, na época eu tinha dois filhos pequenos, meu marido era engenheiro e também trabalhava na Universidade de Santa Maria, tinha um interesse familiar, mas tinha um interesse também no sentido de conhecimento entendeu, que eu digo “poxa, a gente utiliza tanto os europeus, [né], norte americanos e a pensadores nacionais”, inclusive um dos autores que eu trabalhei na minha tese foi Vieira Pinto, que é profundamente desconhecido até hoje. Ele escreveu coisas fantásticas naquela época sobre a questão do desenvolvimento nacional, sobre a educação de adultos e a obra dele não está publicada na totalidade. Morreu em 87, por aí,

88, quase no final do século XX, nos anos 80 do século XX, mas foi uma pessoa, que não foi estudada e em todo caso a gente sempre estudou os outros, os estrangeiros, entrou no sistema dos outros, e isso é um problema, daí eu quis trabalhar a Filosofia social do ponto de vista do meu lugar, do meu espaço, do meu território. Daí eu encontrei um orientador que topou fazer isso, daí foi legal, eu acho que se produziu um engajamento, que se produziu um engajamento que a gente construiu um grupo de estudos, que chamava naquela época GEESTALA latino americano, que envolvia uns árabes, e teve um núcleo de estudos que depois foi gestando o que hoje é o GT da Anpof, que é o Grupo de Trabalho de ética e Cidadania, que eu pertença. A origem remota do GT da ANPOF hoje sobre ética e Cidadania, foi esse núcleo, lá da UFRJ, dos anos 80, não lembro bem agora, mas nesse livro tem a história dele, que foi quando a gente fez a homenagem a José Sotero Caio foi o idealizador, que a gente viu assim, que a gente tem que ler, Habermas, Heidegger, Meleau Ponty, mas com o nosso olhar, com a nossa hermenêutica, com a nossa visão. Eu inclusive quando tava na França, foi muito interessante ver isso, eles queriam ver coisas nossas, por nós, tipo, sobre Rousseau, Voltaire eles já sabiam, eles queriam saber da América Latina, inclusive na ÉCOLE [não compreendi bem o nome], que é um instituto de estudos sociais e políticos, tem uma cadeira de estudos latino-americanos, que felizmente é um Brasileiro que trabalha lá, pois as vezes não é.

Pesquisadora: Quem é?

“Rebelde”: Ele é ...ele era da UFSC, agora não estou me lembrando o nome dele, mas daqui a pouco aparece. É um sujeito bem interessante. E o Michel Lewy, é um brasileiro, antropólogo que há anos vive em Paris, mas ele sempre escreve sobre as coisas nossas, inclusive eu tenho um livro dele interessante, a entrada do marxismo na América Latina, como é que se deu isso. Então, acho que há coisas interessantes, eu não acho que a gente tenha que fazer um território geográfico do saber; a filosofia ela é grega, ou ela é alemã, ou ela é francesa, ou ela é inglesa. Se ela é tudo isso, ela é também latino americana, ela também é brasileira, porque onde tem gente para pensar, tem gente para filosofar.

Pesquisadora: E com relação as questões das mulheres. Como você, como professora, vê a questão das filósofas latino-americanas?

“Rebelde”: Eu acho que como toda a narrativa histórica, elas são poucas, acho que tem, tem aquela, uma mulher que escreveu, sobre..ela é da Espanha, agora não está me ocorrendo o nome dela, ela escreveu sobre a questão da mulher no feminino, ela produz muito sobre isso, a Claudia Amorós [né?]

Pesquisadora: Célia Amorós

“Rebelde”: Célia Amorós, é. Que acho que é uma mulher que trabalha sobre essa questão, mas eu te digo que eu conheço ela que trabalha sobre isso e conheço muitas filósofas latino-americanas e também européias que trabalham sobre vários autores, filósofos, enfim, mas não que se dediquem especialmente a essa questão. E tem uma outra, Margareth Mead, mas essa é antropóloga, mas tem aquela outra da França, mas parece que é antropóloga também[silêncio]Não é da Filosofia. Mas parece assim, que a mulher é [não entendi]com o pessoal que faz antropologia, ou faz história, ou faz educação, mas vai por um outro viés mais reduzido, mas da Filosofia acho que são poucas e os estudos de gênero no Brasil eu tenho

conhecimento assim muito recente, então eu teria muita dificuldade de declinar nomes de pessoas que não são as quais que convivo, que são as pessoas que eu já te falei. Agora eu não sei se eu [né] uma coisa que me chamava sempre a atenção é porque a gente não se envolve a discutir, a trabalhar, ao menos com as filósofas que estão consagradas, isso é uma coisa que sempre me chamou atenção de fazer. A própria Simone de Beauvoir é um elemento em um território difícil porque ela não é considerada filósofa, pela grande massa da Filosofia, é uma pensadora ou uma literata. Mas daí a gente vai discutir, mas a Filosofia tá nas coisas ou nas reflexões, mas é verdade, o Einstein também fez Filosofia, mas assim, o que eu diria para você, na realidade eu não sinto assim um destaque da mulher no processo da divulgação. Por exemplo, nós temos assim, se tu pensar numa mulher filósofa no Brasil, tu pensas numa, Marilena Chauí, porque ela publica e porque ela está num lugar geográfico de destaque: São Paulo. Digamos se ela estivesse no Piauí, digamos ela não fosse [né?]. Nós aqui no Rio Grande do Sul, nós também temos dificuldades de acesso às editoras, a gente que compra nossa luta de trabalho acadêmico e tal. Não é fácil, tem todo um processo econômico e de publicização das coisas, pelo que a gente quer fazer, filosofia, pois se você quiser fazer qualquer livro aí de auto-ajuda é outra coisa, eu acho que...eu destacaria Marilena Chauí, no sentido do nome importante, significativo e respeitável na Filosofia como tal. Agora de mulheres que tratam da questão da Filosofia enquanto uma discussão de estudo de gênero, eu só conheço a Magali e a Penha [né?] e por questões de conjuntura, eu nem sabia que elas trabalhavam nisso. A Penha eu conheci inclusive depois da Magali. Eu e a Magali fomos colegas no LASALLE e parece que tem uma outra moça em Minas que tá fazendo esse trabalho.

Pesquisadora: Tem a Dorilda Grolli também

“Rebelde”: A Dorilda eu conheço como filósofa, mas não com a questão da mulher

Pesquisadora: É uma paixão dela

“Rebelde”: É, interessante

Pesquisadora: Inclusive ela está trabalhando com quatro [se referindo a filósofas], ela está escrevendo uma parte de um livro, que são Simone de Beauvoir, Simone Weil, Maria Zambrano e Hannah Arendt

“Rebelde”: Ah! com a que eu trabalho! A Simone Weil eu não conheço, a Zambrano eu não conheço. A Hannah Arendt eu trabalho, tô fazendo uma discussão sobre a questão da violência em Hannah Arendt. Agora a Hannah Arendt é uma postura bem masculina [né] interessante se a gente vai falar dessa forma, porque existem muitos homens que trabalham Hannah Arendt por causa da temática: política, da discussão do totalitarismo [né?] nesse sentido. E eu já ouvi comentários altamente preconceituosos sobre Hannah Arendt. Até ontem eu tava lendo um artigo sobre isso. De que ela foi amante do Heidegger, de que ele era alemão, de que ela perdoou o fato dele ter sido perseguido por ela e ter se entregue. Inclusive tem uma professora que trabalha mais com a análise da história das idéias da Argentina, que se chama Dina Picotti

Pesquisadora: Sim

“Rebelde”: Até ela virá, parece nesse encontro aqui intercultural, e a Dina fez o Doutorado na Alemanha e eu não sei se ela foi aluna propriamente do Heidegger ou foi aluna de um aluno do Heidegger e ela defende muito o Heidegger. Ela acha que ele teve lá seus equívocos como todo mundo tem, mas me chamou atenção que eu nunca vi a professora Dina falar sobre a Hannah Arendt, nem como aquela pessoa que foi importante. Uma vez eu tava num congresso de Filosofia e na foto tinha uma brincadeira assim: ali estão falando sobre Heidegger e “ali sobre a amante dele” [sabe], ainda que seja no sentido da piada e da brincadeira é um certo desprezo pela coisa. E eu acho isso terrível. Por exemplo, você que não é da área, você já ouviu por exemplo falar de Filósofas no Brasil sem ser Marilena Chauí?

Pesquisadora: Eu fiz minha graduação em Filosofia, né!

“Rebelde”: Sim

Pesquisadora: É

“Rebelde”: Então tu já teve mais essa arte da coisa, né?

Pesquisadora: Mas eu além da Marilena Chauí, só tinha trabalhado em sala de aula [se referindo a graduação feita na UFPEL] com Hannah Arendt, que não é Brasileira

“Rebelde”: Claro

Pesquisadora: E a Arruda Aranha.

“Rebelde”: Mas ela parece que é antropóloga não é?

Pesquisadora: Eu aprendi como Filósofa

“Rebelde”: Eu não a conheço como Filósofa, tu vê

Pesquisadora: Eu conheci por indicação de livros, até por serem de livros didáticos, já que eu cursei licenciatura Plena em Filosofia

“Rebelde”: Sim, agora tem por exemplo, com esse fórum Sul no Ensino da Filosofia, que por toda a luta pela volta da Filosofia no Ensino Médio, tu encontra muitas mulheres, inclusive tem a Ana Mirian, lá de Brasília

Pesquisadora: Sim

“Rebelde”: E ela escreveu bastante textos sobre isso. Tem a Adriana, não lembro o sobrenome dela, de Londrina, tem a Maria da Graça de São Paulo que trabalha século XVII e tem estereótipos, como a Scarlet que trabalha Nietzsche a vida toda e a Olgária Matos que trabalha Benjamin. Inclusive é engraçado porque o Nietzsche é um misógino, uma vez trouxeram a Scarlet aqui e a pergunta foi essa: Se o Nietzsche é um misógino, odeia as mulheres, o que é que faz uma mulher se dedicar a vida toda a estudar Nietzsche? Tudo é paixão assim né, então tem essas coisas que eu acho. Acho complicado inclusive num Congresso de Filosofia de Mulheres,

num congresso de assuntos de feministas, a questão da mulher, eu acho muito difícil entrar um discurso filosófico do ponto de vista da estrutura do conceito filosófico, se você não tem leitura das questões do feminino, se você não tem uma inserção mínima. Eu acho assim difícil, mas há possibilidade de fazer.

Pesquisadora: Daí eu ia voltar Ao que tu disse, da questão de lidar com esse assunto com inteligência. Daí eu acho que entra aí o que tu está me dizendo agora, o que seria, esse lidar com essa questão da Filosofia. Eu tento trabalhar a Filosofia no feminino, e tu havia colocado que isso tem que ser tratado com a inteligência. O que é exatamente isso?

“Rebelde”: Eu acho..Eu não sei se eu saberia te dizer com tanta exatidão digamos, mas eu acho assim ó.

Pesquisadora: Não precisa pensar nisso agora

“Rebelde”: Não, claro, eu só te daria um *insight* espontâneo, sem maiores reflexões, que me parece que a gente pega a inteligência e a capacidade que tu tem de penetrar nas coisas, de ler por dentro as coisas. E eu acho que a gente tinha que superar aquele discurso inferior da mulher que é fragilizada, que é estigmatizada, que é uma coitadinha, que chega no mundo pedindo licença[né], que é foco de piadas machistas. Tudo isso é verdade hoje. A minha filha trabalha no tribunal, na coisa machista da toga e ela é advogada e tal, e ela conta piadas machistas e eu acho que eles lidam com isso numa certa brincadeira, num certo lugar comum da coisa, mas o que eu quero dizer é o seguinte, eu acho que a Filosofia ela tinha que fazer desmistificações, porque se tu trabalha seriamente o texto filosófico, não é que tu tenhas que trabalhar tão bem, quanto o homem trabalha. Eu acho nojento essa coisa..eu acho que tem que ser uma coisa inteligente no sentido de não ser aquela coisa assim infantilizada [entendeu?]. Eu vou te dar um depoimento pessoal assim, até meio engraçado: eu tive muita dificuldade em trabalhar em cursos predominantemente femininos, por exemplo, serviço social, enfermagem e pedagogia. Por que? Houve uma relação de amor e ódio entre eu e as alunas nesses cursos, porque quando eu trabalhava textos de Ética com aquela exigência e aquele rigor que eu faço com os alunos da Filosofia, havia aquela choradeira: “Mas professora, porque eu tenho meu marido, meus filhos, não tenho tempo eu trabalho”. E eu dizia assim: “Mas que coisa horrorosa, essa choradeira boba, essa romantização da figura da mulher, pensando que vai me convencer”, eu acho repulsivo, sabe. Eu não sei te dizer ninguém, mas eu estou agora focando nesse aspecto [entendeu?] e aí eu acho que isso estimula pra quem quer um preconceito [entendeu?]. Se tu ta focado pra entender a coisa assim, de uma forma subalterna, deixa aquela mulherada toda não pensa, fazer o que? [sabe]. Porque isso é uma coisa muito estranha, por exemplo, para acrescentar então nesse esclarecimentos, nas alunas da Filosofia esse tipo de choradeira é menor, nas mulheres que fazem os cursos de Filosofia. Não to dizendo que não tem, pode ser que elas sejam e não expressem, mas eu não vejo como que uma manifestação quase que coletiva. Eu me lembro assim, quando eu fui dar umas notas, eu acho uma coisa aborrecidíssima essa coisa de nota e conceito, e veio aquele bando como se fossem umas crianças de segunda série primária, de ensino Fundamental, para falar com a tia, assim, entendeu? Mas isso me machuca por dentro, eu me olho como mulher nesses lugares. E eu digo pôxa, o que que mudou, o que cresceu? O que evoluiu na chamada globalização, que se é pra fazer corta, recorta, copia da internet, não sei o que e achar que ta tudo bem. Se dispensar de pensar e fazer um texto. Eu não seria verdadeira se eu dissesse que é 100%,

mas eu diria que é 85 ou 90. E foi uma experiência que para mim não foi boa. Ficou aquela coisa assim...

Pesquisadora: De qual é o meu papel??

“Rebelde”: Exatamente, isso, então é nesse sentido. Como é agir com inteligência? É passar a mão na cabeça das meninas? Nesse processo dos limites deles, porque, eles não entendem muito as coisas. Eu vejo assim, meu neto tem um ano e meio, pequenininho, então tu tens que ficar fazendo outras coisas para ele não se machucar, não se quebrar, não sei o que, mas com as pessoas que são mães de filhos, que trabalham em escola, algumas até diretoras de escolas, que talvez tenham anos de magistério tanto quanto eu tenho e vem com essa choradeira, eu diria, entre aspas ou sem aspas. Daí entra a figura da mulher. Afinal, daí a figura da mulher é isso mesmo sabe, é o fato de que tu pega uma mulher assim que luta, que tem uma seriedade, tem uma discussão, tem um critério, fica aquela coisa ali, ela é pouco feminina, ou não sei o que, ela vem ao avesso da coisa. Acho que é muito difícil chegar no elemento certo, mas eu acho que agir com inteligência é você ter critérios, ter inteligência, ter medidas, ter valores, ter escolhas e eu acho nesse sentido. Uma coisa que eu observo, uma vez eu tava comentando com meu companheiro esses dias, assim, eu vejo mulheres, digamos que elas são, comportamento natural, elas assumem um cargo de chefia. Seja de um banco, seja de empresa, seja do que for, elas assumem uma postura masculina, magestática, até a forma de colocar o óculos, de dar ordem, de bater o pé no chão, parece que para serem respeitadas, então é a coisa falocrática mesmo, e eu acho isso muito sério, muito triste, as pessoas vem com aquele discurso pronto assim, que é isso? Eu não tenho problema de trabalhar meus argumentos, tanto com homem, quanto com mulheres, se eu tivesse que quebrar o pau, tanto com mulher, quanto com homem eu faço, se eu tiver que me aproximar idem, [sabe] eu não trabalho a dimensão do privilégio, a porque é mulher, porque é homem, eu não vejo assim [sabe], e eu acho que as coisas ficaram assim, eu acho que a academia é pouco contributiva, parece que fica uma zorrada, aquele bando de [não entendi] aquela coisa que é bonita, mas tem um outro universo. A gente não pode confundir o mundo do trabalho, com o mundo da família, até porque seria um pouco de hipocrisia porque não é assim, então tu fazer um jogo emocional, de necessidade afetiva pela sua própria condição de mulher, sabe, quando tu sabes que essas mesmas pessoas não chegariam nos professores homens [entende], isso que eu acho uma coisa indigna, e isso me revolta...só pra voltar ao ponto inicial..não sei Graziela, é um pouco assim...

Pesquisadora: [risos]

“Rebelde”: [risos], ai ai

Pesquisadora: Deixa eu desligar, então, isso aqui.

Entrevista II – “Rebelde”

-26 de Junho de 2006-Universidade do Vale do Rio dos Sinos-Unisinos

Pesquisadora: Eu pensei assim...na primeira entrevista você tinha dito que não sabia se tinha vocação para ser professora, que queria e gostava de refletir. Eu queria que tu falasse um pouquinho dessa diferença de ser professora de Filosofia e desse exercício reflexivo.

“Rebelde”: É meio uma camisa de onze varas, eu diria. Digamos assim, recolocando um pouco a questão Graziela. A essa altura eu acho que gosto de ser professora. Faz trinta anos que eu sou professora também [risos], mas o que eu não gosto é da coisa burocrática do magistério, sabe? Eu confesso que eu não gosto dessa coisa de fazer trabalho, de fazer prova, de avaliar, de dar conceito, de dar nota, eu acho assim, super penoso. Eu não gosto mesmo, e isso me cansa bastante. Isso é uma coisa. Outra coisa é a formação assim que a exigência da instituição, seja lá qual for, e que você tem um conteúdo determinado para ser dado, que ele começa em um determinado momento, tem uma seqüência, uma rotina, né. E que depois tem uma avaliação e depois começa de novo não sei o que. O que eu gostaria, o que eu acho gostoso na Filosofia, é exatamente você escrever, produzir, refletir e depois dar um curso para pessoas interessadas. Então essa era uma coisa que no início, como eu não gostava da coisa penosa e me parecia penoso isso quando eu comecei a trabalhar, ainda mais que eu comecei a trabalhar no tempo da ditadura que era mais terrível ainda. Então esse ritual, da rotina de classe, de avaliação, da disciplina, do silêncio, de punição, do prêmio, do castigo. Isso eu acho razoavelmente insuportável. Não sirvo para isso, porque eu não sei lidar com autoridade, não sei lidar com a norma, com a lei, não sei muito dessa coisa da vida regulada, não bate muito na minha cabeça. E a reflexão não, porque daí é outra instância, é outro diálogo, só para dar um exemplo recente, agora, quando eu fui fazer a palestra da Hannah Arendt [tocou o telefone]

“Rebelde”: O que eu estava falando? Em Ser professora, né?

Pesquisadora: Isso, porque o que me chamou atenção nessa tua fala foi a questão de ser professora de filosofia no exercício de refletir, como é que tu percebe essa diferença. No caso o que seria ser uma professora de Filosofia, ser professora implica no exercício de refletir?

“Rebelde”: É, antes eu estava falando para você que o que eu não gostava do exercício do magistério de uma forma geral é a coisa burocrática, essa coisa penosa, o processo de provas, avaliações, trabalhos, acho tudo muito cansativo e muito difícil de lidar, porque não sei lidar com isso, o que é diferente de uma orientação, de dissertação, de TCC [trabalho de conclusão de curso], de monografia, de tese. É outra coisa, é uma outra relação, digamos intersubjetiva.. O que você faz com o orientando é quase que uma cumplicidade teórica. Outra coisa é aquelas turmas imensas, né, que a gente tinha de épocas, as vezes de outros cursos, que eles não tinham nenhuma relação com a gente, nem a gente com eles. Aquela figura assim, quase que como da educação bancária, que vocês trabalham com esse conceito-deposita-recolhe-. Isso para mim, também é muito incomodativo. Me tirava um pouco do elemento forte da vida docente. Agora, eu vejo por exemplo que nem sempre o professor de filosofia é necessariamente um pesquisador. Ele pode vir a ser um pesquisador, ele pode se tornar se ele quiser, se tiver interesse, se tiver trabalho de investigação séria, dura nas chamadas áreas clássicas da Filosofia. Se ele tiver a posição de

categorias teóricas de inovação, ou de reaproximação, de releitura. Agora, eu penso que há muitos professores e professoras de Filosofia que trabalham um pouco certo magistério um pouco silencioso, um pouco aquietado, um pouco repetitivo, entendeu? Sem muita criação. Então inclusive a gente falava em filósofas, né? Eu acho que um problema que a gente tem é assim: qual é o critério para dizer quem é Filósofa ou é professora de Filosofia. Aliás, essa questão soa muito nos fóruns de Filosofia, tanto sobre a Filosofia no Ensino Médio, quanto na Anpof, que lida com a pós-graduação da área. Que é o seguinte, me parece com uma convenção interna, própria. Que o Filósofo é aquele que constrói categorias teóricas, que consegue trabalhar conceitos, reler conceitos e superar esses conceitos. E que vê algumas coisas da sua própria capacidade, de sua própria competência, de sua própria leitura. Não é alguém assim, que só repete os grande autores. Sabe? Um resumo historiográfico de realizações, para mim, não produz aquilo que na minha compreensão seria atitude. Então, por isso que eu acho que teria grande dificuldade, até mesmo em fazer a historiografia da Filosofia no Brasil. É muito difícil você destacar alguns nomes, né? Que não tenham..por que no início, se a gente pensa no século XIX e até a metade do século XX as pessoas que se destacavam no Brasil, envolvidas na Filosofia eram mais repetidores, dos clássicos, ou das grandes escolas, mas com muita dificuldade de concessores de conceito. Teve no Brasil, na década de 60, o ISEB (como eu escrevo esse nome?) que até foi objeto da minha tese de doutorado, que chamava Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Que tentou fazer a seguinte coisa: Pensar o Brasil do ponto de vista da própria nação Brasileira, onde se destaca Álvaro Pinto, Guerreira Ramos, Roland Corbisier. Que são pessoas que tentaram construir uma categoria teórica chamada cultura brasileira no desenvolvimento nacional. Deu muita polêmica, muita briga como sempre dá. Mas acho que foi uma coisa nova, porque o resto apareceu assim: tomismo no Brasil, marxismo no Brasil, essencialismo no Brasil e hoje ainda se discute afinal: É filosofia no Brasil, ou é Filosofia Brasileira? Assim como se diz Filosofia Italiana. Então, você tem elementos para dizer assim o que é uma filosofia Italiana, não é só a filosofia nata, sabe? Daí essa é a coisa que reúne de novo com o eixo da tua pergunta. O fazer filosófico tem haver com o fazer de magistério? Pode ter, mas não necessariamente. Eu acho que na vida de muitas pessoas, isso se fosse fazer uma investigação, o ensinar Filosofia, parece que é um elemento mais inferior, não sei se seria mais da retórica, mas seria mais uma exposição sistemática de conceito, mas não da criação. E isso eu acho que é um certo reducionismo, empobrece um pouco. Por aí...

Pesquisadora: E outra coisa que tu tinha colocado no nosso outro encontro: Tinha falado da paixão por escrever, né? E disse também que não se considerava nem uma literata e nem uma escritora. [Risos], daí eu queria que tu falasse um pouquinho nisso.

“Rebelde”: Pois é Graziela, porque o que é ser escritora? Parece que ser escritora é aquela que vendem a milhão, ou que estão na mídia, ou que estão nos programas televisivos, a partir dos livros que escrevem e tudo mais. Eu confesso assim, que se, ser escritora é ter o ofício de escrever, até eu poderia me aproximar de ser escritora. Eu escrevo, gosto de escrever e estou sempre escrevendo e publicando. Agora, ser escritora do ponto de vista de viver da profissão de escritora e de viver de venda de livros, de poder ter meus escritos feitos pelas editoras comerciais e publicados e distribuídos no comércio, isso eu não tenho. Então se você pensa bem e agora te dando exatamente na minha pessoa, que a gente ta conversando sobre isso [risos]. Eu não sou conhecida como escritora, talvez as pessoas me conheçam como alguém que lida com a Filosofia, que escreve poesias e escreve textos filosóficos, né? Mas do ponto de vista de escritora é a Nélida Pinõn, a Lia Luft, esse povo aí, que lida também. E parece que associa escritora com a literatura.

É muito difícil que você veja assim, filósofa e escritora, por muito tempo quando eu morava em Santa Maria, eu escrevia sistematicamente para o jornal local e eu colocava no final do meu artigo, (que até tenho reunido para tentar publicar um conjunto de artigos que são conjunturais), filósofa e escritora, né. Mas daí ouve um momento que me deu um impacto, mas o que é isso, eu estou me chamando disso, mas será que eu sou isso? Tipo uma crise de identidade a partir de um viés de como também o outro te olha? Se tu me perguntares, eu me sinto, eu me sinto, eu sou e exerço essa função de pensar e de escrever sobre o que eu penso e de debater o que os outros pensam, e a partir do que os outros pensam, do que eu penso. Então, digamos, eu exerço um papel, mas não há um reconhecimento público disso aí. Aliás esses dias quando eu tava dando aula, nova mente eu me refiro a recente palestra da Hannah Arendt, que a gente falava para pessoas que não eram meus alunos, nem meus pares. Tinham dois ou três colegas meus, inclusive o reitor, o que foi muita honra [risos], são pessoas da comunidade, que vão lá porque é um evento que a Livraria Cultura faz. E assim, me chamava muita atenção a possibilidade de conversar com essas pessoas e de ser interrogada por eles de discutir e debater um pouco. Digamos assim, e alguém me disse assim: “de repente essas pessoas queiram te conhecer mais, pode ser que elas tenham vindo aqui por causa da Hannah Arendt e não por causa da “Rebelde”. Eu acho que elas tinham que vir aqui por causa minha”. Entende, me chamou atenção e vai em cima do que você está me perguntando.

Pesquisadora: E no jornal o que tu fez? Deixou filósofa?

“Rebelde”: Daí eu parei, não colocava filósofa, esse codinome [risos].

Pesquisadora: e hoje?

“Rebelde”: E daí hoje eu me identifico, porque quando eu vou fazer meu artigos para congressos, essas coisas eu boto, professora de Filosofia da Unisinos, parará, essas coisas assim, não boto mais filósofa e escritora. Entende? Eu acho que ficou muito ornamental, né. E aí eu fico assim. A minha modéstia faz um muro nisso aí e eu [breve silêncio] porque a rigor eu vejo que para ser filósofa e escritora tem que haver um reconhecimento da comunidade, dos pares e enfim, dos que lidam com isso. Não é eu que me digo escritora, não é eu que me digo filósofa. Eu já tive debate sobre a questão do meu livro da ética da necessidade, de pessoas que disseram assim: “você construiu uma categoria teórica, ética da necessidade. Isso é super interessante, você tem que valorizar mais isso, divulgar mais esse livro”, e tal. Daí tem toda uma história, o livro é editado pela editora da Unisinos que não é uma editora comercial, ela está no circuito das editoras Universitárias. Inclusive quando eu estive em Brasília na Universidade Católica, até por conta também das questões levantadas nesse livro, as pessoas me diziam que tiveram a maior dificuldade de comprar o livro, porque elas procuravam em Brasília e não achavam, porque não sei como é que é a distribuição das editoras universitárias e também nesse debate sempre aparece essa questão né. É um conceito, assim como tem ética da alteridade, de Levinás? Ética do discurso, de Habermas, você construiu uma categoria teórica chamada ética da necessidade e isso tem sentido, talvez você não esteja conseguindo estar vendo o tamanho do que você fez.

Pesquisadora: E quando você falou dos livros, ali. Eu me lembro que eu vi o teu livro lá na editora da UFRGS, né. Aqui na UNISINOS também..

“Rebelde”: É, mas a gente não vê muito, está bem no circuito da academia. Por exemplo, na feira do livro mesmo, algumas vezes que eu fui tentar colocar livros de poesias, porque como são coisas alternativas, você tem que entrar por dentro de uma editora para ela fazer uma distribuição de livros. Mas parece que elas só querem trabalhar as pessoas que já são conhecidas, que já são best-sellers. Eu tenho muita vontade de começar a escrever contos, porque eu gosto, e é um outro lado. Certo de quando chegar o meu tempo, de uma segunda aposentadoria [risos], eu vou me dedicar a fazer isso. Eu gosto de fazer isso, isso é o meu ofício, digamos é meio terapêutico, assim, digamos, escrever, né? Parece que meu olhar sobre o mundo, a minha tensão sobre o mundo e sobre as pessoas passa pela coisa de escrever, é um pouco assim um [não compreendi a fala] que eu me deságuo [risos]

Pesquisadora: Tu também tinha dito que, falando com relação ao fato de tu ir na ANPED, em Santa Maria, atuar em uma área que é da educação...tú falava um pouco de teus receios, né, as tuas sensações naquela semana e tu disse que nunca tinha sido convidada para atuar num evento de Filosofia lá, em Santa Maria, né?

“Rebelde”: Na Federal, na Universidade Federal de Santa Maria

Pesquisadora: É, na Universidade Federal de Santa Maria e que isso tinha uma carga que era significativa, eu queria que tu falasse um pouco mais dessa carga.

“Rebelde”: É eu acho assim, até na parte anterior da entrevista você pergunta o que aconteceu, né que eu tava falando que depois de mim nenhuma mulher entrou né, e eu não entendi porque. Porque veja bem, quando eu entrei na Universidade como aluna em 66 [ano de 1966], não tinha nenhuma professora de Filosofia, daí depois apareceu uma psicóloga e aí só para te mostrar um pouco da caricatura, da coisa do ridículo, essa pessoa que nos daria psicologia da educação, ela não entendia nada de [não entendi a fala] assim, nós como bons adolescentes, comuns e normais, nós odiávamos a mulher, só que era uma professora que não entendia nada do que estava falando. Daí ela falava assim, de receita de bolo, de fralda de criança, de mamadeira, né. E nós *altamente revolucionários*, não queríamos saber nada disso e aí houve um momento em que a gente descobriu, que ela tinha entrado lá para pedir um emprego, apesar de ser público, como datilógrafa, pois ela era uma pessoa que estava desempregada e colocaram ela para dar psicologia da educação. Então a figura da mulher, falando isso em termo de Universidade, no Ensino Médio e no Ensino Fundamental eu tive professoras boas e professoras mulheres. Mas to falando da Universidade. Depois, teve uma outra que dava didática, que era um absurdo, e nós falávamos de uma forma muito preconceituosa, da burrice da mulher. Por que? Porque ela dizia que tínhamos que fazer experiências com as crianças, e com os adolescentes quando nós fossemos ser professores. Então ela colocava o sal dentro de uma água e ela mandava nós prestarmos atenção no que acontecia com o pó e o sal, dentro da água. Sem comentários. E aí que parece que era filósofa, que tinha formação em Filosofia, que até eu relato ali, quando tu pede [se referindo a devolução que fiz da primeira entrevista] e que nos dava filosofia da educação. Daí nós estávamos super atentos? Na metade do curso, porque era seriado, naquela época não era por semestre, isso assim, lá por setembro, outubro, ela nos abandonou, porque ela achava nós insuportáveis, porque nós perguntávamos muito. Nós éramos muito críticos, e era impossível dar aula para nós, críticos. Então assim, as três pessoas que foram professoras no meu curso de graduação foi esse desastre. Aí depois, eu me formei e tal, essas coisas todas e quando eu entrei na Universidade, tinha uma professora de Lógica, que realmente era formada em Filosofia, e que

depois cumpriu seu tempo de aposentadoria e aí ficou só eu. Ficamos duas, ficou só eu e ela, daí ela se aposentou e ficou só eu. E aí eu me aposentei e nunca mais entrou uma mulher no departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. Aí você veja bem, eu me aposentei em Abril de 94, nós estamos em Junho de 2006, nesse tempo que passou é evidente que houve concurso para docente, e há um quadro renovado de professores jovens. E é impossível que nenhuma mulher tenha se candidatado para ser professora. Daí eu to lidando com a questão da suspeita, de uma informação secundária, de que não há interesse de que seja contratado mulheres, então por questões de décimos, se uma mulher tira 8,25, o homem tira 8,35, por exemplo e o que eu conheço de meninas que foram minhas orientandas e que hoje trabalham na área da educação. Que tentaram fazer concurso lá e foi exatamente assim que aconteceu.

Pesquisadora: E com relação a ti, não recebeu convite?

“Rebelde”: Eu vejo que é um pouco essa questão. Vejo não, eu tenho certeza disso. Que é uma questão ideológica, né? Por causa de meu pensamento de esquerda, e não é de uma esquerda panfletária, é de uma esquerda revolucionária mesmo, combativa, crítica, e que incomodava aquele povo que era muito leitor de Kant e de Hegel, no máximo. Quem trabalhou Marx primeiro foi eu, e também depois de mim, eu penso que ninguém mais trabalhou Marx lá na UFSM [referindo-se a Universidade Federal de Santa Maria]. Não é porque Marx seja assim, o maior filósofo do mundo, mas ele criou uma teoria e teve uma importância tal que nem ele sabia que ia ter, e que incomodou, né? Assim como Sócrates na época dele. Então eu acho que é tipo isso, sabe? Por que trazer uma pessoa que não pensa como nós, que não vai contribuir e que não vai fortalecer nossa rede? E que agradavelmente eu não senti absolutamente nada disso aqui na Unisinos. Até esses dias eu dizia numa turma de alunos, que pode ser que se tenha muitas críticas a Unisinos, a alguns elementos internos, mas eu não tenho a crítica da questão da democracia na Unisinos, acho que ela é plena, seja no ponto de vista ideológico, religioso, científico, racial, sabe, para mim é agradável o ambiente da Filosofia da Unisinos. Eu costumo dizer isso em alto e bom tom, por onde eu vou, que a figura do Marcelo Aquino, é uma figura muito ímpar nesse aspecto, porque ele é uma figura muito agregadora. Não significa aqui que nós os doze professores do PPG pensemos da mesma forma, ao contrário, acho que cada um pensa de A à Z diferente, mas a gente vive em um ambiente exatamente da democracia, do argumento, da discussão, do debate. Nós fizemos uma vez por mês reuniões de estudo e pesquisa e cada um relata seu projeto de pesquisa, que dá belas e boas discussões, assim, absolutamente antagônicas, mas muito interessantes nesse ponto de vista. Agora, voltando a questão da figura da mulher, aqui nós também somos poucas mulheres, doutoras em Filosofia, formadas em Filosofia, para trabalhar no PPG [programa de pós-graduação. Também tem toda aquela coisa da CAPES, que tem que ter o doutorado em Filosofia, então nós temos uma pessoa que também é formada em Filosofia, mas o doutorado dela foi na área da teologia, aí ela não está integrada, ta integrada na graduação. Então a rigor na área da Filosofia nós somos três. A Cleide, a Ana Carolina e eu. Então, e aí a gente vai perguntar: Cadê as outras mulheres filósofas? Na UFRGS, que eu tenho notícia, tem duas mulheres. Na PUC [referindo-se a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], até onde eu tenho informação nos cursos de Filosofia, no departamento e no instituto de Filosofia, a chamada linha dura da Filosofia não tem nenhuma mulher, porque a Nadja, trabalha na área da educação e lá na UFRGS, ela também trabalhava na área da educação, parece. Então assim, fica toda uma história bem complexa. Eu não poderia também inventar muitos demônios né, e dizer que é uma perseguição..não acho que seja isso. Mas é expressiva de fato. E Santa Maria tem consciência disso, por exemplo, o pessoal da UNIFRA, que é uma

faculdade particular de Santa Maria sempre me chamam para palestra, agora me chamaram para outra em Outubro. O pessoal da área da Filosofia mesmo.

Pesquisadora: Hum

“Rebelde”: E o pessoal da área da educação de Santa Maria me chama muito. O pessoal da história de Santa Maria, agora o pessoal da Filosofia..Aí é uma coisa muito localizada [risos].

Pesquisadora: Mas então era isso.

Entrevista I – “Militante”

Em sua casa

Porto Alegre, 31 de Maio de 2006.

Pesquisadora: Fala um pouco para mim “Militante”, como foi a tua entrada na Filosofia

“Militante”: Bom, em primeiro lugar gostaria de informar que eu não fiz Filosofia, na minha graduação. Fiz pedagogia. Após fiz Administração Escolar e Supervisão Escolar. Concluí o curso de Pedagogia em 68, e antes de terminar a pedagogia eu já era diretora do curso Primário do Colégio Seigné. A minha preocupação não era só administrar, preocupava-me com a formação pedagógica dos professores, com o trabalho dos professores em sala de aula. Quando concluí o curso de Pedagogia foi transferida para a cidade de Rio Grande, lá fui diretora da Colégio Santa Joana d’Arc durante 8 anos. Sempre tive preocupação com a formação dos professores. Como diretora dedicava-me mais com as questões pedagógicas do que com as administrativas. No meu estágio em supervisão escolar trabalhei com os professores a Filosofia da escola.

Como cheguei a Filosofia? Sentia falta de fundamentação. Nas reuniões com os professores percebia que os filósofos sempre tinham um aprofundamento maior, eles sempre tinham questões críticas que escapavam aos pedagogos ou para outras áreas do conhecimento. Num determinado momento e eu me dei conta que eu deveria fazer um outro curso para ter essa fundamentação. Foi quando eu procurei a PUCRS e fiz mestrado em Filosofia e comecei a trabalhar Filosofia latino-americana, que também eu desconhecia, embora eu trabalhasse com movimentos sociais e tinha bastante engajamento nesse sentido. Antes de entrar no mestrado em filosofia, já conhecia a pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Obtivemos um exemplar xeroxado através do Uruguai, porque aqui, no Brasil, era proibido na época da ditadura militar. Então nós trazíamos xerox do Uruguai, assim líamos a pedagogia libertadora de Paulo Freire. Fizemos todos os regimentos das nossas escolas particulares baseados na pedagogia do oprimido e com isso eu comecei a me interessar realmente em estudar e pesquisar Filosofia.

E quando iniciei o Mestrado, na PUC, por coincidência ou não, o professor Pivatto colocou uma série de autores para que nós escolhermos um deles para fazermos seminário.

Então ele colocou, entre os latino-americanos Enrique Dussel. Foi o primeiro filósofo que escolhi para apresentar o seminário e posso afirmar que foi quando realmente eu comecei a entender melhor o meu trabalho popular. Não como ativista ou apostolado, mas sim como engajamento com os empobrecidos. Eu fazia trabalho pastoral, alfabetização de adultos, clubes de mães, creches, enfim, trabalhava com essa população e com os acampados, isto é, os sem-terra. Nós ficamos três meses com os acampados do primeiro acampamento de Ronda Alta, levamos as alunas do magistério, ficamos três meses trabalhando com as crianças, elas não tinham escolas.

A partir das leituras do Paulo Freire e dos filósofos latino-americanos comecei a entender melhor também esse envolvimento que nós estávamos tendo, o trabalho que fazíamos com o povo.

A partir do mestrado, acho que foi muito interessante, foi muito bom, foi um trabalho mais consistente e consciente. Além do Dussel, eu fiz trabalho com autores da Escola de Frankfurt, especialmente Horkheimer, trabalhei a Crítica da razão instrumental. Como dissertação de mestrado trabalhei: O projeto alterativo das comunidades eclesiais de Base, a partir da experiência do meu envolvimento com a população, com o trabalho popular. Eu

acho que não se não pode tirar o pé da realidade, mesmo trabalhando na universidade. Eu sempre mantive um vínculo popular.

Como comecei a trabalhar a questão do feminino...

Quando entrei na FURG, por sugestão de uma amiga, que é uma mulher negra, que trabalha com consciência negra, ela me sugeriu que trabalhasse com as mulheres de pescadores, lá em Rio Grande e Pelotas? Então, eu fiz um projeto, que foi aprovado pelo CNPq, eu trabalhei durante uns cinco anos que as bolsistas do CNPq e quando eu fui para o Doutorado em Filosofia eu aproveitei aqueles trabalhos todos para fazer a tese do doutorado. Continuei com o aprofundamento na obra de Enrique Dussel e apliquei as categorias de Alteridade e Feminino a uma realidade histórico-social latino-americana.

Na Universidade eu comecei a trabalhar Filosofia da Educação. Trabalhei na Federal durante dez vários anos.

Pesquisadora: E tu veio da Pedagogia e qual foi a diferença que tu sentiu da pedagogia para a Filosofia?

“Militante”: A diferença que eu sinto entre pedagogia e a Filosofia, é o que na Filosofia me trouxe de bom. A pedagogia oportuniza uma visão ampla das coisas, de diferentes áreas que se relacionam, com a Educação. Dá uma visão de psicologia, sociologia, filosofia, antropologia, etc. A gente tem uma visão destas disciplinas. A diferença com a filosofia que esta me mostrou ou vai às raízes das teorias pedagógicas. Na pedagogia, ainda hoje eu vejo assim, as pedagogas não conseguem distinguir uma teoria pedagógica vinculada com uma epistemologia. Por exemplo, trabalha-se Paulo Freire e Piaget indistintamente, sem mostrar as raízes filosóficas dos autores. A filosofia me possibilita essa distinção, esse esclarecimento. Eu vejo ainda hoje a pedagogia assim, ela tem uma amplitude de conhecimentos, mas sempre gerais, não aprofunda e a Filosofia aprofunda, vai aos conceitos. As idéias que desenvolvo nas minhas aulas, na Universidade procuro mostrar de onde parte, e que conseqüências conduzem. Então acho que a diferença entre pedagogia e Filosofia me trouxe isso.

Pesquisadora: Eu lembro que a primeira vez que a gente se encontrou lá na Puc, na Ulbra e tu disse pra mim que tinha uma paixão em trabalhar com as filósofas, e se eu não me engano tu disseste que isso era uma paixão que tu tinha e isso tu não trabalhava em sala de aula. Eu queria que tu falasse um pouco dessa paixão que tu tem de trabalhar com as filósofas, eu conheço um pouco. [risos]

“Militante”: [risos]. Olha a paixão no sentido de linha de pesquisa, porque como eu te disse, quando eu fui trabalhar na Universidade Federal eu comecei trabalhando com a questão de gênero. Eu trabalhei sempre nessa linha de pesquisa, e quando eu cheguei na ULBRA, não tinha essa linha de pesquisa e nem hoje tem, que eu conheça pelo menos, nem na sociologia e muito menos na minha área, na filosofia que só tem homens. Na Teologia menos ainda e na pedagogia também não tem, então eu trabalhei durante dois anos, sozinha. Trabalhei dois anos só com essa pesquisa na ULBRA, depois eu fui convidada a trabalhar com ensino superior, a docência no Ensino Superior, que era uma linha de pesquisa do mestrado e ainda é da ULBRA. Então eu sempre gostei de trabalhar as...questões de gênero, filósofas e a Filosofia é realmente algo que gosto e quero escrever sobre isso, trabalhar e fazer pesquisa, mas atualmente não tenho grupo, uma linha de pesquisa no meu local de trabalho. Então por isso que eu disse que é uma paixão, mas não é o que eu me dedico no momento. Em sala de aula eu trabalho sempre a formação da mulher, dentro da Filosofia da Educação. Eu trabalhava um capítulo sobre a educação da mulher e é muito interessante porque os homens [Não concluiu]

o primeiro curso que eu dei, eu fiquei impressionada, que eu dei antes do intervalo. Então eles leram o texto, ah falei, depois eu dei o texto e daí eu falei assim: “Depois do intervalo as mulheres vão fazer as perguntas e os homens vão responder. Quando voltamos os homens haviam ido embora.

Pesquisadora: [risos]

“Militante”: [risos], eles se apavoraram e não voltaram mais para a aula. Mas depois eu não fiz mais isso, claro. Nos outros semestres eu sempre trabalhava, introduzia, mas ficava assim um trabalho mais junto. [Risos] Não dava esse susto nos homens.. Mas é muito importante, porque tem muita gente, muitos alunos, principalmente da Educação Física, que são novos, são guris que dizem: Professora eu nunca pensei nisso. **Sabe eles nunca pensaram sobre a mulher; sua opressão, a discriminação..** “que coisa estranha pensar isso” [lembrando as falas dos alunos]. Eles ficam assim estranhando, como é que eu vou poder falar sobre a mulher. Nunca tinham pensado sobre a opressão da mulher [lembrando a fala dos alunos] [risos].

Pesquisadora: E lá em 80 quando você entrou na Filosofia...no mestrado. Como foi? Tinham mais mulheres?

“Militante”: No mestrado até foi muito interessante porque tinha o grupo da filosofia, que era formado em Filosofia. Eram duas mulheres e os outros eram todos homens e quando nós chegamos no grupo e cada um se apresentou e eu então era da Pedagogia, tinha uma da sociologia e uma da psicologia, mas daí uma das mulheres, que era da Filosofia disse assim: “mas o que vocês estão fazendo aqui?” Ela não entendeu porque que nós de outras áreas, ela achava que nós não iríamos ter condições de acompanhar. Só quando começaram os seminários é que fomos aceitas e admiradas pela qualidade das nossas respostas. O grupo da filosofia se voltou e realmente queria muito estudar conosco, fazer seminário juntos, mas no começo fomos rejeitados pelos alunos da filosofia. Agora uma coisa estranha na filosofia, porque os homens seminaristas ou ex-seminaristas sempre me defendiam porque, claro não era bem visto o meu trabalho, trabalho sobre as comunidades de base. A minha dissertação era sobre o projeto alternativo das comunidades eclesiais de base, então eu mostrava que o projeto não era alternativo, não era um outro projeto. Era um mesmo projeto que voltava para a população mais carente. Como a igreja perdia a classe média, então nós íamos para lá. Procurava mostrar isso na minha tese. A conquista que eu tive com o grupo da Filosofia, principalmente os homens, foi muito boa, todos eles me defendiam.

Pesquisadora: Deixa eu virar a fita

“Militante”: Eu também não sei Graziela se isso tem algo a ver. Você tem que ter mais conteúdo. Sei lá. Ou é isso a segunda parte? Não sei se você quer isso na segunda parte

Pesquisadora: Depois, agora é..

“Militante”: Agora é só histórico, realmente é muito pessoal. A não ser que depois você consiga fazer assim uma, claro na medida que você vai escrevendo, como um primeiro momento pra ir conhecendo

Pesquisadora: Num primeiro momento é mais para eu ir conhecendo. Depois na hora de transcrever vai aparecendo..essa primeira parte é mais para ir conhecendo..

Pesquisadora: As outras questões vão aparecer, por isso que não trouxe nada assim...

“Militante”: Huhum

Pesquisadora: nada pronto.

“Militante”: Porque eu estava pensando que quando eu fui fazer o meu memorial acadêmico eu relembrei desde que livros eu lia, a forma como fui educada. Porque é importante saber porque a pessoa pensa dessa ou daquela forma. Então eu não sei. Por isso que eu estou te dizendo eu não sei se isso vai valer para alguma coisa, porque se for só para conhecer, então como foi meu primeiro contato com a Filosofia, foi dessa forma.

Pesquisadora: Então ta, você me mostra o teu memorial?

“Militante”: Sim

Pesquisadora: Então “Militante”, com relação que você falou que teve uma admiração dos homens com o teu trabalho...eu gostaria que você falasse como que é ser professora, ser mulher na Filosofia; um pouquinho dessa trajetória.

“Militante”: Como professora de Filosofia, tanto em Rio Grande (que são os lugares que eu trabalhei com Filosofia), quanto na ULBRA-Filosofia da Educação- a mulher é sempre minoria. Em Rio Grande tinha três homens e eu. Então eu não, como é que eu vou te dizer? Eu não me sinto diminuída, me sinto igual, com igual capacidade. Não tenho nenhuma submissão. Me imponho de igual para igual, entende? Tanto nas discussões, quanto nas distribuições da carga horária, isto na Federal, porque na Ulbra não se distribui carga horária porque a coordenação distribui, mas Rio Grande a gente distribuía a carga horária.

Pesquisadora: Você ainda pegou fases complicadas com relação à Filosofia, como na Ditadura...

“Militante”: Não é em relação a Filosofia. Em relação a ditadura, na época eu era diretora de escola. Sim eu peguei muito a questão do AI5, peguei como diretora de escola. Quanto ao meu trabalho popular, sim, nós pegamos o Curió em Ronda Alta. Cada vez que nós íamos ao acampamento eles tiravam fotografias dos dirigentes que eram nós, os professores.

Pesquisadora: Agora eu me lembrei da Edith Steim. Da Edith Steim não, da Simone Weil, me referindo ao olhar dela ao pobre, me deu vontade de saber porque tu escolheu trabalhar essas quatro pensadoras que tu está pesquisando agora?

“Militante”: Olha..na verdade porque...

[Toca o telefone]

Daí eu tive que escolher quatro mulheres que eu combinei com o Ricardo [se referindo Ao Ricardo Timm], já mortas , para que as obras delas estivessem completas, porque eu trabalhei Dussel, no meu mestrado e no Doutorado e é difícil trabalhar um autor vivo, porque ele vai escrevendo sempre e daí você pode até fazer afirmações, ou tirar conclusões que depois não são reais. Mas então, digamos, um critério foi esse, mas depois os outros...Simone de

Beauvoir, falar de mulheres e a filosofia do meu ponto de vista ela é modelo. As outras, tanto a Stein, quanto a Simone Weil, pela vida das duas, pois as duas foram filósofas e foram filósofas com compromisso político. Elas sabiam o seu tempo e a Maria Zambrano, ela é fantástica, ela consegue misturar, pelo que eu li dela, filosofia e literatura. Eu acho também, assim um ponto fundamental na Filosofia, atualmente. Filosofia e literatura. Além dela ser uma pessoa extremamente comprometida com a liberdade e com a justiça. Ela é muito interessante nesse ponto. A tal ponto que ela ficou mais do que quarenta anos exilada. Então não podia escolher outras [risos].

Pesquisadora: Pois é, pena que tu não tem muito, como você falou antes, espaço para trabalhar..

“Militante”: Para desenvolver um trabalho sobre essas mulheres demanda muito tempo e investimento. Por exemplo, a Zambrano não tem nenhum livro traduzido no Brasil. Só um em português de Portugal. Eu li uma crítica de uma dinamarquesa. Ela fez uma tese de doutorado sobre Maria Zambrano e na tese ela critica esse tradutor do português. Ela diz que ele só repete o que ela disse, ele não tem uma visão crítica da obra, e que ela pensa em fazer essa revisão crítica da obra da Zambrano.

Pesquisadora: E você o que acha que tem que ser feito para melhorar essa problemática das mulheres na Filosofia..você que tem uma biblioteca muito boa de pensadoras mulheres, mas que ao mesmo tempo enfrenta toda essa problemática de atuar mesmo com estas questões na Filosofia? Como superar isso?

“Militante”: Eu não saberia ainda como [tocou o interfone] Então como eu vejo, para trabalhar, bom perspectivas, eu estou tentando voltar ou montar uma linha de pesquisa na ULBRA sobre a questão de gênero, já é uma forma. E vou apresentar então nessa perspectiva das quatro filósofas que eu estou trabalhando e vou mandar para o CNPQ para ver se eu consigo bolsa de pesquisa. Isso tudo assim, sexta feira eu já vou começar esse projeto. Seria uma perspectiva. A segunda, eu trabalho numa outra instituição, que é uma faculdade isolada e eles me convidaram para trabalhar no mestrado que eles estão implantando em ciências contábeis. Eu disse que não tinha aderência, filosofia e ciências contábeis, mas o coordenador disse que era tudo o que eles queriam. Que viesse alguém de outra área e que eu posso trabalhar gênero e gestão. Assim por exemplo, quantas mulheres, ou como são as mulheres que têm gestão em empresas no Rio Grande do Sul. Então eles me deram uma linha de trabalho, de pesquisa para saber: A mulher e a gestão nas empresas do Rio Grande do Sul. Então eu achei interessante. Vou trabalhar; não é Filosofia, mas é dentro das questões de gênero e eu posso aplicar dentro da bibliografia que eu tenho, da Filosofia. Então foi interessante. Eu já te falei que ia levar o teu currículo.

Pesquisadora: E na Filosofia mesmo? Isso é na pedagogia?

“Militante”: Na ULBRA?

Pesquisadora: É

“Militante”: Eu não trabalho na pedagogia, eu trabalho em todas as licenciaturas, a pedagogia é uma das licenciaturas, eu trabalho com todas, física, química, matemática, letras, pedagogia, artes visuais, eu sei que tem mais, são oito ou nove licenciaturas. Todas elas passam por mim. É muito interessante, é muito bom de trabalhar porque eles têm visões epistemológicas nas

diferentes áreas de conhecimento. É muito interessante. Então ali eu não sei como é que eu vou integrar a questão de gênero ou as questões de mulheres. Eu vou ver textos, alguma coisa muito difícil, porque na verdade elas não são epistemólogas. A Edith Stein que era fenomenóloga, ela foi aluna do Husserl, a Weil, acho que ela era existencialista. Eu não sei exatamente...

Pesquisadora: Ela vai no Sartre

“Militante”: Assim como a Simone então. Eu vou ver como eu posso trabalhar.

Pesquisadora: “Militante”, então para encerrar e não se estender muito eu queria que tu falasse da tua...de onde que tú vem, de onde que tu é?

“Militante”: Eu nasci em Garibaldi, numa região quase que exclusivamente de imigrantes Italiano. Eu falei Italiano até entrar na escola, eu não sabia português. Minha experiência era muito limitada. Então na escola aprendi português, que é a minha segunda língua na verdade. Como nós morávamos no interior e não havia ginásio, quando tinha doze anos fui estudar em colégio interno, para fazer o ginásio em Marcelino Ramos, que era das irmãs do São José. E eu gostava muito delas, eu achava as irmãs maravilhosas, como elas tratavam as pessoas, como elas nos tratavam, de tal forma que eu quis ser igual. Eu lia muito livros sobre missões, daquelas pessoas que iam para África [risos], vidas de santos. Então quando eu terminei o ginásio, voltei para Garibaldi no convento. Fiquei cinco anos em Garibaldi me preparando, para o noviciado, para a vida religiosa. Daí eu fiz magistério, entrei no noviciado. Quando eu terminei o estágio do magistério eu não conhecia Porto Alegre e me mandaram para Porto Alegre fazer vestibular na PUC. Fazer o curso de Pedagogia.

Pesquisadora: Onde era? E o que tua mãe e teu pai eram?

“Militante”: Agricultores

Pesquisadora: Aha

“Militante”: Trabalhavam na agricultura, tinham terras, criavam porcos. Toda a região lá era assim, vendiam muito leite, queijo e principalmente porcos. Só depois que eu sai que surgiu a soja, então começaram a plantar soja. Mas antes era milho, trigo e criavam porcos.

Pesquisadora: E você nunca quis trabalhar nisso?

“Militante”: Na verdade eu mesmo estando em casa eu sempre desde criança, eu cuidava de duas irmãs e um irmão, porque os outros nasceram depois que eu saí de casa. Nossos pais oportunizaram estudo para todos nós, embora nem todos os aproveitaram. Todas nós estudamos. O pai fez questão, que todas estudassem, com muito sacrifício ele fez isso. Realmente as pessoas de 60, 50 anos atrás mandar as mulheres estudarem é uma coisa muito estranha

Pesquisadora: Então ta...¹¹⁷

¹¹⁷ Esta entrevista foi feita um dia após o falecimento de minha avó paterna, acredito que essa perda afetou na minha condução das falas e perguntas.

Memorial acadêmico- “Militante”

Trajectoria Acadêmica - meu encontro com a filosofia¹¹⁸

Longe de ser um vão retorno ao passado, esta reflexão – ou itinerário de minha experiência acadêmica e profissional – mostra um aspecto da história dinâmica dos debates e dos conflitos que dizem respeito à educação em nosso contexto, inserida na concretude do mundo e que, sem medo dos riscos, se caracterizou e continua se caracterizando por uma busca constante.

Olhando para o passado com os olhos do presente, surpreende uma considerável “ruptura” entre a educação que recebi, primeiramente como aluna no curso primário feito numa escola comunitária (escola construído pelos nossos pais), com um professor cedido pelo município, e a educação que recebi nos posteriores cursos ginásial, normal e universitário, realizados em escola particular de confissão católica, ruptura esta que de certa forma se repete entre a minha atuação como docente e diretora primeiramente de escola particular e, atualmente, como docente e diretora de uma universidade pública.

Curso primário cursado numa escola unidocente, cujos alunos eram todos provenientes de famílias de imigrantes italianos, alemães e poloneses. Todos se conheciam e a administração da escola estava a cargo dos próprios pais, que não mediam esforços para que seus filhos pudessem frequentar uma escola.

Concluído o curso primário, fui com algumas colegas, para um internato¹¹⁹ para cursar o ginásio, que era o maior sonho de nossos pais. Colégio dirigido por religiosas, cujo objetivo era a formação de jovens cristãs, e que procurava transmitir os princípios e valores severos da igreja católica.

Inicialmente, o colégio era só feminino; tornou-se misto gradativamente. Preocupado com a formação humanística. Aliava o estado com a virtude, evitando tudo o que poderia prejudicar a formação cristã. Estudo baseado fortemente na disciplina, a fim de que a educanda pudesse conseguir sua própria determinação e se tornasse capaz de se dirigir “virtuosamente” na vida, ou melhor, viver na virtude. Em todos os lugares estava escrita a famosa frase: DEUS ME VÊ. Como diria Kant na sua pedagogia: Mandamos, em primeiro lugar, as crianças à escola, não na intenção de que nela aprendam alguma coisa, mas a fim de que se habituem a observar pontualmente o que se lhes ordene”¹²⁰.

Ênfase no individualismo, que se concretizava no apelo à responsabilidade individual: salve sua alma. O incentivo à liberdade pessoal: “a minha liberdade termina onde começa a liberdade do outro”. A avaliação fortemente classificatória, com ênfase na transmissão de conteúdos. Identificação do êxito pelo trabalho. Quem trabalho consegue: evitar a todo custo o ócio, mãe de todos os vícios. Lema: ora et labora... Expressavam bem a educação individualista. O mestre era o detentor do saber e da autoridade, ele era quem dirigia o processo, apresentando-se como modelo a ser seguido.

¹¹⁸ Essa professora preferiu reler e me entregar o seu memorial descritivo em vez de usarmos a segunda entrevista.

¹¹⁹ Ginásio Cristo Rei, dirigido pelas Irmãs de São José de Chambéry. Tradição francesa.

¹²⁰ SUCHODOLSKI, B. A pedagogia e as grandes correntes filosóficas. Ed. Lisboa, Livros Horizonte, 1984, p. 40.

Concluído o ginásio, decidi entrar para a vida religiosa, inspirada na máxima da perfeição cristã e missionária de salvar almas. Ao mesmo tempo, realizo o Curso Normal, destinado à formação de professores primários;

Início a escola Normal em plena reforma, onde foi introduzido o estágio supervisionado. A reforma introduziu uma maneira diferente de pensar a educação. A proposta curricular talvez não fosse o mais determinante, mas, sim, a tentativa de passar de uma educação tradicional para uma educação mais ativa. Pode-se dizer que era a incorporação das idéias da Escola Nova. Pois a grande discussão, na época, centrava-se ainda no embate entre as idéias liberais e as tradicionais, defendidas pelas escolas católicas. A escola nova pretendia superar a escola tradicional, excessivamente magistrocêntrica e rígida, preocupada com a memorização dos conteúdos, introduzindo métodos mais ativos que dessem maior ênfase aos processos do conhecimentos do que propriamente ao produto final.

Na Escola Normal havia uma preocupação constante com novas maneiras de educar, isto contribuía, de certa forma, para questionar a educação que estava sendo veiculada pela própria escola. Foi introduzido, no plano de estudo destinado à formação de professores primários, o estudo de teóricos que preconizavam métodos ativos e que visavam a formação global do educando – lembro especialmente, entre outros, J. Dewey, um dos eminentes teóricos da Escola Nova. Preparar o aluno para a vida social e ressaltar a importância do trabalho manual para suscitar a atividade intelectual, constituía-se no seu principal objetivo. Seguindo a relação: Pestalozzi, o pedagogo da intuição, Maria Montessori, Decroly, Freinet – que propunha substituir a palavra do mestre pela atividade do aluno -, enfim, muitos outros que retomei novamente, quando do Curso de Pedagogia, na PUCRS. “A educação como mudança de comportamento”, de Aguayo, era muito discutido: “Aprender é adquirir uma nova forma de conduta ou modificar uma forma anterior de conduta – entendendo conduta não são como comportamento exterior, mas também, enquanto qualquer atividade mental, intelectual ou afetiva, que determine uma nova forma de ação, novo hábito, comportamento ou resposta”¹²¹. O ser humano como ser social que deve dobrar-se aos imperativos sociais – Durkheim, em *Educacion et Sociologie*, explica o conceito de educação que vigia, então.

Neste contexto, feito de tensões e contradições, é que recebi minha formação básica como futura educadora.

O magistério esteve sempre associado ao sacerdócio, mesmo laicizado; conservou sempre algo de religioso. Servidor da vida do espírito, o professor sabe-se e que ser diferente de todos os outros que, na cidade, perseguem interesses financeiros ou vantagens pessoais. Esta era a ideologia passada de geração em geração, na formação de professores, especialmente primários.

Terminado o Noviciado na congregação das Irmãs de São José de Chambéry, e concluído o Curso Normal, fui, por determinação da congregação enviado à Capital, para lecionar no curso primário do colégio Sévigné e designada para dar continuidade à formação pedagógica. Neste sentido, realizei o Curso de Pedagogia na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, continuação melhorado do curso normal. Na mesma época iniciei

¹²¹ AGUAYO, A.M. Pedagogia Científica. Psicologia e direção da aprendizagem. Companhia Ed. Nacional, 1951.

minha carreira profissional, assumindo uma classe do 3º ano primário, no referido colégio. Foi um grande desafio, para quem sempre estudou no interior, iniciar uma carreira profissional na capital, mas, ao mesmo tempo, uma experiência extremamente rica e duradoura.

Nesta época o objetivo do colégio, além dos fins previstos pela Lei de Diretrizes da Educação Nacional, era a “promoção da formação cristã das alunas para que vivessem e irradiassem a mensagem evangélica no mundo de hoje”: a principal metas das irmãs na ação educativa. A escola primava pela busca constante de novas teorias de aprendizagem, as novas metodologias eram estudadas com afinco, especialmente nas reuniões pedagógicas semanais. Nossas salas de aula eram constantemente “visitadas” pelas supervisoras e alunas do Curso Normal. Por isso, havia um questionamento constante sobre coerências entre os métodos “ensinados” e os utilizados com as alunas. Autores como Carl Rogers, que propunha um método não-diretivo, centralizado na atividade educativa dos alunas, foi muito estudado, juntamente com o método montessoriano na versão de Lubienska do Lenval¹²², foram estudados e aplicadas algumas de suas técnicas. Eram uma forma de mostrar como os autores sucessivos procuraram responder as questões que se colocavam aos educadores de maneira permanente, ainda que o contexto e as modalidades da problemática fossem extremamente dinâmicas. A relação entre Escola Normal e Curso Primário era uma das origens da busca ativa de uma renovação constante e de mudança.

Ainda no contexto de uma escola particular de confissão católica, outra fonte de desafio na época foi o Plano de Emergência para a renovação dos Educandários ligados à Igreja católica. Este plano teria grande influência filosófico-teórica na linha da renovação, especialmente no que diz respeito à renovação dos colégios. Na década de 60, a igreja católica inicia um período marcado por intensa movimentação. Um dos grandes momentos envolvendo a igreja universal foi a convocação do Concílio Vaticano II, com o intuito de “sacudir o pó que esconde o rosto da igreja” conforme o Papa João XXIII. O concílio teve em vista a busca de diálogo com a sociedade moderna, tentando superar séculos de desentendimentos e posições perdidas. O modelo de igreja, nos diferentes períodos e nas mais diversas crises, permanece inalterado na sua estrutura fundamental. No entanto, as práticas são facilmente adequadas para recuperar espaços perdidos, sendo inseridas, quando oportuno, em projetos das classes dominantes, ou opor-se a elas.

Em relação ao colégio no qual eu atuava, o plano de pastoral de igreja teve força quase que decisiva na renovação. Deve-se esta força, também, à atuação das próprias alunas, que identificavam a escola católica como ligada à parte mais conservadora da igreja e objetivavam a transformação. Neste entremeio, a adequada preparação das alunas para ‘os novos tempos’ tornou-se o objetivo principal da ação educativa.

Passados dois anos de trabalho junto a alunas do primário, e já cursando o 3º ano de Pedagogia, fui nomeada diretora da Escola primária, no referido colégio, e iniciei a minha atividade junto à Escola Normal como orientadora de estágio. Tínhamos ainda como referência (ideológica, diria hoje) o plano de pastoral da igreja. Este visava também a construir um espírito de famílias nas escolas, onde pais e professores se reunissem, superando uma educação fechada, na qual os alunos eram considerados apenas objetos da ação

¹²² LUBIENSKA DE LENVAL, H. A educação do homem consciente. São Paulo, Flamboyant, s. d. Propõe a autora uma educação integral: “a criança tem fome e sede de experiência (...) transformar a aspiração inconsciente em consciência clara; fornecer ocasiões de encontro com as realidades do mundo sensível e do mundo do pensamento, eis a missão do educador que quer conduzir a criança até o pleno desabrochar de seu ser físico, intelectual e espiritual” p. 8.

educativa. Outra preocupação da igreja era formar militantes cristãos, através das escolas católicas, com influência da sociedade. Nosso colégio engajou-se fortemente nesta renovação. Procurava-se desenvolver o espírito crítico e a capacidade de julgamento, avaliação, adaptação e integração social dentro de uma verdadeira hierarquia de valores. E ainda compreender que só se realiza plenamente quem buscar o bem e a felicidade dos outros, objetivando desenvolver o espírito solidário dentro da doutrina do Corpo Místico de Cristo. Para entender melhor esta doutrina líamos e discutíamos acirradamente os livros de Teilhard de Chardin¹²³.

A escola tentava uma inserção social através do estágio do magistério, atendendo a escolas paroquiais de periferia, por exemplo, a Ilhota (Sagrada Família), e a paróquia da Vila Santa Isabel, Viamão. E era nestes estágios que eu procurava me inserir também, através da orientação junto às normalistas. Inserção social bastante incipiente, mas condizente com a compreensão que tinha na época.

Neste ínterim, concluí o curso de Pedagogia, na PUC, que, embora universidade dirigida para religiosos, não manifestada a mesma preocupação com as linhas pastorais da igreja. O golpe militar de 64 era ser mais determinante do que a renovação, na igreja. De fato alguns professores da universidade haviam sido demitidos e alunos militantes da JUC haviam sido expulsos da universidade¹²⁴. Na ocasião, confesso que não percebia toda a dimensão do que se passava no país como um todo, até o início da década de 70. mesmo em minha atuação como orientadora junto às escolas paroquiais, não percebia a dimensão estrutural do sistema; a pobreza era atribuída à conjuntura, ou mesmo a questões psicológicas e individuais – tratava-se de uma visão um tanto acrítica da realidade. Havia certa inconsciência na nossa inserção, na medida em que, em não conhecendo outra prática pedagógica senão a que propunha a escola particular, aceitava-a como verdadeira, e ali se esgotava minha experiência.

O diferente é o que possibilita o surgimento da dúvida, pois permite o confronto entre diversas concepções, práticas, etc. pela minha marcante atuação tanto na escola, quanto na universidade, fui escolhida, com bolsa de estudo, para realizar um curso orientado pelo Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos – INEP. Este trabalho nada tinha a ver com o que vinha sendo realizado nas escolas particulares. O curso propunha-se a formar supervisores de ensino a serviço do desenvolvimento; este vinha expresso em conceitos como maior

¹²³ Na época lia-se especialmente estas duas obras: TEILHARD DE CHARDIN, P. *Lê milieu divin*. Seuil, Paris, 1957. *Hymne de l'univers*, Seuil, Paris, 1961.

¹²⁴ Enquanto na escola as grandes discussões se centravam nos métodos ativos, não-diretivos, na renovação das escolas, na universidade lia-se e discutia-se autores que davam suportes humanísticos, especialmente: *Rumos da Educação* (Jacques Maritain). Aqui Maritain já referia que a tarefa da educação não era formar homens no abstrato como Platão, mas sim formar “uma criança de determinada nação, de determinado meio social e época histórica. [...] criança como filha do homem”. Homem é uma pessoa controlada pela inteligência e pela vontade. Finalidade da educação: “É a de guiar o homem no dinamismo crescente, por meio do qual ele se torna uma pessoa humana dotada de conhecimentos, de capacidade julgadora e virtudes morais [...] transmitir-lhe a herança espiritual da pátria e da civilização a que pertence preservando assim, os empreendimentos seculares das gerações [...] As principais aspirações de uma pessoa são as da liberdade, mas a mais profunda e essencial é a liberdade interior e espiritual. A segunda forma dessa aspiração é a liberdade exterior que se relaciona com a vida social [...] sendo a sociedade natural ao homem”. Enfim, uma educação integral para um humanismo integral. Também era lida CONSUELO SANCHEZ BUCHON. *Pedagogia*. Esta autora pretendia recolher, por um lado, a renovação nitidamente cristã, manifesta em muitos setores da educação atual, e, por outro, aproveitar as conquistas do pensamento moderno que, mesmo em meio às desorganizações, ocultava elementos de verdadeiro progresso. Procurava ajustar à coordenada histórica os objetivos imediatos da educação. Também: FERNANDO DE AZEVEDO. *A educação entre dois mundos*. LUZURIAGA: “A educação diz respeito à totalidade do homem e, por isso, nada do que a ele se refere poderia ser-lhe estranho”. WEIL, SIMONE, e sua preocupação com a justiça e a ação social. De ROUSSEAU lemos *Emílio* e o *Contrato social*. Na disciplina de Cultura Religiosa um dos autores favoritos era CAMUS. Fiz um trabalho sobre: *O estrangeiro*, que aborda a problemática do absurdo para o homem contemporâneo.

rendimento, mais eficiência e produtividade. Foi um ano de grandes questionamentos e confrontos do que vinha sendo desenvolvido em relação à minha prática anterior.

Retornando após a conclusão do referido curso, fui nomeada, pela congregação, diretora da Escola Normal Santa Joana d’Arc, Rio Grande. Minha responsabilidade cresceu muito, na medida que devia dar continuidade à orientação que vinha sendo assumida pelas escolas sob a orientação da AEC (Associação dos Educandários Católicos). Tema do ano: “o passado por mestre; o presente por vida; o futuro por ideal”.

A Escola Normal, hoje colégio Santa Joana d’Arc era estabelecimento tradicional na cidade e, com a grande maioria dos educandários católicos, se destinava à formação cristã das alunas (de classe alta e média, ou as que podiam pagar). Contava com um grupo de professores formado em grande parte por ex-alunas da própria escola, que se orgulhavam da educação recebida na escola. Percebi então a dificuldade de iniciar um processo de renovação, quando as pessoas acreditam naquilo que fazem, sem pensar que pode haver outra forma de fazer o que fazem. Minha experiência anterior, iniciada em uma escola bastante exigente, tanto por parte dos pais e alunos como por parte da própria direção, e o ano que passei em contato com outra realidade educacional, junto ao INEP, forneceram embasamento para iniciar minha nova atividade, com confiança.

As discussões e estudos que vinham sendo realizadas, na escola, centravam-se na orientação pastoral da igreja “*Gravissimum Educationis*”¹²⁵; esta considerava a educação “urgente na conjuntura atual, capital para a vida do homem, pois os homens, mais conscientes de sua dignidade e dever, anelam por participar sempre mais na vida social, econômica e política”. Iniciava-se também a leitura do documento de Medellín, e autores que davam uma visão mais técnica na explicitação dos objetivos e renovação dos métodos pedagógicos: Raths, *Ensinar a pensar*, Michaelis, e Nildecoff, mais na compreensão do desenvolvimento do ensino dos estudos sociais.

Pedagogicamente, então, havia preocupação com a utilização de novas técnicas de trabalho, centralizadas na atividade do aluno. Não havia uma clareza quanto às diretrizes a serem seguidas; se, por um lado, criticava-se o pragmatismo da concepção escolanovista, por outro lado acreditava-se e adotava-se uma educação centrada na atividade do aluno, atendendo as diferenças individuais e os interesses da criança, propostas da Escola Nova. Esta concepção de educação era muito difundida, tanto no seu veio europeu, com Maria Montessori, quanto no norte-americano, com Dewey. Tal visão de educação perpassou vários planos pedagógicos, inclusive com a proposta de Educação Libertadora, na visão de Medellín. No curso primário da escola havia séries experimentais, onde os professores aplicavam a proposta montessoriana, e onde o aluno através da atividade individual, assumia uma postura ativa diante do processo ensino-aprendizagem. O professor exercia o papel de orientador, auxiliava o aluno na elaboração do plano de estudo e estimulava, quando das dificuldades. Percebe-se que a visão de educação era sempre “um processo de amadurecimento interior e individual”¹²⁶.

Foram anos e muito trabalho, conflitos, avanços: abertura escola mista em todas as séries, contratação de maior número de professores leigos (não religiosos) comprometidos com a renovação.

¹²⁵ Compêndio da Vaticano II. Doc. G.E à p. 579

¹²⁶ LUBIENSKA DE LENVAL, H. Op. Cit. Introdução.

Em relação à Igreja, podemos afirmar que, à revelia do próprio Concílio, na dialeticidade própria da história, esta é provocada pela realidade latino-americana. A América Latina, legitimada pelo impulso renovador, exige novas formas de participação, culminando na elaboração teológica que estabelece seu eixo principal na marginalidade dos oprimidos. Dois movimentos históricos deste movimento: Medellín e Puebla. A igreja retoma, num outro contexto histórico, sua área de influência. É importante notar a virada de eixo da análise sociológica da igreja colonial, para o sentido que toma com a igreja que se assume como libertadora. As escolas também procuram se adequar à nova realidade.

Inicia-se por esta época, na Escola, um trabalho social num bairro formado por desempregados devido ao fechamento de uma fábrica (Indústrias Swift). Numa perspectiva de caridade cristã, ou assistencialista, mais do que consciência social, religiosas, aluna e ex-alunas se engajaram na obra. Trabalho de promoção social, mais de que transformação das estruturas injustas conforme o documento pregava. Com este objetivo, este trabalho, assumido totalmente por ex-alunas perdura até hoje, sempre numa perspectiva de assistência aos carentes.

Ainda que fosse uma forma bastante rudimentar e limitada de participação, esta iniciativa foi, sem dúvida, uma conquista dos professores do colégio.

A nova Lei de Educação Nacional, 5692/71, também foi uma fonte de grande movimentação na escola, com a reforma do ensino de 1º e 2º graus. Momentos de grande reflexão, as contradições e falta de clareza aparecem mais explícitas ainda; identificava-se, ou se confundia, educação libertadora com educação liberal escolanovista. Havia busca constante de metodologias. Neste clima introduzimos o estudo da nova LDB.

Para a escola foi um grande movimento. Implantamos novos cursos, para ambos os sexos, em todas as séries, e abrimos vários cursos novos, ampliando consideravelmente o número de alunos. Imbuída da idéia de democratização do ensino, recebia todos os alunos que procuravam a escola. A grande crítica na época foi o fato de eu ter desativado a sala destinada à sacristia para colocar uma sala de aula. A falta de recursos de muitos alunos era compensada por convênios com o Estado e o Município, pela cedência de professores, salário educação. Nesta época cerca de 15% do corpo docente da Escola era composto por professores cedidos, professores estes sempre indicados, ou convidados pela Escola, para que atendessem os objetivos estabelecidos: educação libertadora e criadora. Isto mostra como eu compreendia a mudança das estruturas injustas, iniciando “ad intra”, na própria instituição; com as bolsas de estudo procurava dar acesso ao ensino pago, reduzindo o número de excluídos. Esta visão, como mostrarei mais adiante, gerou muitos e grandes conflitos, em relação à Entidade Mantenedora do colégio. Eu entendia que as mudanças não poderiam se limitar ao campo do pedagógico visando a formação de consciência crítica as estruturas de decisão e de poder deveriam entrar também em questão.

Contraopondo-se à educação liberal, surge a educação tecnicista, baseada na suposta neutralidade da ciência e na racionalização e operacionalização de recursos para permitir maiores eficiência e produtividade. Organização racional dos meios, ênfase na formação de especialistas.

Nesta mesma época realizei o curso de Administração Escolar na Fundação Universidade do Rio Grande. Ali vivenciei o que se entendia por tecnicismo. Eis a nova educação: aparentando ser modernizadora, sempre preocupada com a produtividade, eficácia,

organização e planejamento¹²⁷. Na realidade, treinadora de mão-de-obra. Para o sistema de ensino, foi adotado o sistema de departamentalização e matrícula por disciplinas, que perduraram até a presente data. O enfoque sistêmico é a grande novidade, todo o planejamento deve se adequar aos “inputs”, às necessidades, planejando o processo adequado ao “output”, o produto de saída – condição do Feedback. Muitas aulas se resumiam à Instrução programada, grande novidade da época. Testes de múltipla escolha.

Concluído o curso de Administração Escolar, fui selecionada pela congregação para fazer o curso de Supervisão Escolar, na Universidade de Passo Fundo. Este curso foi planejado pela Associação de Educandários católicos (AEC), com o objetivo de preparar supervisores para as escolas particulares. Previsto também na lei 5692/71. Os professores do curso foram todos selecionados pela AEC, o currículo visava atender às necessidades específicas da ocasião, isto é, elaboração de Regimento para as escolas. Como monografia de conclusão realizei, na escola que dirigia, um estudo sobre o marco referencial do regimento. Este foi feito pelas diretoras das escolas da congregação, baseando seu marco teórico na Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire. Para a época foi um grande avanço.

O Regimento: na busca de caracterizar o homem, a escola o vê um ser inacabado, chamado a “fazer-se” num processo de personalização constante; um histórico que procura sua realização em comunhão com a realidade cósmica, humana e divina; um “ser livre”. O aprofundamento do marco referencial foi tema de muitas sessões de estudo. Nestas reuniões estruturou-se o que se chamou Filosofia da Escola.

No campo pedagógico, o colégio vinha buscando métodos coerentes com a teoria expressa no regimento. Mas a distância era grande; não tínhamos clareza, e por isso o estudo de autores com propostas filosóficas opostas era buscado no sentido de explicitar melhor nossos objetivos, ou aplicar técnicas sugeridas, especialmente em relação à taxionomia de objetivos às formas de avaliação. Eram lidos e discutidos, juntamente com Medellín, Tyler, Hilda Taba, Oyara Esteves, e já alguns textos fotocopiados de Paulo Freire.

A visão de Educação Libertadora era bastante limitada, especialmente, quando Medellín propunha a mudança de estruturas injustas da sociedade capitalista. Como diretora, procurava viabilizar isto, atendendo aos alunos carentes, com bolsas de estudo. E contratação de novos profissionais com o objetivo específico de implementar a nova concepção educacional, baseada fortemente na concepção de Educação Libertadora fundamentada em Medellín.

Os planos falavam em responsabilidade social, em consciência social, mas não se sabia exatamente qual o conteúdo destes conceitos – incorporar a linguagem do documento não significa ruptura com as estruturas anteriores. Ficamos ainda muito tempo neste impasse entre discurso e prática efetiva. Embora a concepção de educação que se consolidava nesta época fosse um tanto diferente da Educação Libertadora, preconizada por Medellín, ela foi, sem dúvida, mas próxima desta do que a anterior postura tradicional e fechada. Estava sendo traçado um caminho para o surgimento de uma Educação mais democrática e humanizadora, na medida em que permitia a participação, ainda que limitada, dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

¹²⁷ DRUCKER, PETER. F, *A nova sociedade*. Fundo de Cultura Brasil-Portugal, 1964. “A idéia de produção em massa. Como tratar os empregados para que produzam mais”. As funções de uma instituição.

Participava no trabalho da AEC: esta participação começou em função da minha condição de diretora, ali eram discutidos e refletidos todos os documentos relativos á educação. Tanto provindos da Igreja quanto do MEC. Inicialmente seguia à risca as orientações emanadas desta sociedade, acreditando ser a melhor fonte de reflexão sobre o nosso fazer educativo. Mas, com o passar dos anos e com a experiência adquirida no cotidiano escolar – a pobreza das famílias, o grande número de alunos que a cada ano deixavam a escola por não poderem pagar – comecei a perceber a dicotomia entre reflexão e ação no contexto desta Entidade. O dia-a-dia me mostrava que deveria procurar atender sempre mais os alunos pobres, diminuindo a exclusão social. Necessitava pagar melhor os professores, pagar as horas de reuniões, etc.

Aos poucos fui percebendo que havia um discurso extremamente comprometido coma causa dos pobres, e uma prática totalmente desvinculada deste comprometimento. Medellín dizia: *“Face à situação de desumanização em que se encontra um vasto setor do homens latino-americanos, a igreja assumiu um compromisso histórico: o de se empenhar, responsabilmente, no processo de transformação dessa realidade”*. Para efetivar tal compromisso, deveríamos revisar as estruturar educativas e pastorais, a fim de torná-las aptas para atender os marginalizados. Propunha, a igreja, que os próprios marginalizados, como autores de seu próprio progresso, pudessem desenvolver de maneira crítica, criativa e original, um mundo de cultura conforme sua própria riqueza e que fosse fruto de seu próprio esforço. Para que isso se viabilizasse, indicava com caminho: *“A é o meio-chave para libertar os povos de toda escravidão e fazê-los subir de condição de vida menos humanas a condições mais humanas, levando em conta que o homem é o responsável e o artífice principal de seu êxito ou fracasso. Para isso, propõe-se a educação libertadora que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento”*¹²⁸. Esta era a proposta, mas quão longe estava a prática!! Esta proposta explicitada em quase todos os regimentos e planos pedagógicos das escolas católicas não se mostrava eficaz, cada vez mais alunos deixavam as escolas por falta de recursos financeiros. Esta constatação começou a criar conflitos entre a escola que eu dirigia e a Entidade Mantenedora, pelo excessivo número de professores cedidos e bolsas de estudo. Assim, fui compreendendo melhor este processo e as conseqüências de uma tal proposta.

Havia um horizonte definido, não só pelo colégio, mas também pela igreja, do que devia ser buscado, mas eu não sabia ainda como chegar lá. Havia mais uma adequação, ou adaptação dos planos e regimentos ais documentos do que propriamente uma mudança na estrutura das escolas particulares. Só mais tarde entendi, na prática, que esta mudança, nestes termos, era impossível.

Analisando as propostas da educação nas escolas particulares confessionais da época, reconheço muito daquilo que vivi e pratiquei. Fica clara, no entanto, a crítica que estabelecia, já àquela época, após longos anos de prática: *“Impelidas a questionar até que o ponto se torna possível falar e efetivar uma Educação Libertadora, a partir das estruturas autoritárias vigentes constatamos que, circunscritas aos limites da escola, é impossível a participação nas esferas últimas da decisão”*¹²⁹. Neste sentido, acreditamos que a utopia contida na Educação Libertadora, na escola particular se transforma em alienação, uma vez que, mediatizada pelo econômico, pelo pedagógico e pelo sagrado, assume uma vinculação indissolúvel e estabelece as bases de um poder totalizador.

¹²⁸ Doc. Do CELAM, 1973:74

¹²⁹ PAPA LÉO, GROLLI, MAMMARELLA. EDUCAÇÃO LIBERTADORA: Utopia e alienação na escola particular. Ver. Educação e Sociedade, UNICAMPO, 1987, p.75.

Após nove anos de atividade no Colégio Santa Joana d'Arc, voltei para o Colégio Sévigné, como coordenadora pedagógica e assistente de direção do 2º grau. Pertencente à mesma Entidade Mantenedora, ambas as escolas visavam objetivos sempre ligados a orientação da educação católica, mas, pelas condições conjunturais, locais e de pessoal especializado, a reflexão, nesta escola, estava bem mais avançada. As discussões no campo pedagógico tinham grande participação e influenciavam em todas as áreas da escola.

Eu pertencia à micro-equipe do serviço de orientação pedagógica que era formada pelos coordenadores de curso, e por uma coordenadora geral, e a macro-equipe era composta também pelos coordenadores de diferentes áreas de conhecimento. Desde o início estabelecemos encontros de estudo, como era de costume. O tema era o marco teórico da escola expresso no Regimento: a visão de homem como ser de relações, comprometido com o destino comum e engajado na construção da História. Que educação é compatível com esta visão de homem? Qual avaliação traduz melhor esta visão? Com estas interrogações, nos reuníamos todas as semanas na micro-equipe e quinzenalmente com os demais coordenadores, e bimestralmente com todos os professores, nas chamadas manhãs de estudo. Os grandes debates se concentravam na questão do compromisso do educador. Na sua postura pedagógica, sua coerência com a filosofia da escola. Em relação aos alunos havia grande participação, especialmente em relação à questão da avaliação. Os alunos participavam do Conselho de Classe, inicialmente somente através do representante de aula e, depois, de sua avaliação perante toda a equipe de professores. Era um momento de grande discussão, pois alunos, professores e direção estavam expostos à crítica – todos sem exceção. Foi um trabalho que foi amadurecendo e cujos frutos valeram todos os esforços despendidos.

Formamos grupos livres de estudo e reflexão, com professores. Tomamos como livro de estudo *Pedagogia do Oprimido*, de Paulo Freire. A participação era bem significativa; além dos coordenadores, participavam professores de todos os níveis e de todas as áreas. As discussões eram acirradas e mostradas as contradições de uma prática libertadora numa escola particular. As conseqüências apontavam para uma ruptura com o *status quo*.

No final da década de 70 e início dos anos 80, foi criada a Comissão de Justiça e Direitos Humanos, em Porto Alegre. Vários professores foram convidados a participar da comissão, e compúnhamos o grupo de Assessoria aos trabalhos populares. Foi assim que iniciei minha militância e trabalhos populares ao longo da década de 80.

Este trabalho popular de estudo e reflexão, e a participação dos alunos na avaliação, foi se intensificando, até atingir o poder da Entidade Mantenedora. Esta, não suportando o questionamento, demitiu os professores de filosofia e eu, como pertencente à Entidade Mantenedora, fui transferida. Em não aceitando a transferência por achá-la injusta, fui então afastada do colégio. (esta experiência encontra-se relatada na Revista Educação e Sociedade, onde mostramos que a utopia contida na Educação Libertadora se transforma em alienação, na escola particular¹³⁰).

¹³⁰ Ver nota 11.

Com o objetivo de aprofundar a reflexão e compreender melhor o que havia acontecido no meu trabalho, fui cursar o Mestrado em Filosofia, na PUCRS. Desenvolvi minha dissertação sob o tema: *O projeto alterativo das Comunidades Eclesiais de Base – Uma abordagem filosófica a partir de Enrique Dussel*. A Filosofia da Libertação, na versão dusseliana, tomada como marco teórico, e a práxis das comunidades de base, das quais participava ativamente, foi o tecido da crítica que fiz a estas. As contradições internas de cada momento histórico foram rastreadas e expuseram as contradições da própria Instituição (igreja católica). Com isso, a marginalidade do pobre pôde ser filosoficamente examinada em um nível analítico mais profundo, num outro nível, pelo enfrentamento cotidiano de quem opta pela não-submissão ao instituído – sabemos que é no trabalho de libertação, pretendendo uma práxis que escape ao controle do instituído, em qualquer de seus vínculos, que a violência da marginalização é manifestada e vivida. O trabalho me permitiu a sistematização daquilo já sabíamos, mas nunca tínhamos podido, por falta de tempo, organizar e expor em um todo orgânico.

No contexto latino-americano, participei da irrupção dos movimentos populares e, particularmente, a partir da década de 70, dos movimentos dos sem-terra, nos engajamentos de periferia urbana, vinculada que estava ao Movimento de Justiça e Direitos Humanos, às Pastoral popular, e, também simplesmente como educadora, no exercício da ação educativa cotidiana e da cidadania. Destaco, pela significação e pela intensidade do compromisso assumido, a participação em projetos de educação de Educação Popular no apoio à mobilização popular em torno da construção, no interior de Viamão, na Vila Safira (Porto Alegre) e Campos Verdes (Alvorada) – estes dois últimos, participando principalmente no processo de mobilização por moradia;

É de se destacar ainda, neste período, meu trabalho educativo junto aos colonos acampados na Encruzilhada Natalino, Ronda Alta, RS – principalmente no sentido de apoiar uma agricultura ecologicamente sustentável.

Posteriormente, trabalhei como pesquisadora do Centro de pesquisa religiosa e Investigação Social, RJ, trabalho de formação de comunidade, organização sindical, técnicas alternativas de adubação de solo, etc. junto aos assentamento de Salto do Jacuí, Nova Ronda Alta, e nas glebas Nossa Senhora Conquistadora da Terra e Willi, RS.

Como grupo independente, participei do grupo de mulheres cristãs com compromisso político de libertação, e trabalhei junto aos moradores da Vila Santo Operário, Canoas, com alfabetização de adultos, supletivo de 1º grau e supervisora pedagógica da Creche Vó Maria.

A fundamentação teórica e a motivação para estes trabalhos embasavam-se justamente nos temas desenvolvidos pelo “grupo de mulheres cristãs”, de caráter ecumênico. A idéia norteadora partiu da convicção de que reflexão e prática são interdependentes, e, por isso, o critério para participar deste grupo era o estudo e a reflexão teológica e filosófica, especialmente, autores ligados à teologia e filosofia da libertação, entre eles o teólogo Juan Luís Segundo, Leonardo Boff, Dussel, Paulo Freire, Fiori,¹³¹ e, posteriormente, Emmanuel Levinas.

¹³¹ Tínhamos encontros sistemáticos com Juan Luís Segundo, que desenvolveu um curso de teologia durante quatro anos. Com o professor Ernani Maria Fiori realizamos o curso “A graça de Santo Agostinho”. Tivemos também encontros esporádicos com Leonardo Boff e com Enrique Dussel, a partir de 1983.

Após concluir o Mestrado, procurei me transferir a uma universidade pública – sonho antigo, julgava poder ter ali, de forma mais próxima, a possibilidade de desenvolver projetos de educação baseados em nossas convicções originais, amadurecidas ao longo já de mais de vinte anos de trabalho. Assim, prestei concurso, em 1989, para o cargo de Professor Assistente da Fundação Universidade do Rio Grande, RS. Aprovada, iniciei imediatamente minhas atividades, procurando equilibrar funções administrativas e docência. Desta forma, fui, ao longo de dez anos, por um lado, professora de diversas cadeiras dos cursos de Pedagogia, Letras e História, e de vários cursos de Especialização. Por outro lado, fui eleita presidente da Associação dos professores da Universidade e Chefe do Departamento de Educação e Ciências do Comportamento.

Todavia, meu maior interesse sempre esteve no campo da pesquisa acadêmica. Coordenei, entre outros, o Projeto de Pesquisa, apoiado pelo CNPq, “A construção da identidade feminina nas comunidades de pescadores artesanais da Lagoa dos Patos”. Deste estudo surgiu a idéia de consubstanciar a totalidade de nossa experiência acadêmica em uma Tese de Doutorado. Iniciamos o trabalho em 1992, tendo concluído em maio de 1998.

O doutorado foi uma experiência toda especial, tanto pelo aprofundamento das questões que me interessavam, mas o mais importante foi o contato com pessoas de outras universidades e outras culturas. A leitura dos clássicos da filosofia foi fundamental, neste momento.

O objetivo da tese de doutorado foi o de estabelecer uma discussão sobre a questão da discriminação de qualquer natureza, mas trabalhamos especificamente a questão da dominação da mulher no contexto latino-americano.

Para realizar este trabalho realizamos uma reflexão prévia a respeito do conceito de Alteridade tal como tem sido tratado em suas grandes linhas, ao longo da história da filosofia . Partimos do pressuposto de que uma questão filosófica se esclarece e toma contornos mais nítidos à luz de sua própria história.

A questão filosófica do “outro” tem sido alvo de diversos estudos modelares no século XX, entre os quais cumpre destacar os já clássicos trabalhos de Michael Theunissen ¹³². Esse autor circunscreve, ao longo de seus exaustivos estudos – onde não faltam esforços históricos de grande utilidade, o âmago da questão do Outro. É aí, na urgência contemporânea, que o tema toma uma relevância extrema, em conjugação com situações práticas bem definidas de negação do próprio conteúdo dessa categoria tão fundamental.

Isso não nos dispensa, todavia, de manter à vista o horizonte histórico anterior, ao longo do qual os contornos da questão vêm assumindo sua formulação mais clara. Na nossa tese retomamos rapidamente a história do termo filosófico “Outro” segundo algumas visões

¹³² THEUNISSEN, 1961. Compartilhamos da opinião de Theunissen, segundo a qual a questão do Outro constitui-se em um dos temas basilares da filosofia contemporânea. Só isso já justificaria, em nosso ver, uma nova abordagem do tema neste início de século. Todavia, a peculiar tonalidade que a questão assume após as obras de Levinas e Dussel, principalmente, e dado o contexto contemporâneo da situação latino-americana, consideramos absolutamente imperativa uma abordagem do tema onde as diferenças fundamentais das reflexões desses dois últimos autores com relação à generalidade das opiniões abalizadas a respeito do tema seja caracterizada em contraste claro com essa tradição. Estabelecer esse contraste, ainda que de uma maneira altamente indireta, constitui-se também em uma das motivações básicas deste trabalho.

clássicas que nos pareceram de maior relevância para a fixação dos “pontos de apoio”, para atingir o objetivo proposto.

Alteridade¹³³ é palavra referida ao Outro, como pessoa, como povo, como cultura, ou como nação, reconhecendo seu espaço próprio. A questão do Outro, do encontro com o Outro, de como se reconhece o Outro como Outro, dis-tinto, é um problema antigo e que sempre preocupou, especialmente, os filósofos. Por trás da palavra Alteridade está suposto o enfrentamento dialético entre o Mesmo e o Outro, presente no discurso filosófico desde os gregos até o presente. Várias correntes filosóficas têm investido sobre a questão da Alteridade: seja para destruí-la por não suportar o distinto, o novo, o futuro, ou para constituí-la, ou reconstituí-la. Na filosofia contemporânea a questão do Outro se constitui em um dos temas basilares, especialmente, após as obras de Emmanuel LEVINAS e Enrique DUSSEL. A Alteridade Metafísica elaborada por Levinas e posteriormente por Dussel questiona a Totalidade Ontológica que reduz o Outro ao Mesmo. A Alteridade se revela pelo rosto e pela palavra interpelante, que escapa a hermenêutica do Mesmo. [...] “A aparição do rosto desnudo em meu mundo é a revelação de Alteridade que exige respeito e acolhida, porque é pobre, peregrino, estrangeiro, fraco e indefeso. O aparecimento do rosto do Outro no mundo do Mesmo instaura a exigência ética: Não Matarás ! Matar significa, desde tal momento, negar a infinitude do Outro reduzindo-o a um mero ente do mundo, significando-o a partir da totalidade. [...] A transcendência da Totalidade Ontológica do Eu ao Outro se dá pela abertura à palavra do Outro que emerge no mundo como um rosto, mas se revela Outro pela sua palavra. "A linguagem não é mera experiência, nem um meio de conhecimento de outrem, mas o lugar do Reencontro com o Outro "(LEVINAS, 1980) .[...] “ O Outro é Alteridade de todo sistema, além do Mesmo que a Ontologia sempre é”(DUSSEL, 1986). Na relação Pedagógica o Outro é o discípulo. Ele é um novo projeto histórico; é aquele que surge como distinto, diacrônico: é a novidade descontínua na história. É uma característica do discurso pedagógico esta bipolaridade, a Metafísica do face-a-face daquele que é anterior (pai, mestre, cultura) diante daquele que lhe é sempre posterior (filho, discípulo, povo). Entre ambos existe uma diacronia que fará com que a transmissão do legado humano às novas gerações não se faça pela simples repetição, imitação ou recordação, mas pela efetiva e contínua re-criação, invenção e respeito pelo Outro . “ Para o mestre e os progenitores o Outro é o discípulo- filho: o sagrado ante o qual nenhum amor é suficiente, nenhuma esperança excessiva, nenhuma fé adequada” (DUSSEL, 1988, p. 149).

As categorias Alteridade e Feminino constituíram-se na linha de pesquisa concretizadas em diversos projetos, artigos, capítulo de livros. Os projetos mais significativos foram: a violência contra a mulher na Comarca de Rio Grande. Este foi desenvolvido com bolsistas do curso de Direito e culminou com um capítulo do livro. A investigação teve como objetivo principal verificar a situação concreta das mulheres de Rio Grande, e de modo especial a mulher vítima da violência tanto na sua corporiedade quanto nos seus direitos como cidadã.

Outro projeto: a mulher e a redescoberta do feminino: a recuperação da identidade feminino como instrumento de libertação da mulher. Este foi desenvolvido, já na Universidade Luterano do Brasil, cujo resultado foi apresentado em seminário de pesquisa.

”O século XXI se abre para uma nova esperança. A de que a voz feminina não seja apenas um eco absurdo de um mundo absurdo.

¹³³ Graziela, coloquei este texto com cor diferente, pois, é mais um conceito de alteridade que procurei trabalhar.

Espera-se das mulheres um impacto sócio-cultural revolucionário. Uma inventividade em todas as áreas da existência, na relação entre as pessoas, nas faces múltiplas do amor, na organização social, e especificamente na organização do trabalho em que homens e mulheres ganham e perdem a vida, nas decisões políticas de maior envergadura em que se decide a paz e a sobrevivência do planeta".
(Oliveira, R. D. 1993, 145).

Com o intuito de trabalho interdepartamental, a partir de 2001 entrei noutra linha de pesquisa, na ulbra: Grupo de estudo de ensino superior. Continuo com esta pesquisa até o presente momento.

Em relação a questão de gênero tenho como proposta desenvolver um trabalho sobre Filosofia e Educação a partir de 4 filósofas. Estou iniciando esta investigação pela leitura do material.

Entrevista I-“Pragmática”

Dia 29 de Maio de 2006. Campus do Vale-UFRGS-POA

As entrevistas da professora “Pragmática não foram revisadas por ela, pois esta estava na França, devido curso de pós-doutorado.

“Pragmática”: Então vamos lá, vamos ver se eu posso te ajudar

Pesquisadora: Queria saber um pouco, como é que tu ingressou na Filosofia, como foi a tua entrada na Filosofia?

“Pragmática”: Olha, foi uma entrada tumultuosa, porque inicialmente eu fiz vestibular para Psicologia [né], o meu plano, eu nunca pensei em trabalhar com isso, eu não tive nenhum contato com a Filosofia antes da Universidade [né], então, no segundo grau me deram para trabalhar com esse antro da Psicologia, trabalhar de forma geral, então eu tive [não compreendi a fala] a oportunidade de fazer a psiquiatria, fazer medicina e segui a psiquiatria, depois eu escolhi a psicologia a idéia era seguir a formação psicanalítica e tal, e daí o primeiro contato com o problema da epistemologia das ciências humanas e a dificuldade de fundar essa proposta de uma ciência, no caso a psique, contato com Foucault de um lado e ao mesmo tempo contato com a lógica, duas vias muito distintas me fizeram então, [ahhm] abandonar o projeto de formação em psicologia. Vê uma via negativa [né], uma espécie de descrença n possibilidade que a psicologia pudesse, ou a psiquiatria, e daí era indiferente dar conta do que ela pretendia [né], de uma forma suficientemente consistente e segura de uma certa forma, porque nós estamos lidando com pessoas né, e por outro lado um aspecto positivo de encantamento com a lógica. Esses dois fatores me fizeram um pouco sair da psicologia e daí tentar assim, de uma forma muito temerária, até porque eu não conhecia nada, entrar na Faculdade de Filosofia no Rio de Janeiro, eu tava na Federal do Rio, tranquei a faculdade e fui para a Filosofia, sem saber muito bem o que esperar, [né], porque era só esses dois e Foucault de um lado, e a questão da cientificidade das ciências humanas em geral e essa experiência da lógica formal, especificamente formal, e aí eu cheguei e é claro, como qualquer aluna de filosofia, leva um susto quando entra numa aula de Filosofia porque por mais que a gente imagine coisas, a gente nunca espera o que vai encontrar né, então acho que eu fui por motivos bizarros e fiquei pelos bons motivos, eu sempre, a Filosofia sempre me atraiu muito, não só pelas explicação que ela fazia dela, mas por provocar em mim uma curiosidade intelectual, esse contato com o mundo intelectual que sempre me atraiu, é diferente de outros percursos que buscam na Filosofia uma certa compreensão da realidade. É claro que no horizonte ta a perspectiva do alcance da realidade, mas foi antes de tudo essa paixão pelo intelectual, foi essa forma mais pura da curiosidade e da busca intelectual, foi mais ou menos isso. Tanto que depois de percorrer diferentes caminhos, é claro, que tem muitos professores por quem você cruza [né?], então em cheguei a estudar um pouco de Filosofia Antiga, mas daí a orientação que eu peguei, assim digamos assim, o caminho que eu peguei da graduação ainda já com a bolsa de iniciação científica foi a Filosofia de Spinoza, que é uma filósofo do século XVII, que me encantam exatamente por esses dois aspectos, por um lado pelo rigor formal, né, porque escreve a ética a maneira dos geógrafos [né], então tem uma grande exigência de rigor formal e ao mesmo o tratamento de uma questão que me parecia relevante, que é o problema da liberdade, embora eu deva ter demorado muito. Até hoje eu não consegui tratar, sabe da forma que eu achasse legal esse problema, eu acabei me dedicando ao

problema do conhecimento, a teoria do conhecimento, a relação conhecimento e subjetividade [né], então a minha graduação eu fiz com uma bolsa de iniciação científica com um professor lá do Rio, [Não compreendi o nome do Professor] do Rio, sobre o conceito de imaginação em Espinoza, e as relações com o conceito de verdade e depois eu fiz o mestrado, eu continuei no mestrado sobre orientação do professor Bandin sobre aí a relação de conhecimento e subjetividade, para mostrar que se tinha uma noção de conhecimento que prescindia né, que não fazia apelo a subjetividade, contrariamente a teoria Cartesiana e aí no Doutorado, o doutorado foi um prosseguimento da pesquisa, cujo o tema era exatamente o contrário, apesar do que eu disse no mestrado, que havia uma relação com a subjetividade, um tipo de subjetividade diferenciada e aí por isso que eu fiz meu doutorado na França, com um professor [não entendi o nome], que é um professor cartesiano, enfim, especialista em Descartes e tal, então foi isso mais ou menos o meu percurso, de 82 foi quando eu comecei a estudar Espinoza, até 9..5, quando eu defendi meu doutorado, forma treze anos dedicados a estudar Espinoza, mas não o problema da liberdade, só questões de metafísica e questões de conhecimento. Então isso dá mais ou menos uma idéia do que você está me perguntando [né], é claro que tem todo um disbunde, eu acho que toda a entrada na faculdade, para o jovem hoje em dia, qualquer que seja, né, tem essa descoberta de um mundo diferenciado, mas realmente até hoje eu tenho uma relação difícil com a Filosofia, porque desde o mestrado eu dizia vou parar de fazer isso, não quero mais fazer isso, mas sempre continuei de alguma forma, um pouco por medo [né] [risos], mas também por um certo encantamento pelo menos com alguma parte do trabalho filosófico. Que é aquilo que eu te disse, aquilo que me encanta mesmo é essa experiência intelectual. Que eu imagino, não vou dizer que seja igual, mas ela se aproxima de alguma forma da experiência estética.

Pesquisadora: Por que essa relação é difícil?

“Pragmática”: É porque tem todo o outro lado meu, que é muito pragmático de um certo sentido e a filosofia não atende né, porque de alguma forma o teu trabalho ele [não concluiu] o que acontece com a Filosofia me parece, é que exatamente porque você está num âmbito muito fundamental você não pode contar com], digamos com apoio externos muito sólidos. De certa forma você está um pouco por sua conta. Algo de aventura intelectual, digamos assim do ponto de vista existencial, pessoal e obviamente do ponto de vista também, [ah] pragmático. De salário, essas coisas, mas não era tanto isso], é o fato de você ter uma relação mais imediato com o fruto do seu trabalho, então fica um pouco esse incômodo. É estranho, porque ao mesmo tempo é o que te apaixona e é o que te incomoda. [entende] A relação com o teu trabalho não é imediato, sabe, ela é mediata, ela é mediada pela relação com os textos, pela relação com os teus pares, com a relação com os teus alunos e ela não é mediada pela relação com os teus pares não intelectuais [entendeu], quer dizer toda sua vida extra acadêmica há uma dificuldade de fazer passar essa experiência intra acadêmica, sei lá, intra-intelectual, não sei como é que dizem isso, mas eu acho que todo mundo faz que faz filosofia tem essa experiência, né. Eu brinco com meus alunos, digo: “olha vocês estão aqui, vocês que resolveram ser malucos [risos] Vocês fizeram uma espécie de aposta, num certo tipo de exclusão. Porque o tipo de trabalho que a gente tá fazendo, eu acho que é o sentido dele não ser algo totalmente transparente de um olhar não formal. Acho, sei que há pessoas que acreditam numa outra relação da Filosofia com o não filosófico. Sei que há pessoas que acreditam numa outra relação da Filosofia com o não filosófico. A minha experiência não é nesse sentido. Eu sei que há uma espécie de irreduzibilidade, há uma espécie de limite. É claro que é possível diálogo, mas há uma espécie de limite entre a Filosofia e que não é Filosofia. E aí existencialmente é difícil vivenciar isso.

Pesquisadora: E como é que tú trabalha isso?

“Pragmática”: Olha, uma coisa é você se formar. Outra coisa é você se tornar professora, e aí a licenciatura não ajuda muito, porque ela ajuda bastante no sentido que ela pode ajudar a pensar antes de entrar em sala de aula, ou uma vez que você tenha experiência você poder refletir, mas é algo que eu acho que não pode ser substituído, que é a própria experiência de estar ali ensinando algo. E ensinando algo que justamente tem essa peculiaridade de não ter o mesmo tipo de suporte, especialmente suporte externo, de apoio externo, enfim de vários tipos, então é muito difícil, ele envolve uma atitude, mas que conteúdo, então se ensinar conteúdo é extremamente difícil, ensinar conteúdos associados numa certa atitude é muito difícil. Então eu considero apesar de estar dando aula, que eu entrei muito tarde no mercado de trabalho, eu comecei a dar aula em 95, eu já tinha 33 anos, 32 anos [risos]. Bastante tarde em comparação com outras pessoas, porque eu fiquei todo esse tempo, assim, direto. Então foi muito difícil, no início eu tava apavorada ao entrar em sala de aula, porque eu não sabia nem o que dizer. Hoje eu me sinto bastante à vontade e uma das experiências, das atividades, que envolvem, vou dizer, que eu mais preso hoje em dia é dar aula, eu gosto bastante. Então isso envolveu redefinir sua relação com a Filosofia e redefinir sua posição de pesquisadora. Acho que a relação de pesquisadora e professora é muito diferente, não to dizendo que ela seja incompatível, mas tem uma posição muito diferente. Então eu acho que aprendi muito, hoje em dia eu dou aula, eu não sei se é do ponto de vista pedagógico ta? Mas, eu só consigo dar aula se de alguma forma me faz aprender de certo sentido, ou seja dar aula para mim é muito contra-producente, preparar aula para mim é muito contra-producente no sentido de [não entendi a palavra] da preparação, então eu tenho um projeto, eu tenho um roteiro, mas se eu não poder pensar legal, e aí o improvisado é bastante importante, se eu não puder pensar de alguma maneira eu não fosse dar aula. Eu não sei se pedagogicamente é muito bom para os alunos, eu procuro repetir, não auxilia-los [risos]. Mas é como eu consegui resolver essa questão de como ensinar o conteúdo e ao mesmo tempo uma certa atitude investigativa, entende. Uma certa atitude investigativa que consiste exatamente em mostrar como a importância da questão de um aprendizado da Filosofia, mais que uma resposta. Que a resposta ela só ganha luz, só ganha sentido na perspectiva dessa questão e é a busca pela formulação adequada da questão, então é um pouco nesse sentido, mas obviamente se tem essa relação de ida e vinda, entre dar aula e atuar na sua atividade de pesquisa porque eu tenho que saber o que eu estou ensinando e aí não é saber o conteúdo, não sei, mas o que é filosofia. Essa pergunta que a gente adia constantemente, mas quando você entra numa sala de aula, eu acho que ela se torna inadiável por mais que seja provisória essa resposta. Eu acho que penso, eu acho que isso vai ser então um dos elementos intelectualmente mais insatisfatórios intelectualmente, não só espiritualmente porque não é só a questão de você estar participando da formação de alguém, isso é estritamente satisfatório e é narcisicamente satisfatório. Mas tem um outro elemento que não é narcísico, que é a possibilidade ainda de transformar essa, ou de ensinar numa atividade de investigação intelectual, no tempo todo você tem que colocar a questão em num ambiente junto a pessoas que ainda não estão, embora ainda tenham o desejo não tem o aparato conceitual. Que nós fossemos obrigados a construir ao longo da formação, isso obriga também a reformular. Então se vê que eu gosto de dar aula, penso muito no que seja dar aula, mas não na perspectiva do Gênero, propriamente [entende] eu nunca me perguntei assim: O que é ser professora? Entende? E vim a ser professora, a minha mãe era professora primária né, meu pai é médico. Alguns modelos de profissionais assim, você pode dizer que até de alguma forma eu até encontrei um modelo feminino, mas se foi, não foi assim “o móvel” desse percurso, pode até ser uma constatação agradável mas não é o móvel entende? Foi mais essa, o que eu queria dizer, o cuidar, que também seria um aspecto feminino, né. Há algo de feminino nessa coisa da formação, de responsável pela formação. To

falando de um feminino aí como uma imagem que atravessa o século aí, da coisa da mãe, de uma variação da mãe, e tal, mas não foi exatamente, embora eu acha que tenha sempre esse componente, essencialmente agradável, não é exatamente isso que me fascina na, mais essa possibilidade de um tipo de experiência intelectual diferenciada, propiciada por um outro, ou seja, estar em relação com o outro. Mas deu para entender mais ou menos isso?

Pesquisadora: Deu.

“Pragmática”: É

Pesquisadora: Fiquei curiosa para entender..

“Pragmática”: Huhum

Pesquisadora: De como..

“Pragmática”: Eu falo para caramba, você tem que me interromper.

Pesquisadora: Capaz, [risos]

“Pragmática”: [risos]

Pesquisadora: [risos] Ta bom. Como que você ta fazendo na prática em sala de aula, como tu tava dizendo assim né, de um jeito específico e de pensar a forma de trabalhar a pergunta, então como são as tuas aulas? Tem preparo? Tem aquela coisa toda burocrática?

“Pragmática”: É, eu acho tipo assim, nem gosto de chamar burocrática porque eu acho que isso pode ser um suporte importante entende? Eu acho que as relação são diferentes com a aula. No início, quando eu comecei a dar aula eu centrava..o que acontece é o seguinte: toda a tua formação quando você está fazendo pesquisa é no sentido de sofisticar é, maximamente a sua abordagem, sofisticar em termos de complexidade, capacidade que você tem de desdobrar as questões de desdobrar os conceitos, as relações, etc, e sofisticar também do ponto de vista do vocabulário. Teve um episódio bem engraçado: a primeira conferência que eu dei aqui em Porto Alegre em 93. Eu tinha acabado de voltar da França e me disseram: “Você pode falar o que quiser, só não seja acadêmica”, daí eu “ferrou” [risos], exatamente fazem dez anos e me forçando sabe, todo o meu esforço era em me tornar, de alguma forma e entrar nessa perspectiva acadêmica e portanto, me afastar de uma perspectiva não acadêmica, então foi horrível, fiquei super tensa e o percurso de dar aula foi então o de recuperar, tentar achar um equilíbrio, sem abandonar essa sofisticação, ou seja você manter a sofisticação que a pesquisa te permite, do ponto de vista da complexidade da visão do problema e ao mesmo tempo uma simplicidade no vocabulário, essa tensão difícil de resolver mas que eu acho que guarda o segredo da formação, ou seja você nem...a simplificação do vocabulário ela é necessária porque você está lidando com pessoas que não conhecem o vocabulário e exatamente sua função é introduzi-los, então cairia num círculo vicioso, por outro lado a simplificação não pode implicar a simplificação do conteúdo, né, digamos a simplificação do modo de problematização, porque aí você deixa ele exatamente onde eles estão, aí [risos] ele não precisa de você. Aí toda a aprendizagem do vocabulário se torna vazia, você decora e passa a aprender a repetir e você não entende porque está falando, então acho que esse é o desafio assim difícil de resolver e o modo que eu procuro resolver em sala de aula assim, no ponto de vista [fala pausada], eu dou dois tipos de cadeiras aqui, né, uma é a Filosofia moderna

naturalmente que é a minha especialidade e tal, quando eu cheguei aqui tinha uma outra cadeira que me chamou muita atenção no currículo que era análise e redação de textos filosóficos, que era uma cadeira de menos créditos e ela me dava a oportunidade de trabalhar do ponto de vista formal a relação com textos de filosofia e aí investiguei esse outro ponto. Então eu procuro dividir esse trabalho em dois pontos: a primeira desconstrutivo, né nessa ordem de análise de redação é desconstrutivo, por que ele é desconstrutivo? Porque a idéia é mostrar que um texto filosófico é muito mais complexo do que parece a primeira vista, por mais simples que ele seja, ele é extremamente complexo, e ele depois que você compreenda a questão que o autor está respondendo, se você não se coloca o problema, você não é capaz de entender o que ele está [não entendi a palavra], então o sentido do texto depende desta atividade do leitor de refazer de uma certa forma um certo percurso intelectual e de se colocar a questão. Daí, ele seria um pouco mais prático, ele seria desconstrutivo, para que os alunos não saiam sabendo o que fazer, mas pelo menos sabendo, ai meu Deus, eu não sei o que fazer, mas vou ter que correr um pouco atrás. Daí eu tentei fazer uma análise dois até, mas para dar continuação, porque eu não quero dar receitas, entende? Eu quero que as pessoas aprendam um pouco a elaborar isso. Eu ainda to em fase [não concluiu] Isso já tem quatro anos e tem algumas coisas positivas, outras negativas e eu to tentando acertar. A idéia é trabalhar basicamente com textos, dois parágrafos. Eles enlouquecem, porque são quatro semanas, quatro meses, não é três meses, só dois parágrafos e nenhuma bibliografia.

Pesquisadora: [risos]

“Pragmática”: Sabe, [risos], é pelo menos vocês vão decorar esses dois parágrafos rs. A idéia é mostrar como a compreensão daqueles dois parágrafos é extremamente complexo, é extremamente complexo. É claro que há uma certa, há algo de artificial porque os parágrafos em questão não são parágrafos especialmente profundos, mas tem a função pedagógica de chamar atenção e que portanto, enfim, deixa um cuidado. Há uma diferença entre estudar e ler. Pelo menos ler como simplesmente seguir, então do ponto de vista [não concluiu], então a idéia de trabalhar a complexidade do conteúdo, uma certa forma de chamar atenção do que que é a complexidade do conteúdo e porque a complexidade do conteúdo envolve uma relação, a capacidade de desdobrar questões em respostas alternativas e ver que certas respostas é sempre uma tomada de posição quanto a outras possibilidades, e isso evita o dogmatismo, você é capaz de construir respostas alternativas, você pode sentir, compreender, pesar digamos, avaliar melhor o peso de uma certa afirmação do autor, que de alguma forma parecia gratuita, entende?, a ele disse isso e [bate as mãos], mas quando você vê que ele ao dizer isso ele toma, ele escolhe entre duas alternativas que seriam possíveis e que essa escolha o obriga a assumir outras posições que começa a dar mais peso e avaliar de forma mais adequada o que você está lendo, né, e portanto, a idéia é: isso deveria ter um efeito reflexivo na sua própria avaliação, na própria avaliação que você faz das suas próprias abordagens. Entende, vir com o autor, e o que eu digo para eles [se referindo aos alunos], é olha, isso o que vocês fazem ali com o Descartes é o que eu vou fazer com vocês, ta certo? Então, não é para apavora-los, mas é para mostrar que exatamente é preciso e ao mesmo tempo não é um texto que exige um vocabulário técnico. Porque você pode fazer isso, o vocabulário técnico ele vêm para auxiliar no momento em que você já conquistou a complexidade do que você está pensando, antes ele é [não finalizou]. E do ponto de vista da Filosofia moderna, que tem que passar um certo conteúdo e tal, minimamente por mais [não terminou], eu procuro fazer sempre dessa forma, identificar a questão, quais seriam as outras alternativas de resposta e porque essa resposta implica a finidade da [não deu para entender], [pausa na fala] então isso reflete toda uma formação e a escolha que eu fiz dentro da minha formação por uma via extremamente argumentativa, ta. O meu encanto pela lógica não é a toa, mas e o encanto por

Foucault também não é a toa, ou seja, é a idéia de que é possível e é mesmo desejável a confluência, não só do rigor formal, mas da articulação disso num contexto não formal, ninguém fala ‘pek [não compreendi], mas essa relação abstrata ela deve orientar na formação e na [não terminou], ela é interessante exatamente porque ela ajuda a complexizar exatamente o que está sendo tratado. Perceber desdobramentos e não tomar de forma tão chapada [!], do que o texto da dizendo. Então eu ainda estou trabalhando isso, as aulas são essencialmente “cuspe e giz”, como se fala né? Mas, a idéia é provoca-los maximamente para que eles possam falar em sala de aula e eu retorno sempre com uma problematização ao que eles disserem. A idéia não dizer: “O tá errado”..se você disser isso você vai ter que aceitar isso, isso e isso. Enfim, não é propriamente o que você estava disposto na verdade, enfim, isso é muito difícil, porque até que ponto isso funciona bem pra maioria dos alunos? Porque certamente não vai funcionar para todos os alunos, né. Há perfis diferentes de formação, né. E isso um professor não consegue atingir aos seus olhos [não compreendi bem a fala]], né. Mas não sei se ficou mais ou menos claro.

Pesquisadora: Ficou sim.

“Pragmática”: Rs

GRAZIELA: Tu havia dito que no início tu não ficava à vontade..

“Pragmática”: Huhum, claro

Pesquisadora: ..para chegar na sala. E como é que foi essa tua experiência no início já. Tu lembra de algum fato do início?

“Pragmática”: Olha, o meu início, as primeiras aulas que eu dei foram no Rio de Janeiro, né, eu tive uma bolsa de recém doutor e daí eu peguei um curso de alunos que não eram da Filosofia e bom..daí tinha tido uma experiência antes de ir para França fazer o doutorado, eu tinha dado um ano de aula no segundo grau na rede estadual no Rio de Janeiro. Tinha sido um fracasso retumbante, né. Mas é claro a gente sai cheio de idéias e com pouquíssimas experiências e a há uma defasagem imensa entre o que você imagina ser a realidade e o que ela é de fato, então, até acho hoje em dia assim, que trabalhar com adolescentes e jovens é o maior desafio, não é para qualquer um, porque é digamos, toda a essa dificuldade que eu te coloquei elevada a máxima potência, e acrescentada ao fato de que você está lidando com adolescentes e que não estão necessariamente interessados no tipo de [não terminou] e não tão interessados não estou falando aqui nem na perspectiva do aluno de classe média, to falando do aluno das classes menos favorecidas que possuem o objetivo muito claro em obter o diploma de segundo grau [se referindo ao que chamamos hoje de Ensino Médio] e que não tem nem mesmo a perspectiva de terceiro grau, o que eles querem ali é uma coisa bem específica. Eu não tinha problema disciplinar

Pesquisadora: Não..

“Pragmática”: Não tinha problema disciplinar grave, sabe. Os alunos que iam à aula iam, porque eles tinham essa relação [quebra na fala], muito interessante essa relação que eles tinham com a instituição, é muito diferente sabe. Não peguei um lugar difícil, mas também não peguei [não terminou a fala] pegava as turmas da tarde que não eram as melhores turmas. Eram pessoas que vinham do subúrbio para tijuca e nunca tive problemas graves de indisciplina. Mas, tive problemas seríssimos, eles tem obviamente dificuldades na formação

muito deficiente e tem um objetivo muito pragmático. A relação com o saber deles é totalmente instrumental. É por um diploma, não é o saber. É a porta que o diploma abre do ponto de vista profissional dele. E que há mais conhecimento e só isso. Então num certo sentido a Filosofia [não compreendi a fala] [risos] Mas enfim não consegui chegar a uma conclusão exatamente do que qual poderia ser o conteúdo, mas esse é certamente o mais difícil dos mais difíceis de se resolver e eu não acho que seja, óbvio que seja importante, mas aí essa [não terminou], o que seja a diferença, o que seja a grande diferença, digamos assim, nesse meu início, para hoje eu me sentir à vontade foi primeiro uma aplicação do meu modo de ser. Eu procurei ensinar eles, isso sim de alguma forma não tivesse associado ao meu modo particular de lidar com a Filosofia e ao meu modo de ser. Eu sou uma pessoa que falo muito, como você pode ver e brinco muito, tá certo? E bom, sou carioca em um lugar gaúcho e falo um monte de gírias e sabe..e foi no modo da aceitação que eu tinha da minha própria, sabe, aceitação. Eu não sei se isso, eu não posso aceitar que quer dizer: “Ah nós estamos fazendo apologia”, não sei se é a melhor maneira de ser, mas eu acho que eu só posso ensinar através desse meu modo de ser. A idéia de assumir uma persona muito diferente da minha como professora não funcionou, me deixava [sabe?] não funcionava, então eu hoje tenho prazer de dar aula e hoje imagino que isso seja uma coisa positiva, né ao mesmo tempo exigente com todos, eu reprovo, mas procuro atender a todos, assim, explicando e dando um retorno, e sempre muito geral. A avaliação é sobre os resultados. Não é a pessoa que está sendo avaliada é o resultado. Então, mas essa foi a passagem, eu acho que isso que fez a diferença. Então eu que tava aqui fazendo relação com gênero você tá quietinha aí.

Pesquisadora: [risos]

“Pragmática”: Eu acho que aceitar seu próprio modo de ser. Nunca passou na minha cabeça: “Bhá eu sou mulher”, eu acho, imagino que para outras pessoas possa passar por aí também [bateram na porta]

Pesquisadora: Nós estávamos falando sobre a questão de se aceitar, né

“Pragmática”: É então, se essa experiência for válida de algum sentido para outras pessoas eu acho que isso pode envolver também aceitar-se com o seu gênero, não [pausa na fala] de alguma forma [pausa] porque o que está em jogo, eu acho, pelo menos para mim isso é importante, né liberar um pouco o ideal de professores que foi construído a partir dos meus professores. Eu acho que há dois tipos de relação possível na aprendizagem: uma em que a relação com o mestre é muito valorizada e outra que não, porque eu vejo assim, colegas e pessoas que eu vejo que tem uma formação intelectual em torno de diferentes áreas em que essa relação com o professor não é tão marcante. Pra mim é muito marcante, então, foi muito marcante, eu mantenho ainda a relação de admiração que eu tinha, eu mantenho até hoje, de profunda admiração, sabe, com todos os professores que eu tive, não só professores homens, algumas professoras mulheres também. Mas eu mantenho essa profunda admiração, enquanto ao trabalho intelectual, enquanto essas pessoas. Então tem esse processo antes de você lidar com esses ideais e de alguma forma não querer manter a admiração e de alguma forma repetí-lo, saber a diferença, saber que é possível. Eu não sei se tinha que ser possível porque era necessário nesse sentido de que eu só poderia ser professora se eu pudesse ser professora do meu jeito. Eu tentei de outro jeito e não funcionou. Para mim não tava confortável, né então, independente das questões que eu tinha com a Filosofia, que eu já te falei, se esse dar aula fosse uma coisa tão desconfortável eu jamais poderia ter prosseguido Então eu acho que existem duas coisas, pelo menos três coisas que são importantes: pelo menos foram para mim quanto esse me tornar professora e não apenas estudiosa de Filosofia, mas tornar-se

professora de Filosofia. Um é ter sempre presente e não abandonar a questão acerca do que é isso que eu estudo, o que é isso que eu me interesso. Dois: Esse meu jeito, não só na Filosofia, mas na minha relação subjetiva. Como é que eu lido com isso, e eu só posso ensinar isso de alguma forma e isso é a parte mais difícil, você lidar com a autoridade. Não a adoção, mas o fato de você [não concluiu] porque não é só uma questão de personagem Tem uma parte de personagem quando você entra na sala de aula. Eu brinco que eu adoro o som da minha voz. Então dar aula para mim é bastante bom, eu gosto de me ouvir falar [risos], mas então acho que tem toda essa coisa narcísica e tal, também, né. Mas tem um outro ponto que eu acho difícil e delicado também, que é da parte da responsabilidade e autoridade não no sentido banal de que você dá uma nota, mas no sentido de que você tá ali pronunciando algo que tem força de autoridade, seja do ponto de vista do conteúdo, seja da avaliação, mas do ponto de vista do conteúdo. Você tem uma responsabilidade e essa responsabilidade não pode te impedir de errar. Então é muito difícil lidar, eu acho, com essa posição de autoridade, que é essa posição do professor, entende? Eu acho que essa dificuldade não deve significar que você deve abandonar a autoridade, entendeu? O professor ele está numa posição de autoridade e se ele não estiver nessa posição ele não é professor. Daí não se segue que essa posição de autoridade seja fácil de ser administrada. Ela é, mais do que uma relação de poder do que ela é, mas ela é uma relação de responsabilidade que você tem a cada vez que você entra na sala de aula. Eu acho que pra mim foi muito importante isso. Isso me assustava muito no início. Isso me travava muito também, eu acho que eu me dei conta que existe um dia dia, que você pode retornar ao que você disse e aperfeiçoar não só com a mesma turma, mas ao longo [não compreendi a fala] Existe também no momento em que você tá ensinando, que a relação, e que você ensina..ensinar não é só manter e alimentar uma relação pessoal com os alunos, mas é fazer com que eles tenham uma relação com algo do que é mais do que eu [né], eu acho e portanto eu posso me aperfeiçoar, foi o modo que eu tive para lidar com essa questão da autoridade, ainda é muito difícil. Corrigir prova para mim ainda é um dos momentos mais difíceis. Não corrigir, mas dar nota. Né então, bhá. É muito, muito difícil porque eu tenho que ler todas as provas, eu volto, restabeleço relações entre eles e aí tem um efeito dominó, quando um sobe, sobem vários. Quando um cai, caem vários, porque hoje em dia, como é que eu procuro avaliar isso. Eu explico bastante para eles assim, tenho duas avaliações absolutas, digamos o A e a reprovação, isso tem que ser absoluto, tem que ser independente da turma, mas o meio, o B e o C, que aqui é por conceitos tem que ser relativo, turmas melhores, turmas piores, e o meio é relativo. Então, esse é o modo que eu consegui estabelecer para avaliar, mas eu acho que esses três pontos são importantes, eu me considero ainda tentando me tornar uma professora. Existem outros elementos da aula no terceiro grau que contam muito, assim, que eu acho que são muito importantes para você se tornar uma professora, que é um professor, que é a orientação. A orientação é uma relação muito diferenciada e lá no segundo grau e no primeiro grau e ela é uma relação também de ensino muito interessante, muito especial e isso acho [não terminou fala] exige várias coisas, né. Mas uma das coisas mais interessantes que eu acho. Ela exige um tipo de preparo diferenciado, né. Eu não saberia ainda dizer, eu ainda to tentando entender, eu não posso te falar ainda muito sobre isso.

Pesquisadora: Eu já ia perguntar[risos]

“Pragmática”: [Risos] eu não posso falar muito sobre isso, porque eu estou tentando entender, e existe uma coisa clara para mim: que a relação de orientação ela revela, ela traz assim, ela evidencia o quanto de generosidade deve haver né, por essa pessoa. A coisa que eu acho mais difícil de orientar não é orientar um aluno que tenha dificuldade, né, pelo menos pra mim. Não é isso que é o mais difícil. O mais difícil eu acho é você orientar alguém pra ser melhor que você. Isso envolve uma grande [não entendi a fala]. É capaz de reconhecer um

talento e estimular. Eu ainda não tive essa oportunidade. E eu acho isso natural, tem professores aqui que têm muito mais experiência e eu acho que eu tenho bons orientandos, não tenho maus orientandos, mas eu não tenho os mais talentosos. E eu acho isso até bom, [risos]. Não me coloquem eles na minha mão primeiro, entende. Deixem eu me aprimorar porque eu acho que isso foi uma coisa que me chamou muita atenção. Porque deve ser difícil. É difícil também você ter a sensibilidade de você ser capaz..isso que eu fico encantada com certos professores que tem aqui, eu acho isso sabe, tipo assim, eu acho maravilhoso. Essa capacidade de preparar alguém pensando: “Bha, vai ser melhor. Eu quero que ele seja melhor”. E outro elemento é preparar alguém realmente que não seja para repetir o que você ta dizendo. Então são dois elementos de generosidade que eu acho que estão presentes na sala de aula. Obviamente eles estão presentes, mas estão mais diluídos. A relação de orientação torna isso muito mais evidente, entre outros aspectos que eu ainda não, pra mim é muito difícil, é porque eu me concentrei muito nessa coisa da introdução, ta certo? A orientação não é mais a introdução. A orientação é exatamente o percurso que leva agora não só a complexificação, mas a aquisição de um vocabulário e de um contexto acadêmico ainda mais amplo, então eu ainda me sinto engatinhando. É uma experiência legal, mas muito difícil e que faz parte de se tornar um professor, faz parte..eu acho

Pesquisadora: Legal, é assim eu acho que deu..

“Pragmática”: Hahã

Entrevista II- “Pragmática”

Dia 21 de Setembro de 2006

Pesquisadora: Na entrevista I, tinhas colocado que tu vê a filosofia como um certo tipo de exclusão. Eu queria que tu me falasse um pouquinho dessa exclusão, como tu vê ela?

“Pragmática”: É, exclusão é uma palavra muito forte, porque ela é carregada de sentido pejorativo, né e de sentido negativo. Há uma instância que é neutra, que é de afastamento, inclusão por oposição a exclusão. É de afastamento e isso é independente e característico não pelo modo de percepção específica da sociedade em relação a filosofia, mas o modo do tipo de inserção que você tem em relação com o mundo. Então, ela depende de uma certa reclusão, ou exclusão no sentido de afastamento, tá? Não de você ser excluído por outro, mas por você se colocar numa posição de distância em relação aquilo que você tá [pausa na fala] não com o que você tá trabalhando, mas com relação ao teu entorno, entendeu? É claro que existe um outro aspecto que está envolvido nessa exclusão, que daí sim, depende de um pouco da inserção institucional e social desse saber. Que a filosofia tem algo que eu acho que é mais ou menos comum ao longo da história. O julgamento de Sócrates é meio paradigmático nesse sentido né, que eu acho que mostra esse tipo de exclusão. Não gosto de usar a palavra exclusão, porque tem que tomar muito cuidado né! Porque ela é carregadíssima, mas enfim esse modo de percepção da sociedade, de um modo específico a sociedade começa a mostrar que percebe a filosofia e aqueles que estão envolvidos na prática da filosofia, o próprio julgamento de Sócrates é um pouco disso. E tem o aspecto um pouco mais específico, contemporâneo, do modo como a sociedade hoje lida com certos valores, e tal e se relaciona com a filosofia. Então acho que, quando eu falava com os alunos, a minha preocupação sempre eu acho que uma característica importante, mas que não é definitiva na Universidade hoje, é o aspecto profissionalizante, né. Que você tá lidando com adolescentes que tem uma perspectiva profissionalizante. Então isso na verdade, esse aviso, né, é uma espécie de aviso do ponto de vista profissionalizante, da perspectiva profissionalizante, das perspectivas profissionais, a situação é muito única, né. As expectativas são, e não devem ser muito amplas em termos de oportunidades. Oportunidades em termos de salário, então é isso na filosofia, mas não é específico na filosofia. É porque no caso da filosofia, a única oportunidade profissional que você pode de forma sistemática considerar é a docência. É claro que existem outras, em outros países talvez você tenha outros tipos de oportunidades, mas eu acho que do ponto de vista sistemático, a grosso modo é a docência, e aí você vai ter todas as atividades associadas a esse tipo de atividade que não é específico da filosofia. A isso se associa uma percepção peculiar na sociedade em relação a prática filosófica e obviamente isso é digamos projetado sobre a sua situação profissional, não só que você vai ser alguém que vai ganhar pouco, mas que faz algo que não serve para nada. Essa é uma situação um pouco desconfortável, do ponto de vista literal. É claro que há outras, eu imagino que você deve ter visto em outras entrevistas, outras maneiras de ver a filosofia e pensar a filosofia como servindo para algo. É engraçado que embora se admita que tem dois tipos de perspectivas de negar essa coisa de que a filosofia não serve para nada, além da sua prática. Ela serve para si mesma, digamos assim, ela tem um fim em si mesma, mas produz um certo desconforto, não só existencial, mas ideológico, as vezes. Porque você tem aparentemente duas formas distintas, ideologicamente distintas de responder a isso. Uma é dizer, a filosofia serve. Ela serve para a ciência, serve e tem toda uma função epistêmica, enfim, no exercício da ciência. E outra é isoladamente distinta, é dizer, não ela tem toda uma outra função na perspectiva da formação humanística. Então lá no fundo, as duas respostas elas se coincidem isso, porque

elas acham inaceitáveis que haja um saber, uma prática humana, que tem um fim em si mesma. E aí acho que esse é um dos princípios do aspecto da exclusão. Na perspectiva de lidar com uma prática que tem um fim em si mesmo.

PESQUISADORA: E uma coisa que eu queria que tu falasse um pouco mais..

“Pragmática”: Huhum

Pesquisadora: ...é a questão da autoridade, que tu mencionaste na outra entrevista, quero que fale um pouco mais nessa tua dificuldade, por que essa dificuldade na questão da autoridade?

“Pragmática”: Eu acho que tu tem no mínimo três aspectos aí. Um psicológico que diz respeito a história de vida pessoal, eu acho que aqui não interessa. Tem uma questão que é de uma geração. E sou de uma geração pós ditadura, na verdade eu não vivi exatamente a resistência e os movimentos políticos que falavam na liberdade e política, etc. Acho que de qualquer forma eu herdei, minha geração herdou certas crenças, certos valores congelados do tipo, toda a autoridade é negativa. Eu tava até ouvindo a música dos titãs que obviamente soa para mim um pouco da adolescência, agora assim, com a distância. E é isso, eu não confio em ninguém com mais de trinta anos, tem todo um, sabe aspecto de congelamento desses valores. Há uma conhecidência bizarra entre posições ideologicamente consideradas e mesmo politicamente consideradas com uma certa relação juvenil. Então isso conheci num certo momento histórico e isso foi transmitido para toda uma geração e eu acho que há, independente das histórias pessoais de cada um, das formas pessoais de lidar com a autoridade, acho que há essa crença geral de que a autoridade é sempre algo negativo. E isso do ponto de vista pedagógico, marcou muito a pedagogia, né. Final da década de setenta e até agora eu acho que há muita dificuldade de recuperar o valor positivo, ou pelo menos neutro da autoridade. Isso a gente conversou, não tanto da filosofia, mas da função pedagógica, né. Ela parece ser eliminável aí e do ponto de vista [não concluiu], e o terceiro aspecto, do ponto de vista filosófico a dificuldade da autoridade é você fazer repousar, e isso é um ponto importante, a autoridade como [não concluiu], a questão teórica da autoridade, se é que a gente pode dizer assim, é a idéia de uma instância. Por isso que é difícil pensar a autoridade, é que você pode ter uma discussão exclusivamente filosófica acerca do valor da autoridade no contexto teórico, e eu acho assim, isso também um pouco modernamente, modernamente em política, mas enfim, modernamente com a suposição de Descartes você tem essa idéia de que toda a autoridade também é negativa, mas da mesma forma. Então, toda autoridade ela é da razão. Da razão não significa a tua ou a minha nesse momento, mas da razão que é um princípio universal ao qual nós nos submetemos e portanto, quando você está dando aula, você não está ali representando essa razão universal, você está supondo uma outra função da autoridade, e essa sim de todo o movimento do século XVII se batem e que eu acho, de novo, que não é totalmente negativo, ele é negativo nessa perspectiva. É a idéia de que existe uma instância e que ultrapassa um pouco a razão, que é a idéia de um saber acumulado. A idéia de um argumento de autoridade é a idéia de alguém que tem a autoridade no saber, ta certo! E que, portanto, pode anunciar algo, que se não verdadeiro, pelo menos interessante e importante, mesmo que ele não seja capaz de naquele momento ou não ter oportunidade de se justificar. Acho que é essa idéia, do ponto de vista teórico, acho que é uma questão interessante acerca da autoridade, e da dificuldade, dada minha informação no século XVII, há uma dificuldade de tu aceitar a autoridade como instância válida, mas de novo, eu acho que é sofrível [não compreendi a fala]. Acho então, que é um pouco esses três aspectos

[fita foi virada]

Pesquisadora: Pensei que a questão da autoridade ali, pudesse de alguma forma ter haver com a questão de tu ser mulher na filosofia.

“Pragmática”: Bah, não me passou [risos]eu te falei desde o início que ao menos que você me peça para pensar sobre isso, não é uma das questões que naturalmente eu introduzo assim.

Pesquisadora: Huhum, É agora eu gostaria que tu falasse [risos]

“Pragmática”: Pois é, [risos]

Pesquisadora: ...me falasse como que é ser professora de filosofia. Tu é a única professora no programa de Filosofia da UFRGS, não é?

“Pragmática”: Não, não. Tem a Silvia. Tinham duas que se aposentaram, a Ana Carolina e a Maria Carolina. Tem a Katrin atualmente. A Katrin Roselfild, a Silvia Altmann e eu, as três.

Pesquisadora: Como que é assim, no teu trabalho como mulher..

“Pragmática”: Olha, eu acho...me dá uma dica assim, do que, que tipo de coisa? Normal! Mas me diz assim, que tipos de coisas, me provoca [risos]

Pesquisadora: [Risos] Essa coisa assim. Tu leciona num ambiente que é predominantemente masculino.

“Pragmática”: Mas a maior parte dos alunos, não é predominantemente masculino, os alunos não são predominantemente masculinos. São? Não tenho essa impressão não.

Pesquisadora: Mas a maioria dos professores.

“Pragmática”: Professores sim, mas..

Pesquisadora: Tem alguma coisa que tu colocaria com relação ao fato de ser mulher.

“Pragmática”: Never, never. Como eu tinha te falado, eu tenho uma amiga, com quem eu converso. Na verdade isso não surge como um tema. Não surgia quando eu [Não concluiu]. Quando se é aluna, pode até surgir, assim, né, não na forma de uma situação específica, mas na forma de comentários, então por exemplo, quando há o envolvimento afetivo, né. Ou um flerte, não precisa ser um envolvimento afetivo, e aí quando cruza essa instância de professor e aluna, e aí nos dois sentidos, né. Então, é uma tese muito geral, e aí é claro que você poderia forçar um pouco a barra e dizer: bom e as questões de gênero? Nas relações profissionais elas estão associadas a essa penetração de questões de ordem afetiva, né. Porque na verdade você só pode se interessar, ou não se interessar, ou ter um flerte com colegas de trabalho se você o percebe como alguém que você pode se interessar e portanto você tem que fazer distinção de gênero, senão você jamais se interessaria. Então daí claro, são relações pessoais, etc.

Pesquisadora: Mas como professora?

“Pragmática”: Não, realmente olha. No máximo o que eu poderia dizer são essas coisas de aluno, entende, depois não faço mais esse tipo de comentário, sabe, porque eu também não

tenho [hã], então to tentando realmente acertar essa bola . Porque tenho uma professora que é amiga minha em São Carlos, e isso até é um tema, eu vejo assim. Não é um tema de trabalho, mas é um tema. Então por exemplo, ela me convidou para escrever um artigo lá. E ela disse “que ficaria tão contente que você é mulher, que seria uma mulher escrevendo” e eu não consegui fazer esse, assim como não consegui fazer nenhum, entende, não foi contra esse, ou a favor desse. Isso nem me motivou positivamente, mas nem negativamente. Isso não foi nem uma razão para escrever e nem uma razão para não escrever. Curioso, porque exatamente pra ela, aquilo era valor, entende. Assim, ela queria porque ela tava organizando e porque ela gostaria que tivesse mais mulheres escrevendo, mas ela falou, não to chamando só você por isso. Mas isso me chamou atenção porque geralmente isso é uma coisa que não entraria [não entendi]. A gente pode pirar nisso. Podemos dizer que isso é um problema meu, da minha relação com gênero. O que eu acho talvez, é o seguinte também, pode ser que depende do modo que você lida com o teu ambiente de trabalho, isso também pode ser. Eu não tenho muita clareza sobre o que nos leva a constatar a questão do gênero como uma coisa relevante ou não. É claro que ela é uma questão relevante nas questões pessoais. É claro que historicamente, é uma coisa bastante claro. Que há, desde que as mulheres começaram a conquistar a posição de trabalho dentro das Universidades. No mundo da Universidade e do mundo do trabalho, etc, você tem histórias de discriminação e que isso só se alterou devido a luta e essa luta só foram possíveis, exatamente porque se reconheceu que é um problema. A questão do gênero é um problema político, é um problema sociológico. Então, eu não to negando a importância, entende?

Pesquisadora: Então como professora tu não lembra de momento que tenha ocorrido uma situação de preconceito, que teria vivido com relação ao fato de tu ser mulher? E quando tu era aluna? Tu até mencionaste na primeira entrevista, que teve admiração por professores e professoras. Tu teve bastante professoras, por exemplo?

“Pragmática”: Tive. O problema é que eu lembro das pessoas que me impressionaram. Do ponto de ponto de vista de quem me impressionou é praticamente o equivalente. Quarenta, no máximo 40, 60, por que o universo é sempre maior, é mais masculino, do que feminino. Não tive, é realmente é bizarro, eu fico até sem graça [risos], eu fico até sem graça.

Pesquisadora: De repente seja pelo fato de tu ser do Rio de Janeiro e de ter todo um contexto que interfere nisso.

“Pragmática”: É, pois é. Porque tem uma coisa que eu vejo. Tem uma coisa de atitude, que eu vejo. Eu acho que tem muitas variáveis. Essa variável que tu fala, também depende um pouco do modo que eu lido com o trabalho. Que tipo de relação eu busco. Então você vê que as questões afetivas, não são na relação do trabalho, entende? Então para mim, sabe. É uma coisa que, porque não acho bom. Claro que no início, você é aluno, você tende, claro, isso porque você tem afinidade intelectual, afinidade...E a tendência é você dizer, claro você tem todas as afinidades, logo, né. Mas na verdade não é, na verdade é um, pra mim se revelou um mundo, um aspecto da minha vida que é importante, que eu prego, mas que é separado do meu investimento amoroso. Então..

Pesquisadora: Como tu está num programa de pós-graduação que é um programa de peso, para nós, até mesmo a nível de Brasil.

“Pragmática”: [Risos]

Pesquisadora: É, com certeza, e por ser tão poucas mulheres e a gente vê isso né, que conseguem chegar nesses lugares, na Filosofia.

“Pragmática”: Não é tão pouco assim. É? Eu acho também, vamos tentar, eu não tenho nenhuma experiência pessoal assim de [não concluiu], nem de favorável, nem de desfavorável. Eu insisto, eu acho que até podem ter havido [se referido a preconceito de gênero na filosofia], mas não é o meu filtro. Se alguém me fez alguma coisa e eu me senti discriminada, eu jamais me senti assim, porque eu era mulher. Era porque eu era isso, porque eu era aquilo. Nem porque eu era mulher, nem porque eu era mulher judia, eu não sou, enfim, mas o meu pai é judeu. Nenhum tipo de, sabe, achava que era comigo pessoa [risos], mas não eu como mulher. Agora acho que, eu imagino que a Universidade tem um pouco de toda a sociedade, isso é uma coisa que eu acho curiosa e que eu gostaria de saber se a proporção de homens e mulheres nas Universidades é diferente das outras profissões, e se no caso da Filosofia é diferente ainda? É?

Pesquisadora: Isso eu vou fazer. No caso a gente sabe que a parcela feminina está em massa nas Universidades, mas assim aqui pelo menos na região metropolitana, falando da filosofia, que daí eu vou trabalhar isso, pelo que eu to levantando, são muito mais homens, né, do que mulheres.

“Pragmática”: E isso é em relação a outras profissões também? Perdão, outras especialidades?

Pesquisadora: Eu estou trabalhando a filosofia, né

“Pragmática”: Mas. Não tens dados?

Pesquisadora: Eu tenho dados, que, por exemplo, há áreas que ainda são masculinas, por exemplo, a engenharia, mas está aumentando. Aumentou cerca de 3%.

“Pragmática”: Mas, filosofia é tradicionalmente um reduto masculino tipo engenharia? Vou tomar como caricaturas, engenharia e letras.

Pesquisadora: Mesmo sendo área da educação [se referindo licenciatura em Filosofia], ciências humanas, que ainda é mais feminina, a gente vê assim que o número de homens prevalecem.

“Pragmática”: Está tentando ver o que poderia levar isso. É estranho, porque não vejo, é estranho mesmo, então não sei, sinceramente.

Pesquisadora: E é assim, com relação a essa questão não, mas com relação as mulheres na história da filosofia, por exemplo, como tu vê, na história ocidental como tu vê as mulheres nessa história?

“Pragmática”: Notadamente você tem o que: Você tem um número, há uma desproporção e mesmo considerando que muitas delas não tem a divulgação, digamos que eventualmente elas tiveram a divulgação adequada, mesmo assim ainda é desproporcional. E de fato, tirando a Hannah Arendt, que é alguém que imediatamente vem a mente, mesmo no caso da Simone de Beauvoir, acho que ela transita um pouco numa linha transdisciplinar, então, seria uma experiência interessante. Quem é que vem a mente assim, com certeza você tem mulheres que

fizeram parte da filosofia ocidental, mas de fato são poucas. Olha, eu acho que se você disser “Olha como há uma desproporção”, é verdade, porque será isso? Né. Fica complicado porque historicamente você teria que enfrentar uma série de questões. Questões de estimulação, né. Que na verdade tudo depende do modo que essas coisas são passadas de geração pra geração e divulgadas, etc. Eu acho que tem questões próprias para cada época. Por exemplo, no caso de Descartes, você tem a correspondência com Elisabeth, que ele a considerou intelectualmente. Tem uma troca, ela tem uma influência na obra dele, entende, passa a tratar de questões de moral devido essa, e não é só porque ele está flertando com ela, mas porque realmente ele respeita ela do ponto de vista intelectual. Há uma troca, isso faz parte, não há como você estudar a moral cartesiana sem passar pela correspondência com Elisabeth, então não é assim, uma perfumaria, é um ponto importante. Então, de fato, há essa diferença, mas o ponto não é se as mulheres tem sido, se tem uma posição, olha só tem uma questão interessante, porque é um problema interessante do ponto de vista social e político, a questão é (isso é um tema difícil, sabe de ver) se há alguma diferença de gênero, no modo de pensar, e portanto na relação com o conhecimento de um modo geral. A minha tendência seria dizer não, portanto se há essa desproporção, as causas teriam que ser buscadas em fatores sociológicos e políticos e históricos, né. E não psicológicos, nem [não concluiu]. Mas eu não saberia te dizer mesmo.

Pesquisadora: E como tu trouxe essa discussão do Descartes. Como tu trabalha com filosofia moderna, como que tu percebe as filósofas, tu traz como exemplo que aparece ali, assim como outras filósofas trocaram correspondências com outros pensadores. Como que tu vê a forma desses pensadores tratarem a mulheres?

“Pragmática”: Eu acho que eles pagam o preço, eu acho. Os filósofos são tão babacas, quanto as outras pessoas na vida, entende. Eu não tenho nenhum tipo de idealização quanto a personalidade ou o caráter, sabe, dos filósofos. Você tem aí, na literatura feminista toda uma lista imensa do modo pejorativo de como os filósofos trataram as mulheres, né. Então quantos homens trataram de forma pejorativa as mulheres ao longo dos tempos? Então, esse tipo de, esse machismo na letra é só uma explicação de um machismo mais geral, entende, é claro que você vai dizer, é surpreendente, porque, que está supostamente lidando com a realidade e com questões fundamentais se deixe de forma tão flagrante, né, capturar e enganar por preconceitos. Assim, e eu acho isso em tudo. Se tu for ver certas opiniões que eles vão ter quando fogem do âmbito de estudo, mesmo no interior do âmbito de estudos eles são cheios de preconceitos. Exatamente, eu não acho que filosofia, embora lide com certas questões que perpassam o tempo e a história, isso não nos torna imunes, entendeu? Do ponto de vista moral, pessoas mais legais ou menos morais, talvez isso aliás é uma das razões que eu não namoro filósofos entende? [risos] Porque eu não vejo que seja uma vantagem do ponto de vista pessoal. Acho, sim, que do ponto de vista intelectual quando você coloca essas questões, eles podem te dar umas respostas interessantes, mas exatamente tudo vai depender do modo que você filtra, entende? Então tem certas referências que Spinoza vai fazer, que Aristóteles vai fazer, algumas são marginais, outras são mais presentes, já fazem parte. Mas eu acho assim, tais como outros tipos de preconceitos que eles possam expressar, isso não me interessa, eu nem os odeio, nem os amo por causa disso, simplesmente isso não me interessa do ponto de vista intelectual. Só o fato deles emitirem opiniões que são materialmente comprometidas por esses preconceitos, elas se tornam filosoficamente desinteressantes, entende? A não ser que você tenha [não concluiu]. No caso do Nietzsche tem uma passagem no “Zaratustra” que aí elas podem, eu até ia fazer uma brincadeira certa vez, que tinha um congresso feminista e eu ia apresentar essa passagem do Nietzsche: “Ao tratar com as mulheres, não esqueça o chicote”, então é uma passagem famosa e tal, o problema que ela

tirada do contexto, ela é obviamente idiota, tá certo? O problema que nessa passagem do Zaratustra, se eu não me engano, passa por bobagem, mas se eu não me engano ele tá falando, ele fez uma comparação sobre as mulheres e a verdade e portanto, faz parte de uma grande metáfora. Comparar as mulheres e a verdade não é minimizar a importância das mulheres, ao contrário, a verdade é uma mulher, isso é uma metáfora e a idéia do chicote, é algo que te escape, porque você precisa de alguma coisa, forma de dominar, enfim. Eu acho que todas essas referências, então, mesmo quando elas podem, enfim, ser consideradas filosoficamente interessantes, elas só podem ser, se você puder abstrair e considera-las como e mais, em metáforas de questões mais interessantes, eu acho assim, é difícil caracterizar. Da mesma forma como, digamos a contra partida, digamos, para mim tá como dado que há uma igualdade, então qualquer coisa que se manifeste diante disso, imediatamente para mim perde o interesse, então se eu tivesse, eu imagino que se eu tivesse sofrido por parte de algum tipo de preconceito, pelo fato de ser mulher, se eu identificasse isso, certamente ele perderia o respeito intelectual, do ponto de vista de pessoas. Intelectual, perderia o respeito como pessoa, porque é idiota, entende? Para mim é assim, idiota. E eu acho assim, todo o preconceito, ele não é do ponto de vista [não concluiu]. Eu tô me contrariando um pouco, mas eu vou retomar, então, quando eu leio os filósofos, porque eu não estou interessada neles como pessoas, mas interessada no que eles podem me ensinar..

Pesquisadora: Huhum

“Pragmática”: Né? E eu tomo como dado que esse é um ponto pacífico, a questão da igualdade, e se no máximo um filósofo me faz pensar sobre não apenas a diferença, mas a hierarquização, né. Eu posso considerar isso do ponto de vista meramente teórico, como uma tentativa de compreender melhor a relação entre as pessoas, mas não como a afirmação de uma verdade, mas como a hipótese de que vale apenas explorar para você ver exatamente os limites dela. Do ponto de vista pessoal, se alguém me diz: “não considero preconceito”, aí qualquer homem tem preconceito, não apenas um problema, mas um vício moral, entendeu, é um vício intelectual. Exatamente ele fecha suas portas para compreender certas coisas, você fechou. E no momento que você catalogou isso, seja favoravelmente, seja desfavoravelmente, isso ali está congelado, então eu acho um grande vício, entendeu, é burrice entende?

Pesquisadora: E quando tu coloca assim “Pragmática”, que tu vê a questão da igualdade como algo dado..

“Pragmática”: É

Pesquisadora: Tá, mas daí como que tu identificaria, por exemplo, como é que tu percebe a questão assim, vamos pegar por exemplo, livros didáticos de Filosofia, tá, então a gente tá trabalhando...

“Pragmática”: Dado eu quero dizer assim: dado, não acho.. bom vamos lá. Sem dúvida eu sei que há diferentes manifestações que são contrárias a isso, que eu considero como dado, eu considero assim, adquirida, não tem que discutir se há ou não igualdade, mas agora, por exemplo, você falou do livro didático, se alguma unidade sugere essa diferença?

Pesquisadora: Não, no caso assim, que nos livros didáticos que nós temos no Brasil..

“Pragmática”: Haha

Pesquisadora: ..raramente aparecem as pensadoras. Houveram mulheres, muitas inclusive, só que elas não estão sendo contadas, não estão sendo trabalhadas, né, não estão sendo citadas, então é nesse sentido que me referi com igualdade.

“Pragmática”: Entendi, mas igualdade de princípio né? Mas igualdade de princípio significa o seguinte. Eu não vou me interessar por um texto porque ele é, nem porque ele foi feito por um homem, nem porque ele foi feito por uma mulher. Entende? Eu acho que é dado, assim, exatamente isso significa que não é um elemento que eu acho relevante de avaliação, de avaliação de um valor filosófico de uma questão, de uma discussão e de um texto. Ele é a repouso de um valor intrínseco [não compreendi a gravação]e na sua universalidade, exatamente que ele pode ser compreendido, admirado, debatido e criticado, seja por homens, seja por mulheres, isso eu considero como algo dado. Exatamente como dado, agora vendo por exemplo, que há essa dificuldade na forma da divulgação, que eu identifico, eu poderia agora tomar para mim então que há mulheres na história da filosofia que são pouco conhecidas, embora haja que tem homens que são pouco conhecidos, embora haja também homens que são pouco conhecidos, mas de qualquer forma há uma desproporção aí, aí poderia ter uma [não entendi] positiva, como eu conheci uma professora americana que se dedicava exatamente a [não concluiu], ela trabalhava o século XVII, ela dava aulas sobre [não entendi] que é um filósofo inglês, e tal, ela tinha esse tipo de ação afirmativa, ação positiva de você ampliar, digamos assim, divulgar. O que é correto se [não concluiu], eu acho assim, se você considera que o trabalho dela vale a pena mesmo, não porque ela é uma mulher esquecida entende? Se não você provoca, é sempre difícil isso, o problema da ação afirmativa é um tem muito delicado, assim, e embora eu estando te dizendo isso, eu mantenho aberta a possibilidade de talvez estar menosprezando certos aspectos da questão. Mas a minha pendência é que a atividade da ação afirmativa é que você pode estar valorizando sobre a valorização. Eu entendo a necessidade da supervalorização, eu entendo, ponto, não a necessidade, mas o medo é que a supervalorização crie o efeito inverso, a desvalorização, entende? Exatamente quando você valoriza algo porque é feito por uma mulher, ou porque é feito por um homem, ou se é feito por um professor que não tem oportunidade, entende? Você acaba agregando desvalor, entende? Você agrega valor por isso e há uma espécie de dupla mensagem, o que é muito difícil. Olha, pode ser assim que eu esteja sendo injusta ao não considerar o impacto, entende, social e histórico dessa valorização mesmo que artificial, mas prática. Eu tenho amigos que a gente discute as questões das cotas, etc e me faz ver isso, que tem certos aspectos positivos, mas a minha tendência, pelo menos que eu não consegui superar é esse problema da dupla mensagem: Leia isso porque é de uma mulher, ou leia isso porque só é de mulher. Esse: “só porque é de mulher”, na verdade ele tem uma contrapartida. Ta.

Pesquisadora: Bom a maioria das perguntas eu fui fazendo no decorrer..Ah

“Pragmática”: Hahã.Mas hoje eu não to muito boa né. Eu tava mais falante da outra vez, eu to perdendo a inocência.

Pesquisadora: Era isso mesmo que eu queria trabalhar contigo, eram as questões que tinham ficado e essa questão.

“Pragmática”: Pois é, eu fico até desconfortável porque assim, se você, como eu falei, espontaneamente essa não é uma questão para mim, embora eu reconheça que gênero tem um aspecto crítico muito importante. Eu gozo hoje de certas conquistas, que eu só posso gozar porque dependeu de todo um movimento e dependeu dessa valorização da questão do gênero.

Se ninguém tivesse insistido sobre isso, eu não estaria votando, eu não estaria um monte de coisas, então eu sei disso. Então, espontaneamente eu não me coloco essa questão, agora, confrontada com esse todo eu tenho que concordar que há uma espécie de [não compreendi a gravação] da minha parte, do ponto de vista não só desse, mas de todas, de muitas outras conquistas e lutas políticas, entende. Eu colocaria aí na minha conta do modo que eu lido, com a minha ação política. Eu só tenho assim, especificamente do gênero, mas também não é assim tão específico assim, essa questão da dupla mensagem que eu temo um pouco, mas isso não é só do gênero, isso é da ação afirmativa, eu tenho uma dificuldade, existe um problema, e como lidar com esse problema. Então existe um problema da discriminação das mulheres na sociedade. Existe um outro problema que eu acho interessante que muitas vezes é misturado, que é da diferença, que é da afirmação da diferença, que você tem ao mesmo tempo que resguardar a igualdade, por um certo aspecto e valorizar a diferença. O problema é o limite tênue entre essas duas coisas, entende? E eu sinceramente, a minha tendência é sempre pensar do ponto de vista teórico, não tem jeito, eu não me coloco isso como uma questão prática que eu tenha que lidar, ou que eu tenha que divulgar mais isso. Eu sempre me coloco isso com qualquer questão política, veja bem, não é só com a questão do gênero. E aí eu diria olha, isso é um problema interessante, como é que você vai ao mesmo tempo afirmar a diferença do gênero, reconhecer. Porque o problema do reconhecimento da diferença do gênero, significa que você tem que adquirir certas propriedades, certas características das mulheres e negar dos homens e vice versa. A questão é, quando você nega uma característica, uma propriedade aos homens você está discriminando, entende? Porque forçosamente, esse é o que eu acho o problema interessante, que vai associar, porque forçosamente vai tocar a questão da igualdade, não há como você afirmar diferença sem [não concluiu], tem que desenvolver a negação, ta certo? Ter tais, tais características, sejam físicas, sejam psíquicas, então por exemplo, então as mulheres tem uma conformação ósseo muscular que dá a elas um limite. “Há ta dizendo que as mulheres são mais fracas!”. Entende? O problema é que você tem que distinguir e quando você distingue, você vai levar em consideração certas características quaisquer, ta certo e aí você vai afirmar uma e negar outra. A leitura política disso ela sempre pode reverter a coisa, tratar uma distinção neutra e converte-la numa distinção que é politicamente incoerente, que tem consequência política grave na vida das pessoas, entende? Então eu acho que isso, a questão é se isso pode ser resolvido especificamente para o caso do gênero, se isso não é uma característica dessa passagem do teórico ao prático, entende? Que é um problema muito mais geral, mais amplo. Toda vez que eu distingo pessoas, a maior parte da filosofia política, da introdução da distinção, se há ou não distinção natural né, entre as partes, né de Platão e tal, por um lado é interessante de fazer isso, você dá conta de uma serie de questões, por outro lado tem questões que não dá conta e mais ainda isso pode acarretar uma tomada de questões politicamente comprometedoras. Então a minha tendência é sempre colocar essa perspectiva, que eu acho mais interessante, embora eu reconheça que ela não é a única e que muitas vezes ela não é a mais importante do ponto de vista imediato.

Pesquisadora: Então ta, era isso então.

“Pragmática”: Não sei se eu te ajudei muito Graziela

Entrevista I- “A Transgressora”

07 de Julho de 2006.

Data da correção da professora: 04 e 05/09/2006

Pesquisadora: Eu queria saber um pouquinho “Transgressora” da tua entrada na Filosofia. Como é que foi? Essa tua história..

“Transgressora”: Eu sempre gostei das aulas de filosofia quando fazia o curso normal; essa foi minha primeira aproximação com a filosofia. Mas eu tinha apenas um interesse geral, não tinha muita clareza de fazer disso meu trabalho. Mas fui gostando cada vez mais e resolvi prestar o vestibular para o curso de Filosofia. Meus pais não entendiam muito bem aquela escolha, pois naquele tempo esperavam-se escolham mais convencionais como optar por cursos de medicina, direito, engenharia, etc. Embora meus pais tivessem apenas a escolarização inicial, eles estimulavam o estudo, mas eu não vivi num ambiente rico intelectualmente. Fiz vestibular para a Universidade Federal de Santa Maria, porque meus pais consideravam que era a Universidade mais próxima de casa (minha família morava em São Borja). Consideravam que era um modo de eu ficar mais próxima da família (naquela época as estradas eram péssimas) e coisas assim.

Minha entrada no curso de filosofia foi um pouco delicada e perturbadora. Era uma época da ditadura militar e havia muita repressão. As aulas eram acompanhadas por agentes de DOPS (Departamento da Polícia Federal) encarregados de controlar tudo aquilo que supostamente ameaçava a ordem político-social. Era muito complicado. Eu não participava daqueles movimentos, mas como todas as pessoas da minha geração, éramos muito indignados com todas aquelas formas de restrição de liberdade e violência.. Mas a entrada difícil que eu quero referir é especificamente a questão de como eu me senti constrangida. Eu posso deixar claro isso através do seguinte exemplo: Eu tinha um professor que lecionava introdução à Filosofia e que era muito arrogante, pelo menos eu o via assim.

Pesquisadora: Huhum

“Transgressora”: Nunca mais eu soube dele. Ele também lidava muito com arte; era crítico de arte. Era a primeira vez em que saía do interior, indo para uma universidade, era todo um ambiente novo para mim, nada familiar. Naquela época, na zona da fronteira, pouquíssimas mulheres estudavam por incrível que pareça. Muitas amigas desistiram, não seguiram fazendo faculdade desistiam durante o segundo grau (a maioria para casar). Então eu não tinha familiaridade nem com a idéia de Universidade, nem com temas mais eruditos e intelectualizados que são próprios da filosofia. Entre as amizades dos meus pais, tinha pouca gente titulada, entende?

Pesquisadora: Huhum

“Transgressora”: Então era estranho para mim isso, e aquele professor (eu vou me deter um pouco nisso, porque isso é marcante para estabelecer toda minha posterior relação com o curso de filosofia) me fechou as portas.

A situação que quero relatar deu-se na primeira semana de aula, no primeiro ano do curso. Naquele tempo os professores ou apresentavam o plano de ensino mimeografado ou oralmente, informando como iriam desenvolver os conteúdos.

Pesquisadora: Huhum

“Transgressora”: Como fazia o estágio do curso Normal (eu tinha concluído os três anos regulares e cumpria a exigência curricular do estágio nas primeiras séries do ensino fundamental), estava “formada” naquela experiência de magistério.

Pesquisadora:Huhum

“Transgressora”: E quando ele começou dizendo que temas trabalharia, eu, timidamente, levantei o dedo e perguntei: “Professor, esses são os conteúdos programáticos?”Linguagem reveladora de minha inserção como professora primária, que adotava aquele clichê da educação: plano de ensino, conteúdo programático, objetivos, etc. Era assim que se nomeava. Ele olhou para mim ironicamente e disse: “Você deve ser normalista, né?”. Eu tenho um branco, não lembro o que respondi; acho que respondi sim. E como era muito tímida, e como a minha primeira tentativa de comunicação ou de legitimação de meu precário saber foi desconsiderada, ironizada, fiquei muito “envergonhada! Não tenho dúvida até hoje que foi um certo deboche, porque eles (os professores) detestavam esses assuntos, já havia um certo clima contra a faculdade de educação, contra as “professorinhas”, no caso era pior ainda porque eu era normalista. Fiquei inibida e aquilo marcou para mim um não acolhimento e bateu muito forte nessa timidez que eu tinha, nesse mundo que eu desconhecia e que eu me sentia barrada. Passei o resto do curso com pouquíssima participação, no sentido de perguntar, questionar. Estudava muito, mas me fechei em um grupo de colegas mulheres e me integrei pouco com a turma. Havia na turma uma certa preferência pelos alunos homens. Então eu fui me calando, fiz um curso muito quieta, sem maiores discussões. Em termos de desempenho nós íamos muito bem, porque nosso grupo de mulheres era estudioso e responsável, mas sempre muito restrito. A maior parte dos homens na aula, era de seminaristas provenientes do Seminário Palotino (em Santa Maria). Por alguma razão eles foram fazer o curso de filosofia na Universidade Federal.

O clima com o professor do qual relatei o exemplo permaneceu sempre desagradável. Permaneceu a intuição de que ele achava a gente muito babaca, muito boba..., então essa foi a minha entrada no curso.

Pesquisadora: Que ano foi isso?

“Transgressora”: Eu me formei em 73 [1973], o curso durou de 1970 a 1973. Naquela época o currículo era organizado anualmente. Os militares estavam no poder, mas ainda não havia se completado a implantação da reforma de ensino (que tornou os cursos semestrais, etc.). Em dezembro de 73 eu me formei. Mas claro, depois a gente se dava bem na turma. Estou contando alguns episódios porque me marcaram muito: um homem cortando uma mulher, colocando-me como “professorinha”, no sentido pejorativo. Isso marcou tanto que eu não esqueço até hoje! Embora não tenha mais mágoas e posso até relativizar a importância que teve na época. Depois da formatura, voltei para a minha cidade no interior e comecei a trabalhar como professora de filosofia numa escola particular religiosa que tinha vaga, mas ganhava pouquíssimo. Meu pai ficou horrorizado na época (fiquei morando com os meus pais). E ele me disse: “Filha se é para ganhar isso, não é possível, eu posso te dar esse dinheiro”. Ele achava um absurdo porque eu passava dia e noite preparando aulas, estudando intensamente. Além de filosofia, dava aulas de psicologia e sociologia, pois precisavam de professores.

Pesquisadora: Huhum

“Transgressora”: Então eu iniciei lecionando três disciplinas, ganhando uma miséria. Ao pai respondi: “Não, eu adoro fazer isso”. Estudava até de madrugada para poder dar aquelas aulas. O trabalho, nos primeiros anos de docência, requer apropriação de um conjunto mínimo de conhecimentos, de uma certa movimentação teórica, da adequação de recursos epistemológicos e metodológicos. No interior, naquela época, era difícil de obter livros. Às vezes eu vinha à Porto Alegre e comprava livros. Bom, foi assim, eu fiquei um ano em São Borja dando aulas dessas disciplinas. Mas a paixão era a filosofia. Foi uma boa experiência, eu nunca tive dificuldades com os alunos. Eram experiências boas, não tenho traumas, assim, foi positivo. Empenho-me até hoje para valorizar os alunos, evito repetir o constrangimento que vivi. Serviu como aprendizagem.

Pesquisadora: Huum

“Transgressora”: Depois eu quis vir para Porto Alegre, porque meu namorado na época, com quem eu casei, o pai de meus filhos - José Natanael - estava em Porto Alegre e ele queria que eu viesse para cá também. Então começou a nova procura de trabalho. Não havia emprego para professora de filosofia, pois nesse contexto sócio-político, a filosofia foi praticamente banida dos currículos (a reforma de ensino, Lei 5692/71, já havia sido implantada). Então não havia mais nem concurso para professor da rede estadual. Eu não conhecia absolutamente ninguém; então procurei trabalho em anúncios de jornal, pois, como meus pais moravam no interior, só podia permanecer aqui com um trabalho, que me assegurasse a sobrevivência. Procurei uma fundação educacional, que não era uma instituição muito séria (isso eu vim saber depois). Fiz uma seleção, que tinha vários candidatos e fui selecionada para trabalhar com assessoria pedagógica em educação à distância, que eu não entendia nada, nunca tinha ouvido falar. Mas como queria ficar aqui e precisava de um emprego, assumi esse novo desafio e aprendi muito. Para esse trabalho, me foram muito válidas as orientações pedagógicas que recebi na Licenciatura. Durante essa experiência, fiquei afastada da filosofia, mas sempre com um desejo enorme de voltar. Permaneci nessa fundação uns oito anos e durante esse período abriu concurso e eu fiz para ser professora estadual de filosofia. Tomei posse em um cargo de 20 horas, e, assim que foi possível, fiz outro concurso e permaneci quarenta horas em escola pública.

Pesquisadora: Huum

“Transgressora”: Nesse período, quando ainda estava na Fundação fiz mestrado na área de educação. E por trabalhar com a educação à distância, educação de populações marginalizadas, fiz um mestrado voltado para o tema de educação de adultos. Não fiz o mestrado em filosofia, eu fiz em educação e já estava dando aula na rede estadual.

Pesquisadora: Quanto tempo?

“Transgressora”: Fiquei bastante tempo, uns quinze anos na rede estadual. Fui também fazendo outros trabalhos. Nesse tempo que eu estava nessa rede estadual. Como eu diz o mestrado na PUCRS, recebi convite para trabalhar lá, com assessoria pedagógica, aulas de filosofia no curso de Pedagogia e também comecei a dar aulas no Mestrado de Serviço Social (a disciplina se chamava Metodologia de ensino, mas eu enfocava questões de educação e uma aproximação com filosofia da educação)

Pesquisadora: Huum

“Transgressora”: Paulatinamente, fui retomando a discussão filosófica, os estudos nessa área.

Pesquisadora: Huhum

“Transgressora”: Nesse período dos anos oitenta, houve a abertura do governo militar, as diretas já, etc., abriu pós-graduação em Filosofia na UFRGS e voltaram os professores que tinham saído por ocasião das perseguições políticas. Nessa retomada da vida intelectual no estado, os professores promoveram muitas palestras de filosofia, no Instituto Goethe. Naquela época eles trouxeram Habermas aqui e eu já estava, por minha conta, estudando a obra desse autor, porque considero essa retomada mais sistemática de estudo muito importante na formação. Pois o período da ditadura cortou muitas possibilidades de acesso às discussões teóricas. A minha formação foi fundamentalmente aristotélica-tomista, porque havia muitos padres que eram professores no curso de filosofia e que privilegiavam sua orientação teórica. Eram bons professores, mas na época, Marx, por exemplo, o era proibido de ser estudado; ou se havia alguma aula muito rápida sobre o tema, os agentes do DOPS lá estavam para censurar. E não tivemos quase nada da filosofia contemporânea. Então, passados esses anos, quando retorno à filosofia, comecei a procurar por mim mesmo uma forma de superar minhas deficiências e lacunas teóricas. Eu nem lamento mais, apenas registro o contexto no qual se deu minha formação. Comecei a ler uma série de autores e eu cito Habermas, pois foi sobre ele que eu fiz o meu doutorado depois (só tive condições de ingressar no doutorado em 1991, por questões de trabalho e ocupação com a criação de meus filhos). Comecei a estudar Habermas e filosofia alemã em livros traduzidos. Iniciei os estudos de alemão. Já havia estudado inglês logo na minha chegada a Porto Alegre. Frequentei o curso do Instituto cultural, pois queria continuar, mas não pensava ainda em fazer doutorado. Isso foi um a expectativa que chegou mais tarde. Para a minha geração não era automático projetar carreira, no sentido da graduação seguir-se a pós-graduação. Esses professores que voltaram com a reabertura do regime, que reanimaram a discussão filosófica na Universidade e também entraram nessa política de estímulo a pós-graduação, que abriram o mestrado e depois o doutorado na faculdade de filosofia da UFRGS, promoviam muitos encontros, sobretudo no Instituto Goethe, discutindo idealismo alemão, as tendências contemporâneas e as tendências da virada lingüística. Com isso, já me sentia “de volta” ao mundo da filosofia. Nesse período, trabalhei no Instituto de Educação, e encontrei pessoas interessantes, que abriram perspectivas muito bonitas na filosofia. Portanto, na minha relação com a filosofia, teve singular importância a experiência escolar. Uma dessas pessoas é a Ceres Moreno, professora de ensino médio, trabalhou a vida inteira em escola, extremamente sensível para trazer a filosofia para o mundo dos jovens. Aprendi muito com ela, era um trabalho que gostava de fazer com os alunos do segundo grau. Nesse período, já havia adquirido uma certa familiaridade com a metodologia da sala de aula (lembro que trabalhava com segmentos de textos dos filósofos, mas também utilizava artigos de jornal, poesias para eles discutirem algumas questões, mais próximas de seus contextos).

Enfim resolvi fazer o doutorado, mas não pude fazer no Programa de Filosofia, porque meu mestrado não era em filosofia e também não aceitavam o tema que me interessava na área da filosofia da educação.

Pesquisadora: Porque tu havia feito Mestrado na educação?

“Transgressora”: Na educação. Então aparecerem outras barreiras (a rigidez normativa para ingresso nos programas de Filosofia). Tentei a seleção para Doutorado em Educação da UFRGS, numa linha de pesquisa da filosofia da educação, com o Prof. Laethus Veit, que tem

toda sua formação em filosofia e que trabalha exclusivamente com filosofia e filosofia da educação (e também é um conhecedor de Habermas). O doutorado em educação da UFRGS me permitia fazer 1/3 dos créditos em outro programa. Então fui estudar lá na Filosofia (e fui muito bem recebida). Fiz doutorado sanduíche na Alemanha, no Erziehungswissenschaftliches Seminar (Instituto de Ciências da Educação) da Universidade de Heidelberg, sob orientação do Prof. Volker Lenhart. Com essa experiência enriqueci muito o meu currículo. A Alemanha foi fundamental para mim. Fundamental. Porque eu encontrei uma bibliografia rica e profunda nas relações da filosofia da educação. Nessa ocasião, aqui no Brasil, a bibliografia da filosofia da educação era muito restrita. A maior parte dos textos dos livros disponíveis ou eram alguns textos clássicos e alguns que tematizavam as questões educacionais sob a perspectiva da dialética marxiana, anunciando uma educação libertadora. Então, era a pedagogia libertadora do Paulo Freire e a crítico-social dos conteúdos desenvolvida pelo Saviani. Isso pode ter tido uma importância grande como denúncia, mas a discussão filosófica contemporânea estava muito mais avançada que a filosofia da educação. Ou seja, ela partia quase de uma situação dogmática. Toda a discussão do ensino, da educação, os problemas eram vistos numa evolução necessária que terminava com uma pedagogia dialética, influenciada por Gramsci naquela perspectiva do Saviani. E eu achava que faltavam as discussões da crise da racionalidade, os temas da diferença, da pluralidade, das relações da educação com a ética, considerando a queda dos fundamentos metafísicos. Eu queria um espaço para que a filosofia da educação pudesse compreender os problemas da educação à luz desse diálogo com a filosofia, sem ser uma questão doutrinária. E não tinha absolutamente nada nessa perspectiva.

A partir do Doutorado, encontrei um espaço para trabalhar a filosofia da educação, a partir de problemas educacionais que podem ser respondidos em colaboração com a discussão filosófica. Não que tenha encontrado um modelo, mas acesso a uma série de discussões, que eu intuía, que estavam naquele quadro da crise do sujeito, da “pós-modernidade”, com todas as aspas que esse nome deve ter, e que geram a crise no fundamento normativo da educação. Tanto que eu usei esse termo em algum momento na minha tese, e lá eu via que a educação não pode deixar de se interrogar quando se depara com a ruptura das estruturas estáveis do ser. Como manter uma atitude quase dogmática em certas crenças, sem compreender a racionalidade que atua nos processos educativos? Então, evidentemente que nessa perspectiva, usar a filosofia da educação para dizer quais são os fins da educação, ou dizer que a educação vai ser libertadora, ou revolucionária não dava conta da complexidade do problema, das complexas questões epistemológicas, éticas e estéticas que atuam no processo educativo.

Pesquisadora: Desculpa eu te cortar

“Transgressora”: Bem, o que eu queria te dizer, um depoimento que seria interessante (eu acho) para as tuas questões, é quando tentei fazer o doutorado em Filosofia, porque eles não aceitaram a minha entrada. Não, não se tratava de nada pessoal. Eles não permitiam o ingresso para quem não havia feito mestrado na área e tampouco aceitavam pesquisas em filosofia da educação. Eles não consideram a discussão da filosofia da educação. Suponho que, em parte, isso se deva a precariedade das discussões de filosofia da educação. Então, quando eu cheguei lá como aluna do doutorado em educação fui muito observadora, de forma muito modesta. O que percebi é que eles têm um preconceito muito grande, não têm idéia, desconhecem toda a discussão da filosofia da educação. Realmente a filosofia se tornou área especializada. Um professor que está trabalhando com ética num programa de pós-graduação em Filosofia, nem sonha como isso é discutido em educação, que tipo de possibilidade, de relação pode ser feita. Eles não se interessam. E daí percebi também, um pouco da questão de

gênero; pois, mesmo que eventualmente tu possas até fazer uma argumentação razoável, que o professor, em princípio, te respeite, em geral, as participações masculinas são mais valorizadas.

Pesquisadora: Huum

“Transgressora”: Os professores de filosofia do sexo masculino eram mais valorizados do que as mulheres.

De modo geral os homens tinham um acolhimento maior pelos professores.

Pesquisadora: E com relação a professoras mulheres?

“Transgressora”: Ah não tinha! Não tinha mesmo. Atualmente eu sei que tem a Lia Levy, que não a conheço pessoalmente. No pós, quando eu frequentei, não tinha. Tinha na graduação, a Ana Carolina, a Muriel Flickinger, uma professora de alto nível. Fez doutorado na Alemanha. Não sei porque razões ela não foi para o pós..

Então, sentia assim, uma certa discriminação. Também tinha pouquíssimas mulheres como alunas, e os homens, mesmo quando vinham da área da psicanálise, eram sempre muito bem reconhecidos nas suas participações; enquanto que com as mulheres, nunca notei essa mesma receptividade. Mas é algo sutil, entende Graziela, não é explícito. Isso é feito de uma maneira muito indireta, quase dissimulada. Não poderia afirmar “lá não fui bem tratada”. Porque há o respeito formal, mas a gente sente que as mulheres nunca estão no mesmo patamar que os homens. Pelo menos, enquanto eu estudava lá.

Pesquisadora: Teve um[]na nossa primeira conversa lá na PUC tu disse pra mim, e eu achei muito forte a tua fala, tu disse que tinha sofrido muito como mulher na filosofia e como professora de filosofia da educação.

“Transgressora”: Bem, isso é outra dimensão da questão relativa a gênero. Foi quando eu entrei na UFRGS. Fiz concurso para ingressar como professora de filosofia e depois fiz o concurso de titular para filosofia da educação na FAGED/UFRGS e entrei no programa de pós-graduação. Foi um período de intensa atividade intelectual, tornei-me pesquisadora do Cnpq, orientei alunos, escrevi livros e artigos e fui consolidando minha inserção na vida acadêmica, exclusivamente em torno da filosofia da educação. Quero destacar que é difícil para uma mulher consolidar seu espaço no âmbito da filosofia. Precisei fazer um esforço redobrado para ter um certo reconhecimento, porque há uma disponibilidade cultural para valorizar mais os homens que as mulheres. Isso é mais detectável no ambiente filosofia do que na faculdade de educação. Mas como circulo nos dois ambientes, noto essa sutil diferença. Os homens, mesmo quando se dedicam menos que as mulheres, obtêm mais facilmente apoio e consideração. É como te falei: aquilo tudo foi muito difícil! Mesmo quando eu tirei o primeiro lugar no concurso de titular. Não faltaram comentários maledicentes, que eu tinha os cabelos não sei como e coisas desse tipo. Então sempre fica no ar uma certa suspeita sobre tua competência, sobre teu desempenho. Quando se tem uma conquista, fica por conta de aspectos externos.

Pesquisadora: É loira, é bonita, rs

“Transgressora”: É, aquela coisa clichê. E isso apareceu em muitos momentos de minha vida profissional, tanto de forma implícita como explicitamente. O fato de eu ter tirado o primeiro lugar foi muito difícil, aí pesa a questão de gênero, pelas suspeitas que já referi.

Após essa experiência comecei a receber convites de pessoas que me conheciam e que não são homens preconceituosos, são mais abertos, sensíveis, para fazer parte em bancas de doutorado e mestrado em cursos de filosofia e outras atividades acadêmicas. Isso é bem difícil, porque aqui se acresce outra singularidade: os cursos de pós-graduação em filosofia costumam muito a reconhecer a legitimidade de quem trabalha com a filosofia da educação. Trata-se assim de desbloquear um duplo preconceito: contra as mulheres e contra a educação. Foi muito difícil, parece a música de Monsueto, gravada pelo Caetano: “Eu vou lhe dar decisão, botei na balança e você não pesou, botei na peneira e você não passou”. O fato de ser mulher não passa por todas as balanças e por todas as peneiras, porque daí professores que são homens e que são da filosofia da educação, tem muito mais facilidade para receber esses convites mesmo quando possuem produção igual ou até inferior a tua. Para os homens é sempre mais fácil. Entendes? E sempre fica no ar algo do tipo: “Ah! Mulher... estão ajeitando para ti”. Não é algo explícito, objetivável, é uma construção social-acadêmica. Se o homem faz cinco coisas, tu tens que fazer dez, para poder ser reconhecida no ambiente da filosofia. E o professor de filosofia da educação, homem, ele é respeitado, convidado para participar de eventos e não precisa fazer o mesmo empenho em mostrar seriedade acadêmica que as mulheres. Isso é para mim visível. Isso tudo parece muito competitivo, mas é assim que a situação ocorre.

Pesquisadora: E sempre, desde o início tu notas estas questões assim? Ou tu nota alguma mudança do tempo, lá da graduação e hoje?

“Transgressora”: Eu sinto um pouco mais leve, porque andei em muitos lugares, então já me sinto mais reconhecida. É mais leve. Mas nunca é inteiramente leve. Não superamos ainda os profundos enraizamentos históricos dos preconceitos e discriminação contra a mulher. Acho que estas questões de gênero, tem subjacente uma estrutura de domínio que os homens não se dão conta, não tem consciência. Permanece uma certa inferioridade na forma como percebem a mulher. De inferioridade, de posse e de um certo desprezo, se tu consegues é porque és mulher. Se tens tem êxito no trabalho em filosofia, precisas de muito esforço para poder estar naquele espaço, que em última instância, é referendado por eles.

Pesquisadora: E será que é só por parte dos homens na Filosofia?

“Transgressora”: Não, acho que não. Creio que nem todas as mulheres fizeram de forma suficiente uma crítica aos nossos mecanismos culturais e de reprodução de certos preconceitos. Mas com as mulheres é mais ameno. E todas têm a mesma queixa, quanto ao ambiente excessivamente masculino na filosofia.

Pesquisadora: E na Alemanha? Tu sentias alguma indiferença em relação a essa questão?

“Transgressora”: Não tanto quanto aqui.. O problema maior que senti com os alemães já está filtrado por outro preconceito: que é o modo superior com que eles vêem os latino-americanos. Fui bem recebida. Tanto os professores como os funcionários te tratam finamente, são educadíssimos, mas no fundo, no fundo, um Herr Professor (o mais alto cargo na carreira universitária, pesquisadores reconhecidos internacionalmente), sempre mantém alguma distância. Não é da cultura universitária de lá, as aproximações espontâneas entre professor e aluno como ocorrem aqui. Eles são bem mais formais.

Pesquisadora: Huhum

“Transgressora”: Então tive que enfrentar todos os protocolos iniciais, a forma como se trabalha na Universidade alemã ... Mas eu não considero que isso aí é por ser mulher. Há mulheres bem fortes lá na Universidade, igualmente reconhecidas pela sua qualidade acadêmica e intelectual. Parece-me que profissionalmente elas estão muito bem. esse mesmo nível, sabe? Os estudos de gênero na Alemanha são fortíssimos, fortíssimos. O que observei lá, como já referi é que professores alemães e brasileiros não estão na mesma condição de igualdade.

Pesquisadora: Huhum, essa diferença.

“Transgressora”: Eu noto todo esse distanciamento causado pela questão de ser latino-americana e não por ser mulher. Na verdade o europeu se sente superior.

Pesquisadora: E “Transgressora” eu queria que tu falasse, eu achei interessante quando tu coloca que tu veio de uma família que não tinha, né

“Transgressora”: Nada de vivência com a cultura, com a arte.

Pesquisadora: ninguém formado, nesse sentido né.

“Transgressora”: Sim, ninguém formado. Só tinha acesso à leitura que a escola indicava e os livros de Monteiro Lobato. O que aprendi a gostar de poesia, por exemplo, foi na escola.

Pesquisadora: Então como que foi esse processo, já que tu sendo mulher, ocupou um espaço como a filosofia e ainda sem ter essa, o que a gente chamaria hoje de “quem indica”[risos].

“Transgressora”: Sem ninguém para indicar meu nome para nada. Foi fazendo concurso, procurando em jornal. Isso foi muito difícil. As dificuldades de abrir espaço ficam mais agravadas pelas marcas dos primeiros tempos, com as primeiras humilhações dos professores arrogantes. Todo tempo passou isso no curso sabe, porque eu não tinha preparo nenhum, nenhum. Como conseqüência, não me sentia à vontade num ambiente arrogante. Eu não lia numa língua estrangeira; não conhecia a vida acadêmica. Eu cheguei na faculdade sem saber o que era cultura contemporânea. Não conhecia Miró, Picasso. Eu só tinha uma boa formação escolar, no sentido de conhecer aquele mínimo que a escola trabalha, redigia bem, boa ortografia e coisas assim; e um desejo imenso de me aproximar do saber. Lia, porque naquela época se lia. Mas eu não tive uma família que discutia. Então tive que fazer exatamente um esforço dobrado para recuperar minhas deficiências na formação cultural. Aí eu encontrei no pensionato (feminino, só para mulheres) uma professora de história no Colégio Centenário (em Santa Maria) muito liberada - chamava-se Maria do Carmo Fabrício. Com ela me familiarizei com diversos autores da literatura. Eu lembro que li Werther de Goethe de sua biblioteca pessoal. e tinha dificuldade de compreender o contexto em que se situava o romance. E achava que eu era muito burra. Tais foram as dificuldades que eu tive que superar. Nesse período comecei a me interessar pela leitura clássica. Posteriormente, também senti necessidade de estudar grego. Então foi necessário bastante esforço para consolidar uma carreira de professora de filosofia.

Entrevista II – “Transgressora”

Dia 06 de Setembro, 2006

Pesquisadora: Bom “transgressora”, eu queria saber se tu tem alguma coisa a mais que tu lembra que traz assim, alguma vivência que tu não falou anteriormente, na outra entrevista de discriminação, que tu tenha sofrido e que tu tenha passado como mulher na filosofia.

“Transgressora”: Eu retifiquei a primeira entrevista. Fiz a redação de forma que se tornasse mais clara isso que eu vou reafirmar agora: Eu não tenho assim um caso que eu possa configurar como mais objetivamente. Ai então tu é uma professorinha. Isso tudo eu senti de uma forma menos subliminar. Eu chamo de sutil na primeira entrevista. Então eu não teria assim. As coisas que eu te contaria e isso que eu vou te falar agora vai ficar gravado para ti entender, mas nós não poderíamos expor. Situações assim, uma pessoa trouxe um professor (e isso nós não podemos publicar, que fique identificado). Eu trouxe como professor convidado um professor lá na UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. Chegou um professor de filosofia para assistir o trabalho que estava se fazendo lá na UFRGS, esse professor chegou, porque eu conhecia esse professor estrangeiro. Tu ta me entendendo? Um professor brasileiro de filosofia foi lá, para assistir a palestra, para reencontrar o amigo. Nessa ocasião estavam outros professores de filosofia e da educação da UFRGS, homens. A única mulher era eu. Era eu que estava trazendo o professor. Na frente de todos os professores estrangeiros, dos professores da casa ele convidou todos para passar um fim de semana na serra, e eu ele não me convidou. Entende? Nem por educação. Mas, daí fica meio assim. Pode ser entendido, isso é só para ti ter o teu registro, nem adianta tu tirar. Eu acho que nem adianta tu tirar daqui [se referindo a fita]. Sempre foram situações assim, todas muito..

Pesquisadora: Sutis

“Transgressora”: Sutis mesmo, que não tem como explicitar, mas um caso assim mais direto eu não vejo, eu vejo aquilo que eu repeti ali, uma mulher precisa [não concluiu a afirmação], *mesmo que a gente não acredita nos critérios que são adotados para avaliar quem tem mais produção, porque isso é discutível, mas dentro dos critérios que existem, aqueles homens tem o seu grupo, são articulados*. Mas isso eu já melhorei na outra [se referindo à revisão que fez da outra entrevista].

Pesquisadora: E, hoje tu trabalha na educação.

“Transgressora”: Como sempre, eu dou filosofia na educação.

Pesquisadora: Ah, que dificuldades tu sente para ser reconhecida, se é que tu sente essa dificuldade na filosofia. Tu atua na educação, mas tu já trabalhou na graduação de filosofia.

“Transgressora”: Já. Lá na UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul] eu já dei filosofia da educação para licenciatura em Filosofia. Com aluno nenhum eu tive dificuldade, aliás eles gostavam muito. Eram os alunos que mais apreciava. Na realidade eles tinham mais condições de discutir do que os alunos da pedagogia, porque eles já tem uma formação filosófica e então eles podem aproveitar mais a inserção da discussão educacional. Aproveitando o conhecimentos que eles tem, de o que significou o movimento da modernidade, do iluminismo. Como se insere a discussão de Kant nisso, de Rousseau. No curso eu não notei. O que eu noto é uma grande ausência de diálogo entre os professores de

filosofia no caso, da UFRGS, que é onde eu tive a maior parte da minha experiência em filosofia mesmo e os professores de filosofia da educação. Porque os professores de filosofia da educação da UFRGS (é exigência do concurso), eles são todos formados em filosofia, mas mesmo aqueles que tem doutorado só em filosofia, é evidente que tem uma desconsideração da filosofia da educação em geral. E na entrevista que eu corrigi eu arrumei pra ti, *há um duplo preconceito, contra a filosofia da educação, que é considerado de segunda linha. E no caso meu esse clima contra a mulher.*

Pesquisadora: E mesmo tu sendo, porque tu é pioneira digamos assim..

“Transgressora”: Haham

Pesquisadora: Tu trouxe questões que não estavam ainda sendo pensadas e mesmo assim esse problema aparece?

“Transgressora”: Eu também retifiquei ali isso. Aos poucos isso começou a ser minimizado porque eu passei a receber convites, por exemplo, para participar em bancas de mestrado e doutorado nos institutos de pós-graduação aqui na PUC [se referindo a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul], da UNISINOS [se referindo a Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Aí também há um problema. Quando chega na área de pós-graduação que é mais fechado, com assuntos mais técnicos em filosofia. Por exemplo, só filosofia da linguagem, ou só metafísica Kantiana; aí também de certa forma existe um costume na comunidade acadêmica de que aquela pessoa não tem, de que o professor de filosofia da educação passa não ter um perfil desejado para uma banca, por exemplo de história da filosofia centrada em Lobbes ou Locke, ou na Renascença, ou na Idade Média, ou medieval. Então também tem alguma coisa que é própria do campo da especialização da filosofia, mas depois que eu publiquei mais e me tornei, na verdade publiquei mais livros na área e eu fui convidada, quando havia, por exemplo, tese em hermenêutica. Como eu estudo hermenêutica na educação eu fui chamada. Então, isso digamos é alguma coisa que cresceu favoravelmente num sentido de favorecimento.

Pesquisadora: “Transgressora”, com relação assim as questões de gênero e às questões de mulheres tu trabalha como estas questões?

“Transgressora”: Dificilmente eu tematizo especificamente questões de gênero, eu não fiz desse um campo e como eu fiquei especializada em filosofia da educação eu não me dedico. Mas eu tenho interesse, as vezes eu tenho acesso há algumas coisas. É que toda a maneira de eu olhar passa pela minha experiência de mulher que nunca vai ser igual a um olhar de um homem. E quando a gente lê os filósofos e percebe todos aqueles preconceitos e tal, eu procuro sublinhar isso para os meus alunos, isso tudo na graduação daí. Mas eu acho que as novas gerações já estão bem atentas, então é assim, resumindo, eu não tematizo diretamente, mas meu olhar é todo filtrado por isso. Eu sempre de uma forma ou de outra eu leio as bibliografias sobre isso, sobre o lado masculino da razão. Tem até livros publicados sobre isso.

Pesquisadora: Huhum. E outra coisa, que eu queria ver contigo é a questão de tu trabalhar, de tu fundamentar a questão da filosofia da educação, que é um campo da filosofia. Como é que tu vê isso, é um campo da filosofia, ou da educação e da filosofia?

“Transgressora”: Na verdade eu não gosto dessa partícula adjetiva-filosofia DA educação-, eu gosto como linha de pesquisa chamar filosofia e educação. Ligar pelo coletivo para mostrar que são duas áreas. A minha maneira de olhar é que são duas áreas que podem se fecundar reciprocamente, mas a forma que eu entro na relação das duas áreas é responder questões que estão digamos mais próximas da educação. Mas, educação no sentido amplo. Se tu pegar o começo do pensamento filosófico, na idéia de Paidéia e que era um problema filosófico. Todo o questionamento de Platão sobre o problema da Polis da época, e como criar uma nova busca da verdade, etc implicou na educação do homem, a alegoria da caverna é a metáfora mais conhecida, talvez a metáfora que mais tenha influenciado o projeto educacional. Quando a filosofia se separa da educação e que todas as ciências tomam o seu objeto próprio, e a educação passa a ser um campo da pedagogia essa preparação criou uma série de problemas, nessa relação que era muito própria. Então eu entrei nesses dois campos e quando se pergunta por exemplo, qual é o sentido da educação? Como conduzir a questão ética na educação, por exemplo. Quando cai nos fundamentos. Que repercussões isso tem para a educação que acreditava, por exemplo, que todos os homens poderiam formar uma consciência moral. Esse tipo de reação que surge para a educação, que dependeu de uma crença metafísica para pensar isso [não compreendi a gravação] são temas que me interessam, e daí a filosofia pode investigar essa questão. Pode investigar qual o sentido ético da educação e com quem ela vai dialogar. Ela vai dialogar com a filosofia. Então, é esse tipo de inserção que eu acho que a educação e a filosofia podem ter, a mesma coisa é o problema: quando se ensina, se trabalha com a verdade? Qual é o sentido da verdade? Quais as crenças que tem legitimidade? Discutir isso explicita com mais clareza, para quem educa fora da faculdade, quem educa criança, ensino médio, etc, problematiza melhor o problema do conhecimento, por que senão o professor chega formado em matemática e fica deslumbrado com o seu conhecimento e não consegue articular o que deve ser trabalhado com os alunos, com que condições ele pode fazer a seleção desses conhecimentos. Isso ta relacionado com a idéia de verdade, quer dizer, como que ela se articula com o contexto. Então, esse foi o caminho que abri. Na verdade como a educação, enquanto inserida num contexto cultural e social reage diante das grandes questões, valores e crises. Não da para educar sem considerar o que Nietzsche questionou sobre os valores, porque uma dimensão da educação é a dimensão ética. Então tem que, e isso não é só porque ele disse, é porque na verdade a perda de credibilidade dos nossos valores atua na educação [tocou o telefone].

Pesquisadora: Pode falar.

“Transgressora”: Ah desculpe, mas é...

Pesquisadora: Capaz.

“Transgressora”: Nessa maneira em que eu fui buscando compreender as relações entre filosofia e educação. Acredito que na entrevista, na parte que eu corrigi eu também já arrumei. O que eu fui ficando insatisfeita e depois eu fui encontrando argumentos filosóficos foi no seguinte aspecto: a educação, filosofia da educação não pode ser uma dedução direta. Eu tenho uma filosofia, que é como a maioria das pessoas interpretam. Eu estudo um filósofo e deduzo diretamente. Não é que tu não possa especular possíveis implicações. Mas nunca um ambiente de educação vai ser puro pra tu trabalhar só com implicações do que disse Kant, do que disse Rousseau. O olho do que diz Nietzsche. Porque educação é um campo sobre o qual conflui várias tradições e trata de uma trama muito complexa da tradição que acabam configurando já um certo sentido. Então, quando entra uma crítica feita pela filosofia, quando ela consegue penetrar, o que se tem que perguntar não é o que se deduz para mudar tudo, é

como a educação reage diante de certo elementos de nossa vida social e cultural como as crises dos valores, as dificuldades por exemplo, de uma legitimação da verdade e tal. Como que fica em via de regra uma reflexão gera desorientação, ou então situações autoritárias de novo, que se repete. Os professores de novo, tem que saber isso. Ele recai, tu ta em escola e tu sabe disso. Então, o meu problema, eu coloco como questionamento, sai uma teoria e eu deduzo. Eu vejo isso inclusive como um certo modismo, mas é como que a educação enfrenta determinados problemas que a filosofia pode ajudar a responder? Uma das grandes questões é o próprio conceito, se existe natureza humana ou não existe? Como que fica o conceito de infância? Essas questões todas são própria da sistematização inicial.

Pesquisadora: E tu construiu categorias novas, vamos dizer assim, não é?

“Transgressora”: Acho que talvez eu tive algumas intuições baseadas nos estudos que eu fiz, que me ajudaram a configurar melhor o problema educacional, né? Então, como eu tava fazendo o meu doutorado, diante de toda essa crise que havia, por exemplo, depois de todas as intuições que eu tive, até teve um aluno meu que trabalhou, foi um aluno do doutorado [está se referindo ao aluno Ireno Antônio Berticelli, que publicou sua tese num livro com o título “a origem normativa da prática educacional na linguagem, pela editora Unijuí]. O que eu chamei de término do fundamento normativo, por exemplo, para poder explicitar esse elemento, né que foi fundamental para educação, que foi toda uma construção histórica, que vamos chamar de metafísico, um grande “guarda chuva”, que abrigou uma série de compreensões do homem, com variações, e que apostava em estruturas instáveis, isso tudo começa a mudar e a educação não explícita, não toma pra si qual é a racionalidade que está alterando e como isso se constitui. Então ela resolve o problema metodologicamente, por exemplo, o desespero dos professores é como manter a disciplina dos alunos e na verdade eu interpreto que o problema supostamente de disciplina está ligado a toda uma queda do fundamento normativo em que os valores já não significam mais para eles como a escola imaginava o que deveria valer para tu ter um aluno interessado na verdade, no conhecimento, no saber; esse vínculo com o contexto que a escola tem que criar. O que ta fora de mim tem validade para mim e é fundamental para a educação pra tu segurar trinta pessoas na tua frente das oito ao meio dia, isso falando do professor. Um menino no Brasil, que ta envolvido, por exemplo com o tráfico de drogas não vai acreditar naquelas questões porque o mundo dele é outro. É isso que nos temos que compreender para poder articular melhor. Isso para mim é profundamente filosófico, mas é uma filosofia ligada à questões, que pode, digamos, que é interpelada pelas questões educacionais. Eu posso fazer uma especulação filosófica que não tem nada que ver com o que está acontecendo lá. E eu não desprezo isso, eu gosto também, mas para quem dá aula de filosofia tem que ter pelo menos isso, o que não significa que não trabalhe com autores clássicos, com [não compreendi a gravação], mas eu filtro isso. Por isso que eu também filtro pelas questões de gênero, entende?

Pesquisadora: E além de educadora, tu também te considera, com toda essa bagagem uma filósofa?

“Transgressora”: Ah eu tenho muitas restrições para me considerar filósofa, eu acho que eu sou uma professora que me empenho em problematizar. Faço um esforço muito grande nesse sentido, mas eu não sei. Para mim um filósofo tem que ter uma contribuição muito original. Eu não me sinto assim. Eu vejo que algumas pessoas usam [se referindo a denominação filósofa ou filósofo], mas eu prefiro ser professora de filosofia, ser chamada assim, o meu trabalho é ser professora de filosofia. A professora de filosofia pode fazer especulações, pode

interrogar alguns professores de filosofia, produzir novas teorias, eu não considero que eu produzi isso.

Pesquisadora: Então ta.

Entrevista com as professoras- Encontro Grupo Focal

Essa entrevista realizada em 2006, teve trechos e nomes retirados por solicitação das professoras entrevistadas que receberam o material para revisarem.

“Pesquisadora”: Bom, então assim gurias, eu pensei em trazer algumas coisas do projeto, que agora é a dissertação. Eu estava revisando a questão dos objetivos, então vou falar brevemente o que eu tinha em vista e o que acabou sendo modificado. E vocês podem comentar, falar na hora se quiserem, ou se preferirem comentar depois, pode ser. Então assim, no início eu tinha como objetivo geral, como que e se as professoras, vocês [riso] se construíram enquanto filósofas. Esse era o objetivo, daí esse objetivo ele acabou até, assim, a intenção primeira acabou caindo, né [riso]. Eu acabei vendo especialmente com a “Artista”, que veio e disse assim: “Ta né, mas isso não é o mais relevante”.

“Transgressora”: Huhum

Pesquisadora: E eu comecei a ver como uma coisa muito boba. Comecei a ver dessa forma, né essa questão, então se identificar como filósofa passou a não ser a questão central, até porque eu comecei a perceber que vocês não se identificavam, né.

“Transgressora”: Sim, a gente falou pra ti. Eu pelo menos falei como professora de filosofia..

“Pragmática”: É

“Artista”: É

“Transgressora”: Como professora, eu nem chegaria a tanto, né.

“Pragmática”: Nem eu! [risos]. E assim, se encontrar alguém que disser que é tanto, existe. Porque, puxa vida, é difícil.

“Transgressora”: é difícil

“Pragmática”: É quase que...

“Militante”: Eu falei para você de filosofia da educação

“Pragmática”: [risos] E eu falei para você de história da educação

“Artista”: Hoje nem professora de Filosofia eu sou!

[risos]-de todas

“Militante”: Ah “Artista”, quem dirá filósofa [risos]

“Pragmática”: Não sei quanto aos objetivos, mas vai ter que mudar de sujeitos [risos]

“Militante”: Então hoje tu não ta dando aula?

“Artista”: Não eu estou dando outra coisa, completamente..quer dizer, não é completamente diferente, mas não é na área da Filosofia, né.

“Transgressora”: Huhum, mas são oscilações na carreira da gente, né.

“Militante”: Claro.

Pesquisadora: Então eu queria, eu tentei ver quando eu comecei a perceber, os caminhos que vocês acabaram traçando para chegar na Filosofia. Para hoje estarem aí, nos programas de graduação, de pós-graduação de Filosofia, né. E mesmo que não estejam atuando com Filosofia, a formação de vocês é nessa área.

“Transgressora”: é

“Artista”: Pela formação

“Transgressora”: Pela formação

Pesquisadora: Então, é pela caminhada e esse percurso de formação de vocês que começou a ser o meu interesse, que foi se modificando. Então assim, eu também tinha como objetivos específicos: 1.buscar o que era ser filósofa no contexto brasileiro, e daí então mudou. Claro, eu contextualizo essa questão, né. Mas, quais os caminhos que vocês, que as mulheres traçam na Filosofia, para atuar na Filosofia. Eu contextualizo de uma forma mais latino-americana.2.Descobrir o processo formativo de ser filósofa, era outro objetivo, e se manteve, de que forma vocês, as mulheres produzem filosofia, e se expressam nessas produções. 3.Investigar o pensamento filosófico das professoras em estudos de gênero, mulheres e feministas, que continuou ser outro objetivo.

“Transgressora”: Bem o teu campo.

Pesquisadora: E perceber se esses estudos contribuem para a sua formação enquanto professora. Como que isso se dá. 4.O outro objetivo era diagnosticar se a maneira que os pensadores, os filósofos, falaram e falam, influenciam vocês nesse processo em construção. Eu tinha ainda, aquela visão “se construir enquanto filósofas”. Então hoje eu vejo mais como, analisando um pouco o que algumas de vocês trouxeram, a questão do preconceito. Então eu tentei diagnosticar o preconceito, se vocês tiveram preconceito ou têm por serem mulheres na filosofia.

Eu tinha algumas suspeitas: 1. Quem se considera filósofa, ou é conhecida como tal, são as que possuem uma melhor condição financeira, são as pessoas que já são de família rica. Então entra a questão da classe social. Isso por ser uma suspeita que eu tinha já de leituras de filósofas, e por conhecer algumas filósofas que estavam realmente numa classe social. Ver então a questão, já que vocês estão em programas [se referindo aos programas de graduação e pós-graduação], que as mulheres não estão em peso, né. Então, vocês estão inseridas na filosofia e eu queria entender se tinha a ver com a classe social e eu vi que todas vocês, pelo menos a maioria de vocês não vieram de famílias ricas e que isso não era relevante também.

“Transgressora”: Acho que a classe social não é estruturante.

“Pragmática”: Eu já pensei mais na classe média. Em torno do cultural, assim, mas mesmo assim não é determinante, mas é mais porque...

“Transgressora”: é muito variado

Pesquisadora: Então a classe social, foi outra questão que saiu um pouco da dissertação.

2. E também eu tinha como uma suspeita, que há um abismo entre ser filósofa e a professora de filosofia. Será que há essa grande diferença, de ser filósofa e ser professora de filosofia, e isso se manteve. 3. Outra questão era se o bacharelado e a licenciatura condicionavam: “Ah tu é bacharel, então tu é filósofo...”

“Pragmática”: Não, acho que não né.

Pesquisadora: Então...

“Transgressora”: Para mim não.

“Pragmática”: De jeito nenhum né, eu acho.

Observação: A “Transgressora” descobriu que as corujinhas [corujas em artesanato indígena] que estavam na mesa eram para elas, comentou e riram]

Pesquisadora: E a outra questão, é se vocês percebem a exclusão das mulheres na filosofia, se a professora constrói seus argumentos pedagógicos filosóficos a partir dos filósofos, da maneira preconceituosa que esses pensadores tinham com relação às mulheres. Queria perceber vocês nesse processo. Isso se manteve também. Essas questões apareceram bastante também.

Eu queria então que vocês hoje, conversassem um pouco...eu to tentando fazer, para mim entregar para Edla até o final desse mês, meu sonho [risos] era defender até dezembro, eu tava falando para as gurias.

“Transgressora”: Então eu vou me apressar em te mandar o retorno daquela segunda [se referindo a segunda entrevista].

Pesquisadora: é, se vocês conseguirem me mandar, é bom, porque é um desejo muito grande meu terminar até o final do ano. Até por necessidade mesmo. E eu queria que vocês falassem um pouquinho agora, porque vocês não conheciam até hoje a “Pragmática”, né.

“Pragmática”: Então era só eu, as outras todas se conheciam [risos]

“Transgressora”: Eu tava originalmente numa comissão contigo, porque daí eu pedi para sair por uma questão interna, na UFRGS, na FACED..

“Pragmática”: De uma banca? De uma passagem de mestrado para Doutorado?

“Transgressora”: é daí eu pedi para sair.

“Pragmática”: Era o [não entendi]?

“Transgressora”: É, mas nós já nos conhecemos.

Pesquisadora: Queria que vocês falassem um pouquinho das pesquisas que vocês estão trabalhando, para socializar um pouco.

“Pragmática”: Então tá, começa eu [risos]. Na verdade eu prossigo mais ou menos com o que eu fazia. Fiz meu doutorado, me formei no Rio, na Federal do Rio e fiz Filosofia sobre Espinoza, século XVII, o problema do conhecimento, com esse sujeito, em geral o problema do sujeito.

“Transgressora”: Quem te orientou lá?

“Pragmática”: Foi o __ Ele tem um livro sobre o Descartes, e tal. É um cartesiano, mas enfim, o centro dele não era Espinoza. Eu até, quando eu tava fazendo a dissertação ele saiu para fazer o seu pós-doutorado e eu fiquei indo um semestre inteiro para São Paulo ter aula com a Marilena [se referindo a Mariliena Chauí], que fala sobre Espinoza, ela sim é Espinoza. Pois é, exatamente essa sim, então eu fiz um semestre, acabei o meu mestrado, fui fazer o doutorado na França, terminei meu doutorado na França, também sobre Espinoza. Com a mesma temática: Espinoza e o sujeito.

“Artista”: Descobriu o sujeito?

“Pragmática”: Não, mas continuei com o mesmo sujeito [risos]. Aí voltei para Descartes.

“Transgressora”: Todo mundo volta para o Descartes, né. Porque ele inaugurou uma filosofia.

“Pragmática”: É bem uma coisa pragmática. Porque eu tava falando para ela, quando tu começa a dar aula fica um pouco difícil, então como a idéia, eu dou aula de Filosofia geral e filosofia moderna. Então eu acabo juntando para dar introdução. E aí, é mais Descartes do que Espinoza. Então eu acabei juntando muitas coisas.

“Transgressora”: As aulas acabam ajudando muito a gente.

“Pragmática”: Muito, sim é super importante

“Artista”: E abri também a necessidade de ter que criar.

“Pragmática”: Sim, exatamente

“Transgressora”: Tudo o que você sabe em detalhes de Espinoza, não serve nada para a gente. Não tem nem idéia do que é o politicismo.

“Pragmática”: Exatamente, então eu aprendo muito com a graduação, e pegar primeiro ano, segundo ano, que é super legal. Então na verdade eu voltei para traz e trabalhando Descartes. Continuo trabalhando o problema do conhecimento e metafísica e em geral o problema do sujeito, mas sobre esse aspecto, do conhecimento e da metafísica.

“Transgressora”: Um sujeito inaugurando uma epistemologia.

“Pragmática”: É exatamente. E o que significa essa idéia. O que se abriu exatamente, porque quando você começa a comparar um pouco mais para traz, quando você olha de longe é muito diferente e quando você olha de perto não é tão diferente assim. Então meu desafio é compreender o que aconteceu ali, século XVII, que deu uma mudança. Então eu continuo sendo Espinoza, trabalho com Espinoza e tal o sujeito e trabalho com Descartes, basicamente é isso, conhecimento-metafísica-sujeito. Então é sobre isso que eu tenho trabalhado. E vocês? Vocês também vão ter que me contar, porque eu não conheço vocês [risos]

“Artista”: Bom, deixa eu ver o que eu estou fazendo. Eu estou na Feevale, lá não tem..

“Pragmática”: Pois é, por isso que tu disseste que está um pouco deslocada.

“Artista”:...é tô um pouco deslocada com a Filosofia. Terminei o doutorado ano passado, não faz muito tempo e a minha tese era sobre Levinás e Derridá e principalmente uma questão assim que atravessa os dois autores, que é a questão da significação. E daí eu encontrei uma forma de dialogar com os dois autores através disso.

“Transgressora”: Que são bem diferentes

“Artista”: Que são bem diferentes e que ao mesmo tempo possuem coisas que se aproximam e são bem interessantes. Bom, Derrida fez uma crítica a Levinás, numa série de pontos, mas ao mesmo tempo ele se apropria também de algumas coisas, então a minha idéia..

“Transgressora”: Sobretudo agora no fim

“Artista”: Sobretudo no fim, mas a questão da linguagem, é um ponto de intersecção entre os dois.

“Transgressora”: São herdeiros de Heidegger e Husserl?

“Artista”: Com certeza, de Heidegger e Husserl né. Mas fundamentalmente Husserl. E, bom, aí quando eu fui para a Feevale, tinha que buscar uma forma, um lugar ali dentro daquela instituição e daí eu fiquei trabalhando com cursos ligados a educação, mas não com filosofia propriamente dita. Eu trabalho hoje, na educação, com estudos culturais. Claro que, o que eu falava para Grazi, a questão da Filosofia sempre está ali, se atravessando de alguma forma, não que eu tenha abandonada. Agora mesmo nós temos um seminário que eu estou organizando lá na feevale que é sobre filosofia. E isso é interessante, porque para uma instituição, que não tenha essa tradição e não teve a preocupação de ter um curso. Aliás, nunca viu nisso a importância, ela está começando a se abrir por uma série de questões e movimentos. Eu acho que algumas pessoas estão tencionando, acho que eu procuro fazer esse tencionamento. A “Transgressora” mesmo, participou do Seminário de educação, lá, esse ano, em que a questão central do seminário era a Filosofia.

“Transgressora”: Era a ética

“Artista”: Hahã, então praticamente todos os professores que foram convidados eram da filosofia. Agora esse seminário que eu convido todas é dia 16-17 de Outubro e vai ser sobre filosofia também intercultural e então, assim, de alguma forma tu estar assumindo um espaço de importância. Atualmente eu tenho trabalhado com uma coisa que, e por uma questão assim também, dentro desse movimento, eu fui me adequando e tentando me encontrar e acabei me

encontrando com um assunto que tem me apaixonado muito, que é a questão da economia solidária. É algo assim, que eu nunca tive um envolvimento teórico muito intenso e forte, que é a questão da filosofia política. Claro que sempre a gente faz as leituras, aquelas necessárias, mas eu nunca tive um aprofundamento.

“Transgressora”: Um desafio

“Artista”: é, um desafio teórico, exatamente, de pensar a filosofia política.

“Transgressora”: No gênero da M..[Não entendi?]

“Artista”: Não, estou trabalhando com alguns autores latino-americanos. Ainda estou me apropriando dessas discussões. Ela é bem nova para mim. Ela começou com um outro viés. Ela começou com uma questão prática e não teórica. Eu me deparei...

“Transgressora”: Quase sempre é assim..

“Artista”: ”: é, eu me deparei com um grupo de mulheres, que a gente começou a fazer um trabalho. Com mulheres desempregadas numa vila em Novo Hamburgo e eu e mais duas professoras tentamos organizar uma cooperativa com essas mulheres. E aí começou a entrar a questão da economia solidária, que é uma coisa que eu desconhecia e não tinha um envolvimento muito grande. Comecei a perceber que no Brasil, com o governo Lula, principalmente, se criou uma secretaria de economia solidária, isso tem um espaço super forte, né e aí eu comecei a sentir necessidade de entrar. Eu peguei assim, alguns autores brasileiros, né, o Marcio Pochaman, o próprio Paul Singer , para tentar compreender um pouco isso. Mas ainda está num processo de descoberta de tudo isso. E a coisa foi começando a crescer, o nosso grupo, que somos três, que chegamos num determinado momento ter necessidade de ter um espaço maior na instituição, não necessariamente focar nesse grupo de mulheres, e hoje para vocês terem uma idéia a gente conseguiu organizar um projeto e entramos dentro da incubadora. Criamos uma incubadora de economia solidária.

“Transgressora”: Que bom

“Militante”:Que interessante

“Transgressora”: O Brasil está crescendo muito, na valorização dessas experiências, porque isso é um problema e o Brasil tem que ver isso, né?

“Artista”: Com certeza

“Transgressora”: Tem muitas coisas alternativas que estão surgindo. Eu chamaria de alternativas na falta de outros nomes, por conta dessas exigências, na educação também. Lá na Bahia, pegam aquelas crianças de rua, botam a dançar, como apelo inicial..

“Pragmática”: Para ter algum tipo de vínculo, para depois...

“Militante”: Tem um trabalho, não sei se é chamado de economia solidária, mas é chamado de comunidade solidária de São Paulo, eu até havia me programado para ir agora, mas como a pessoa com quem eu ia não pode ir, a gente vai em outra oportunidade. É na grande São Paulo, eu posso depois te dar assim, dados sobre todos esse trabalho.

“Transgressora”: E tem trabalhos belíssimos de artesanatos que estão sendo feitos por essas comunidades. Eu mesma encontrei um prato feito de folha de bananeira, por ongs.

“Artista”: Olha, esse aqui é de um grupo de mulheres [mostra sua blusa]

“Transgressora”: Exatamente, roupas, bijuterias. E elas resolveram um monte os seus problemas, era gente que passava fome também. E não passam pela exploração maior do comércio, porque elas mesmas comercializam os seus produtos. Intermediário, aquela história na economia tradicional.

Pesquisadora: Eu to trabalhando “Artista”, no projeto da Prefeitura de São Leopoldo.

“Artista”: Em São Leopoldo, com a nova administração, com feiras de economia solidária.

Pesquisadora: Eu to trabalhando com mulheres na vila, como educadora popular. Trabalhando a questão de participação política e cidadania e questões de gênero. Elas fazem esse processo: de customizar as roupas que a prefeitura ganha, que vão para elas limpas e a prefeitura dá o material todo para elas. Têm as costureiras que ensinam elas e as educadoras populares que trabalham mais na parte pedagógica.

“Militante”: Eu falo de São Paulo, porque foi minha aluna em Rio Grande e hoje ela é diretora da escola. Tem escola, hospital, tem assim, uma coisa grande, é uma cidade, deve ser mais um menos assim a economia solidária.

“Artista”: Bom, em função dessa experiência, que é uma experiência de extensão, daí nós montamos um projeto solidário que está vinculado a essa discussão. É por aí, mais ou menos.

“Pragmática”: Bem legal.

“Transgressora”: Hahum

“Militante”: São caminhos inversos. Eu comecei na Educação, eu não sou da filosofia. Eu fiz pedagogia.

“Transgressora”: Eu não sabia “Militante”!

“Militante”: Meu curso inicial é pedagogia e pouca experiência em sala de aula, porque eu sempre fui diretora. Parece que eu fui criada para ser diretora

[risos]

“Militante”: Verdade

“Transgressora”: É o exercício da paciência. Tu não chegou a trabalhar em escola, né? [se direcionando a “Pragmática”]

“Pragmática”: Não, só um ano

“Militante”: Em escola de primeiro ou segundo..

“**Pragmática**”: De primeiro grau

“**Militante**”: Eu pertenci a uma congregação e as escolas eram da congregação. Então fui 25 anos diretora.

“**Transgressora**”: 25 anos?

“**Artista**”: Uma vida né.

“**Militante**”: Fui diretora e os últimos anos que fiquei na congregação, foram seis de coordenação pedagógica no Seigné

“**Transgressora**”: Ah era alí no Seigné.

“**Militante**”: Sim. Eu trabalhei com Maria Tereza , Rosetta. E foram elas que me levaram para a filosofia, na verdade foi a Maria Tereza e Maria Mascarello.

“**Transgressora**”: Que hoje abandonou, né?

“**Militante**”: Hoje, as duas abandonaram [risos]. É a Mascarello faleceu.

“**Transgressora**”: é a Mascarello faleceu. Tinha gente muito legal aqui né.

“**Militante**”: **Então, eu fiz pedagogia, trabalhei todo esse tempo com direção, e quando eu deixei a direção eu fui fazer filosofia, foi quando eu fui fazer mestrado na PUC. Trabalhei, daí me encantei pelos latinos-americanos. Na época tinham muitos movimentos populares, colonos sem terras. A gente passava semanas trabalhando, foi por isso que eu saí, por questões ideológicas. Problemas ideológicos.**

“**Transgressora**”: Por causa da igreja, né.

“**Militante**”: É daí eu trabalhava nas comunidades eclesiais e na minha dissertação de mestrado eu fiz uma crítica da minha dissertação de mestrado na PUC. O coordenador, e marcou na sexta feira a noite a minha defesa e colocou todo o seminário de Viamão. Sabe onde é na PUC, prédio 5 ou 6, que cabiam umas 200 pessoas.

“**Transgressora**”: Sei prédio ali em baixo. Sei

“**Militante**”: Prédio lotado, para a minha defesa.

“**Artista**”: Que legal [ironicamente]

“**Militante**”: Legal? Eles queriam minha cabeça;

“**Artista**”: Mas eles tinham que ouvir o que tu tinhas para falar também.

“**Transgressora**”: Mas, o coordenador estava nessa época para te prejudicar?

“Militante”: Ele fez críticas enormes. Ele se colocou na banca, eu convidei uma mulher...Deu tudo errado, fui para filosofia quando eu era pedagoga, e conheci algumas mulheres que eram da filosofia e elas me perguntaram o que eu estava fazendo lá; então começou por ali o preconceito. Como é que um pedagoga vem para a Filosofia; depois fui fazer uma crítica à Igreja na PUC, então, aquele ano era o ano internacional da mulher e eu pedi para a Petrolina ser da minha banca, que era negra. Mulher e negra.

Todas: Hummm

“Transgressora”: Atualmente ela integra o conselho nacional de educação.

[cortei parte a pedido das professoras]

“Militante”: Sim, então essa foi a minha experiência em Filosofia

“Pragmática”: Bem tumultuada

“Militante”: É, na parte do mestrado

“Pragmática”: Cheia de obstáculos

“Militante”: Mas, foi bom, porque na PUC eu defendi a tese, a dissertação em maio e em Agosto eu comecei a trabalhar lá, me contrataram como professora, daí fiquei seis meses e fiz concurso numa Federal Rio Grande, daí passei e me chamaram. Aí eu entrei para a Universidade Pública.

“Transgressora”: Daí tu tinha te desligado da congregação já?

“Militante”: Eu estava fora, mas eu não tinha me desligado. Me desliguei só depois. Faz dez anos. Daí eu fui para Rio Grande, fiz concurso na Federal e no fim de 91 me elegeram a diretora da Faculdade de Educação e quando fui eleita, vocês sabem como são as eleições nas Federais, que da todo aquele auê. Vieram todas as pessoas que estavam fora, fazendo mestrado e doutorado para votar. Porque eram os novos contra os velhos e eu era uma das últimas a ter entrado. Então eu fui eleita pelos alunos, e ganhei pelos alunos. Então depois de todas essas coisas, as freiras resolveram, decidiram que eu devia voltar. Então depois de tudo isso, é uma irresponsabilidade muito grande. Então me desliguei. E isso já era 94, daí eu já era diretora de lá. O bispo veio de Rio Grande falar que a Provincial para elas não fazerem isso que a igreja precisava dessa gente, mas elas não voltaram atrás. Mas isso não é nada de filosofia.

“Pragmática”: Mas, são percursos.

“Militante”: Mas quanto ao doutorado, eu peguei o doutorado na época do Collor e ele tinha uma norma que era...

[conversaram sobre políticos e políticas que foram eleitos (as) no primeiro turno de 2006]

[não transcrevi um trecho, que foi uma conversa paralela]

“Militante”: No Doutorado eu continuei trabalhando com alteridade das comunidades eclesiais de base, mostrando como a comunidade não era a alteridade da instituição igreja. No doutorado eu retomei a questão da alteridade, mas fiz a alteridade no feminino. Por isso entrou a questão da mulher. Eu fiz vários projetos, com a questão de gênero. Em Rio Grande eu trabalhei com as mulheres, com as pescadoras, porque elas não são pescadoras. E achavam um horror, porque imagina “pescador é só para homens”.

“Transgressora”: Estão naquele dualismo

“Militante”: Então nos anos que fiquei em Rio Grande eu trabalhei com as mulheres de pescadores e no doutorado eu aproveite para trabalhar essa questão da alteridade. Me aposentei em Rio Grande e vim para a ULBRA. Nem estava aposentada e eles tinham me contratado, eu trabalhava como visitante, estava ainda de férias. E na ULBRA eu trabalhei durante dois anos. Meu projeto era individual e com alunas bolsistas. Não encontrei ninguém que trabalhava as questões de gênero e depois de dois anos a Marília Morosini, que trabalhava no mestrado, me convidou para participar do grupo de estudos de educação superior, que é uma rede de todas as Universidades...

“Transgressora”: **Segunda começa o seminário delas.**

“Militante”: Sim, sim, nós vamos participar. E até hoje estou nesse grupo de estudos de educação superior

“Transgressora”: **Com ela?**

“Militante”: **Com a Marília.**

“Transgressora”: Com a Denise Leite, a Flávia e a Flávia, o Berno..

“Militante”: Sim, sim, eu sou líder de grupo lá na ULBRA. Tem a Laurací, que é mais ligada com a Educação.

“Pragmática”: Bom gente, eu estou me sentindo super por fora, mas tudo bem.

“Militante”: Filosofia na ULBRA, eles terminaram com o curso, com vestibular. Teve avaliação quinze dias atrás e eu trabalho com os estagiários, que fazem licenciatura e eles querem que eu trabalhe na Filosofia, mas eu faço parte do departamento de Educação e eu falei então com os estagiários e vi como avaliaram o curso, deu nota Muito Bom. Foi avaliado como muito bom, porque os professores são muito bons, produção muito boa, alunos excelentes.

“Transgressora”: Ela está querendo tirar, ou já tirou?

“Militante”: A ULBRA, já tirou, não abriu vestibular, fazem dois anos.

“Artista”: E os alunos de lá foram para o Lasalle

“Militante”: E outros estão na PUC, que querem continuar o mestrado e outros estão na Unisinos, que são alunos muito bons, que foram meus alunos no estágio. Então não tem filosofia. Eu trabalho filosofia da Educação. Em pedagogia, aliás em todas as licenciaturas.

[retirei um trecho]

“Pragmática”: Depois eu fiquei pensando muito né. Porque você falou: “Bha, só você não sentiu nada, mas eu não tenho experiência de discriminação.

“Artista”: Mas tem a Katrin..

“Pragmática”: Pois é eu falei pra ela, não são tão poucas: tem a Cátia, tem a Silvia, tinha a Maria Carolina e a Ana Carolina, mas elas se aposentaram.

“Artista”:: Agora são três então. E tinha a Muriel

“Pragmática”: Tinha, tinha a Rejane Carrion

[tirei trechos]

“Transgressora”: Tu já tens a minha história o que é que tu quer?

Pesquisadora: Não, é para elas.

“Pragmática”: É para mim, pra mim!

[risos]

“Transgressora”: Então é o seguinte: Eu me graduei em filosofia.

“Militante”: eu não conhecia tua trajetória de sindicato [se referindo ao que a “Transgressora” contou antes de ligar o gravador]

“Pragmática”: Pois é viu..

“Transgressora”: Mas eu nunca fui da diretoria, eu só militava como professora. E fui criada para respeitar todas as instâncias, se era para militar eu militava, se era para ir eu ia a tudo. Até claro, eu era professora...

“Artista”: Menos greve de fome

[risos]

“Transgressora”: Eu atualmente na verdade eu sempre me inseri na Filosofia, mas eu sempre tive a intersecção com a educação. Porque eu me filiei em Filosofia, mas eu não consegui emprego como professora de filosofia Na época eu trabalhei numa fundação educacional e depois paulatinamente eu fui fazendo concurso, fui ser professora do estado. Dava aula de Filosofia, mas sempre tive um pé assim, eu fui coordenadora pedagógica, acompanhei todas essas lutas e trabalhei com Filosofia no segundo grau, sintetizando, depois eu comecei a trabalhar com Filosofia, primeiro a convite da PUC, mas nunca no curso de educação, e depois eu fiz concurso para UFRGS, para professora de filosofia da educação, na pedagogia, e continuei na UFRGS, por muitos anos e na UFRGS eu fui titular na área e consegui uma certa penetração assim, com alguns professores, porque até eu participei de

bancas no Doutorado de Filosofia da Unisinos, da Puc. Isso eu participo. Eu não tenho contato com a UFRGS, porque os professores da UFRGS não negociam essa linha, mas por exemplo, eu estudo hermenêutica, então racionalidade ocidental, essas discussões contemporâneas, Gadamer, Habermas, trabalho com ética, mas sempre centrada mais na contemporânea. Quando eu volto para alguma parte da moderna ou alguns pontos da antiga é por necessidade temática. A temática da ética, por exemplo, daí eu volto. Então foi muito difícil, eu já falei para ela [se referindo a pesquisadora], mas só para tu entender [se direcionando para Lia], todos esses professores de filosofia que tinham um tema que eu era ligada, esses professores antigos, que não estão na UFRGS, me convidavam para mim fazer banca. Então eu fui banca do Sidnei Lima, Álvaro Valls, bom a Márcia [se referindo a Márcia Tiburi], já é do tempo da gente. Fiz no tempo do Fli [não entendi o nome], várias vezes. Então o lugar que eu nunca circulei foi na UFRGS, mas a UFRGS...O que eu poderia contar, para vocês puderem entender, é que eu queria fazer o doutorado na Filosofia e eu fui lá naquela época e tem um grupo dos antigos da Filosofia, que determinou.

“Pragmática”: Qual é a época?

“Transgressora”: Nessa época que não podia..

“Pragmática”: Qual a época menina, qual a época? Eu cheguei em 97[se referindo, 1997]

“Transgressora”: Pois é quando tu chegou a guerra...

“Pragmática”: Já tinham tirados os corpos [riso]

“Transgressora”: Assim, a Filosofia na UFRGS, já teve toda aquela história da cassação, toda aquela história que todo mundo já sabe. Daí ela sofreu uma restrição. Quando alguns professores voltaram, por exemplo, a serem professores de Filosofia...

“Artista”: o Fiori era..

“Transgressora”: O Fiori era do grupo antigo, de quando a ditadura suspendeu, a defesa do Sidnei Lima terminou com uma escada, ele saindo de um prédio para o outro, porque o governo...

“Pragmática”: Sim, ele conta isso aí..

“Transgressora”: Sim, ele conta e está nas atas, isso é verdade. Então quando a Filosofia se reorganizou e criou pós-graduação na década de 80, eu ainda era professora do estado e tinha articulação com a PUC [se referindo a PUC-RS], porque eu já tinha mestrado. Eu fui lá, mas eles não criaram um mestrado que tu não podia...

“Artista”: Tu fizeste o teu mestrado aonde?

“Transgressora”: No fim eu peguei uma ponte dessa história, porque daí o que aconteceu: O programa, quando eu fui no secretário me inscrever, porque o mestrado, eu ainda era muito jovem e eu não tinha ainda emprego, estava trabalhando numa fundação, educação para as camadas populares, educação por rádio, eu lidei com isso também..

“Artista”: Ai que interessante.

“Transgressora”: Eu então tenho uma, no fim eu tinha vergonha de falar porque a Filosofia desprezava. Mas é difícil tu elaborar esse corte em ti. Hoje eu entendo desse corte [se referindo ao fato de não poder ingressar na UFRGS, porque trabalhava com filosofia da educação], que eles não sabem nada. Disso, disso eles não sabem nada

“Pragmática”: É, exatamente.

“Transgressora”: Sabem tudo, de uma área e de outra nada.

“Militante”: por isso que eles têm preconceito

“Transgressora”: Claro, por isso que eles têm preconceito, porque eles não conhecem. Um dia eu ouvi um professor de filosofia, e não vou dizer o nome, falando que seu filho entrou na escola e ouvi os absurdos que ele disse, eu pensei. “Ta, mas esse é um tonto”, e era depois a vida só mostrou e quando o secretário me disse que eles não podiam aceitar [se referindo o seu projeto], porque eu queria fazer sobre Habermas, a partir de um problema educacional.

“Pragmática”: E eles não queriam por causa da formação em educação?

“Transgressora”: Não, porque eu sou licenciada em filosofia, mas o tema eu não queria abandonar

“Pragmática”: Ah, entendi, entendi, entendi.

“Transgressora”: Porque o tema educação, não era de pesquisa. Lá não continua igual, metafísica e eu não queria me render, trabalhar só Habermas tecnicamente, porque não era isso o que eu queria. A minha questão no Habermas se devia a quase que uma perda, era o impacto dessa racionalidade que se usaria na teoria da escola. E o meu problema emergiu como professora de escola. Meu problema não emergiu [não concluiu] e eu não queria abrir mão. E eu não tinha isso tão claro, como eu tenho agora e isso atuou sobre mim a autoridade deles. O secretário [se referindo ao secretário do programa de pós-graduação], que não adiantaria nem eu falar. Que só havia uma aluna de Goiás, e é verdade, que quem for olhar lá nos álbuns vai ver...

“Pragmática”: Agora eu vou catar tudo [risos]

“Transgressora”: E é verdade, tem uma de Goiás que tinha feito mestrado lá e que o ____ acolheu, que ele era um pouco mais aberto, que tinha sido um rebu. Porque não é assim o problema da contradição do paradoxo Kantiano, dos argumentos lógicos do imperativo categórico, então ele [se referindo ao secretário do Programa de Filosofia da Época] me aconselhou nem procurar. Então o que eu fiz, eu procurei a Educação, peguei um orientador que fez doutorado em Filosofia, conhece muito, embora não publique. E o que fiz, bati lá em março e fiz todas as cadeiras de pós-graduação em Filosofia, como aluna da educação.

Retirei trechos

“Pragmática”: Então é legal que cada um tem assim histórias que depois é legal cruzar, porque as histórias que eu vejo, que eu conheço não são daqui. São do Rio [se referindo ao Rio de Janeiro], uma parte também, porque muitas coisas são de ouvir dizer, não são coisas

que eu vivi também. Mas, mesmo na década de 80, tem um processo todo de profissionalização da Filosofia..

“Transgressora”: Tecnificação da Filosofia..

“Pragmática”: Mas, [risos], independentemente da forma de como foi conduzido teve uma especialização e um movimento que veio de São Paulo, e de Campinas, do Rio também...

“Transgressora”: Que influenciou a ANPOF, os comitês da CAPES..

“Pragmática”: Tudo, tudo. Então eu também sou assim, porque eu fui formada nesse contexto.

“Transgressora”: Eu sei

“Pragmática”: Eu até fico meio desconfortável. Mas de qualquer forma, essa visão que você vê, e que vai cruzando, né. Na verdade, você tem uma história do programa aqui e essas informações você vai cruzando, provavelmente todas essas normas vêm desse movimento e que tem umas medidas muito específicas e na tentativa de dar um certo perfil a Filosofia.

“Transgressora”: Exatamente, daí na minha tese, que eles estavam na banca. O Sidnei Lima me recebeu muito bem. Eu lembro que ele disse: “Muito prazer, eu tenho aqui na lista uma professora que é da educação, quem é?” E eu fui profundamente desprezada pelos colegas da época, aqueles gênios de todos os tempos, que estão lá até hoje, tomando porre de matar em Fortaleza. Eu entrava quieta e saía muda, não dizia uma palavra, porque via que era perda de tempo, aí eu fiz os trabalhos e eu tirei A e eles tiraram C, foi a vingança. Porque daí ele mandou eu ler todas aquelas coisas, daí eu fui para a biblioteca, li tudo e tinha dois neurônios e foi suficiente.

[risos e comentários]

“Militante”: Na PUC foi a mesma coisa comigo. “O que tu tá fazendo aqui?”. Quando vieram as notas, eu tinha 10 e eles tinham 8.

“Transgressora”: Daí resumo da história, eu me doutorei e aí passei na UFRGS e fiquei sempre na Filosofia da Educação. Aí eu trabalho assim, com questões de racionalidade na educação, com ética e agora eu tô mais voltada para as relações entre ética e estética, a estética como forma de possibilidade de desenvolvimento moral. Porque para a educação não adianta muito se o fundamento é o último, se não é, se não tem, a disputa dos regionalistas e os Universalistas, porque é um tema que me interessa, que eu trabalho também, mas me interessa como que para a educação a gente pode criar um espaço para criar esse tipo, e para as pessoas não pensarem que moral é uma coisa idiota. Entende? Na verdade...

“Pragmática”: Você tem uma aparência [é isso mesmo??] tão grande das distinções das aparências e dos valores que você tem que de alguma fórmula reformatar isso.

“Transgressora”: Isso, então eu tô numa boa

[risos]

“Pragmática”: É, mas eu acho que é isso aí.

“Transgressora”: Eu superei isso, mas foi muito difícil. Falar assim, parece fácil, mas foi muito difícil, foi muito difícil.

“Pragmática”: Eu sei, quer dizer, eu não sei

Retirei trechos

“Artista”: Eu nunca me esqueço, só fazendo um parêntese da Márcia, da Márcia Tiburi lá no...

“Transgressora”: Naquela época a Márcia fazia Mestrado e eu Doutorado, nós sempre tínhamos aulas juntas e nós não dizíamos uma palavra.

“Artista”: Mas a Márcia, ela sempre conta isso, né, ela sempre contava que quando ela foi apresentar “As mulheres e a Filosofia”, o encontro lá na Filosofia, que sempre se discutia, qualquer encontro lá no colegiado, que o Sidnei Lima foi o primeiro a se levantar e dizer assim: “Olha, essa é a discussão do futuro”, se a gente não levar a diante ela...

“Transgressora”: Ele sempre tem essa abertura

“Artista”: E foi por causa dele, a defesa dele e a dela, dele ter ficado do lado dela, que ela conseguiu levar isso a diante.

“Transgressora”: Daí o Sidnei Lima me deu vários apoios, ele nem sabe que eu sei. Uma vez na UFRGS fizeram um grande encontro, era para chamar alguém para discutir a educação não escolar, algumas questões sérias em Educação [é isso mesmo?] e ele não pode ir. Daí ele disse, então chamem a “transgressora” que ela faz a discussão. Ele não sabe que eu sei que ele disse isso. Ele deu muita força para a Márcia, para mim. Acho que a segunda dissertação da Unisinos ele me chamou, pois sabe que eu conhecia ética contemporânea. Era uma dissertação sobre [não sei o nome do filósofo]. Aí na medida em que eu não tive mais bloqueio...

“Artista”: Pena que a “Rebelde” não está aqui [se referindo a professora que não foi ao encontro por erro na comunicação e-mail].

“Transgressora”: Daí eu mesma fui superando, eu mesma vou nos encontros de Filosofia, eles aceitam meus trabalhos. Normal, hoje não tem tanto. Agora não tem tanto, mas tinha. E o movimento você tem razão, tinha muito a ver com essas normas.

“Pragmática”: Acho que se tem esse movimento. A gente tem que cruzar as informações. Tem uma coisa específica, assim como no Rio [Rio de Janeiro] também tem né. Na verdade o Rio sofreu com esse movimento, que na verdade veio de uma dissidência interna da UFRGS, de uma parte da UFRGS que foi para a Unicamp e depois teve o Por...[não entendi] que criou a ANPOF.

“Transgressora”: O _____ nos últimos artigos dele participou de uma auto exame do Fernando Collor.

“Pragmática”: Mas, é um cara assim, que dentro desse processo todo é um cara super importante. Para o bem ou para o mal ele teve um monte de decisões que tiveram efeitos institucionais. Agora, eu fico numa situação de uma saia meio justa, porque isso marca desde a graduação do Rio, porque foi mais ou menos nessa época. Eu entrei na Filosofia em 1982.

“Transgressora”: Tem um cara que ta sempre aqui, lá do Rio.

“Pragmática”: Quem é ele?

“Transgressora”: É Guto?

“Pragmática”: O Guto, querido, nós estudamos juntos

“Transgressora”: É [risos], eu fiz comissão com ele. Mas eles foram muito legais comigo, porque eles viram que eu conhecia Filosofia. Fui pela educação, mas daí eles selecionaram a mim. O Guto foi muito querido.

“Pragmática”: E ele tem um percurso peculiar, ele veio da física. Filosofia da Física, ele também transita transdisciplinarmente. Mas então, eu peguei isso em 82, eu fiz a graduação, e daí já tinha essa visão, dos analíticos e dos Heideggelianos. Que é uma coisa que você pode ter uma distinção teórica, mas isso não corresponde a um problema político. Aí o que juntava com questões da esquerda, da direita e daí inverteu tudo, porque quem ficou fazia epistemologia, e porque fazia epistemologia era considerado de esquerda, mas na verdade o grande peso da ditadura tinha ficado e o pessoal que tinha saído, que trabalhava com filosofia analítica, era considerado de direita, mas na época da ditadura era de esquerdo. Olha que coisa, vira um caos e você ser aluno nisso..

“Artista”: Mas na minha época foi assim, um pouco parecida.

“Pragmática”: Mas para mim, isso foi muito difícil sabe. Foi muito difícil ter clareza dessas coisas todas

“Transgressora”: Só que o Sidnei Lima sempre é referência no que ele faz. Eu sei, eu conheço, também fui fazer umas discussões na Alemanha, porque eu também fui fazer o doutorado sanduíche na Alemanha e eu queria provar para mim mesma que eu não era uma retardada.

“Pragmática”: Pois, é isso que é ruim nessa coisa. Isso que é ruim, porque na verdade você pode ter posições teóricas diferentes...

“Transgressora”: Agora é assim, porque naquela época se tu não falava alemão, tu não era gente. Era um absurdo. Os alemães tu chega lá e eles lêem Foucault em alemão. Essa tara é daqui. E hoje ainda tem um monte de preconceito assim, quando tu aprende uma língua, daí eles te perguntam e grego tu sabe? E agora eu viro para eles e falo: “e árabe, tu já ta sabendo?”

[risos]

“Transgressora”: Claro, porque agora eu estou de bota. E árabe tu está sabendo? Como é que é? É tu que vai estourar o flamengo ou ta esperando que eu te estoure, porque é a hora da vingança, porque o ser humano, né. E o Sidnei Lima sempre teve um papel de enxergar mais

longe, de ser mais respeitoso e eles, olha, tinha uma turma que entrou e logo que eu entrei lá que era muito cheia...

[não transcrevi um trecho]

“Transgressora”: E mesmo os alunos, eles debochavam muito, era um delírio, porque eles estavam indo para a Europa. Então quando foram para a Europa, tem QI para ver o que tem, porque lá tem tanta, né.

“Pragmática”: Pois é, exatamente, quem foi sabe né [riso]

“Transgressora”: Quem foi sabe...eu só vejo meus tombos, sabe como é e os saltos de piruetas deles, sabe como é, né? Então essa questão foi sendo desvelada e hoje, eu não tenho problema...

“Pragmática”: Exatamente, você relaxa. Por isso que eu digo, porque nessas brigas o pior mesmo é para o aluno. O aluno é que está se formando e está tentando achar um parâmetro ali dentro. Então fica uma caos. E fica difícil de equilibrar, porque por um lado..

“Transgressora”: Fizeste concurso?

“Pragmática”: Fiz concurso, fiz concurso aqui. Mas mesmo quando eu era aluna lá, eu era analítica. Eu estudava com o pessoal da Filosofia analítica. Na verdade eu trabalhei sempre com moderna, mas o problema é o preconceito, então, aí eu tinha sempre pessoas muito queridas, querendo o outro lado. Meu memorial é totalmente esquizofrênico, porque eu estudei Nietzsche, a filosofia antiga, os sofistas, estudei Descartes.

“Transgressora”: Quase que uma tradição clássica da tradição ocidental.

“Pragmática”: Exatamente, só que foi muito difícil dizer, essa eu sou leal. O que eu sou leal? O que eu to fazendo? Qual é a relação entre política institucional, concepção pedagógica e concepção filosófica, porque são coisas diferentes, se não pode, ah porque tem essa concepção pedagógica, você vai ter essa concepção política.

“Transgressora”: Sim, deduzir diretamente um pensamento

“Pragmática”: Não pode, não pode. Então isso é muito difícil. Então hoje a minha prática, que eu tava falando para ela [se referindo a pesquisadora], de professora repercute em eu tentar o mínimo proteger, filtrar e não passar tudo para os alunos. Porque é uma maluquice dizer olha...

“Transgressora”: Tens razão

“Pragmática”:...onde se ver briga meu amigo, pode ver que é paixão humana, não é filosofia. Não é teórica. Teórica não tem isso. Ninguém briga porque a consciência é pré-proporcional ou pós-proporcional. Fala sério.

“Transgressora”: Não dá

“Pragmática”: Não dá, ninguém fala isso. Ele fala porque ele está se sentindo mal, porque está com inveja ou porque está com tudo isso, agora...

“Transgressora”: As idiossincrasias do humano penetram

“Pragmática”: Exatamente, só que você põe um escudo porque é teórico e aí quem tá se formando compra. Claro, daí tu projeta a sua própria neurose, sabe. Eu acho isso. E é por isso que eu acho legal tu ter te liberado, porque pô.

“Transgressora”: O meu problema surgiu via educação, eu ainda tive sorte porque o _____ [se referindo ao professor orientador], é daqueles professores antigos, porque daí ele era padre, ele fez Roma,

“Pragmática”: A gregoriana?

“Transgressora”: É, e depois ele tem uma sólida formação daquela antiga, porque hoje ele é um senhor de setenta e poucos anos, porque ele tem uma fluência muito grande em latim, grego, Italiano. Tudo ele fala fluentemente, ele é bem dotado nisso, tem essa singularidade e ele não entrou por questões que não cabe aqui especificar e nem creio eu que sei. Ele não entrou quando deram essas mudanças em Universidade nessa máquina de moer carne, que tem que produzir tantos artigos para o cnpq, para a capes, que se eu estou em programa de pós-graduação eu estou nessa.

“Pragmática”: Exatamente

“Transgressora”: Que eu morro de vergonha de dizer, mas sou.

“Pragmática”: Mas também deveria, né.

“Transgressora”: Mas, é uma máquina de moer carne. Eu sou há muitos anos, e tal. E o Laethus não está nessa, então ele teve um papel muito importante, ele é capaz de um profundo diálogo humano, que só consegue saber raríssimas pessoas, porque ele não abre. Tu tens que estar muito próxima do coração dele. Daí ele é de uma profundidade. Ele foi um nicho para mim, durante o doutorado, no meio dessas brigas lá. Ele olhava e dizia: “Transgressora”, isso tudo passa, sabe. Sabe um sábio, o Laethus é sábio. E daí assim, quando eu resolvi ir para a Alemanha ele foi super bom. Eu que procurei, eu que trouxe livro para ele. Ele não é esse tipo de [não concluiu; e em compensação ele é um tipo de homem que até hoje se fecha num apartamento e lê Descartes. Sabe todos os comentaristas de Descartes, só não publica. Tem uma censura muito grande. Mas ele teve um papel importante e também porque ele passou por coisas que ele não me autoriza a falar e que eu ainda mantenho respeito, nas tentativas de ingresso na UFRGS, onde ele me contou falcatruas cabeludas e eu não posso no sentido de tempo, sim se hoje ele tem 75, né. Então ali eu vi gente, que daí eu olhava aquelas aulas e eu fazendo doutorado, e daí eu sabia.

Pesquisadora: Então gurias assim..

“Pragmática”: Agora já sabemos

Pesquisadora: A “Militante” tem que sair as quatro [se referindo 16 horas]

“Transgressora”: Por que nós não vamos tomar um cafezinho. Ah vocês são muito...

“Pragmática”: Só se a gente marcar outro, porque...

“Transgressora”: Vamos tomar um cafezinho.

“Pragmática”: Mas, eu tenho que ir também.

Pesquisadora: Também acho que não dá tempo...

“Artista”: Ta combinado né.

Pesquisadora: O que eu tinha planejado não vai dar tempo. Eu tinha planejado para hoje..

“Transgressora”: O que tu queria hoje?

Pesquisadora: Pois é então assim, eu [risos]

“Transgressora”: Não esquenta que é tudo assim

[risos]

“Pragmática”: É, é verdade

Pesquisadora: [risos] o que acabou ficando assim, mais evidenciado para mim, que tu tinha colocado: “Pragmática”: “mas será que é só eu?”

“Pragmática”: Eu me senti um ET completo.

“Transgressora”: Mas a trajetória dela está em outro momento. O que eu acho importante foi o que eu suspeitei, porque eu não a conhecia. Quando ela entra, já tem essa profissionalização que mulher pode entrar..

“Pragmática”: É, tem todo um outro contexto..

“Transgressora”: No nosso..

Pesquisadora: Mas, eu ainda não percebo assim e eu também

“Transgressora”: Ah sim, é nova.

Pesquisadora: Mas assim, uma coisa que foi..

“Pragmática”: Depois fiquei perguntando para algumas amigas, eu até me senti um pouco mal, assim [risos] Até achei que fui injusta com meus colegas, entendeu, porque daí eu pensei.

“Transgressora”: A Katrin está lá por uma exceção

“Pragmática”: Sim, mas daí é uma situação peculiar.

“Transgressora”: Sim, porque pelo critério, ela não poderia estar. Porque eu não pude fazer doutorado. Não é nem porque eu rodei na prova, mas porque não me aceitaram. Pela formação ela não poderia estar lá.

“Pragmática”: Exatamente, daí é uma peculiaridade. Daí tem a Silvia que é a mais nova e tem a Ana Carolina e a Maria Carolina. Ainda não sei a história deles lá, é difícil, mas eu fiquei..

Pesquisadora: Então a “Pragmática” tinha ficado surpresa porque se sentia incomodada.

“Pragmática”: Exatamente, não porque essas questões eram inexistentes, mas que está muito mais distante da minha experiência, eu fiquei surpresa.

“Transgressora”: Tem uma variável que eu acho que tu deve considerar, claro que quem vai dar a direção para a dissertação é ela.

“Pragmática”: Exatamente

“Transgressora”: Mas, a minha experiência eu acho que ela deveria prestar atenção, que tem um paralelo, (não sei como), interpenetrado com toda a questão de gênero tem uma questão que aponta o problema de gênero que é o preconceito da Filosofia com a Filosofia da Educação.

“Pragmática”: Ah sim, esse é outro..

“Artista”: Ah sim!

“Transgressora”: Nisso também acaba entrando o gênero. E eu até disse para ela, que pode até ter razão, porque tem muita gente que faz muito mal mesmo, mas, eles não abrem o espaço por conta da história do mundo Ocidental com a especialização. Não que seja só técnica. Mas, eles não se abrem para uma perspectiva da cultura..

“Artista”: Eu até iria mais longe do que ela, uma indiferença, sei lá, na questão da educação de um modo geral, que tem que haver na Filosofia, da tua preocupação pedagógica, da tua preocupação com o aluno, eu não vejo isso sendo de práxis, no professor de Filosofia. E assim eu trabalhei...

“Transgressora”: Tanto que eles submetem os seus alunos as suas preferências como ela tava dizendo [se referindo a “Pragmática”]

“Artista”: E assim, a minha experiência como professora de Filosofia, nos nove anos que eu trabalhei no La Salle, no curso de Filosofia, havia uma disciplina que era mais didática no curso de Filosofia. Há ainda essa disciplina e um colega nosso, aqui, sem comentários e assim, não havia essa preocupação em discutir. Então assim, essa questão que a gente fala, que a gente começava o nosso papo falando sobre isso, a diferença de ser professor de Filosofia e ser Filósofo é no nível teórico ela parece se dar ao contrário. Eu vejo todo um esforço para que nos cursos de Filosofia se formem filósofos e não professores.

Huhum [consenso]

“Transgressora”: E aí quem trabalha com as interfaces da educação na Filosofia, trabalha mal, o que tem que se dar a mão a palmatória é da Filosofia recusar. Porque eles não distinguem nem essas grandes tendências filosóficas. Eles não conhecem Filosofia, via de regra..

“Pragmática”: Eu não sei, a gente tem que conversar sobre esse assunto.

“Transgressora”: Então quando eles encontram uma pessoa que conhecem eu até acho que eles mudam um pouco. Está muito cristalizado o abandono da Filosofia da Educação e do tema da cultura. Do século XX em diante, a Filosofia abandona por influência anglo-saxônica, os grandes temas da cultura, via análise da proposição. Dá para existir, dá. É bom? É. Mas não é a única coisa. Eu os vi pondo no lixo qualquer outro questionamento. Que a Filosofia não tem o que dizer nada mais, a não ser análise da proposição.

Pesquisadora: Aí eu pergunto para vocês...oi?

“Pragmática”: Não, não. É porque eu gosto muito da análise da proposição e eu acho uma sacanagem, que ficam fazendo isso, sabe. Eles tem uma brincadeira que é o pessoalPQP, e o pessoal Odara. O PQP, é tão pejorativo, quanto o Odara. Na verdade você tem duas linhas de forma de trabalho, é importante você tentar um diálogo. Por isso, que eu fico brava, com o pessoal que defende algo que eu acredite, mas de uma forma sectária, porque isso inviabiliza o meu trabalho, entende. É o fim, porque daí, toda vez que eu vou apresentar de um certo jeito as pessoas vão...

“Transgressora”: A teoria da argumentação ajudaria muito a educação

“Artista”: [não entendi]

“Pragmática”: Exatamente, você tem mínimas interfaces possíveis, daí...fala

Pesquisadora: Daí pegando o que tu tava colocando “Artista”, o que eu queria problematizar com vocês é sobre essa questão assim, como que vocês percebem, já que estão fazendo essa discussão, a questão das mulheres que fazem filosofia; elas tem objetivo filosófico ou tem só objetivo pedagógico?

“Pragmática”: Eu entenderia assim: Se a questão do gênero, ela aparece nos meus objetivos teóricos. Ela aparece na discussão, ou do ponto de vista da minha prática pedagógica, intersecção pedagógica? É isso? Ou não?

Pesquisadora: É como que vocês percebem as mulheres fazendo filosofia?

“Pragmática”: Ah, não para mim?

Pesquisadora: Vocês também, que estão aí fazendo filosofia, isso é uma prática filosófica ou pedagógica?

Silêncio

“Transgressora”: Eu tenho um pouco de dificuldade de entender o que tu quer perguntar, mas eu acho que na medida que a gente faz uma pesquisa e produz, seja PQP, eu acho que ele

tem um objetivo filosófico, num primeiro plano, porque o tema central dele é da natureza filosófica. A ação pedagógica, o objetivo pedagógico, acho que ele aparece, não sei. Deveria aparecer em todos, não deveria distinguir se é mulher, homem ou de gênero. Eu acho, que quando se faz um trabalho como professora de Filosofia em sala de aula, a preocupação pedagógica tinha que filtrar na minha formação, como que qualquer outra disciplina.

“Artista”: Pois é eu também, até poderia colocar a mesma questão para ti [se referindo a pesquisadora], porque eu tenho a mesma curiosidade, que ta fazendo toda uma discussão de Filosofia, dentro da Educação, num mestrado em educação. Mas, eu penso assim, pegando um pouco esse gancho da “Transgressora” e compreendendo a pedagogia assim como algo que ultrapassa esse espaço escolar ou da Universidade, enfim, acadêmica, mas como uma busca de algo, que seja, que por trás de um livro, seja ele qual for, existe um exercício pedagógico ali...

“Transgressora”: Tu quer dizer a Filosofia tendo uma função pedagógica

“Artista”: Sim

“Transgressora”: Mas eu não tinha entendido assim no início.

“Pragmática”: Pois é, eu também

“Artista”: Eu também não entendi nesse sentido [riso]

“Transgressora”: Mas, nesse eu concordo, a Filosofia era tradicionalmente pedagógica.

“Artista”: Exatamente, mas ao mesmo tempo..

“Transgressora”: Mas era de um termo profundo: “A Filosofia era educativa”. Platão, fez a Filosofia para resolver o problema da Polis.

Pesquisadora: Acho que eu não fui clara, então assim, vocês colocaram a questão que são professoras de Filosofia e enquanto mulheres, estão produzindo filosofia. Então, vocês vêm essas produções como uma produção filosófica, ou vocês vêm como uma produção pedagógica?

“Transgressora”: Ah, eu mantenho a minha resposta inicial. Se for assim a pergunta, se eu to te entendendo o que eu produzo é filosófico, eu penso..

“Militante”: Como consequência

“Transgressora”: Nessa inserção. Eu não to fazendo a Filosofia dos analíticos. Mas, no campo que eu to fazendo, é uma área da Filosofia.

“Pragmática”: Ninguém tem que ver, né...

“Transgressora”: Então eu acho que não to entendendo o que tu ta perguntando.

“Artista”: Eu acho que eu to entendo, onde tu quer chegar

[risos]

“Artista”: Porque eu acho que tem uma questão assim, não sei se é isso que esta nas entrelinhas de tua questão, de que talvez exista um certo movimento naturalizado das mulheres em relação à educação, ou seja, uma preocupação muito maior do feminino, com esse diálogo. Parece que historicamente a gente faz essa leitura, do acolhimento, dessa discussão do feminino. Então não sei, se é por aí que tu quer chegar? ou seja, no momento que a gente faz esse recorte de gênero no nosso espaço profissional, se isso se atravessa. Se isso se coloca, também dessa forma, não sei se...

Pesquisadora: Na verdade essa questão entrou, eu socializando com a Edla algumas coisas e ela me passou essa questão para tentar conversar com vocês sobre isso, né. Sobre como vocês vêm a produção das mulheres e de vocês, se isso é algo pedagógico, ou filosófico..

“Pragmática”: Eu acho que é indistintamente, se você tem uma produção feminina filosófica, ou se você tem uma produção feminina pedagógica. A não ser do ponto de vista da origem, do ponto de vista do tema. Isso que eu não to entendendo, vamos dar uma cariocada básica.

[risos]

“Pragmática”: Você ta falando que as mulheres fazem mais pedagogia do que filosofia, é isso? Ou você está falando que as mulheres se preocupam mais com questões de gênero, quando fazem filosofia, ou quando refletem sobre a prática pedagógica.

Pesquisadora: Não, é que se o que as mulheres estão produzindo, é uma produção filosófica ou pedagógica?

“Pragmática”: Você tem tanto a produção filosófica, quanto produção pedagógica das mulheres. Não acho que seja mais marcadamente

“Artista”: Eu penso que quem esteja fazendo Filosofia, tem uma produção filosófica.

“Pragmática”: É, exato. Eu também diria isso.

“Transgressora”: Ela é Filosófica na Filosofia analítica, na história da Filosofia, na Filosofia da Educação.

“Pragmática”: Onde quer que seja, exatamente, onde quer que ela esteja inserida.

“Transgressora”: Eu posso te dar um exemplo e acho que as coisas que eu faço servem bem como um exemplo, o meu texto é completamente diferente de um texto de professora de didática, por exemplo, que seria um texto que respeito, mas que é pedagógico. O meu só seria pedagógico se alguém entende num sentido muito amplo que eu estou discutindo questões de ética na Educação. Mas a minha maneira de problematizar essa ética, é do ponto de vista de como a Filosofia se enfrentou, se é possível, por exemplo, educar uma demanda ética, isso é uma questão filosófica, porque educação faz parte de um contexto que está regrado e vai tratar de, digamos, educar para tais valores, como se ensina, repetindo pergunta de Platão. E isso eu acho que é Filosófico.

Pesquisadora: Sim, eu só queria dizer que como tu disse [se referindo a Prof^a “Artista”], “ah, eu sei onde tu quer chegar”, essa questão quem até colocou foi a Edla, não foi eu, eu coloquei aqui a pergunta que ela achou que poderia ser feita. Também eu queria que ela tivesse ficado.

“Transgressora”: Pois é né.

“Artista”: E tu acha pertinente essa pergunta assim..

“Pragmática”: Na parte das narrativas, isso é uma coisa que apareceu?

Pesquisadora: Com relação a isso, quando ela colocou, é que nós falamos por e-mail, né.

“Artista”: Porque essa pergunta ela tem uma certa pertinência quando a gente vem com uma certa fala quando nós nos sentimos professoras de Filosofia.

Pesquisadora: Foi o que eu pensei também..

Consenso

“Transgressora”: A Márcia [se referindo a Márcia Tiburi] está se apresentando como filósofa naqueles programas, sabe, por exemplo, eu me apresento sempre como professora de Filosofia

[risos]

“Pragmática”: Mas se um cara, um homem entregar um cartãozinho, filósofo, não dá

[risos]

“Pragmática”: E mulher é a mesma coisa

“Transgressora”: Mas, eu sou ainda da opinião, que o físico é quem cria uma teoria, ou testa lá no equipamento, o químico faz isso. Eu faço, no máximo..

“Artista”: Ta, vamos sair então um pouco, vamos problematizar um pouco isso também e aí eu me coloco dentro desse problema. Porque ao mesmo tempo a gente faz todo um esforço aqui, cada uma trabalha com suas pesquisas, e se debruça sobre elas e isso nos faz fazer Filosofia.

“Pragmática”: Huhum, sem dúvida

“Artista”: O que nos faz pensar por exemplo, qual é o parâmetro, a referência, né que nos faz pensar que aquilo que tu esteja fazendo, não seja uma produção filosófica, que nos possibilite dizer: Somos Filósofas!

“Transgressora”: é que o professor de Filosofia pode fazer uma produção filosófica, eu tenho isso claro.

“Pragmática”: Eu também tenho

“Artista”: Mas é porque nós exercemos a profissão de professores.

“Transgressora”: No caso, a nossa profissão, ta a tal nível de regramento, quem ta em nível de pós-graduação. Ele tem que produzir, certo, seja ele professor do que for. Essa produção dele é filosófica e é uma tarefa dele como professor de filosofia. Se o que ele produzir for bom e for uma teoria, ele pode se considerar um filósofo.

“Pragmática”: É isso aí, exatamente, concordo contigo, e não cabe a nós..

“Transgressora”: E eu não me sinto, até porque eu sei do esforço que eu faço, e eu tenho algumas restrições que eu até poderia aceitar como razoável. Mas eu acho que eu não faço uma teoria, como por exemplo, original,

“Pragmática”: Como Habermas por exemplo, a gente não precisa ir muito longe.

“Transgressora”: Como Habermas, que não inventou uma coisa da Física, mas, articulou de uma maneira profunda e original, sistemática e criou um conjunto gregorial [não compreendi a frase] novo, que eu até acho...

“Pragmática”: de forma profunda e sistemática, que ajudou ampliar..[se posicionando junto com “Transgressora”]

“Artista”: Eu até acho (acho que vale a pena interromper). Mas isso não acontece com outras profissões

“Pragmática”: Não, mas isso é especial da Filosofia

“Transgressora”: Mas, isso ultrapassa se for homem ou mulher

“Artista”: Ultrapassa, com certeza, mas porque não acontecem em outras profissões isso aí?

“Transgressora”: Mas isso ta ligada com um peso histórico do que a Filosofia representou, e como ela antes dessa tarefa. Eu tenho pensado muito nisso

“Pragmática”: Eu também [riso], é uma coisa que a gente fica pensando o tempo todo

“Transgressora”: Antes, de nós virarmos professoras, que nós fizemos coisas, coisas e coisas, os caras que faziam: Por exemplo: Nicolau Cuzano, um Heidegger, ta, são homens que criaram, não porque tinham que produzir. A Alemanha naquela época não tinha isso. Ele já era professor e ele podia produzir. Eles foram tão geniais, porque uma pessoa pode odiar o Heidegger, mas ele é genial. Ele inventou uma coisa que ninguém tinha inventado. Acho que a Filosofia ficou com essa carga, com esse peso. O cara inventou, Platão, e o que a gente faz, aí eu acho que não é só eu, porque daí o _____ não inventou também

“Pragmática”: Ninguém

“Transgressora”: O _____ também não.

“Pragmática”: Então, eu concordo contigo num ponto [se direcionando para “Transgressora”], mas assim, eu não digo que sou filósofa, por me dar conta qual é o tamanho

do meu umbigo. Acho que se declara filósofo, é se declarar gênio. E nesse ponto tem um aspecto..

“Transgressora”: Um atravessamento da história.

“Pragmática”: E eu entendo, porque que a gente não pode pensar? Por causa da institucionalização da Filosofia como um ofício. E nesse sentido, nós seríamos tão filósofas quanto outros caras. Porque tem um monte de gente que é biólogo, que eu conheço, porque ficam escaniando gente, porque na verdade é trabalho de técnico. Vamos combinar, que esse é um trabalho técnico, e ninguém tem pudor em dizer que é Filósofo. Ta lá, o trabalho é tão, poderia fazer [não entendi]

“Transgressora”: Não necessariamente o biólogo precisa criar uma teoria com originalidade

“Pragmática”: Exatamente, porque tem essa peculiaridade...

“Transgressora”: O que é ser filósofo?

“Pragmática”: Tem uma peculiaridade, mas não é só...

“Transgressora”: Olha Kant, por exemplo, olha o que o homem inventou, ninguém tinha...

“Pragmática”: Mas acho que não é só isso. O que acontece é o seguinte, você está numa situação, eu acho a Filosofia, como ela é o saber fundamental de outras disciplinas, supõe. Porque você pode dar o luxo de ser biólogo, e escanear, isso supõe resolvido um monte de coisa, que quem trata é a Filosofia. A filosofia não pode supor resolver nada. Você não tem um trabalho de colaboração, entende..

“Artista”: Mas, eu acho que a ciência também, a ciência tem essas guerras.

“Pragmática”: Sem dúvida, sem dúvida, mas a idéia de um cientista, a idéia de saber de um cientista..

“Transgressora”: Mas a ciência nasceu já sobre a tutela da especialização

“Pragmática”: E ela é colaborativa, entende? Tem como trabalhar em conjunto. É muito difícil a Filosofia trabalhar em conjunto. É muito difícil

“Transgressora”: Muito difícil

“Pragmática”: Porque toda produção de sistema tem uma marca individual. Porque ela tem uma marca individualidade que você não consegue totalmente anonimizar. Você pode ser um biólogo que ninguém fala de si quando fala que é um biólogo, é só uma profissão. Por isso que não é tão difícil, porque não é difícil você ser discriminada num curso de Filosofia. Porque você não consegue dizer que não é contigo. Porque você não minimiza sua relação com o saber. Porque é um saber, eu acho que essa é a fundamentação fundamental, porque você ta discutindo problemas fundamentais, que não dá para supor nada. Você tem sempre que pensar e justificar e tomar para si a responsabilidade de um ponto de vista racional, ou não racional. Mas daquilo, que você ta falando. Você não pode submeter, que isso afeta, ta garantido. Não ta. Então isso dá um peso..

“Artista”: Eu entendo isso, mas pra mim não resolve, assim a questão.

“Pragmática”: Resolve o que hein?

“Transgressora”: Porque a “Artista” nesse ponto ela rompeu com todos, ela é Levinasiana

“Pragmática”: Tudo bem, mas então

“Transgressora”: Mas como diz um aluno meu numa aula, isso tudo com Levinás não adianta, você pode estar discutindo um monte de coisa que Levinás já pôs tão radicalmente a ética que não adianta mais..

“Artista”: Não, mas eu vou inverter então, vou tentar o outro lado. Para o lado do professor de Filosofia, definimos aqui o que significa o saber filosófico, né; o ser Filósofo, enfim. Mas, o que significa ser professor de Filosofia? E se nós nos sentimos, ou nos colocamos dentro dessa questão. O que significa ser professor de Filosofia para vocês? Para mim, num primeiro momento poderia dizer que o que diferencie talvez seja o fato de o que eu faço, seja uma reprodução. Não seja uma invenção...

“Pragmática”: Não, não. Daí eu não concordo

“Artista”: Se eu defino que o fazer filosófico ele se dá necessariamente a partir de uma invenção, o ser professora de Filosofia, significa então, reproduzir as invenções

“Pragmática”: Não, eu acho que não. Isso é uma questão, que o problema tu tem que resolver...[não deu para entender]

“Transgressora”: Porque o trabalho do professor não se dá só com a relação com o conhecimento. Então a forma, ele pode inclusive ser criativo na forma que ele reorganiza isso, de como ele trabalha essas definições. Acho que não invalida que o outro, o biólogo o matemático também trabalhe. Tem uma parte na função do professor, que é historicamente vinculada, nós teríamos que reinventar o mundo se nós dissociarmos um certo acesso a essas produções que o homem, culturais, ou das ciências, quer dizer, o professor de matemática vai ter que trabalhar a base, quer dizer, vai ter que. E ele pode fazer isso, criativamente, no procedimento pedagógico, tem isso. De qualquer maneira tem um deles: Matemático, físico e químico, pode fazer pesquisa e ao fazer, fazer teoria, e tornar o matemático, porque tem, o biólogo, o matemático. Então eu vejo que tem uma interconexão, mas o professor nunca vai poder ser autônomo, porque o Einstein não poderia entrar pela [não compreendi a fala gravada] e dar a teoria da relatividade, ia dar equações de segundo grau.

“Artista”: Mas, aí que eu vejo “Transgressora”, não está muito resolvido isso pra mim, eu estou dialogando isso com vocês. Daí que eu vejo essa questão. Compreendo isso que tu ta colocando “Transgressora”, a criatividade, a forma que ele vai trabalhar isso, né. Mas eu penso que um professor de Filosofia, ele não poderá ser um bom professor de Filosofia, se ele não for filósofo. Porque eu acho que a criatividade de um professor de Filosofia está justamente na sua capacidade de filosofar.

“Pragmática”: Huhum

“Transgressora”: Sim

“Artista”: Provocar

“Transgressora”: Até para ele poder fazer as articulações, provocar.

“Artista”: Exatamente,

“Transgressora”: tentar ligações. Ele pode apresentar ligações singulares, numa teoria que ele está trabalhando com outra, que é um momento de criação.

“Artista”: Porque a forma que você está olhando para um texto, por mais clássico que ele possa ser. Mas o quanto que esse texto está aberto também para tu poder retomá-lo de formas diferentes...

“Pragmática”: Sem dúvida, sem dúvida

“Transgressora”: Sim

“Artista”: Aí é a invenção

“Transgressora”: Aí é; mas, eu não sei se tudo o que nós inventamos é uma teoria nova, porque é isso o meu ponto.

“Militante”: É

“Pragmática”: É

“Transgressora”: Por exemplo, vou pegar um exemplo, eu to entendendo o teu ponto de vista. Quando tu é mãe, vamos pegar assim. Tu é mãe [se direcionando a “Pragmática”]

“Pragmática”: Não

[risos]

“Transgressora”: Vamos no sonho hipotético

“Pragmática”: Eu vou conseguir

[risos]

“Transgressora”: tu podes inventar toda uma forma de relação com a tua filha, totalmente singular, em torno do teu contexto, das idéias dela, e tarataratarara, a ponto inclusive de mudar todo um cardápio. Eu vou dar humildemente um exemplo, que eu acho que eu fui criativa, eu queria parar de amamentar e eu dava mama no peito ao meio dia e sopa às dez da manhã. Eu achei o máximo da criatividade, não foi?

[gargalhadas]

“Pragmática”: É, foi criativo

“Transgressora”: Eu já tinha amamentado meu filho, até um ano e dois meses, trabalhando como uma louca, dando aula. Largando do Odila Fonseca com o leite esparramando, dava mama, voltava. É uma coisa muito humilde, mas que foi importante para mim, eu criei uma resposta, porque todo mundo tinha aquele padrão, é muito simples, as vezes mudar o padrão. Então tu podes, claro que o meu exemplo é muito primário, mas foi o que eu consegui fazer. Mas tu podes inventar tudo. Mas isso não significa que isso seja uma nova teoria sobre a infância, por exemplo, ou sobre a maternidade, mas são as lições fundamentais, que passadas, depois por uma série de outros crivos, podem se tornar, então eu to caracterizando filósofo como aquele que num determinado momento cria uma coisa que fica no tempo, to usando quase que o conceito clássico, que fica na história. Então, a gente nem pode saber se vai ser filósofo ou não, isso precisa de uma prova do tempo. Isso que tu ta dizendo [se referindo a “Artista”], eu acho muito importante, porque eu posso ter na minha atitude, eu posso ter momentos de reflexão filosófica, de especulação no sentido original, sabe. Isso tudo, eu acho, é o que vai dar riqueza a todas as minhas intervenções, que é clássica, como professora; nós estamos aqui, não como professoras, nós estamos como depoentes de uma experiência, biografando. E aqui nós também podemos estar sendo criativas.

Pesquisadora: Se antes vocês citaram Kant, Heidegger, daí eu fiquei pensando, poxa, se a gente pensar, dentro do trabalho de vocês tem categorias aí que vocês trabalharam, que vocês criaram, tem coisas também...

“Transgressora”: Acho que tem algumas coisas...

“Pragmática”: Hum, mas não é uma coisa que eu fico perseguindo sistematicamente, aprofundando os desdobramentos, entende? Daí é uma coisa..

“Artista”: Mesmo o sujeito?

“Pragmática”: Mesmo o sujeito, porque olha só, a questão para mim não é tanto a posição do filósofo, ou do professor de filosofia. Então eu concordo contigo, eu concordo com vocês duas. Concordo que não tem como ensinar Filosofia, que seja apenas transmissão de conteúdo. A dificuldade é você mudar a função subjetiva. Por isso que eu digo, que a minha tarefa é só acertar a embocadura deles, para depois eles lerem os livros e saberem como ler, não sou eu que vou ensinar Filosofia, no sentido que o que você tem que fazer é deslocar a posição deles, numa posição parcial. No sentido que o que você tem que fazer é transformar de uma posição passiva, para uma posição ativa. E daí meu amigo, te vira, porque daí tem uma estante imensa

“Transgressora”: Interminável

“Pragmática”: E vai ler, pô, que o tempo conta á favor [riso] e conta contra, você pode passar a tua vida lendo; por outro lado o ponto mais difícil é a oposição da história da Filosofia e filosofia, porque daí, eu me caracterizo como história da filosofia, então, tudo que eu crio, eu crio no diálogo com os clássicos, entende, eles servem para mim, é claro que eu não tenho nenhuma ilusão que eu estou reproduzindo, eu to produzindo isso aí, é como uma interprete. É como a história da hermenêutica, que eu acho que é justamente isso aí. Você tem uma partitura e você é um interprete..

“Transgressora”: E tem o diálogo com os alunos, que te fazem perguntas e até aquele aluno que debocha de ti é um...

“Artista”: Eu acho que essa questão da partitura é bem interessante e ela representa bem isso aí, para quem é músico...e ele sempre fala isso, e a partitura ela te dá...

“Pragmática”: Te dá o limite

“Artista”: ...e você vai olhar para essa partitura, ou de forma técnica, que sai uma merda, ou agora se você vai dizer e interpretar...

“Transgressora”: Por isso que uma interpretação as vezes do Tom Jobim, é excelente mesmo, porque uma coisa que ele criou, ele dá outra interpretação também

“Pragmática”: Agora, ninguém tem pudor de dizer que é intérprete e não compositor, e porque a gente tem em dizer que é historiador da Filosofia e não filósofo. Eu acho que quem quer ser filósofo, to dando a maior força, mas meu amigo, você não vai se enfrentar comigo, você vai se enfrentar com os grandes

“Transgressora”: É

“Pragmática”: Agora não venha querer [não deu para entender]

“Transgressora”: [não deu para entender]...estão sofrendo um paulera mundial, acho legal, ele ta fazendo um sistema, ta publicando na Europa, ta publicando aqui, porque ele quer reunir o dever ser, com a universalidade toda.É um projeto de envergadura tal

“Pragmática”: Exatamente, mas vai apanhar

“Transgressora”: Vai apanhar,

“Pragmática”:...exatamente você está em outro nível de diálogo, as exigências são muito maiores, As exigências não são de compreensão do que está aqui, ou de produção localizada e restrita. É totalmente universal. Eu, to na minha.

“Militante”: Gurias, eu tenho que ir, foi maravilhoso

“Pragmática”: Eu também tenho que ir

Pesquisadora: Só eu queria para fechar...

“Militante”: Eu tenho que estar no aeroporto agora..

Pesquisadora: A ta, só escolhe uma corujinha para ti [uma lembrança da pesquisadora]. Olha só gurias, só para finalizar então, eu queria que você assinasse [se referindo ao termo de consentimento] e eu só queria ler, que eu escrevi uma coisinha para socializar, umas coisas que passaram na minha cabeça...

‘Aprendi com a “Pragmática” que a Filosofia não é feminina e tampouco masculina, mas isso não fez eu desistir de estudar a filosofia feita por mulheres, mas mudar o título da dissertação

[risos]

A “Artista” me mostrou que o fato de nos considerarmos filósofas ou não, não era o mais importante e suas colocações, várias vezes, me fizeram rever o meu problema de pesquisa (que bom!) [risos] Quero ainda trabalhar com bonecos filosóficos, viu “Artista”.

Com a “Transgressora” eu me identifiquei inúmeras vezes e no silêncio da escuta, algo me dizia: “Vamos, tu ta no caminho que é do teu desejo”, mas no meio de tantas incertezas e de tantas dificuldades, era nos encontros com vocês que eu me fortalecia, “Militante” tu quer ir..

“Militante”: Não Não

Pesquisadora:...e no teu olhar que eu encontrava a significância do meu trabalho. Obrigada por ter me autorizado a poder te pesquisar [riso]

“Militante”, minha “maezona”, foi a primeira que me acolheu, que abriu a porta da sua casa e da sua “salve, salve, biblioteca”. Carreguei teus livros num trabalho de formiguinha e agora preciso de força e braços para devolvê-los. Te adoro [risos]

A “Rebelde” me trouxe lembrança da minha adolescência e da época da minha graduação, pois eu era...

“Transgressora”: Tchau “Militante”, boa viagem

Pesquisadora:...pois eu era rebelde como ela e inquieta com as coisas e dava voz com poesia. Essa que tem uma alma de guerreira e militância nas veias,

Pesquisadora: Tchau, boa viagem, com ela, reafirmei o valor que tem a luta e o sonho com um mundo melhor e que como já diz a música: “Tudo é uma questão de manter, a mente quieta, espinha ereta e o coração tranqüilo” [risos]

Bom, daí escrevi para Edla e depois eu mostro para ela e espero ter ainda os olhares, as palavras e os livros de vocês para continuar minha caminhada. Espero que vocês sejam muito felizes com a Filosofia e a Educação, pois todas amam a sabedoria e são exemplos de luta, mesmo que não percebam...

[risos]

“Transgressora”: Obrigada querida

Pesquisadora: Obrigada por terem confiado em mim e espero não decepcioná-las [risos]

“Transgressora”: Muito Obrigado

Pesquisadora: Ta gurias, eu tinha preparado outras questões e daí não deu tempo, eu queria ler partes de um texto teu [se referindo a “Artista”], que tem nesse livro aqui [se referindo ao produzindo Gênero, da editora Sulina], para a gente conversar.